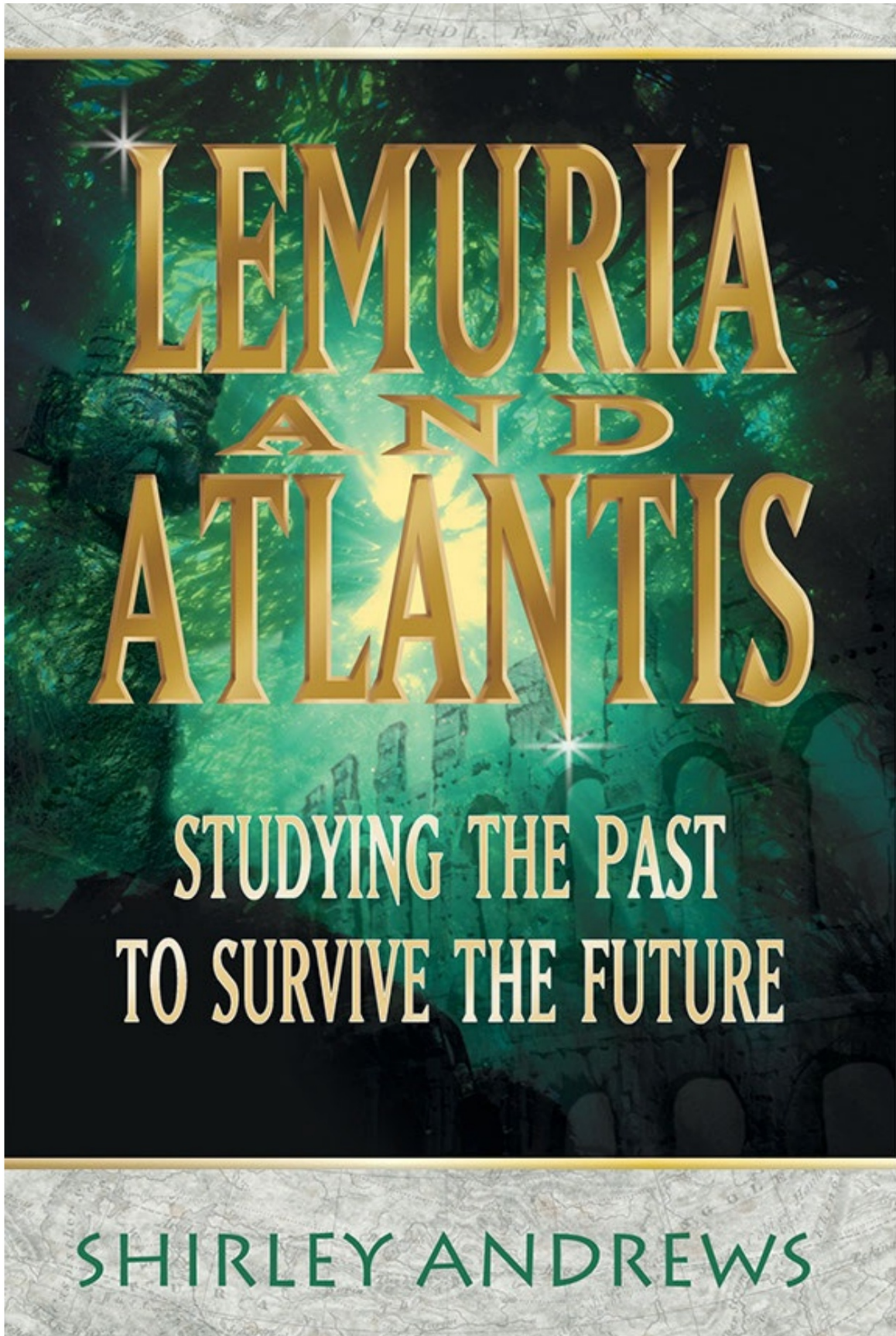


LEMURIA AND ATLANTIS

STUDYING THE PAST
TO SURVIVE THE FUTURE

SHIRLEY ANDREWS



LEMURIA AND ATLANTIS

STUDYING THE PAST
TO SURVIVE THE FUTURE

SHIRLEY ANDREWS

SOBRE O AUTOR

Shirley Andrews mora às margens do rio Concord, em Concord, Massachusetts, com seu marido, Bill, professor da Faculdade de Direito de Harvard. Ela se formou no Middlebury College e estudou, tocou e ensinou flauta há mais de vinte anos. Seu intenso interesse pela Atlântida sempre fez parte dela e ela acredita que isso decorre de uma ou mais experiências de vidas passadas lá. Depois de criar seis filhos, Shirley pôde dedicar tempo e energia ao estudo da Atlântida e assuntos relacionados, o que a levou a pesquisar nas bibliotecas do Museu Britânico, de Harvard, da Universidade de Chicago e da Association for Research Enlightenment (ARE).) em Virginia Beach, bem como viagens pessoais aos Açores, aos Andes, à América Central, aos mosteiros no alto do Himalaia, ao Vale Dordogne, em França, e à gruta de Tito Bustillo, em Espanha. Ela e o marido viajaram extensivamente, fazendo caminhadas e escaladas por todo o mundo, muitas vezes concentrando-se nos costumes e crenças dos habitantes de áreas remotas enquanto refletiam sobre a espiritualidade do passado distante. Seu principal desejo é compartilhar o que aprendeu com outras pessoas e despertar sua curiosidade para descobrir mais sobre esses assuntos fascinantes.

LEMURIA AND ATLANTIS

STUDYING THE PAST
TO SURVIVE THE FUTURE

SHIRLEY ANDREWS

Publicações Llewellyn

Woodbury, Minnesota

Informações sobre direitos autorais

Lemúria e Atlântida: Estudando o Passado para Sobreviver ao Futuro © 2004 por Shirley Andrews.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer forma, incluindo o uso da Internet, sem permissão por escrito da Llewellyn Publications, exceto na forma de breves citações incorporadas em artigos críticos e resenhas.

Como comprador deste e-book, você tem o direito não exclusivo e intransferível de acessar e ler o texto deste e-book na tela. O texto não pode ser reproduzido, transmitido, baixado ou gravado em qualquer outro dispositivo de armazenamento, de qualquer forma ou por qualquer meio.

Qualquer uso não autorizado do texto sem permissão expressa por escrito do editor é uma violação dos direitos autorais do autor e é ilegal e punível por lei.

Primeira edição do e-book © 2013

E-book ISBN: 9780738717418

Primeira edição

Sétima Impressão, 2010

Design da capa por Lisa Novak

Imagens da capa © Digital Stock e Corel

Edição e design do livro por Rebecca Zins

Mapas de Lisa Novak

Fotos de Bob Brush e Richard Wingate, cortesia de Dick Lowdermilk

Llewellyn Publications é uma marca da Llewellyn Worldwide Ltd.

A Llewellyn Publications não participa, endossa ou tem qualquer autoridade ou responsabilidade em relação a acordos comerciais privados entre nossos autores e o público.

Quaisquer referências da Internet contidas neste trabalho são atuais no momento da publicação, mas o editor não pode garantir que uma referência específica continuará ou será mantida. Consulte o site da editora para obter links para sites de autores atuais.

Publicações Llewellyn
Llewellyn Worldwide Ltd.
2143 Wooddale Drive
Woodbury, MN 55125
www.llewellyn.com

Fabricado nos Estados Unidos da América

Conteúdo

1: A Pátria de Mu

2: Vida na Lemúria

3: Atlântida no Mar do Nascer do Sol

4: Poseidia: A Terra da Promessa

5: Poseidia e Yucatán

6: América do Norte

7: América do Sul

8: Sacerdotisas Atlantes e Seus Templos

9: Tipos sanguíneos e genes

10: Deuses e Deusas do Céu

11: "Coisas"

12: Cura

13: Energia

14: Tecnologia

15: Destruição

16: Outras Civilizações

17: Em Busca da Lemúria e da Atlântida

18: Restaurando a Idade de Ouro

[Posfácio](#)

[Apêndice I: Diadenon](#)

[Apêndice II: Biografias](#)

[Bibliografia](#)

1

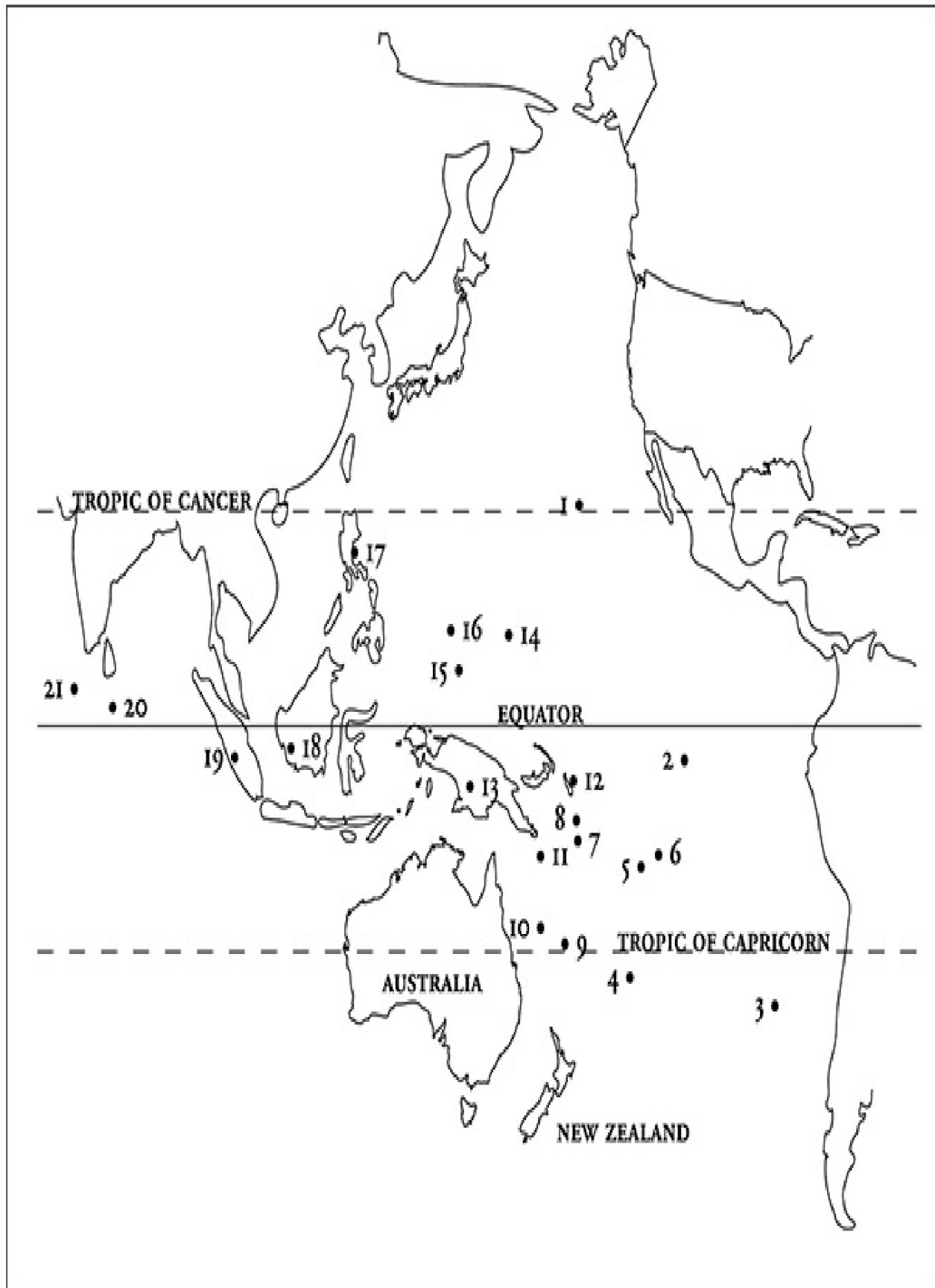
a pátria de mu

■

Mitos e lendas difundidos, os textos mais antigos do Extremo Oriente, escritos em pedra na América Central e fontes esotéricas (conhecimento secreto interno dos iniciados) descrevem uma terra de tamanho considerável que já esteve acima da superfície do Oceano Pacífico. Durante a sua longa história, este país desaparecido adquiriu vários nomes: os textos sagrados tibetanos lembram-no como “Ra-Mu”; inscrições nos continentes americanos referem-se a ela como a “pátria perdida de Mu”; e Edgar Cayce, que teve acesso aos Registros Akáshicos,¹ chama-o de “Muri” ou “Lemúria”.

“Lemúria” pode ter se originado da palavra lêmures, que os romanos usavam para descrever os espíritos de seus ancestrais mortos que caminhavam à noite.

A “Lemúria” também remonta ao século XIX, quando os cientistas encontraram inesperadamente pequenos animais noturnos chamados lêmures que viviam em Madagascar e na Nova Guiné. Eles acreditavam que o lar original desses mamíferos parecidos com macacos ficava a 400 quilômetros de distância, na África, e não havia nenhuma explicação óbvia de como eles haviam viajado até agora. A terra desaparecida foi chamada de “Lemúria” em homenagem aos lêmures. Hoje, o antigo país submerso no Oceano Pacífico é um lugar com dois nomes; “Lemúria” e “Mu” são usados alternadamente.



Chave:

1 ilhas havaianas	8 samoa	15 ilhas Carolinas	
2 ilhas marquesas	9 ilhas tonga	10 ilhas fiji	16 ponape
11 guadalcanal	3 ilha de páscoa	17 ilhas filipinas	
4 ilhas austrais	12 ilhas salomão	19 sumatra	18 Bornéu
5 ilhas da			
sociedade	6 taiti	13 Nova Guiné	20 Sri Lanka
7 ilhas Cook	14 Ilhas Marshall	21 Ilhas Maldivas	

Durante as centenas de séculos de sua existência, a Pátria de Mu, como em qualquer outro lugar na frágil superfície do nosso planeta, mudou em tamanho e forma. Entre 50.000 aC e 10.000 aC,² quando uma imensa quantidade de água dos oceanos foi incorporada na neve e no gelo das geleiras, o nível do mar estava centenas de metros mais baixo. As ilhas por toda parte eram muito maiores e as águas oceânicas deixaram de cobrir as férteis plataformas continentais. O estudioso Egerton Sykes (ver apêndice II) acredita que durante esse período várias culturas distintas viveram nas grandes massas de terra do Pacífico. Eles formaram um reino ligado pelo mar e se comunicavam livremente entre si em seus sofisticados navios que comportavam até 500 pessoas. Lendo as correntes oceânicas e estudando as constelações, estes primeiros navegadores dos vastos oceanos aproveitaram habilmente os ventos predominantes para viajar para onde quisessem.

O coronel James Churchward aprendeu sobre Mu pela primeira vez por meio de registros em tabuletas sagradas de Naacal na Índia. (A biografia do Coronel James Churchward no apêndice II ajudará a confirmar que Mu não é apenas uma lenda – era um lugar real.) Depois de muitos anos de busca na Ásia e na América Central por mais informações sobre o país perdido, Churchward acreditava que, até 10.000 a.C., a maior ilha remanescente da pátria de Mu ficava no sudeste do Pacífico, numa ampla área de fundo marinho elevado. Estendeu-se para sudeste do Havaí até a Ilha de Páscoa, com seu centro um pouco ao sul do equador. Canais estreitos do oceano dividiam a terra em três seções.

A oeste, os vários milhares de quilômetros quadrados da Lemúria incluíam as ilhas Society, Cook, Austral, Tuamotu e Marqueses, todas relativamente próximas umas das outras, ao sul do Havaí e ao sul do equador. As descobertas de carvão e uma longa história de crescimento floral na ilha de Rapa, uma das ilhas Austrais, sugerem que esta porção do Oceano Pacífico já esteve acima da superfície.³ A seção ocidental da grande ilha da Lemúria afundou gradualmente e, à medida que as águas oceânicas ameaçavam as suas casas e templos, as pessoas mudaram-se para regiões mais altas e seguras de Sumatra, Java, Bornéu, Nova Guiné e Austrália.

Churchward determinou que quatro grandes cataclismos, em 800.000 aC, 200.000 aC, 80.000 aC e 10.000 aC, foram os culpados pela natureza despedaçar a bela terra do Oceano Pacífico. Numerosas ilhas vulcânicas e atóis de coral, que permanecem onde antes ficava a Lemúria, confirmam a instabilidade da região. Os minúsculos animais que produzem corais só sobrevivem em 150

pés ou menos de água. Como restos de corais são encontrados a profundidades de 550 metros no Pacífico, isso indica que a terra que agora tem 550 metros de profundidade já foi água rasa, perto da superfície.

A instabilidade do fundo do oceano no sudeste do Pacífico submeteu constantemente os Lemurianos aos problemas de terremotos inesperados e erupções vulcânicas. Como ilustração da instabilidade, os marinheiros que viajam naquelas proximidades por vezes relatam ilhas que não estão nos mapas, mas, em pouco tempo, o oceano ganancioso as devora e nunca mais são vistas. Em 1836, a ilha de Tuanaki, ao sul das Ilhas Cook, desapareceu repentinamente com todos os seus habitantes, exceto um, que felizmente estava visitando uma ilha próxima no momento do surpreendente desastre.ÿ

Colinas suaves e rios caudalosos que circulavam pela terra caracterizavam a zona rural do início da Lemúria. O vapor vaporoso que subia das fontes termais abundantes e borbulhantes deu uma impressão surreal e enevoada à paisagem.ÿ Gradualmente, o ambiente mudou à medida que seções da crosta do nosso planeta se deslocavam e se empurravam umas contra as outras e forçavam montanhas a subir das profundezas da Terra. A Lemúria tornou-se um país mais montanhoso. Algumas das ilhas do Pacífico hoje são os cumes rochosos das suas montanhas.

O Anel de Fogo, uma cadeia de vulcões ativos que circunda uma grande parte do Oceano Pacífico, demonstra a presença da assustadora lava quente e derretida que nunca esteve muito abaixo da superfície na Lemúria. Uma teoria propõe que o El Niño e o La Niña, padrões climáticos que ocorrem a cada quatro a doze anos, se originam nesta área problemática. Quando partes da crosta terrestre se expandem e contraem, aumenta ou diminui a quantidade de atividade vulcânica no Anel de Fogo. À medida que a lava quente das profundezas do planeta é expelida, ela altera a temperatura da água do oceano. Quando a água esquenta, produz o El Niño. Uma diminuição na temperatura do oceano induz La Niña.

A exuberante vegetação tropical de samambaias gigantes e sempre-vivas que cobria a maior parte de Mu tornava-o um país de beleza inigualável. Flores sagradas de lótus, uma das primeiras flores a aparecer em nosso planeta, brilhavam como joias ao longo das margens de seus lagos rasos. Coqueiros margeavam os rios e margeavam as praias oceânicas. ⁶

Assim como a vida vegetal floresceu no clima quente, os insetos cresceram até atingir um tamanho enorme. Espécimes fossilizados de ilhas do Pacífico revelam que no clima tropical de Mu, as baratas tinham dez a doze centímetros de comprimento e formigas de cinco centímetros com asas grandes eram capazes de voar longas distâncias.ÿ

A arqueóloga Stacy-Judd relata que os nativos da Ilha de Páscoa (Rapa Nui) disseram que vivem no pico de uma montanha sagrada de Mu.ỹ Eles acreditam que a Ilha de Páscoa, que é formada por três vulcões extintos, é a única parte de sua pátria que o mar não cobriu. Localizada a 3.700 quilômetros da costa do Chile, a misteriosa ilha possui algumas das estruturas mais impressionantes do Pacífico. Enormes monumentos aos mortos na forma de enormes plataformas funerárias alinham-se em seus trinta e seis quilômetros de costa. As pedras cuidadosamente moldadas das plataformas de 120 a 150 metros de comprimento pesam de duas a vinte toneladas cada e foram montadas sem argamassa de maneira poligonal.



tábua de madeira da ilha de Páscoa com escrita rongorongo

Foto de Bob Brush

Gigantescas estátuas de figuras humanas sem pernas que outrora cobriam algumas destas plataformas, e outras que agora estão no chão, são uma homenagem às habilidades destes escultores de longa data. Ao mesmo tempo, 624 dessas enormes estátuas ficavam de frente para o mar, e as inacabadas estavam na pedreira de rocha vulcânica onde foram esculpidas. É impossível explicar como algumas das esculturas de pedra, que têm de três a doze metros de altura e variam de quinze a trinta e cinco toneladas,¹ foram transferidas para seus locais atuais em encostas íngremes, bem acima do oceano. A população local diz que essas estátuas subiram, ganhando força com os poderes mentais. Muitas das figuras estão inacabadas, o que indica que um grave cataclismo interrompeu os construtores deste tremendo empreendimento.

Plataformas colossais e estátuas de homens sem pernas não são o único mistério da Ilha de Páscoa. Em 1868, os recém-convertidos ilhéus da Páscoa enviaram ao bispo do Taiti, como sinal de respeito, um antigo pedaço de madeira com longos fios de cabelo humano enrolados nele. Depois de retirar os cabelos, o bispo descobriu que a pequena placa estava coberta de escritos. Uma investigação revelou que existiam mais de 500 destas placas ou placas na Ilha de Páscoa, mas apenas vinte e uma sobreviveram, espalhadas por todo o mundo em museus e coleções privadas. Ninguém traduziu com sucesso Rongorongo, a pequena e estranha escrita nas tabuinhas, embora se pareça tanto com a escrita do Vale do Indo, na Índia, que deve ter tido uma origem comum.¹¹ Evidências de uma escrita semelhante sobreviveram na remota Ilha Oleai, a muitos milhares de quilômetros de distância de Ponape.¹² Existe a teoria de que para ler Rongorongo, a escrita nas tábuas da Ilha de Páscoa, começa-se pelo canto inferior esquerdo e segue-se da esquerda para a direita. No final da linha, você vira o tablet antes de ler a próxima linha. É como ler um livro em que você começa na parte inferior da página e todas as linhas são impressas de trás para frente e de cabeça para baixo.

Dado que a pequena Ilha de Páscoa tem apenas 11 por 13 milhas, nunca teve meios de sustentar uma população de tamanho suficiente para construir as imensas estátuas e as suas plataformas. Presume-se que já foi um grande centro religioso para a área circundante e os residentes temporários participaram na criação do seu notável

construções de pedra. Quando um navegador holandês descobriu a Ilha de Páscoa em 1722, ela tinha uma população de cerca de cinco mil pessoas. Em 150 anos, a varíola mortal e os traficantes de escravos gananciosos e inescrupulosos reduziram o número de seus habitantes para 111 indivíduos indigentes.¹³

Ruínas ciclópicas que sobreviveram em inúmeras outras ilhas do Pacífico sugerem as habilidades dos lemurianos e de seus descendentes há muito tempo. Em Ponape, no arquipélago das Carolinas, a 5.500 quilômetros da Ilha de Páscoa, os vestígios da cidade parcialmente submersa de Nan Madol cobrem onze quilômetros quadrados. Os restos megalíticos de Nan Madol têm uma notável semelhança com a descrição de Platão da capital da Atlântida.

Duas ou três muralhas cercavam a cidade propriamente dita, que era entrelaçada por canais.¹⁴ Construídos com mais de 250 toneladas de rocha basáltica, alguns dos edifícios deste centro cerimonial desaparecido ainda se erguem dez metros acima dos canais. As enormes rochas nas estruturas, que pesam até cinquenta toneladas, vêm de uma pedreira a cinquenta quilômetros de distância. Esses enormes blocos são colocados com precisão, sem argamassa para mantê-los no lugar. Lendas locais, semelhantes às de Tiahuanaco, na Bolívia, dizem que quando os edifícios foram construídos, as pedras foram feitas para voar pelo ar.

As ruínas mais antigas do Pacífico, como as próximas a Feefen, na pequena ilha de Truk, estão submersas. Ao contrário dos restos dos edifícios da Atlântida no Oceano Atlântico, que estão muito abaixo da superfície, os do Pacífico são acessíveis até mesmo aos fotógrafos subaquáticos. Peixes e mergulhadores deslizam em águas rasas sobre um complexo megalítico submerso na costa de Okinawa. A entrada do enorme templo submerso do local fica perto da entrada do Castelo Shuri, no lado oeste da ilha. No topo do enorme templo está uma imensa tartaruga esculpida em pedra, tão grande que sua cabeça é muitas vezes maior que o corpo de uma pessoa. A incomum estrada subaquática que percorre a imensa base do templo não leva a lugar nenhum. Estalactites e estalagmites, que só se formam acima da superfície, realçam cavernas submersas próximas para testemunhar o longo período de tempo que esta área já fez parte da Pátria de Mu.

[\[conteúdo\]](#)

■

1. Os Registros Akáshicos são memórias pictóricas de todos os eventos, ações, pensamentos,

e sentimentos que ocorreram desde o início dos tempos. Akasha é uma palavra sânscrita para a substância básica na qual esta informação está impressa e que nos rodeia, mas existe além do alcance dos nossos sentidos. Os Registros Akáshicos estão disponíveis para indivíduos sensíveis enquanto estão em estado alterado de consciência.

2. Todas as datas de 10.000

a.C.

e antes são aproximados.

3. Heinberg, Memórias e Visões do Paraíso, p. 177.

4. Spence, Atlântida na América, p. 181.

5. Cerve, Lemúria.

6. Churchward, O Continente Perdido de Mu, p. 47.

7. Cerve, Lemúria, p. 99.

8. Tompkins, Mistérios das Pirâmides Mexicanas, p. 366.

9. De correspondência privada. Gregory Berg é um arqueólogo amador

cuja interpretação criteriosa e pesquisa astuta da pré-história revelam muitos fatos interessantes e importantes que não são bem conhecidos.

10. Ibidem.

11. Berlitz, Mistérios de mundos esquecidos, pp.

12. Sykes, Atlântida #4, 1952, p. 75.

13. Childress, Cidades Perdidas da Antiga Lemúria e do Pacífico, pp.

14. Spence, Atlântida na América, p. 183.

2

vida na Lemúria

■

Quando vivi na Lemúria, compreendi muito claramente como o homem evoluiu a partir de seres espirituais, pois no início da Lemúria estávamos, de certo modo, acima da terra e não verdadeiramente parte dela - como se nos . . . como seres etéricos de luz. EU locomovêssemos, lembro-nos de nos movermos através das grandes florestas enquanto eu flutuava para a Terra, onde gradualmente aprendemos a ser humanos. Durante aquela época da Era Dourada, no início, estávamos em harmonia com a terra e com nós mesmos. Essas lembranças daquela época são fortes em mim.

—heather robb

Assim como um ovo de tordo nunca pode ser remontado perfeitamente a partir dos pedaços caídos na calçada, embora a linda cor azul dos fragmentos ofereça uma indicação da qualidade anterior da casca, também nunca seremos capazes de construir uma imagem completa do povo de a Pátria de Mu, seus sonhos e todas as suas realizações. No entanto, estão disponíveis segmentos suficientes de informação para apreciar e aprender sobre os seus variados costumes e crenças.

Mu é frequentemente referido como o berço da raça humana na Terra.¹ Inicialmente, como nas memórias de Heather, espíritos sem corpos físicos viajaram para Mu, um conceito que será explorado com mais cuidado no capítulo 11. Quando assumiram uma forma sólida, os humanos prosperaram. na Lemúria e, assim como o tamanho dos insetos aumentava no clima favorável, os lemúrianos prosperavam fisicamente. Esqueletos de homens com quase três metros de altura foram enterrados nas ilhas do Pacífico, e outros semelhantes foram desenterrados na Califórnia e no Arizona.¹ Nas margens do Miss⁶issippi, em 1885, enquanto extraía rocha para uma barragem, dois pés abaixo do nível do Rio,

trabalhadores encontraram os restos mortais petrificados de um ser humano gigantesco. O esqueleto de três metros e nove centímetros de comprimento, com um peito que mede cinquenta e nove centímetros de diâmetro e uma cabeça enorme que mede trinta e um centímetros de diâmetro e era muito achatado no topo, estava em uma cova que foram escavados em granito sólido.¹ Lendas vagas na América Central relatam que gigantes construíram as pirâmides mais altas do Novo Mundo. Numerosas referências na mitologia descrevem essas pessoas muito altas, muitas vezes chamadas de Titãs.

Numerosos mitos e lendas descrevem o povo da Pátria de Mu como intuitivo e carinhoso, mas é impossível imaginar com precisão a cor do cabelo e da pele daqueles que viveram há tanto tempo. Nos milhares de anos que se passaram desde que a sua terra natal afundou, os descendentes dos Lemurianos que sobreviveram à sua destruição misturaram-se com pessoas de outras ilhas. Além disso, essas belas ilhas do Pacífico sempre atraíram viajantes que permaneceram, casaram-se com os habitantes e produziram descendentes com características físicas variadas.

Tal como o coronel Churchward, WS Cerve também obteve conhecimento de manuscritos antigos, embora tenha obtido acesso às suas informações de uma forma muito diferente. (A biografia de WS Cerve no apêndice II dá credibilidade às informações que se seguem sobre a pátria de Mu.) Cerve descreve uma característica física incomum de muitos membros do povo de Mu. Ele relata que em um período de sua história, eles tinham uma protuberância no centro da testa. Embora não fosse exatamente um terceiro olho em si, era um órgão sensorial perceptivo que, quando a pessoa ficava parada e concentrada nele, oferecia impressões de longa distância que escapavam aos outros sentidos do indivíduo.¹ Era especialmente valioso para detectar perigos. animais, que às vezes ficavam entediados de chafurdar em áreas úmidas e pantanosas e saíam em busca de um ser humano para brincar.

Este “sexto sentido” também permitiu ao povo de Mu comunicar com os animais mais agradáveis e transmitir mensagens uns aos outros quando estavam distantes. Enquanto utilizassem o valioso órgão, este estava disponível para enriquecer as suas vidas, mas quando gradualmente não conseguiram tirar partido dele, os seus poderes diminuiriam lentamente e eventualmente quase desapareceram. Muitos acreditam que este “sexto sentido” ou “terceiro olho” já esteve ligado à glândula pineal, que era consideravelmente maior em pessoas de algumas culturas remotas. Os cientistas começaram recentemente a correlacionar a ligação entre a glândula pineal e o efeito das variações sazonais, como a luz no nosso corpo, bem como outras mudanças de humor. Além de ser sensível à luz, a glândula tem muitas características em comum com a retina dos nossos olhos.¹

Quando se concentraram em usar todos os seus seis sentidos, o povo de Mu sentiu algo mais. Se focassem numa árvore, por exemplo, viam o seu tamanho e cor, mas também a percebiam como um ser vivo com uma relação intangível com o seu ambiente, com a natureza, com o cosmos. Como resultado do seu amplo conhecimento, eles acreditavam num mundo quadridimensional, e este aspecto espiritual da vida era de primordial importância para eles. Através da meditação e da concentração no espiritual, eles acreditavam na reencarnação – que eram todos raios de luz que inevitavelmente deixariam seus corpos físicos e retornariam à fonte de onde vieram. O conhecimento de que havia vida após a vida foi reforçado pelo seu contacto próximo com os seus antepassados que habitavam o outro mundo.² Alguns dizem que o culto aos antepassados que prevaleceu até recentemente na China é um remanescente duradouro das capacidades sensoriais dos Lemurianos que há muito tempo há tempos emigrou para o continente asiático.

Quando o povo de Mu realizou o que acreditava ser esperado deles nesta vida, eles foram capazes de deixar seus corpos e fazer a transição para o mundo espiritual.²¹ O símbolo de um esqueleto com braços erguidos e pernas cruzadas é um emblema de Mu que eles usavam em suas cerimônias religiosas para promover a impressão de que não há nada a temer quando a alma deixa o corpo mortal, pois outra vida os aguarda. Este símbolo da pátria de Mu, que faz parte da liturgia dos maçons,²² é encontrado no Egito e é repetido muitas vezes nas cornijas do templo ocidental de Uxmal, no Yucatán.²³

Fiz uma leitura Akáshica e recebi informações sobre a experiência da minha alma na Lemúria, um lugar do qual nunca tinha ouvido falar. Disseram-me que quando minha alma estava na Lemúria, trabalhei com a Luz. Presumo que esta seja a Luz Divina. Aprender isso me ajudou a me entender. Sempre fui muito espiritual, mas agora realmente aumentou.

-anônimo

Solo fértil, bananas, mangas, mandioca, banana-da-terra, inhame, coco, caju e fruta-pão prontamente disponíveis garantiram que o povo da Lemúria não tivesse que trabalhar duro para atender às suas necessidades diárias. Evoluídos espiritualmente, perceberam a importância do perdão, do amor e da paciência em suas relações com

todos. Durante a maior parte de sua história, eles não estavam interessados em bens materiais, pois sabiam que seus amigos considerariam apenas que tipo de pessoa eles realmente eram por dentro – em outras palavras, o nível de avanço de sua alma. Atenciosos e gentis, eles viviam juntos em grupos onde cada indivíduo passava seu tempo contribuindo com tudo o que estava mais qualificado para oferecer.² Cerve nos conta que no início da Lemúria não havia dinheiro ou outra forma de remuneração pelo trabalho. Os membros de uma comunidade compartilhavam tudo. Aqueles que gostavam de atividades agrícolas passavam o tempo cultivando, e o excedente era colocado em armazéns ou comercializado com lugares distantes para obter variedade. A mineração estava disponível para quem desejasse. As artes e as ciências progrediram a um nível elevado porque os indivíduos talentosos eram livres para se dedicarem a estas áreas sem se preocuparem com o essencial do dia-a-dia. Para aumentar seus estados de consciência, os Lemurianos criaram lindos jardins cheios de cachoeiras e plantas exóticas que estavam disponíveis para contemplação e meditação.²

O folclore irlandês oferece o seguinte ditado: “O conhecimento, sob o governo da Serpente Dourada, era encontrado principalmente no Ocidente, enquanto a Sabedoria, uma coisa totalmente diferente, era encontrada sob o governo do Dragão Dourado no Oriente.”² Fontes esotéricas, conforme relatado por David Childress em *Lost Cities of Ancient Lemuria & the Pacific*, concordam que os Lemurianos aplicaram sua admirável sabedoria para governar seus reinos difundidos com excelentes resultados. A sua capacidade de governar foi uma das suas maiores conquistas. Apenas um idioma era falado e a educação obrigatória era o foco principal de todos.² Como resultado do governo cuidadoso e incorrupto dos Lemurianos, sua civilização progrediu por milhares de anos, avançando constantemente em ciência e tecnologia. À medida que desenvolveram sua capacidade de viajar nas águas do oceano para outras terras, os Lemurianos se tornaram líderes mundiais em religião e filosofia.² Muitos deles viajaram para a Atlântida, onde sua natureza gentil e amorosa se fundiu com a dos Atlantes mais mentais.

O místico austríaco Dr. Rudolph Steiner escreveu que muitos lemurianos viviam em moradias subterrâneas.² Essas casas, seguras abaixo da superfície, ofereciam-lhes proteção contra animais selvagens hostis, cujos ataques eram uma ameaça constante. Suas casas subterrâneas também os protegiam do sol do meio-dia, que os obrigava a viver em ambientes fechados durante grande parte do dia. Devido ao calor escaldante do sol, o início da manhã ou o final da tarde eram os únicos horários confortáveis para trabalhar em seus campos e pomares.³

Histórias de antigas habitações subterrâneas e túneis prevalecem em todo o mundo. Isso é

disse que há centenas de milhares de anos, quando as pessoas escolheram viver sob a superfície, adquiriram a capacidade de construir facilmente os seus grandes espaços habitacionais e os túneis que os ligavam. A enorme rede de cavernas no Yucatán, conforme descrita no capítulo 5, oferece um exemplo de extensos espaços subterrâneos que as pessoas ampliaram e ocuparam durante centenas de anos, até que a ação vulcânica e os terremotos diminuíram.

Cerve descreve um dos interessantes costumes matrimoniais de Mu, que ele acredita ter sido praticado em algumas ilhas do Pacífico até muito recentemente. No dia do grande evento, todos se reuniram em círculo em frente ao templo da aldeia. O jovem casal foi instruído a retirar todas as roupas e quaisquer outros objetos de seus corpos. Eles nem sequer tinham permissão para carregar nada nas mãos.

Acompanhados por flautistas e percussionistas, os habitantes da cidade escoltaram a mulher e o homem nus até os limites da cidade e instruíram-nos a caminhar juntos por pelo menos oitenta quilômetros em direção ao deserto. Eles foram instruídos a permanecer lá por dois ciclos lunares. Quando o casal voltasse, era exigido que estivessem em boa saúde, sem ferimentos de animais selvagens e vestidos com roupas protetoras feitas de peles, penas ou fibras de animais. Se fosse esse o caso, e cada um deles testemunhasse que o outro o havia sustentado e protegido durante a provação, o casamento ocorreu. Se eles voltassem separadamente ou não quisessem elogiar os esforços do companheiro, não haveria cerimônia de casamento e eles nunca teriam uma segunda chance.³¹

Conscientes de onde vieram, os sacerdotes de Mu perceberam as leis do universo e estavam em sintonia com tudo o que existe. Eles guiaram o povo espiritualmente e ensinaram-lhes numa linguagem simples e de fácil compreensão. Como na Atlântida, o sol era um foco de adoração, pois era uma manifestação física de seu deus principal, o único criador incompreensível.³² Uma imagem do sol, ou um círculo, que caracterizava esse deus único, tornou-se um símbolo em todo o mundo. A bandeira japonesa ainda carrega este antigo emblema da Lemúria. Um círculo também representava sua crença na reencarnação, pois, assim como vivemos eternamente, um círculo não tem começo nem fim.

Os missionários Lemurianos viajaram por toda parte para espalhar suas crenças. Edgar Cayce menciona sua presença no deserto de Gobi, no Peru, no Egito, em Yucatán e no oeste dos Estados Unidos.³³ (Por favor, veja a biografia de Cayce no apêndice II.) As pessoas boas construíram templos, educaram outros e, percebendo o destino final de seus países, trabalhou constantemente na transmissão e preservação do conhecimento. Quando perceberam que não havia esperança para o seu querido continente, para garantir que o

A pátria de Mu seria sempre lembrada, os missionários faziam questão de levar consigo informações e escondê-las cuidadosamente para futuras gerações como nós. A informação descoberta por Churchward, que os Naacals copiaram, é um exemplo dos registros que os Lemurianos transferiram para um lugar mais seguro.³

Tabuinhas de pedra que o geólogo escocês William Niven descobriu no México sob várias camadas de civilizações também podem representar as tentativas dos missionários lemurianos de preservar informações sobre o passado quando chegaram a outras terras.

Em 1921, enquanto escavava a uma profundidade de três metros e meio, cerca de oito quilômetros a noroeste da Cidade do México, Niven descobriu uma série de tabuinhas esculpidas em rocha vulcânica com pictogramas peculiares delineados em vermelho.³ Nos anos que se seguiram, enquanto explorava nas proximidades, muitas vezes em profundidades maiores, Niven encontrou mais de 2.000 pedras estranhas adicionais. Pela altura dos destroços acima deles, ele estimou que tinham mais de 12.000 anos e provavelmente perto de 50.000.³

As pedras antigas têm uma variedade de formatos e muitas vezes têm figuras esculpidas nelas, bem como escritas estranhas. Quando Niven não conseguiu encontrar um arqueólogo que pudesse decifrar os pictogramas, ele enviou os traçados para seu amigo James Churchward. Churchward disse que a escrita nas pedras era a mesma língua das tabuinhas Naacal que ele tinha visto na Índia e, depois de decifrá-las, relatou que elas confirmavam suas evidências dos registros do Extremo Oriente. Quando Churchward disse que continham a história do homem durante os últimos 200 mil anos, a comunidade científica ficou enojada e perdeu todo o interesse na descoberta de Niven. As áreas onde as pedras estavam escondidas durante milhares de anos foram destruídas por escavadeiras enquanto preparavam o terreno para os novos subúrbios da Cidade do México. Niven vendeu muitos dos comprimidos quando precisava de dinheiro e morreu em 1930, antes que os cientistas reconhecessem o valor de sua descoberta histórica. Alguns dos tabletas incomuns estão disponíveis em um museu particular na Cidade do México.³ É relatado que muitos deles foram doados ao Museu de História Natural de Nova York, onde, em 1976, as autoridades relataram que os haviam perdido.³

Outra coleção de pedras esculpidas pré-históricas oferece mais evidências das antigas civilizações da América do Sul. Às vezes chamada de "biblioteca viva", ela está preservada no Museu Cabrera, em Ica, ao norte das famosas Linhas de Nazca, no Peru. Durante os últimos trinta anos, o Dr. Cabrera coletou mais de 11.000 pedras esculpidas em campos próximos. Suas imagens de transplantes médicos, pessoas com dinossauros, transfusões de sangue, telescópios e outros recursos avançados

tecnologia são realmente incríveis. Incapaz de explicar as misteriosas pedras de Ica, o governo peruano certa vez acusou o Dr. Cabrera de esculpi-las, mas isso é fisicamente impossível.

Quando as pessoas nas regiões orientais da Lemúria perceberam que um grande desastre natural era iminente, muitos deles deixaram as suas casas e juntaram-se aos seus antecessores no Peru ou mudaram-se para a próspera colónia dos Maias na América Central. Fontes difundidas, incluindo um antigo texto hindu, manuscritos chineses e japoneses, o Códice Troano da América Central e esculturas em uma tumba em Chichén Itzá, no Yucatán, referem-se às dinastias de doze reis que governaram os maias por muitos milhares de anos. O conhecimento da antiga Lemúria, que sobreviveu no Peru e surgiu recentemente, será descrito no capítulo 5.

Há uma crença de que os lemurianos eruditos também viajaram para o Monte Shasta, que se eleva a 14.162 pés no norte da Califórnia. Aqui eles usaram som e vibrações para expandir uma caverna já existente e construir a cidade subterrânea de Telos, em preparação para o momento em que a Pátria afundaria no mar. Quando chegou o momento terrível, milhares de refugiados lemurianos puderam procurar abrigo no Monte Shasta,³ onde ficaram tão isolados da sua terra natal que durante várias gerações acreditaram que eram os únicos residentes da Lemúria que sobreviveram à terrível catástrofe que a destruiu. Contos de luzes estranhas na montanha, visitantes incomuns na cidade vizinha, túneis na montanha e atividades de OVNI nas proximidades continuam a reforçar a crença de que descendentes de Lemurianos ainda vivem nas profundezas do Monte Shasta.

[\[conteúdo\]](#)

■

15. Scott-Elliot, A História da Atlântida e da Lemúria Perdida, p. 85.

16. Countryman, Atlântida e as Sete Estrelas, p. 84.

17. Butler, Antigo Americano, p. 17.

18. Cerve, Lemúria, pp.123–127.

19. Esperança, Tempo: A Energia Suprema, p. 94.

20. Ibid., pág. 130.

21. Ibid., pág. 133. O procedimento para deixar permanentemente o corpo está disponível para aqueles que aprenderam a entrar em um estado profundo de meditação. A pessoa não deve “ancorar-se” no início do procedimento e deve planejar e desejar sinceramente permitir que o seu espírito parta.

22. Churchward, O Continente Perdido de Mu, p. 150.

23. De correspondência privada. Gregory Berg é um amigo de e-mail que estudou extensivamente pré-história durante muitos anos. Atualmente ele está aprendendo a decifrar os glifos maias.

24. Cerve, Lemúria, p. 152.

25. Ibidem.

26. Wilkins, *Cidades Secretas da Antiga América do Sul*, p. 72.

27. Childress, *Cidades Perdidas da Antiga Lemúria e do Pacífico*, p. 28, de *The Ultimate Frontier* (Childress diz no texto que este é um trabalho retirado em grande parte das lições de um grupo chamado Lemurian Fellowship).

28. Scott-Elliot, *A História da Atlântida e da Lemúria Perdida*, p. 19.

29. Walton, *Monte Shasta*, p. 8.

30. Cerve, *Lemúria*, p. 112.

31. *Ibid.*, pp.

32. Churchward, *O Continente Perdido de Mu*, p. 136.

33. Cayce, *Leituras 691–1, 962–1*.

34. A biografia de Churchward no apêndice contém informações adicionais sobre os Naacals e suas tabuinhas.

35. Churchward, *O Continente Perdido de Mu*, p. 223.

36. Tompkins, Mistérios das Pirâmides Mexicanas, p. 358–363.

37. Ibidem.

38. Ibidem. e Zapp e Erikson, Atlântida na América, p. 249.

39. O Mensageiro da Luz, fevereiro de 2001, p. 5 (um boletim informativo de Beverly Dombrowski: pegasusiam@snowcrest.net).

3

Atlântida no

mar do nascer do sol

■

Em 1954 eu viajava de Nova Iorque para a Europa num navio chamado Maurîtânia. No meio do oceano, apesar dos problemas desagradáveis causados pelo mar muito agitado, comecei a ter uma sensação terrível das coisas muito abaixo de mim. Eu não sabia nada sobre Atlântida. Sim, minha irmã [autora Shirley Andrews] falou desse lugar, mas eu não tive nada a ver com isso. À medida que cresci, não tive interesse na terra misteriosa que ela dizia estar no fundo do Oceano Atlântico. Mas agora eu sentia Atlântida esmagada debaixo de mim. Terra quebrada. Cidades destruídas. Tive uma sensação de pavor, desgraça. Essa sensação horrível permaneceu comigo enquanto caminhávamos lentamente em direção ao nosso destino. Atlântida era grande, muito grande. Uma sociedade maravilhosa, civilizada e complexa, com tudo o que há de bom e de ruim, e enquanto o navio me levava em direção à Europa, eu sabia que ela estava despedaçada e arruinada sob as águas.

—barbara lobo

Quando fui para Barbados, fui levado a um senhor mais velho que me levou ao topo da ilha, para uma pequena cidade chamada "Atlântida"! Ele ainda me contou contos populares que descreviam os antigos topos das montanhas da Atlântida como as atuais ilhas do Caribe.

-anônimo

Os habitantes da pátria de Mu, no Oceano Pacífico, foram os primeiros a

desenvolveram uma civilização elevada, mas na pré-história as pessoas prosperaram em todo o mundo, tal como acontece hoje. Em 350 a.C., o estudioso grego Platão escreveu uma descrição detalhada de um país em terras férteis que ele chamou de Atlântida. A Atlântida de Platão era uma extensa ilha que, antes de afundar, por volta de 10.000 aC, estava no Oceano Atlântico, em frente à foz dos Pilares de Hércules. Há muito tempo, o Estreito de Gibraltar era chamado de Pilares de Hércules porque Hércules, um imperador dos tuaregues africanos, controlava o transporte marítimo através daquela passagem estreita. Antês de 10.000 aC, os lemurianos viajaram para a Atlântida e os atlantes viajaram para a Lemúria. Como veremos, apesar de algumas diferenças básicas, as pessoas dos dois países influenciaram-se mutuamente e, por vezes, casaram-se entre si.

Três vezes Platão afirma que sua informação atlante é verdadeira. Ele descreve cuidadosamente suas fontes, e os pesquisadores que as verificaram confirmam que suas autoridades viveram quando Platão diz que viveram. O tema da Atlântida fascinou Platão e, para saber mais, diz-se que ele consultou estudantes de Pitágoras (582-500 a.C.) e outros que estavam familiarizados com a antiga tradição mitológica, histórica e geológica. Proclo (410-485 dC) relata que antes de Platão escrever sobre a Atlântida, ele fez uma viagem ao Egito, provavelmente para confirmar seus dados. No Egito, Platão vendeu óleos comestíveis, provavelmente azeite, aos egípcios para pagar a viagem. Enquanto esteve lá, ele conversou com sacerdotes de Sais, Heliópolis e Sebennytus.¹

Para o seu relato atlante, Platão também teve acesso a registos antigos, como os da notável biblioteca de Alexandria, que Edgar Cayce diz que os atlantes estabeleceram em 10.300 a.C. para incluir informações sobre culturas e religiões de todo o mundo. Durante centenas de anos, pessoas instruídas reuniram-se naquela atraente cidade do Norte de África para trocar informações e contribuir para a crescente coleção de manuscritos valiosos. Eventualmente, quase um milhão de pergaminhos e livros de todas as partes do mundo ocidental estavam disponíveis para estudiosos que viajavam para Alexandria.

Em 391 dC, e novamente em 642 dC, invasores ignorantes queimaram completamente o conteúdo insubstituível da biblioteca Alexandrina, incluindo as coleções de informações sobre a Atlântida e a Lemúria que os estudiosos preservaram com tanto cuidado. O destino de Hipátia, uma talentosa matemática e filósofa, demonstra o zelo daqueles que destruíram compulsivamente os preciosos escritos. Esta mulher muito bonita, que era curadora da biblioteca de Alexandria no século IV dC, quando esta foi incendiada e queimada, tentou salvar alguns pergaminhos das chamas. A história é que “cristãos” arrastaram

Hipátia foi a uma igreja, despiu-a e cortou-a em pedaços com conchas de abalone.

Platão absteve-se de escrever sobre a Atlântida até pouco antes de morrer. Parece que, ao aproximar-se do fim da sua vida, ele finalmente escreveu sobre a Atlântida, num esforço para garantir que a história da civilização perdida seria preservada. Ele sem dúvida recebeu algumas de suas informações de padres membros de irmandades secretas que o juraram segredo. No passado, estas escolas de mistério mantiveram a sabedoria daqueles que não foram iniciados na sua sociedade, pois ajudavam a garantir a segurança dos seus tesouros intelectuais durante tempos perigosos, quando saqueadores saqueavam a terra. Também lhes ofereceu estima e um meio de controlar o público em geral. Em algumas situações, a punição pela divulgação de conhecimentos sagrados ocultos era a morte. Desde a época de Platão, as sociedades secretas continuaram a apelar à raça humana. Suas cerimônias geralmente não são abertas ao público, mas o conhecimento sobre as organizações está geralmente disponível.

Edgar Cayce descreve a Atlântida como uma grande ilha que originalmente ficava entre o Golfo do México e o Mediterrâneo. Durante um período de milhares de anos, o enorme país desintegrou-se gradualmente em ilhas menores. No Timeu, Platão descreve os últimos dias da ilha principal, quando o que restou estava localizado na Dorsal Atlântica, uma seção montanhosa do fundo do mar que corre de norte a sul no Oceano Atlântico entre os continentes europeu e americano. Esta terra não é granítica, como os continentes, mas sim material vulcânico que atravessa fendas no fundo do oceano onde se separam secções da crosta terrestre. A prova de que porções da cordilheira atlântica montanhosa estavam acima da superfície até 9.500 a.C. está disponível em inúmeros outros livros, que oferecem os resultados de estudos intensivos a partir da análise de amostras de núcleo, a geografia do terreno, resíduos glaciais, rocha de lava, coral, areia depósitos e crescimento das plantas. A evidência é convincente e prontamente disponível. As fontes são indicadas de forma mais completa em meu livro *Atlantis: Insights from a Lost Civilization*. A proposição de que a Atlântida de Platão era uma sociedade da Idade do Bronze que prosperou até 1.200 a.C. é impossível de validar, pois não há evidências de que porções substanciais da Dorsal Atlântica estivessem acima da superfície depois de 9.500 a.C.

As colinas, vales e a ampla planície central da Atlântida são claramente visíveis hoje em um mapa do fundo do oceano da Cadeia Atlântica. As ilhas dos Açores, da Madeira e de Cabo Verde, que foram os cumes das montanhas da Atlântida, são tudo o que resta da outrora florescente terra. As encostas costeiras íngremes destas ilhas estendem-se

quase perpendicularmente ao fundo do mar, sem plataformas subaquáticas. As praias de areia ao longo de partes das costas oeste e sul do país, e os recifes de coral que ofereciam protecção contra as tempestades oceânicas, também são visíveis muito abaixo da superfície.

O solo vulcânico da Atlântida era rico e nutritivo, e a temperada Corrente do Golfo que circundava a ilha garantia um clima agradável mesmo durante a Idade do Gelo. Neste local desejável, com a protecção contra invasores proporcionada pelo oceano circundante, a civilização Atlante prosperou. O relatório de Platão sobre a Atlântida inclui a geografia do país, uma extensa descrição de sua enorme capital, informações sobre o governo, o exército, o uso extensivo de ouro e prata pelo povo e muito mais. (Mais detalhes podem ser encontrados em *Atlantis: Insights from a Lost Civilization*.)

Os habitantes da Atlântida tinham um grande problema geográfico. A Cadeia Atlântica situa-se na intersecção de duas secções ou placas da crosta terrestre, sendo que três secções se cruzam na região do Planalto dos Açores. Embora esteja abaixo da superfície, é uma das áreas vulcânicas mais activas do mundo, pois estas secções da superfície da Terra mudam frequentemente de posição. O movimento é muito lento mas, quando acontece, estimula terremotos e vulcões prejudiciais. Tal como acontece hoje na Islândia, que é a única grande porção da Cadeia Atlântica acima da superfície, terremotos e erupções vulcânicas potencialmente fatais eram acontecimentos frequentes na Atlântida.

Pequenas ilhas que ocasionalmente aparecem e desaparecem no Oceano Atlântico demonstram a instabilidade da Cordilheira Atlântica. Em Março de 1882, 320 quilómetros a sul dos Açores, um capitão britânico e a sua tripulação a bordo do SS Jesmond notaram fumo à distância e quantidades de peixes mortos e lama na superfície do oceano. O navio continuou e chegou a uma ilha com montanhas fumegantes que não estava em seus mapas.

Quando o capitão e alguns marinheiros desembarcaram para explorar o lugar desolado, ficaram surpresos ao descobrir que nenhuma planta ou árvore crescia na ilha. Os homens apreensivos chegaram a ruínas de enormes paredes de pedra e, enquanto escavavam perto de uma delas, desenterraram espadas de bronze, jóias, cerâmica e uma caixa de pedra coberta de lava que aparentemente continha uma múmia. Eles levaram o sarcófago para o Museu Britânico para mantê-lo em segurança, mas o museu afirma que ele está perdido. A imprensa britânica e americana noticiou o acontecimento na época, mas o diário de bordo, que estava nos escritórios dos proprietários do SS Jesmond, foi destruído no

London Blitz em 1940. A misteriosa ilha logo desapareceu e nunca mais apareceu.ü²

Em 1808, após uma erupção vulcânica subaquática substancial, uma grande ilha apareceu entre os Açores. Recebeu o nome de Sambrina, mas em pouco tempo também afundou nas ondas. Durante o século XX, vários hectares adicionais da ilha Açoriana de Terciera surgiram do mar, e mais terra, que está apenas a dois metros abaixo da superfície, está actualmente a subir.

Quando a Terra tremeu com demasiada frequência, o solo sob os seus pés inundou-se e afundou-se, e os vulcões expeliram rochas, lava e cinzas quentes, muitos atlantes deixaram a sua ilha natal e mudaram-se para terras mais estáveis ao redor do Oceano Atlântico. Eles prosperaram em seus novos locais e logo a civilização Atlante se espalhou. A região do Caribe, onde a vida era mais fácil, era um destino preferido. Aqui os atlantes construíram extensas cidades semelhantes à sua antiga capital que Platão tão bem retrata. As ruínas dos edifícios Atlantes nestas regiões são mais acessíveis e estão lentamente a revelar-se aos muitos investigadores diligentes que esperam encontrar a Atlântida. A civilização de Poseidia, a maior ilha do Mar do Caribe e um destino popular dos atlantes, será descrita nos capítulos seguintes.

[\[conteúdo\]](#)

■

40. Hansen, O Antigo Atlântico.

41. Templo, O Mistério de Sirius.

42. Berlitz, Atlântida: O Oitavo Continente, pp.

4

Poseidia: a

terra da promessa

■

Cresci em uma pequena ilha na costa sul de Porto Rico. Todos os meus amigos e eu acreditamos que já foi uma ilha muito maior e parte da Atlântida. Lembramos que trabalhávamos num templo daquela ilha onde vinham pessoas com problemas físicos e mentais para serem curadas.

O solo da ilha era argiloso e quando éramos crianças, quando chovia forte, pegávamos um torrão de barro e segurávamos na chuva na palma da mão. A água lavou a sujeira e, quando ela acabou, tínhamos um punhado de pequenos cristais de quartzo.

-anônimo

De 30.000 a.C. até 10.000 a.C., quando as águas oceânicas estavam 350 pés mais baixas do que hoje, as plataformas continentais em torno do Oceano Atlântico estendiam-se até 320 quilômetros das actuais linhas costeiras da América e da Europa. Extensas porções do fundo do mar do Golfo do México e do Mar do Caribe também estavam acima da superfície. Poseidia era uma ilha grande e agradável em 28.000 aC, localizada no Banco das Bahamas, que na época estava completamente acima da superfície. O Banco das Bahamas é claramente visível em qualquer mapa que represente o fundo do oceano. Hoje, Poseidia é formada por cerca de setecentas pequenas ilhas e ilhotas que se estendem de oitenta quilômetros a leste de Palm Beach, Flórida, por aproximadamente 1.220 quilômetros a sudeste, na direção do Haiti. As plataformas continentais expostas, além das ilhas maiores resultantes da menor quantidade de água no oceano, tornaram Poseidia facilmente

acessível aos atlantes.



ilhas próximas ao banco das Bahamas; as áreas sombreadas estão abaixo da superfície hoje e as áreas claras estão acima da superfície hoje

Jacques Cousteau oferece algumas provas interessantes de que Poseidia esteve acima da superfície há muito tempo. Enquanto estava em seu submarino Calypso, Cousteau explorou Andros, a maior ilha das Bahamas. A uma profundidade de 50 metros, ele encontrou uma enorme gruta ou caverna com grandes estalactites e estalagmites. Testes de sedimentos nas paredes da caverna confirmaram que ela estava acima da água antes de 10.000 aC³. A Ilha de Andros, no centro do Banco das Bahamas, tem muitas cavernas com inscrições em suas paredes que são semelhantes aos antigos símbolos escritos nas Ilhas Canárias . Ninguém conseguiu decifrar com sucesso esses hieróglifos extensos.

As Cavernas Lucayan perto da Ilha Grand Bahama também estão agora submersas, mas já estiveram acima da superfície. Suas passagens sinuosas se estendem debaixo d'água por 13 quilômetros e incluem um enorme salão abobadado e salas com claraboias circulares. Ossos humanos em um grupo de cavernas na Ilha Grand Bahama, que só podem ser acessadas mergulhando em um lago, fornecem evidências adicionais de que há muitos milhares de anos, quando esta terra estava acima da superfície, as pessoas viviam em Poseidia.ÿÿ

Os atlantes que se mudaram para o oeste em busca de um novo lugar para morar também se estabeleceram em Cuba e na península de Yucatán, no México. Quando chegaram à península de Yucatán, ficaram surpresos ao encontrar pessoas de Mu e Og (Peru) já morando nos locais mais desejáveis. Os lemurianos e os sul-americanos foram prestativos e amigáveis, porém, e compartilharam seus conhecimentos com os recém-chegados. Não surgiram problemas sérios entre os vários grupos,ÿÿ uma vez que todos eram compassivos e espiritualmente avançados. Os seguidores do virtuoso líder atlante Iltar e o povo de Mu e Og casaram-se gradualmente, e uma civilização avançada, a antecessora dos Maias, desenvolveu-se.

As memórias do povo de Mu com quem os atlantes se conheceram e se casaram na América Central ainda são evidentes. Inscrições em monumentos de Yucatán indicam que eles foram construídos como memoriais aos milhares de pessoas infelizes na pátria de Mu que morreram quando a água do oceano a cobriu.ÿ Figuras esculpidas em posição de ioga adornam vergas e paredes de edifícios antigos e em desintegração na América Central. Em Palenque, uma figura esculpida está sentada na atitude de pernas cruzadas de

meditação e um belo baixo-relevo retratam uma pessoa em posição de ioga. Estas características, comuns no Extremo Oriente, demonstram que as viagens a partir do Pacífico eram possíveis há muito tempo. Os imigrantes da Lemúria carregaram consigo seus costumes quando se mudaram para a Ásia e a América Central. O nome da Guatemala reflete a presença de pessoas de Mu, pois "Guatama" é um nome dado ao Buda no Extremo Oriente, e provavelmente foi uma palavra sagrada muito antes dos dias do Buda. Tanto no Codex Troanus quanto no Codex Cortesianus, os maias registraram o naufrágio da terra de Mu.

Cuba era uma ilha maior durante a última Idade do Gelo e incluía as cavernas Puenta del Este, na Ilha da Juventude, que hoje fica a cerca de 160 quilômetros a sudoeste do continente cubano. As aberturas circulares nos tetos dessas interessantes cavernas ofereciam oportunidades para os habitantes verem as estrelas, e os numerosos símbolos astronômicos nessas cavernas de Puenta del Este indicam o significado dos corpos celestes para aqueles que passaram algum tempo neles há tanto tempo. As paredes e tetos das cavernas também contêm pinturas rupestres incomuns em vermelho e preto, bem como imagens de touros. As figuras dos touros são um lembrete da importância dos touros na Atlântida, assim como os touros pintados há 20.000 anos nas paredes das cavernas espanholas. no sudoeste da Europa.

Quando o nível do mar estava mais baixo, os atlantes viviam numa longa extensão de terra que incluía a pequena ilha ao largo da costa de Porto Rico com cristais de quartzo no solo. A terra estendia-se desde a Jamaica, através do que hoje são as Ilhas das Pequenas Antilhas, e continuava ao sul até a Venezuela. Exceto por duas ou três interrupções nos rios, esse longo trecho de terra firme oferecia uma conexão entre a América do Sul e o Caribe. Ao longo da estrada, os comerciantes conduziam animais carregados de ouro, prata e pedras preciosas da América do Sul, que utilizavam para o comércio com os povos do Caribe.

Evidências de seres humanos que viveram na América do Sul há muito tempo oferecem provas de que os oceanos eram transportadores, e não barreiras, no passado distante. Os arqueólogos aprenderam que Monte Verde, no sul do Chile, foi o lar de imigrantes possivelmente já há 33.000 anos, e muitas outras áreas na América do Sul foram ocupadas entre 13.000 aC e 18.000 aC. Em um abrigo tochoso brasileiro, há 32.000 anos, artistas criaram permanentes pinturas no mesmo estilo daquelas que os artistas faziam nas cavernas do sudoeste da Europa daquela época.¹

Desde a época da Lemúria e da Atlântida, os aventureiros provaram que é perfeitamente possível atravessar os oceanos e chegar ao continente americano a partir tanto do

leste e oeste. A viagem de Thor Heyerdahl em 1947 numa balsa primitiva através do Oceano Pacífico, do Peru à Polinésia, e os muitos viajantes corajosos que duplicaram a sua façanha, demonstram que o Oceano Pacífico era bastante acessível aos povos antigos. Heyerdahl construiu sua frágil jangada Kon Tiki com nove troncos gigantes de balsa, assim como os antigos peruanos poderiam ter feito, sem usar nenhum metal. Com cinco amigos, ele viajou 3.600 milhas através do Pacífico, provando que os povos antigos podiam cruzar vastas extensões de oceano. Heyerdahl viajou de leste a oeste, mas uma corrente do norte do Havaí até o sudoeste dos Estados Unidos, mais os ventos predominantes de oeste, tornaram a viagem na direção oposta disponível para os lemurianos. As jangadas na Micronésia, que datam de pelo menos 60 mil aC, mostram que as pessoas não tinham medo de se aventurar. Usando as estrelas, garantindo o apoio dos golfinhos, dos ventos e das correntes oceânicas, os Lemurianos foram aonde desejassem.

Após anos de intensa pesquisa, Egerton Sykes desenterrou relatos de vários irlandeses corajosos que viajaram já em 2000 a.C. para o oeste, através do Oceano Atlântico, até o lugar mágico que descreveram como a Terra da Juventude, a Terra dos Heróis, a Terra da Promessa, a Grande Costa e a Planície do Desejo.

(Informações sobre os atlantes que viveram no Caribe, que Sykes obteve dos diários desses primeiros viajantes, serão incluídas no próximo capítulo.) Ignorando os terríveis avisos de outros, e seguindo as linhas costeiras ou as correntes oceânicas na direção do pôr do sol, os destemidos aventureiros irlandeses cruzaram o Atlântico muito antes de Colombo. Marcadores de pedra, ou inukshuks, ficam onde foram colocados enquanto navegavam ao longo da costa do Atlântico Norte.

Usando cálculos geométricos simples, eles seguiram essas placas de sinalização de um ponto a outro.²

A Corrente do Golfo, uma enorme corrente circular no Oceano Atlântico, contém mais água do que todos os rios do mundo. A enorme corrente tem 80 a 160 quilômetros de largura na superfície e muitas vezes estende-se por mais de um quilômetro e meio para baixo. Ele se move no sentido horário a partir do sul dos Estados Unidos, subindo a costa e atravessando a Europa, e descendo ao longo da costa da Espanha e do noroeste da África. De lá, atravessa o Atlântico até as Bahamas e volta ao sul dos Estados Unidos. Colombo passou um longo mês cruzando da Europa para o continente americano, mas recentemente, marinheiros de um navio semelhante ao seu, com a ajuda do trecho mais ao sul da Corrente do Golfo, fizeram a viagem em dezenove dias.³

Os primeiros marinheiros irlandeses eram livres para viajar no oceano porque estavam fora do Estreito de Gibraltar, que muitas vezes era controlado por outros. Depois que aprenderem a seguir corretamente o circuito da corrente da Corrente do Golfo no sentido horário, viajarão

ir e vir através do Atlântico foi relativamente rápido e fácil.

Antigas histórias irlandesas sobre os Firbolgs, “o povo dos barcos de couro”, que chegaram à Irlanda vindos da Atlântida quando a sua terra natal na Cordilheira do Atlântico estava a afundar, podem ter sido o que inspirou os irlandeses a construir os seus artesanatos em couro para navegar. Os currahs, como os monges chamavam seus barcos, consistiam em armações de madeira cobertas com peles de animais costuradas. Eram pequenos e leves e provaram ser mais estáveis em mares agitados do que navios maiores, pois navegavam com e em cima das ondas. Perto da superfície do oceano, os marinheiros podiam “ler” mais facilmente as suas correntes. Se os pequenos currahs de couro virassem, não teriam probabilidade de afundar.ÿÿ

Lendas e alguns livros antigos da América Central sobreviveram para nos lembrar dos povos de Mu e da Atlântida e seus descendentes que viveram lá.

Abbé Brasseur de Bourbourg, um respeitado estudioso do século XIX, dedicou sua vida ao estudo da história, filosofia e religião da América Central. Em 1845, Brasseur mudou-se para o México e aprendeu os dialetos locais. Depois que ele ganhou a confiança dos nativos, eles o ajudaram a encontrar manuscritos obscuros de frades espanhóis do século XVII e a traduzir e compreender as inscrições nas estelas que escaparam de seus destrutivos predecessores.

Stellae são colunas de pedra sobre as quais os maias e seus ancestrais, percebendo que os registros escritos em material mais macio não sobreviveriam por muito tempo, registraram informações sabiamente.

Em 1864, Brasseur descobriu o Códice Troano em Madrid. É um dos quatro livros maias que escaparam dos incêndios desastrosos dos espanhóis. Aparentemente, um padre do século XVII levou o valioso documento para Espanha, onde permaneceu negligenciado durante quase duzentos anos. Uma segunda metade do Códice Troana, o Cortesianus, apareceu em outra parte da Espanha alguns anos depois. O Códice Troano, que os maias escreveram há pelo menos 3.500 anos a partir do conhecimento acumulado ao longo de muitos séculos, consiste em cinquenta e seis páginas inscritas em ambos os lados. Para formar cada página, os escritores dobraram e dobraram uma imensa tira que engenhosamente fizeram com a casca de uma figueira. Se o livro for colocado na horizontal, ele ocupará o chão de uma sala grande. As páginas, dobradas em leque, são totalmente revestidas por um verniz esbranquiçado onde estão escritos os caracteres hieroglíficos em preto, vermelho, azul e marrom.

Brasseur soube pelo Cortesianus que um terrível cataclismo fez com que uma grande ilha no Oceano Atlântico afundasse nas águas com milhões de habitantes.

Os anos concentrados de estudo de Brasseur levaram-no a acreditar que os cometas que passavam,

meteoros caindo e objetos naturais terríveis semelhantes vindos dos céus destruíram pelo menos uma civilização avançada no passado. Estas revelações foram demais para a comunidade acadêmica do século XIX e, apesar da sua erudição cuidadosa, os colegas de Brasseur desprezaram-no rudemente e evitaram-no durante o resto da sua vida.

O Dr. Augustus Le Plongeon e sua esposa, Alice Dixon, viveram em Yucatán de 1873 a 1885. Eles aprenderam a língua dos maias, estudaram sua cultura, ouviram suas histórias e participaram de seus rituais xamânicos. Ele percebeu que por trás da vida cotidiana dos nativos existia uma forte corrente de sabedoria e prática oculta que vinha de um passado muito distante. Por exemplo, ele aprendeu que as provas nos ritos de iniciação aos mistérios que os sacerdotes praticavam em Xibalba, no coração das montanhas da Guatemala, foram semelhantes às provas de iniciação aos mistérios maiores do antigo Egito. Le Plongeon era maçom e ficou surpreso ao descobrir evidências de ritos maçônicos na⁶ antiga escultura maia.

Le Plongeon e sua esposa foram os escavadores originais de Chichén Itzá, que documentaram com 500 fotografias. A partir de seus contatos com o povo e de uma variedade de outras fontes, os Le Plongeon verificaram que alguns ancestrais dos maias eram da terra natal de Mu. Sua excelente tradução da Troana sobre o terrível naufrágio de Mu é a seguinte:

No ano seis Kan, no décimo primeiro Mulue, no mês Zac, ocorreram terríveis terremotos, que continuaram sem interrupção até o décimo terceiro Chuen. A região das colinas de lama, a "Terra de Mu", foi sacrificada. Sendo duas vezes sublevado, desapareceu repentinamente durante a noite, sendo a bacia continuamente abalada por forças vulcânicas. Estando confinados, estes fizeram com que o terreno afundasse e subisse diversas vezes e em vários locais. Por fim a superfície cedeu e os dez países foram despedaçados e espalhados em fragmentos; incapazes de resistir à força das convulsões sísmicas, afundaram com sessenta e quatro milhões de habitantes, oito mil e sessenta anos antes da escrita deste livro.

Escritos que Le Plongeon traduziram em um templo em Uxmal, que afirmava que o edifício foi construído em memória de Mu, a terra a oeste de onde

vieram mistérios sagrados, ajudaram a confirmar as informações surpreendentes. Como afirmações desse tipo eram inaceitáveis para a comunidade científica, como Brasseur, Le Plongeon perdeu toda a credibilidade e seus colegas estudiosos o ignoraram permanentemente. Além disso, o governo mexicano confiscou muitas relíquias valiosas que os nativos compartilharam com Le Plongeon. Perto do fim da sua vida, ele já não confiava nos mexicanos e perdeu todo o interesse em partilhar as suas descobertas com o mundo exterior. Depois que ele morreu, sua esposa revelou que seu marido havia escondido um mapa precioso no local das salas subterrâneas onde havia registros perfeitos dos maias. Esperançosamente, um dia alguém redescobrirá essas memórias significativas do passado.

Os índios Lacandon, no sul do México, são maias que viveram completamente afastados da civilização durante centenas de séculos, até há cinquenta anos, quando um agrimensor assustado se deparou com uma das suas aldeias. Os Lacandons acreditam que sua língua é a mais antiga do mundo. Uma noite, em uma cabana escura, nas profundezas da floresta tropical de Chiapas, no sul do México, ouvi um Lacandon idoso entoar as canções de seus ancestrais. Enquanto cantava, ele mudava as notas em tom, intensidade e quantidade de vibrato, dependendo do significado das palavras. Mesmo antes de as palavras cantadas serem traduzidas de seu idioma para o espanhol e para o inglês, eu entendi o personagem principal e sua ação frenética e seu sentimento de terror quando uma onça feroz o atacou e matou.

O facto de os Lacandons terem continuado a usar esta língua antiga, a sua habilidade em fazer tecidos a partir de cascas de árvores, tal como os seus antepassados tinham feito durante milhares de anos, e as minhas observações na aldeia convenceram-me da validade das suas memórias sobre a sua origem. Lacandon Kin Garcia afirma que os maias vieram originalmente da terra da Atlântida, mas têm ligações hereditárias muito fortes com os tibetanos e os índios da América do Norte. Kin relata que esses ancestrais distantes deram ao seu povo geometria sagrada, conhecimento do universo e livros inscritos em rochas e monumentos.

Os astecas também se lembram da pátria dos seus antepassados. Quando Cortez e seus soldados espanhóis invadiram o México em 1519, essas pessoas altamente civilizadas viviam ao norte dos maias, no que hoje é a Cidade do México. Enquanto os espanhóis contemplavam a beleza resplandecente da capital asteca, com as suas magníficas pirâmides pintadas de rosa com cinzas vulcânicas e palácios mais altos do que as igrejas mais altas de Espanha, parecia que estavam a sonhar. Os canais, lagos, aquedutos de água doce e ruas perfeitamente pavimentadas da cidade – que era maior que Paris, a maior metrópole da Europa – contribuíram para o cenário. Montezuma, o

O belo imperador, com sua barba cuidadosamente aparada e modos graciosos, parecia um nobre europeu.

Qual foi a origem de toda essa civilização? Montezuma disse aos espanhóis que seus ancestrais distantes vieram de uma terra ao leste chamada Aztlan, que agora estava no mar. Na língua deles, atl significa “água” e tlan é “um lugar” ou “terra”, então Aztlan significa “terra aquática” ou talvez “ilha”.¹ Os astecas fêbravam que Aztlan tinha uma montanha alta, um jardim onde viviam os deuses,² e muitos flamingos. Milhares de lindos flamingos rosa e laranja ainda se reúnem e se reproduzem na Ilha de Andros, no centro do que já foi Poseidia.

Os astecas tentaram preservar memórias de seu passado em esculturas em pedra. Há muitos anos, um arqueólogo alemão encontrou um friso num templo nas profundezas da selva do norte da Guatemala, que aparentemente representa a destruição da Atlântida. O relevo retrata uma cena em que uma pirâmide ou templo está desmoronando e escorregando na água (oceano). Ao lado dos blocos do edifício em ruínas, um grande vulcão está em erupção. Um homem que remava um barco tem adornos nas orelhas, indicando que é sacerdote. Diante dele, uma pessoa que está se afogando usa um cocar, o que sugere que ela representa as classes mais baixas.

Durante milhares de anos, os caribenhos da América Central preservaram memórias dos seus antepassados, que eram membros de um grande grupo de sete famílias que deixaram as suas casas numa terra agora submersa, muito a leste, no mar do nascer do sol. As sete famílias viajaram para o oeste em sete frotas de navios e finalmente chegaram a uma ilha que chamaram de Caraíba, onde se estabeleceram.³ Os caribenhos referem-se à sua terra natal como a velha terra vermelha. De maneira semelhante, os toltecas, antecessores dos astecas no México, lembram que seus ancestrais vieram da velha, velha terra vermelha. (Por favor, veja a biografia de Lucille Taylor Hansen no apêndice II, pois sua interessante pesquisa com os nativos americanos foi a fonte desta informação.) Uma alta incidência de argila vermelha em partes da Cadeia Atlântica oferece uma explicação para as referências dos nativos americanos à Atlântida. Como a velha terra

Os caribenhos contaram a Hansen que os descendentes das sete famílias da antiga terra vermelha viveram felizes na Caraíba por muito tempo. Os sacerdotes visitantes da Atlântida ensinaram ao povo a religião de Tupã e se referiam a eles como Tupi, que significa “os filhos de Pã”. “Pan” era outro nome para a antiga terra vermelha. Muitas gerações depois, uma catástrofe natural particularmente devastadora na Caraíba obrigou os Tupi a deixar sua ilha natal que estava afundando. Eles viajaram um pouco mais para o oeste em sete frotas ainda maiores e chegaram a um mar que chamaram de

Caribe, depois da Caraíba.

Ao chegarem ao Caribe, os ancestrais tupis dos caribenhos se separaram. Alguns estabeleceram-se em terras montanhosas próximas, onde cultivavam em socalcos, uma técnica que os seus antepassados distantes empregavam nas encostas íngremes das montanhas da Atlântida. Outros Tupi deslocaram-se para o sul e subiram o rio Amazonas. Os Guarahis do Paraguai continuam a adorar o deus Tupã. Pelo menos um dos sete grupos desses atlantes da Caraíba seguiu para o norte, até o vale do rio Mississipi. Durante muito tempo, os representantes das sete famílias alargadas reuniam-se a cada 104 anos para coordenar calendários e comparar aventuras, mas a comunicação tornou-se um problema crescente e gradualmente perderam contacto uns com os outros. ÿ Da mesma forma, depois de muitas gerações, os descendentes de Lemurianos e Atlantes que se estabeleceram na América Central esqueceram gradualmente a história passada de seus ancestrais.

[\[conteúdo\]](#)

■

43. Fix, Odisseia da Pirâmide, p. 215.

44. Collins, Portal para Atlântida, p. 330.

45. Cayce, Leituras 5750–1.

46. Churchward, O Continente Perdido de Mu, pp.

47. Ibidem.

48. Ibid., pág. 251, 265.

49. NY Times, 22 de julho de 1986, de Tom D. Dillehay.

50. The Economist, "The First Americans", 21 de fevereiro de 1998, p. 79, 80.

51. Katz, "The Way We Were", Newsweek, 10 de novembro de 1986, p. 72.

52. Nova, Transcrições WGBH, 15 de dezembro de 1987, Secrets of the Red Paint People, pp.

53. Nova, A Corrente do Golfo, 28 de fevereiro de 1989.

54. Zapp & Erikson, Atlântida na América, p. 285.

55. Tompkins, Mistérios das Pirâmides Mexicanas, p. 166.

56. Le Plongeon, Mistérios Sagrados, pp. Por exemplo, os antigos sábios maias praticavam a clarividência e com espelhos mágicos previam o futuro. Cercando-se de nuvens, eles poderiam parecer invisíveis e materializar objetos incríveis. Embora não haja provas de que os Lemurianos ou Atlantes tenham levado as técnicas para estas habilidades ocultas para a Central

América, é impossível provar que não.

57. Le Plongeon, Alice e Augusto, Rainha Moo e a Esfinge Oriental, p. 147.

58. Hatt, Os maias, p. 9.

59. Muck, O Segredo da Atlântida, p. 129.

60. Estrela Vermelha, Ancestrais Estelares, p. 74.

61. Berlitz, Atlântida, O Oitavo Continente, p. 56.

62. Tompkins, Mistérios das Pirâmides Mexicanas, pp.

63. Hansen, O Antigo Atlântico.

64. Donato, Um Reexame da Teoria da Atlântida.

65. Hansen, O Antigo Atlântico.

5

poseídia e

o Yucatán

■

Ela sonhou que estava em uma terra estranha, longe de sua terra natal, Atlântida, que havia desaparecido para sempre. Fazia calor naquele país estrangeiro, e ela e seus amigos estavam cercados por uma floresta que parecia se estender indefinidamente. O mar próximo também não era familiar. Pequenos macacos barulhentos enchiam o ar com gritos altos. Pássaros de cores vivas voavam de árvore em árvore e insetos estranhos zumbiam ao seu redor.

A mulher e seus companheiros usavam roupas simples e primitivas e viviam em cabanas construídas com casca de árvore cinzenta. Suas mãos eram ásperas e calejadas por cortar árvores para fazer fogueiras e cavar para plantar grãos e vegetais. Ela estava ajoelhada, batendo alguns grãos sem nome em uma tigela de madeira. Apesar das dificuldades, ela estava feliz.

66

Esse sonho surgiu para a renomada autora Taylor Caldwell no final de sua vida, depois que ela escreveu *The Romance of Atlantis*. Quando ela tinha apenas doze anos, Caldwell (1900–1985) escreveu aquele romance detalhado sobre as experiências de uma princesa da Atlântida durante os últimos dias de seu país em uma ilha no Oceano Atlântico.

O pai de Caldwell enviou o manuscrito ao avô dela, um editor de livros, que prontamente o devolveu, dizendo que estava horrorizado e convencido de que era uma fraude.

Ele acreditava que a maturidade filosófica e intelectual refletida indicava que alguém muito mais velho o havia escrito. Taylor Caldwell deixou de lado *The Romance of Atlantis* até os setenta anos, quando o enviou para sua amiga Jess Stern, que estava interessada em publicá-lo. Naquela época, Caldwell teve esse sonho sobre sua vida depois que ela saiu às pressas do afundamento da Atlântida.

Muitos atlantes, como aqueles do sonho de Taylor Caldwell que conseguiram escapar do seu país que estava afundando durante os últimos momentos, encontraram-se em uma situação difícil.

situação difícil e muitas vezes assustadora algures no continente americano. Como pequenos grupos de refugiados não tinham o conhecimento ou o equipamento para reproduzir o elevado padrão de vida que desfrutavam na sua terra natal, as suas vidas rapidamente se desintegraram em condições de vida primitivas. Os refugiados de última hora mais afortunados da Cadeia Atlântica chegaram à ilha de Poseidia, no Banco das Bahamas, nas Caraíbas. Aqui eles se juntaram aos milhares que se mudaram para lá desde 28.000 a.C.

Os primeiros a chegar em Poseidia foram pessoas que Cayce identifica como Filhos da Lei do Um. Durante a maior parte da sua longa vida, a maioria dos habitantes da Atlântida eram indivíduos espirituais que se amavam e respeitavam uns aos outros.

Gradualmente, com o passar do tempo, os líderes se dividiram em dois grupos, os Filhos da Lei do Um e os Filhos de Belial. Os Filhos da Lei do Um também são chamados de “Filhos da Luz”, e os Filhos de Belial são chamados de “Filhos das Trevas”. Termos semelhantes são encontrados nos Manuscritos do Mar Morto. ÿ

6

Os Filhos de Belial eram indivíduos egoístas e de orientação material que se concentravam nos prazeres de satisfazer seus próprios apetites e desejos físicos, sem respeito pelos outros. À medida que suas vidas se enchiam de pensamentos sobre objetos materiais, eles passaram a acreditar, como muitos de nós hoje, que a aquisição de mais e mais lhes traria felicidade. Quando o desastre ameaçou a Atlântida, eles estavam tão envolvidos no mundo material que não deram ouvidos aos conselhos de indivíduos mais sábios, que exortaram todos a partirem se quisessem continuar a sua vida neste planeta.

O princípio fundamental da Lei do Um é que todos estamos relacionados; todos nós somos um. Os Filhos da Lei do Um focaram no amor e praticaram oração e meditação, na esperança de promover o conhecimento espiritual de todos. Eles seguiam a Regra de Ouro e também acreditavam que tudo o que fizessem aos outros aconteceria com eles. Eles honraram o Criador de onde vieram, que lhes deu a alma. ÿ Muitos indivíduos na Terra hoje são Lemurianos e Atlantes que retornaram para participar de outra luta entre as forças do bem e do mal pelo controle deste planeta. Alguns acreditam que se os vincos das linhas que ficam visíveis na palma da sua mão quando você a fecha levemente formam a letra “M” você provavelmente era um dos Filhos da Luz. Um “S” ou “C” curvo indica os Filhos das Trevas. Contudo, as ações ou pensamentos de alguém na Atlântida ou na Lemúria não são realmente importantes. O que é significativo é que hoje estamos todos aqui para ajudar a tornar o nosso mundo um lugar melhor. Os Filhos da Lei do Um continuarão seu bom trabalho, e os Filhos das Trevas terão um

oportunidade de se redimir.

Sonhei que meu ex-marido e eu morávamos em uma casa grande que tinha grandes pórticos em arco e cortinas de algum tipo, muito transparentes e leves. A casa ficava numa encosta, aberta ao ar fresco e à brisa do oceano por todos os lados. Eu podia sentir a brisa e as cortinas flutuando suavemente nas janelas. A vida era maravilhosa e eu estava muito feliz; Eu sabia que estávamos morando na Atlântida.

—alison

Em uma cidade em uma bela encosta com vista para o mar, os devotos Poseidianos ergueram lindos templos, alguns com grandes pilares de ônix e topázio incrustados com pedras preciosas que refletiam a luz do sol. Dois dos templos, o Templo Belo e o Templo do Sacrifício, tornou-se o centro da vida de numerosos atlantes que desejavam elevar cada vez mais o seu nível de consciência. Diz-se que “Beleza na mente, no corpo e na alma” estava inscrita na porta do Templo Belo, onde homens e mulheres eram iguais e trabalhavam juntos em harmonia.

Edgar Cayce diz que os participantes ativos do Templo Belo e do Templo do Sacrifício usavam capacetes e roupas especiais, mas ele não os descreve. Assim como médicos, enfermeiras, maquinistas de trem e membros da realeza hoje, suas roupas eram semelhantes a um uniforme e indicavam seu campo de serviço. Aprendemos com a vidente Betty Bethards que aqueles que participavam das atividades do templo usavam uma vestimenta envolvente com mangas largas que pendia, lembrando uma de nossas batas de hospital. Foi amarrado na cintura com uma faixa metálica leve e brilhante, diferente de qualquer metal que conhecemos.

A autora britânica Murry Hope (veja sua biografia no apêndice II) acrescenta que a cor básica de suas vestimentas e de sua faixa, brinco, pingente, anel, pulseira ou bandana indicava se eles eram curandeiros, estudantes ou professores, e também mostrava o que nível de iluminação que alcançaram. Quando os atlantes iniciaram a jornada em direção ao sacerdócio, os noviços usavam túnicas verdes claras. À medida que avançavam, as roupas azuis claras os distinguiam e, finalmente, foram autorizados a vestir as vestimentas brancas reservadas às ordens mais altas. Vestidos exclusivos em azul profundo foram transmitidos de uma geração de sábios para outra e usados

apenas em ocasiões especiais. Um curandeiro com uma faixa de prata especializada em cura mental e uma faixa de oricalco indicava proficiência em medicina física ou cirurgia.

O orichalcum na bandana era um metal popular na Atlântida, mas sua composição é um tanto misteriosa. No grego antigo, a palavra significava simplesmente “metal dourado”. Platão diz que orichalcum era algo que em sua época só era conhecido pelo nome, mas já foi um metal precioso que “brilhava como fogo”. Provavelmente era uma liga de ouro e cobre ou ferro meteorito. As memórias do orichalcum da Atlântida apareceram 600 anos antes da época de Platão nas obras do poeta grego Homero, que o menciona no Hino de Afrodite como um metal dourado. Hesíodo, outro poeta grego pré-Platão (séculos VIII-VII aC), também se refere ao orichalcum.

O Templo Belo e o Templo do Sacrifício ofereceram aos alunos oportunidades de participar de uma variedade de atividades destinadas a purificar seus corpos e mentes.

No Temple Beautiful, o objetivo principal dos participantes era adquirir uma compreensão completa de si mesmos para que estivessem melhor equipados para servir aos outros. À medida que progrediam nas sete estações do Temple Beautiful, uma variedade de técnicas, como experiências musicais e formas de dança expressivas, aumentaram a capacidade do participante de interpretar suas emoções e de purificar, curar e unificar-se.

6

As jovens foram ao Templo Belo para se prepararem para o auto-sacrifício da maternidade e para aprender como suas ações afetaram a vida de seus filhos. Quando estavam prontas, a música as ajudou a preparar seus corpos e mentes para a procriação. Em uma estação, os professores ofereceram conselhos a indivíduos altruístas que desejavam se tornar missionários. Depois de completar seu treinamento, um grupo de professores e cuidadores de Poseidia foi ao Egito e construiu um Belo Templo em forma de pirâmide e um Templo do Sacrifício modelado a partir de aquele em sua terra natal. O Templo do Sacrifício era semelhante aos nossos hospitais e será descrito no capítulo 11.

Murias era a maior cidade de Poseidia. Dos mitos celtas e dos registros e diários de aventureiros que cruzaram o Atlântico em busca de tesouros e lendas, sabemos que Murias foi a sede do governo da região. Suas extensas instalações incluíam um hospital, uma casa para viajantes em perigo e um estaleiro com instalações de reparos. Numa colina acima da cidade, os atlantes construíram um templo de cura requintado que oferecia curas tão notáveis que as memórias de

nunca desapareceu completamente.

Hoje, pela primeira vez, li sobre a "mítica" Atlântida no seu site. Chorei quando li a seção sobre um templo com janelas de cristal porque, num passado não tão distante, tive o sonho mais vívido com um lugar semelhante, e a lembrança desse sonho ainda me assombra.

-anônimo

Acredita-se que a arquitetura do requintado templo de cura acima de Murias tenha incorporado os aspectos vibracionais e numéricos da geometria sagrada, que intensificam e concentram várias energias cósmicas sutis para a pessoa sensível. Ele também exibia conhecimento sofisticado da estrutura do universo, do sistema solar e do planeta Terra de uma maneira semelhante à Grande Pirâmide do Egito.² A característica mais incomum do templo eram suas janelas translúcidas de cristal de rocha, das quais a população local ainda se lembra na época contemporânea. vezes. O edifício foi dedicado ao pássaro Bennu e ao deus Min, ambos símbolos do rejuvenescimento e uma das fontes do nome da ilha de Bimini.

Em 10.000 a.C., a subida das águas do oceano cobriu completamente a próspera cidade de Murias, mas as ondas crescentes pararam de subir antes de chegarem ao templo de cura com as janelas de cristal. A estrutura incomum era segura, mas à beira da água. As oportunidades médicas disponíveis em Murias eram bem conhecidas em todo o mundo ocidental e atraíram viajantes irlandeses, egípcios, gregos, fenícios e cartagineses para a área durante milhares de anos.³ Inevitavelmente, terremotos perturbaram a terra, quebraram os muros de contenção do templo e derrubou seções do belo edifício como se fosse um brinquedo de vidro.

Os templos incomuns não foram a única conquista dos atlantes em Poseidia.

Empregando técnicas de engenharia da sua terra natal devastada pelo terremoto, eles ergueram pirâmides robustas para representar a vida espiritual da alma à medida que ela se eleva ao seu ponto mais alto a partir de uma base forte. Embora o oceano finalmente tenha coberto os edifícios, as varreduras de sonar e levantamentos aéreos realizados quando a água está calma revelam seus contornos. Os mergulhadores também se referem às ruínas de edifícios antigos sob a superfície, mas a informação quase não recebe publicidade, pois as autoridades temem, com razão, que os caçadores de tesouros lhes despojem de objectos v

use dinamite prejudicial para explorar abaixo deles.

Do fundo do oceano, na costa das Bahamas, mergulhadores trouxeram discos de calcário ou “biscoitos do mar”, como são chamados, que muitos acreditam serem posses dos atlantes que viveram aqui. Em 1949, a Geological Society of America dragou uma tonelada de biscoitos marinhos semelhantes do fundo do mar ao sul dos Açores. Em forma de placa, com uma depressão no centro de um dos lados, as placas têm aproximadamente quinze centímetros de diâmetro e uma polegada e meia de espessura. Sua superfície é relativamente lisa, exceto áspera na depressão. Os testes determinaram que os biscoitos marinhos têm cerca de 12.000 anos e que são feitos pelo homem a partir de calcário, que se formou acima da superfície. No passado, os descendentes atlantes na Escandinávia colocavam frutas e vegetais frescos em pratos semelhantes a estes e os deixavam em fendas nas rochas ou levou-os ao topo das colinas como forma de homenagear as forças da natureza.

Assim como os grupos religiosos deixaram a Inglaterra nos séculos XVII e XVIII para estabelecer colônias no Novo Mundo, onde esperavam ser livres para adorar como quisessem, também, à medida que as condições mudaram em Poseidia, as pessoas devotas mudaram-se da sua agradável ilha natal para América Central. Em 10.600 a.C., um líder virtuoso e moral chamado Iltar liderou um pequeno grupo de Poseidia até Yucatán. Os seguidores de Iltar viveram as suas vidas como símbolos do Espírito do Deus Único e compreenderam a importância de manifestar compaixão pelos outros.

Concentrando-se em seus serviços religiosos, em vez de adquirir bens materiais desnecessários, eles construíram círculos energizados de pedras como locais para sua adoração. Círculos e pirâmides oferecem oportunidades para maior cura e iluminação, pois aprimoram os campos de energia criados pelas emoções daqueles que passe tempo neles.

Um círculo cerimonial semelhante aos que os nativos americanos usaram durante centenas de séculos, ou apenas um círculo de cristais no chão com uma vela acesa no centro, fornece uma ligação positiva com o poder do universo e do Criador. Se os rituais apropriados forem realizados em círculo e cada pessoa se concentrar intensamente no mesmo resultado desejado, é possível melhorar suas facilidades intuitivas ou ajudar um indivíduo a curar sua mente e seu corpo. Em seus fortes círculos sagrados, Iltar e seus seguidores poseidianos conduziram cerimônias que foram projetadas para limpar seus corpos e mentes da raiva, ódio, impaciência, ganância e outros traços egoístas. Os atlantes consideravam a Terra como uma criatura viva que responde aos mesmos estímulos e harmonias que agradam aos humanos, e para isso passavam um tempo em círculos de pedra dando força ao

planeta. Eles perceberam que a saúde e a condição da Terra estavam ligadas às suas próprias ações e atitudes. Em suas cerimônias eles usavam os pilares de pedra dos círculos como agulhas de acupuntura para transferir energia dos céus acima para a terra abaixo e fornecer ao planeta vivo uma fonte harmoniosa de força e vitalidade.

As pedras grandes e planas que esses construtores pré-históricos ergueram em círculos são geralmente posicionadas de modo a refletir o som em direção ao centro. Eles parecem ter sido projetados para funcionar como alto-falantes gigantes. A amplificação das fortes vibrações dos tambores tocados durante os rituais teria tido um efeito comovente e poderoso nas emoções de todos dentro do círculo.

Nas costas de Espanha, Portugal e Marrocos, e em todo o sul de Inglaterra, oeste de França e Escócia, os construtores pré-históricos organizaram imensas rochas em círculos semelhantes aos que Cayce descreve os poseidianos erguendo no Yucatán. Restos de círculos semelhantes também são encontrados nas ilhas do Pacífico. Estas construções, em terras onde se estabeleceram Lemurianos e Atlantes e seus descendentes, ajudam a demonstrar o notável conhecimento dos nossos ancestrais distantes e a sua preocupação com a Mãe Terra.

Os povos espirituais do passado preferiam construir suas casas em formato circular ou octogonal. Eles consideravam uma casa redonda mais harmoniosa com o espírito e acreditavam que a forma geométrica canalizaria melhor a energia do universo. Cayce diz que uma casa circular contribui para a capacidade de uma pessoa ser produtiva. Muitos nativos americanos viviam em tendas circulares. Numerosas ruínas de casas redondas construídas em pedra são encontradas em várias partes da Ilha de Páscoa. Quase ⁹ todas as cidades antigas da América Central eram circulares e, claro, ⁹ Platão nos diz que Poseidon construiu a Cidade Atlante das Portas Douradas no mesmo padrão.

Como os primeiros residentes de Yucatán estavam quase totalmente sintonizados com o espiritual, os sacerdotes e sacerdotisas eram o governo. Líderes altruístas como Itar estavam convencidos de que o bem-estar e a felicidade do povo eram a sua responsabilidade mais importante. A Regra de Ouro era realmente a lei do país. Para saber como melhorar o governo do povo, de forma semelhante aos xamãs nas culturas indígenas, os sacerdotes e sacerdotisas usaram as suas capacidades psíquicas para falar e ouvir o único grande Criador. Ao contrário de muitos de nós hoje, eles se comunicavam e oravam regularmente, não apenas quando estavam com problemas.

A dieta desses primeiros habitantes da América Central está lentamente vindo à tona. Usando a agricultura de corte e queima, há 10.000 anos as pessoas cultivavam milho, abóbora e abóboras. Frutas e nozes estavam prontamente disponíveis em seu estado natural, e os cocos do Pacífico chegaram ao continente americano há pelo menos 12.000 anos.¹ Desde um passado distante, indivíduos espirituais perceberam essa carne há muito tempo. o consumo não conduz ao desenvolvimento do aspecto psíquico da mente, então provavelmente a carne não foi incluída em suas refeições.

As destruições naturais são involuntariamente graves nas terras instáveis da América Central, e as catástrofes que atingiram a frágil superfície da Terra ameaçaram gravemente a sobrevivência daqueles que lá viviam. Repetidamente, maremotos cobriram cidades em áreas baixas ao longo da costa e terremotos derrubaram edifícios e estimularam vulcões de fogo a lançar rochas mortais e lava fervente. Durante estes períodos difíceis, as enormes cavernas subterrâneas no Yucatán, Guatemala, Belize e nas regiões do norte de El Salvador e Honduras ofereceram abrigo seguro a centenas de famílias afortunadas.

Os povos pré-históricos fizeram uso dessas cavernas por inúmeros séculos antes que se pensasse que a cultura maia existisse. O imenso sistema de cavernas, com suas inúmeras cavernas interligadas de quartos espaçosos e tetos altos, é uma formação natural, mas os moradores também criaram áreas adicionais, chamadas de Cavernas Loltun. Muitas vezes os sacerdotes usavam cativos para esculpir os degraus e as câmaras e, quando o trabalho era concluído, os sacerdotes sacrificavam os trabalhadores para manter o local secreto e desconhecido para os estrangeiros.²

9

Abundantes obras de arte nas cavernas refletem a ancestralidade lemuriana e atlante desses primeiros habitantes. Símbolos pintados e entalhes em baixo-relevo nas paredes, como círculos, espirais, suásticas e cruzes equidistantes, são semelhantes aos deixados pelas pessoas nas Ilhas Canárias, na América do Sul e no sudoeste da Europa. Muitas inscrições que embelezam as Cavernas Loltun foram feitas há mais de 15 mil anos. Eles demonstram as horas intermináveis que os artistas passaram nas cavernas escuras e úmidas, esperando o dia em que as inundações, os terremotos e as erupções vulcânicas cessariam e seriam livres para retornar a uma vida mais normal.

Certos símbolos podem ser poderosos, pois cada um contém vibrações relacionadas ao pensamento original que o criou. Se uma pessoa se concentra intensamente em um símbolo, isso pode levar a um estado alterado de consciência e compreensão desse conceito inicial. Povos indígenas remotos, isolados da nossa civilização atual, mantêm a crença no poder dos símbolos enquanto tatuam espirais e

outros sinais em seus corpos. Eles acreditam que esses personagens os ajudam a ganhar força adicional com a energia da Terra e de tudo o que está além.

Os primeiros ocupantes das Cavernas Loltun esculpiram e remodelaram as enormes estalactites, estalagmites e pilares rochosos das cavernas em estranhas figuras de pedra. Quando Manson Valentine explorou aqui em meados do século XX, ele encontrou vários rostos masculinos esculpidos com pelos faciais, incluindo um gigante de quase três metros de altura e barba cheia. As características das esculturas são bastante diferentes da atual população maia local, que não tem conhecimento de quem as criou há tanto tempo.

Alguns dos desenhos mais marcantes nas Cavernas Loltun são contornos de mãos com polegares mutilados ou dedos decepados. ³ Estas representações horríveis são semelhantes às deixadas nas cavernas do sudoeste da França e nos Pirenéus, ⁹ e implicam que os artistas ⁹tiveram uma origem comum. A crença mais predominante é que as impressões manuais são a assinatura do artista. Não há explicação lógica para a mutilação – talvez ela tenha sido incorporada a uma cerimônia mágica ou de iniciação.

Em certas áreas das Cavernas Loltun, visitantes sensíveis experimentam forças intensas e concentradas, que acreditam irradiar mais energia do que a Grande Pirâmide de Quéops, no Egito. ⁹ As obras de arte oferecem evidências de que essas salas foram reservadas como locais sagrados onde sacerdotes ou xamãs, durante experiências extracorpóreas alucinatórias, obtiveram acesso ao que chamam de “outro mundo”. Alguns sacerdotes descrevem a comunicação com seus ancestrais neste lugar invisível.

Outros parecem entrar em outra dimensão onde o conhecimento está mais prontamente disponível para eles, como a pesquisa de Cayce nos Registros Akáshicos. Para esses hábeis comunicadores com os espíritos do passado, os pássaros simbolizavam o vôo da alma. Pinturas nas profundezas das cavernas de Loltun, em Yucatán, retratam uma figura usando uma máscara e um cocar de pássaro. São quase idênticas às imagens de pássaros-xamãs em diversas cavernas europeias, como aquela com garras no lugar das mãos, usando uma máscara de pássaro, que realça uma parede nas profundezas da caverna de Lascaux, na França. O pênis do xamã-pássaro francês está ereto, algo que ocorre frequentemente durante estados de transe, e aponta para um bisão com lança cuja cabeça está virada para olhar seus próprios intestinos caindo de seu ferimento. Ao lado da representação do pássaro-xamã ⁹⁶ na Caverna Loltun está um bastão semelhante aos que ainda hoje são carregados pelos xamãs, encimado por um pássaro. Monumentos fálicos ficam do lado de fora de três locais em Yucatán que contêm fotos desses pássaros-xamãs. Uma figura semelhante e seu cajado são retratados em uma antiga gravura rupestre do Arizona. ⁹

No século XVII, quando os espanhóis destruíam tão cruelmente a avançada civilização maia, as Cavernas Loltun ofereciam à população local excelentes esconderijos para os seus livros e riquezas insubstituíveis. Há um relato de um velho eremita maia que guarda um tesouro inestimável escondido em Yucatán, nas profundezas destes ⁹ Os preciosos valores do eremita cavernas. ⁹podem referir-se a algo tangível, ou talvez o relato faça alusão às percepções superiores e ao conhecimento espiritual superior dos maias e de seus ancestrais que ainda não compreendemos completamente. As cavernas de Yucatán são especialmente extensas e confusas, com passagens estreitas e sinuosas e penhascos íngremes, por isso os exploradores não as investigaram completamente. Algum dia, um pesquisador habilidoso descobrirá registros valiosos das civilizações de Mu e Atlântida, e talvez até mesmo alguns de seus valiosos bens de ouro e cristal. Os livros dos maias são outra possibilidade, ou o mapa dos registros maias que Le Plongeon escondeu em um caverna.

O mar acabou por cobrir inúmeros edifícios ao largo da costa de Yucatán. Como fantasmas do passado, as ruínas das estruturas são hoje visíveis sob a água, bem como as estradas que partem da costa e desaparecem no Mar do Caribe.

Os cientistas confirmaram recentemente que antes de 9.000 a.C., as pessoas viviam em Belize, na costa sul da península de Yucatán. Algum dia, os arqueólogos ocidentais reconhecerão os lemurianos e os atlantes e os seus descendentes que se estabeleceram aqui.

[\[conteúdo\]](#)

■

66. Caldwell, O Romance da Atlântida.

67. Cayce, Edgar Evans, Na Atlântida, p. 70.

68. Cayce, Leituras 877–26.

69. Bethards, Atlântida, p.28

70. Cayce, Leituras 364–12.

71. Ibid., Leituras 1007–3 e 2690–1.

72. Bethards, Atlântida, p. 33, 34.

73. Esperança, Magia Atlante Prática, p. 153.

74. Ibidem.

75. Platão, Crítias.

76. Cayce, Leituras 1207–1.

77. Ibid., Leituras 2.454–3.

78. Ibid., Leituras 2581–2.

79. Ibid., Leituras 1678–2.

80. Fix, Odisseia da Pirâmide, p. 100.

81. Cayce, Leituras 1193–1.

82. Sykes, Atlântida, Volume 27, No.

83. Ibidem.

84. Donato, Um Reexame da Teoria da Atlântida.

85. Ibidem.

86. Cayce, Leituras 5750–1.

87. Cayce, Leituras 5750–1.

88. Esperança, A Antiga Sabedoria da Atlântida, p. 111.

89. Brown, O enigma do Pacífico.

90. Zapp e Erikson, Atlântida na América.

91. Ibidem.

92. Gregory Berg, correspondência privada.

93. <http://www.students.tulane.edu>.

94. Hadingham, Segredos da Idade do Gelo, p. 145.

95. Umland, Mistério dos Antigos.

96. Halifax, Vozes Xamânicas, p. 17.

97. Bahn e Vertut, Imagens da Idade do Gelo, p. 190.

98. Walton, Monte Shasta, pág. 11.

6

norte

América

-

Tal como o açúcar atrai continuamente formigas, durante um longo período de tempo, partes do continente norte-americano que escaparam à prejudicial Idade do Gelo atraíram pessoas de Mu, da Cadeia Atlântica, das Caraíbas e da América Central. Evidências de sua presença estão surgindo lentamente. Todos os anos, arqueólogos e outros estudiosos atrasam as datas da civilização em áreas onde viveram descendentes de atlantes e lemurianos. Os ossos humanos no Meadowcroft Rockshelter, na Pensilvânia, datam de 12.500 a.C., e os destroços indicam que seres humanos viveram lá milhares de anos antes dessa época. Ferramentas e outros resíduos encontrados em Cactus Hill e Saltville, na Virgínia, e em Topper, na Carolina do Sul, confirmam que as pessoas se estabeleceram neste país muito antes de 10.500 a.C.

Os investigadores não só descobrem regularmente locais mais antigos, como também provaram recentemente que a datação por radiocarbono, que tinha sido aceite como um guia aproximado para a idade de um objecto, pode ser imprecisa em milhares de anos. Cientistas britânicos e americanos, verificando a datação por urânio, um método mais novo e mais preciso, descobriram que a datação por radiocarbono tornou-se mais desatualizada à medida que recuavam no tempo.

A Dra. Johanna Nichols, da Universidade da Califórnia, Berkeley, depois de analisar a forma como as línguas mudaram e se diversificaram neste país, sugere que as pessoas estão aqui há 30.000 a 40.000 anos. Theodore Schurr, da Emory University em Atlanta, Geórgia, chegou a uma conclusão semelhante depois de estudar o DNA do cabelo de cabras selvagens em locais pré-históricos onde os humanos construíram suas casas.¹

Assim como os primeiros atlantes a se mudarem para Poseidia e Yucatán foram aqueles que altruisticamente se concentraram em amar e cuidar dos outros, as sacerdotisas lemurianas espiritualmente sintonizadas que ensinaram a Lei do Um estavam entre os primeiros colonizadores nas terras do Arizona, Novo México, Nevada⁰, e Utah.^{1 1} Lendas dos Hopi e Zuni Pueblo alegam que seus ancestrais distantes vieram de Mu e viajaram para o Arizona e Novo México.^{1 2} Essas⁰ memórias são reforçadas pelos maias da América Central, que acreditam que os lemurianos vieram para a terra onde hoje vivem os Hopi e, à medida que depositaram seu conhecimento, o ativaram como um novo lugar espiritual.^{1 3}

0

Num penhasco em Grapevine Canyon, Nevada, os Lemurianos esculpiram a planta baixa de um templo que ergueram como um tributo às inúmeras almas que pereceram quando a Terra tremeu e a sua Pátria afundou no mar. Outra história gravada em pedra em Nevada diz que Mu, o Império do Sol, que fica do outro lado do oceano na direção do sol poente, está agora na escuridão.¹ ÿ Em todo o sudoeste dos Estados Unidos e na América Central, os lemurianos e seus descendentes se aprimoraram. rochas e templos com suásticas esculpidas ao contrário; sua linda e sagrada flor de lótus; e a cruz simples de braços iguais que representava as quatro grandes forças criativas da terra, do ar, do fogo e da água.

Tal como as colônias de abelhas que procuram um novo local de habitação sempre que os seus ninhos são perturbados, quando condições instáveis perturbavam as suas vidas, milhares de atlantes e seus descendentes deixaram as suas terras natais entre 50.000 a.C. e 10.000 a.C. Poseidia e Yucatán em uma ponte de terra que se estendia de Cuba quase até a cadeia de ilhas de Key West. Em pequenos barcos, diferentes grupos alcançaram e subiram o rio Mississippi. A variedade das suas ferramentas, dentes e ossos, lendas e trabalhos de terraplenagem reflectem este longo período de tempo durante o qual os hábitos e características físicas dos refugiados que chegavam mudaram.

Os Cherokee foram um dos primeiros a chegar à América do Norte. No seu recente livro *Voices of Our Ancestors*, Cherokee Dwyani Ywahoo revela a sua decisão de partilhar ensinamentos que o seu povo preservou cuidadosamente desde o início do seu tempo. Dwyani recebeu o conhecimento dos avós e bisavós, que aprenderam com os avós. A história Cherokee começa com o povo das estrelas conhecido como os sete dançarinos (as Plêiades), que se estabeleceram na Atlântida e lá viveram felizes por muitas gerações. Quando as ilhas começaram a se desintegrar, seus descendentes mudaram-se para o oeste, para o continente americano, onde eram conhecidos como Cherokee.

O modo de vida dos Cherokee e suas habilidades matemáticas avançadas, conhecimento detalhado de astronomia e lendas sobre suas fontes de poder refletem a sabedoria e as realizações de seus ancestrais atlantes. Os Cherokee acreditam que a atenção plena, o amor e o cuidado pelos outros e pelo seu ambiente natural mantêm o equilíbrio do planeta e, portanto, a harmonia no universo. Seus curandeiros já utilizaram cristais para capturar e gerenciar a energia positiva da Terra para seu próprio uso. Eles acreditavam que essa energia positiva vinha de dragões poderosos que chamavam de Ukdena, que representavam o padrão de onda da energia magnética da Terra. Com cristais e antigos rituais sagrados, os Cherokee controlavam essa energia e mantinham um equilíbrio harmonioso de poder do sol, da lua, da Terra e do universo. Eles cultivaram colheitas abundantes e viveram felizes. Imersos em seu mundo natural, eles levaram vidas plenas e satisfatórias até que a civilização ocidental invadiu e o número de curandeiros Cherokee diminuiu, os rituais diminuíram e os xamãs perderam o poder do dragão e sua relação benéfica com as correntes de energia do universo.¹ ÿ

0

Edgar Cayce descreve outro grupo de primeiros visitantes da Atlântida que acamparam em um local perto de Talladega, Alabama, para fazer uso das técnicas de cura que trouxeram consigo. As águas de um rio próximo ajudaram a aliviar pessoas com febre, infecções e distúrbios digestivos. Seguindo as instruções de um tutor de um templo em Poseidia, os atlantes construíram condutos de cedro que levariam a água benéfica até as casas das pessoas.¹

06

Os Dakota lembram que seus antepassados viviam em cidades em ilhas ao sul, muitas das quais agora estão sob o mar.¹ ÿ Lendas dos Iroqueses, Sioux, Mandans e Delaware referem-se à casa de seus ancestrais como uma ilha que afundou mas já esteve no Oceano Atlântico “na direção do nascer do sol”.¹ ÿ Todas essas pessoas mantêm o nariz aquilino, as maçãs do rosto salientes⁹ e os longos crânios de seus ancestrais atlantes,¹ características físicas que são completamente diferentes dos imigrantes do Extremo Oriente. que se estabeleceram no oeste dos Estados Unidos.

Um grande número de grandes caçadores, conhecidos como o povo Clovis, apareceu pela primeira vez na foz do rio Mississippi por volta de 10.000 aC, quando a Lemúria e a Atlântida desapareceram. Suas armas, chamadas pontas Clovis, eram pontas de pedra bifaciais e caneladas, geralmente com 25 centímetros de comprimento. Os arqueólogos usaram a palavra “pontas” porque não tinham certeza do tamanho do povo Clovis. Se os caçadores fossem altos, as pontas eram pontas de flecha; se os caçadores fossem baixos, as armas eram pontas de lança. Da foz do Mississippi, o povo Clovis se espalhou para o

sudeste e, eventualmente, sobre grande parte da América do Norte.

Embora não tenham sido os primeiros a migrar para este continente, diversas fontes indicam que o povo Clovis veio da direção da Atlântida. As armas dos Clovis são idênticas às mais antigas do povo Solutreano que vivia no sudoeste da França e da Espanha, no litoral e ao longo das margens dos rios que desembocavam no Oceano Atlântico antes do naufrágio final da Atlântida. Nenhum ponto Clovis foi encontrado na Sibéria ou no nordeste da Ásia. Os especialistas acreditam que é altamente improvável que a semelhança no complicado processo intelectual de duplicação das armas de pedra Clovis e Solutrean tenha sido uma coincidência.

Os Clovis no continente norte-americano e o povo Solutreano na Europa praticavam muitos costumes semelhantes. Ambos enterraram seus mortos com ferramentas de pedra primorosamente confeccionadas em esconderijos cheios de ocre vermelho e usaram itens semelhantes em suas cerimônias. Ambos os grupos moldaram o marfim de mamute da mesma maneira para pesar suas armas e endireitaram suas lanças com chaves de eixo. A pesquisa genética também aponta para o seu local de origem comum, pois essas pessoas que entraram nas Américas em 10.000 aC eram de um grupo caucasiano europeu de DNA denominado haplogrupo X.¹¹ A ilha de Atlântida, no oceano entre seus continentes, é uma possibilidade provável para sua pátria inicial.

Evidências de uma civilização anterior estão sendo descobertas sob sítios originais de Clovis de 10.000 a.C. As ferramentas desses primeiros colonizadores, como aquelas que os arqueólogos estão estudando perto de Allendale, na Carolina do Sul, que datavam de pelo menos 16.000 anos atrás por luminescência opticamente estimulada, eram muito diferentes das ferramentas de pedra dos Clóvis.¹¹ Os povos pré-Clóvis eram mais dependentes da pesca, o que indica que provavelmente vieram de uma ilha natal, onde as águas do oceano que cercavam a terra faziam da pesca uma ocupação natural.

O xamanismo, que até recentemente era o método mais praticado para obter conselhos de cura neste planeta, é difundido na África, no Pacífico Sul e na América do Sul, todos os lugares onde viviam Lemurianos e Atlantes. Por mais de 12.000 anos, os xamãs nativos americanos, seguindo os passos de seus ancestrais intuitivos, usaram suas mentes para viajar para a área sombria onde os mundos mundano e espiritual se sobrepõem e se misturam. Tambores, cânticos, danças, suores e drogas específicas feitas de plantas e ervas permitem-lhes entrar naquele lugar misterioso e procurar a ajuda de ajudantes espirituais.

Uma vez lá, os xamãs recebem orientação na cura e acesso à sabedoria infinita dos ancestrais.

Edgar Cayce explica que os arqueólogos encontram poucos restos dos corpos dos primeiros colonizadores deste continente porque os primeiros atlantes que vieram para cá, e seus descendentes imediatos, cremaram seus parentes quando morreram.¹¹² Na América do Norte, ossos de habitantes pré-históricos aparecem ocasionalmente, mas, devido à Lei de Proteção e Repatriação de Túmulos de Nativos Americanos de 1990, o estudo deles é quase impossível. Os nativos americanos que acreditam que o seu povo não migrou de outro continente e que estão aqui “desde o início dos tempos”, foram fundamentais na aprovação de legislação que estabelece que todos os esqueletos pré-históricos encontrados nos Estados Unidos devem ser enterrados novamente. Embora os arqueólogos demonstrem que as características destes esqueletos não apresentam qualquer relação com qualquer tribo moderna que viva na área onde os ossos foram encontrados, os cientistas não recebem permissão para testá-los. A intenção daqueles que defenderam a lei era proteger os restos mortais sagrados dos seus antepassados dos ladrões de túmulos, mas, na prática, permitiu aos activistas tribais impedir o estudo do ADN dos povos antigos, dificultando a descoberta do seu local de origem.

Em julho de 1996, ao longo da margem do rio Columbia, em Kennewick, Washington, dois homens descobriram o esqueleto de um homem de um metro e meio de altura que pescava naquele rio há cerca de 9.300 a 9.600 anos. A face longa e estreita do crânio é completamente diferente da dos índios americanos próximos, no noroeste dos Estados Unidos, e os cientistas estão esperançosos de que receberão permissão legal para estudá-lo completamente. Sete esqueletos completos semelhantes ao “homem Kennewick” foram encontrados na América do Norte, bem como fragmentos de pelo menos vinte outros. Dois antigos crânios americanos, muito diferentes, também permanecem um mistério.¹¹³

Edgar Cayce diz que os atlantes de segunda geração que viajaram para o norte vindos de Yucatán estavam entre os construtores de montes de Kentucky, Indiana e Ohio.¹¹⁴ Muito antes da história escrita, pessoas em todo o sul, centro e leste dos Estados Unidos moveram enormes quantidades de terra para erguer imensas colinas artificiais. Os primeiros europeus referiam-se a estas estranhas construções como “montes”. É difícil determinar exatamente quando os montes foram construídos e as estimativas variam, pois muitas vezes novos montes eram construídos sobre restos de antigas estruturas sagradas. Da mesma forma, os cristãos colocaram as catedrais de São Paulo em Londres e Chartres na França em locais espirituais fortes onde povos pagãos pré-históricos, que sentiam a alta energia da área, outrora construíram templos.

Os descendentes atlantes na América do Norte ergueram numerosos montes em forma de pirâmide, cujos lados eram frequentemente orientados para corresponder exatamente aos pontos cardeais da bússola.¹¹⁵ Uma pirâmide tão grande quanto a Grande Pirâmide de

Quéops, no Egito, ficava na interseção dos rios Missouri e Mississippi, em East St. Quando este enorme monte foi dizimado no século XIX, continha materiais bordados, belas jóias de ouro, prata e cobre, e pergaminhos que pareciam ter escrita na sua superfície.¹¹

6

Em 1890, em nome do Smithsonian Institution, Cyrus Thomas fez “explorações” sistemáticas de centenas destas colinas artificiais no sudeste dos Estados Unidos. Seu trabalho consistiu em destruir e demolir as estruturas antigas. Na mesma área, pessoas bem-intencionadas também destruíram enormes torres, paredes com mais de 250 metros de comprimento e canais de até 24 quilômetros de extensão.¹¹

As inúmeras linhas ley nos Estados Unidos podem ajudar a explicar os Ukdena dos Cherokee, os dragões que representavam as ondas da energia magnética da Terra. As linhas Ley, caminhos perfeitamente retos feitos pelo homem que são visíveis do ar em todos os continentes, foram documentadas pela primeira vez na Inglaterra por Alfred Watkins em seu livro *The Old Straight Track*. As linhas se estendem por centenas de quilômetros sobre todos os tipos de terreno, em vales profundos e diretamente em colinas altas na Grã-Bretanha, Alemanha, China e Estados Unidos. Na Grã-Bretanha, igrejas, montes, encruzilhadas, cemitérios, marcos, castelos e vaus continuam a identificar as linhas ley que são sempre perfeitamente retas.¹¹

O grande monte em Portsmouth, Ohio, de onde grupos de montes se estendem em círculos concêntricos até West Virginia e Kentucky, está localizado em uma linha ley que vai de Marietta, Ohio, a mais de 65 milhas de distância, até Lexington, Kentucky, a 190 milhas na outra direção. A linha está a 59 graus do norte verdadeiro, o ângulo exato do nascer do sol em Marietta em 21 de junho, dia do solstício de verão.¹¹ Não ⁹ sabemos o propósito das linhas Ley, mas esse ângulo se correlaciona com as lendas na Grã-Bretanha de que afirmam que quando o sol brilhava diretamente em um desses cursos ao nascer do sol, os druidas subiam no ar e se moviam ao longo deles. O cientista John Mitchell sugere que as linhas ley foram construídas para canalizar o fluxo da energia magnética da Terra.¹² Em 1987, funcionários da cidade de Seattle, Washington, iniciaram um projeto abrangente de mapeamento das linhas nas suas proximidades. Eles planejam colocar uma série de obras de arte ambientais em pontos-chave de poder para marcar e talvez aumentar a energia invisível.¹²¹

Os construtores pré-históricos muitas vezes construíam montes onde as linhas ley se cruzavam, pois acreditavam que enormes vórtices de energia eram criados nesses locais. À medida que aprendemos mais sobre as linhas misteriosas e a rede de energia magnética que envolve a Terra, poderá ser possível realizar rituais em locais poderosos que

enviaria energia ao longo das linhas ley para promover a paz e a compaixão.

[\[conteúdo\]](#)

■

99. BBC News, Ciência/Tecnologia, 29 de junho de 2001.

100. The Economist, 21 de fevereiro de 1998, “Os Primeiros Americanos”.

101. Cayce, Leituras 851–2.

102. Estrela Vermelha, Ancestrais Estelares, p. 213.

103. Ancião maia Hunbatz Men para Nancy Red Star, Star Ancestors, p. 91.

104. Churchward, O Continente Perdido de Mu, p. 206, pág. 203.

105. Ywahoo, Vozes de Nossos Antepassados, p. 16.

106. Cayce, Leituras 707–2.

107. Hansen, Ele caminhou pelas Américas, p. 76.

108. Goodman, Gênese Americano, p. 37.

109. Hansen, O Antigo Atlântico.

110. Little e Van Auken, O Salão Perdido dos Registros, p. 269.

111. Neara Transit, Primavera de 2000, p. 6.

112. Cayce, Leituras 914–1.

113. The Economist, “The First Americans”, 21 de fevereiro de 1998, pp.

114. Cayce, Leitura 3528–1.

115. Hansen, Ele caminhou pelas Américas, p. 181.

116. Hansen, O Antigo Atlântico, p. 39.

117. Mertz, Atlântida: Morada dos Deuses, p. 103.

118. Watkins, Manual de Ley Hunter, capítulo 2.

119. Ted Bauer em The Marietta Times.

120. Michell, A Nova Visão Sobre a Atlântida.

121. Plantier, Ann, "Encontrando lugares de poder em seu próprio quintal", Fate Magazine, maio de 2001, p. 25.

7

sul

América

■

Quando os lemurianos perceberam que suas terras iriam desaparecer, em suas tentativas desesperadas de preservar o conhecimento, eles levaram registros e artefatos para o leste, para a América do Sul, e para o oeste, para a Índia e o Tibete. Aqueles que foram para o Peru foram especialmente bem-sucedidos em salvar informações valiosas, pois se mudaram para o interior, para áreas isoladas nas montanhas, onde seus descendentes evitavam o contato com a civilização contemporânea.

Além do conhecimento precioso, os sacerdotes levaram seu valioso e incomum Disco Dourado do Sol para a América do Sul. Desde o passado obscuro, o disco repousava sobre um altar no Templo da Luz Divina na Pátria de Mu. Simbolizando o Grande Sol Cósmico ou Criador, além de servir como ponto focal de concentração durante a meditação, o disco tinha outras funções mais notáveis. Quando combinado com certos espelhos, lentes e refletores de ouro, era capaz de produzir uma luz que curava e, quando atingido por um sacerdote-cientista que entendia seu funcionamento, emitia vibrações extremamente poderosas.¹²²

Quando chegaram à América do Sul, os Lemurianos levaram o seu precioso Disco de Ouro para o Mosteiro da Irmandade dos Sete Raios no Lago Titicaca, onde os nativos Quechua o guardavam. Depois de um longo período de tempo, os Incas chegaram à América do Sul, e quando estavam avançados o suficiente para usar o disco lemuriano em benefício de outros, os quíchuas o levaram para eles. O Inca pendurou o valioso objeto no Templo do Sol em Cuzco com cordas de ouro. Os buracos para as cordas ainda são visíveis no Convento de Santo Domingo, construído no topo do antigo Templo Inca do Sol. Quando Pizarro e seus soldados chegaram ao Peru, os quíchuas rapidamente retiraram o Disco de Ouro e o levaram de Cuzco

para um esconderijo secreto, seja nos Andes ou no Lago Titicaca. Recentemente, um grupo se organizou para procurar o Disco Dourado do Sol.¹²³

Acredito que um ramo de uma antiga irmandade dos Andes está a recriar práticas espirituais outrora utilizadas na Lemúria.

-Lew Ross

Um sábio peruano, Anton Ponce de Leon Paiva, emergiu das profundezas dos Andes para trazer ensinamentos secretos e a verdadeira história do passado ao mundo exterior. Em *Em Busca do Sábio*, Anton nos conta que, quando jovem, foi vendado e levado para uma aldeia escondida onde os Quechua, antecessores dos Incas, guardaram secretamente informações de seus ancestrais por centenas de anos. Enquanto estava na aldeia, Anton foi iniciado na Irmandade do Sol, um ramo sul-americano da Irmandade Branca, que existe desde a época da Lemúria. Perto de Cuzco, Peru, Anton estabeleceu um centro que realiza uma cerimônia espiritual venerando a geometria sagrada e oferece informações espirituais adicionais da Lemúria.

Vimos da antiga terra vermelha quando o deus do fogo rastejou para fora das cavernas e enfiou sua longa língua no mar, pois nesta terra a terra caminhava, e o mar subia em ondas montanhosas e cobria os templos fumegantes e em chamas. . Vimos em navios, navegando até as altas montanhas das neves do sul.

—chefe apache asa delugio

¹²³

Depois de deixar a Atlântida, Asa Delugio diz que seus ancestrais encontraram abrigo temporário em imensos e antigos túneis nas altas montanhas da América do Sul. Eventualmente, guerreiros selvagens forçaram os antecessores de Asa Delugio a se moverem para o norte através de passagens subterrâneas até a América Central, onde as famílias vagavam o

suas sementes e fruteiras por muitos anos antes de finalmente se estabelecerem no Arizona. Os Sioux aparentemente seguiram uma rota semelhante para chegar à América do Norte. Anos mais tarde, quando o chefe Sioux Shooting Star fez uma viagem aos altos Andes, os peruanos o receberam com seu antigo sinal privado, que era idêntico ao sinal de saudação dos Sioux. Shooting Star de repente percebeu que seus ancestrais também viajaram para sua atual terra natal através da América do Sul.¹²

A descrição de Asa Delugio dos túneis subterrâneos na América do Sul se correlaciona com numerosos relatos dos primeiros espanhóis, povos nativos e exploradores aventureiros. Alguns relatos descrevem uma rede que em certa época tornou possível viajar no subsolo por 640 quilômetros, de Cuzco, no Peru, até Tiahuanaco, na Bolívia.

Imagens de radar confirmaram recentemente a presença do que parecem ser antigas salas e túneis 100 metros abaixo da cidade de Cuzco. Um túnel liga o Templo do Sol a cinco outros edifícios incas em Cuzco que estão em perfeito alinhamento astronômico. Uma porta de dois metros para as áreas subterrâneas oferece acesso a uma passagem que leva ao sítio arqueológico de Sacsayhuaman, uma antiga fortaleza inca no topo de uma colina acima de Cuzco. Diz-se que os Incas em Cuzco fugiram dos espanhóis através de um túnel que os levou às florestas e montanhas a leste de Cuzco, possivelmente à sua cidade perdida de Gran Paititi, que fica naquela direção.

Em 1923, o governo peruano enviou um grupo da Universidade de Lima para explorar a misteriosa rede. Eles usaram uma entrada em Cuzco como ponto de partida.

Depois de alguns dias, os membros da expedição que estavam do lado de fora perderam contato com os que haviam entrado e tudo ficou quieto. Doze longos dias depois, um homem faminto emergiu. Ele relatou labirintos confusos e passagens escuras em formato de trapézio.¹² As histórias dizem que um dos túneis de Cuzco leva a uma tumba real onde lajes de pedra esculpida giram e giram tão repentinamente que ladrões em potencial ficam presos.¹² Isso pode ser o que aconteceu com alguns dos numerosos curiosos que desapareceram nas passagens antes que as autoridades fechassem as entradas de Sacsayhuaman e Cuzco em 1923.

Antigos túneis sul-americanos são visíveis em outras áreas. Em 1972, um forte terremoto em Lima, no Peru, expôs longas passagens subterrâneas que parecem levar às montanhas no leste. Era impossível viajar com eles, pois estavam em péssimas condições depois de tanto tempo. Nas ruínas de Samaipata, no leste da Bolívia, há uma entrada para um túnel inexplorado feito pelo homem. A passagem leva para noroeste, provavelmente para uma montanha a cerca de quinze quilômetros de distância, e possivelmente mais longe.¹²

Situada no topo de uma montanha, muitos quilômetros a oeste de São Paulo, no Brasil, a cidade turística de São Tomé das Letras apresenta um elaborado túnel feito pelo homem que é um verdadeiro feito de engenharia. Esculpido em terra, tem pelo menos dois metros de altura e largura suficiente para uma pessoa viajar com facilidade. Certa vez, membros do exército brasileiro tentaram explorar a passagem. Depois de quatro dias no subsolo, eles chegaram a uma sala com aberturas para três túneis, além daquele que usavam para chegar à sala. Depois de explorar a sala por algum tempo, eles desistiram e retornaram à superfície.

Um homem que mora na cidade de São Tomé das Letras diz que conhece o túnel e que um trecho dele vai até Machu Picchu, nos Andes peruanos.¹²

9

Numa leitura que fez a uma cliente, que já foi uma menina chamada Amammia, que viveu neste continente por volta de 10.000 a.C., Edgar Cayce oferece um exemplo de um atlante que foi para a América do Sul. Amammia era uma seguidora da Lei do Um, mas quando viajou para o Peru se apaixonou pelas coisas materiais, especialmente pelo ouro abundante. Amammia acumulou sua riqueza, aspirava ter poder sobre as mentes dos outros e concentrava-se em embelezar sua aparência física.

Cayce disse a sua cliente que, como resultado de suas experiências naquela vida passada, ela tinha medo de pessoas que se concentravam em objetos materiais em vez de espirituais.^{13 0}

Os exploradores encontraram o estranho Paria, de pele branca, cabelos louros e olhos azuis, que vivia na aldeia de Atlan, nas florestas virgens entre os rios Apure e Orinoco, na Venezuela. Os Paria podem ser descendentes de atlantes que foram para a América do Sul e lá permaneceram, pois contaram aos aventureiros que seus ancestrais distantes eram uma raça nobre e próspera que vivia em uma enorme ilha no oceano, que uma catástrofe destruiu. Quando os nativos venezuelanos próximos aprenderam sobre as mulheres Paria com a curiosa pele branca, eles capturaram as mulheres e as usaram como concubinas. No século XVI, os espanhóis encontraram haréns de mulheres brancas Paria, algumas das quais estavam cegas por serem mantidas na semiobscuridade.¹³¹ No futuro, traduções de monólitos nas selvas venezuelanas que estão cobertos de hieróglifos e esculturas estranhas podem oferecer mais informações sobre estes primeiros colonos.

Relatos intrigantes de banderistas, missionários e nativos retratam ruínas elaboradas nas profundezas da selva amazônica do Brasil, perto das quais viviam “estranhos índios brancos” com barbas.¹³² Histórias sussurradas falam dos restos de grandes cidades como El Dorado, cujas pedras caídas estão cobertas de vegetação com vinhas e árvores densas. Os contos retratam metais brancos e dourados e até lingotes de ouro e belas joias que os habitantes deixaram em El Dorado ao saírem às pressas de suas casas. Inspirado

segundo estes relatos, exploradores intrépidos enfrentaram e muitas vezes sucumbiram à malária e outras doenças mortais, cobras, pântanos perigosos e nativos ferozes e hostis enquanto procuravam em vão. O coronel britânico Percy W. Fawcett passou dezenove anos tentando encontrar ruínas que ele acreditava terem sido cidades atlantes. Dizia-se que essas cidades tinham pedras em pilares altos que brilhavam à noite com a energia solar armazenada em reservatórios subterrâneos. Fawcett relatou que alcançou seu objetivo com sucesso. Mas ele nunca mais voltou.¹³³ Dez anos depois, sua esposa contratou Geraldine Cummins, uma médium, que contactou Fawcett com sucesso. Ele comunicou que não estava morto, mas sim num estado semiconsciente na selva sul-americana – um prisioneiro numa pequena aldeia.

Um relato mais tangível das riquezas disponíveis na América do Sul diz respeito ao padre italiano Carlo Crespi, que o Vaticano enviou para uma área remota do Equador em meados do século XX. Depois de fazer amizade com os nativos, eles trouxeram ao padre Crespi objetos de ouro, prata e pedras preciosas que, segundo eles, estavam escondidos em uma caverna na montanha na época de Pizarro. Estas incluíam várias coroas de ouro e uma coroa de cobre muito incomum, grande demais para uma pessoa de tamanho normal. Crespi gradualmente acumulou placas de prata com escrita hieroglífica; uma presa de elefante esculpida com figuras e desenhos em estilo chinês; esculturas incomuns de metal e pedra; longas varinhas de platina, uma das quais rodeada por serpentes entrelaçadas (caduceu); e muitos tesouros adicionais. Padre Crespi, talvez por meio de conversas com os nativos, passou a acreditar que os atlantes e os lemurianos trouxeram os tesouros de seus países quando ele estava afundando. Esta foi a única explicação para as técnicas sofisticadas envolvidas na sua produção.

Com a permissão do Vaticano, Crespi construiu um museu para abrigar seus objetos de valor. Em 1960, era uma das maiores coleções de artefatos do Equador e foi reconhecida como autoridade arqueológica. Em 1962, alguém ateou fogo ao seu extraordinário museu e este foi totalmente destruído. Padre Crespi conseguiu guardar alguns objetos, que guardou em dois quartos compridos e estreitos, mas ficaram em total desordem, pois ele era idoso demais para cuidar deles. As fotografias que Bob Brush e um amigo tiraram quando visitaram o Padre Crespi no início da década de 1970 são a única evidência destes inestimáveis artefactos do passado. David Childress os procurou em vão em 1991, mas o Padre Crespi havia morrido e nada restava. Childress não conseguiu encontrar ninguém no local que admitisse que eles existiram.

Em 1532, Pizarro, o conquistador espanhol dos Incas, capturou o Rei Inca

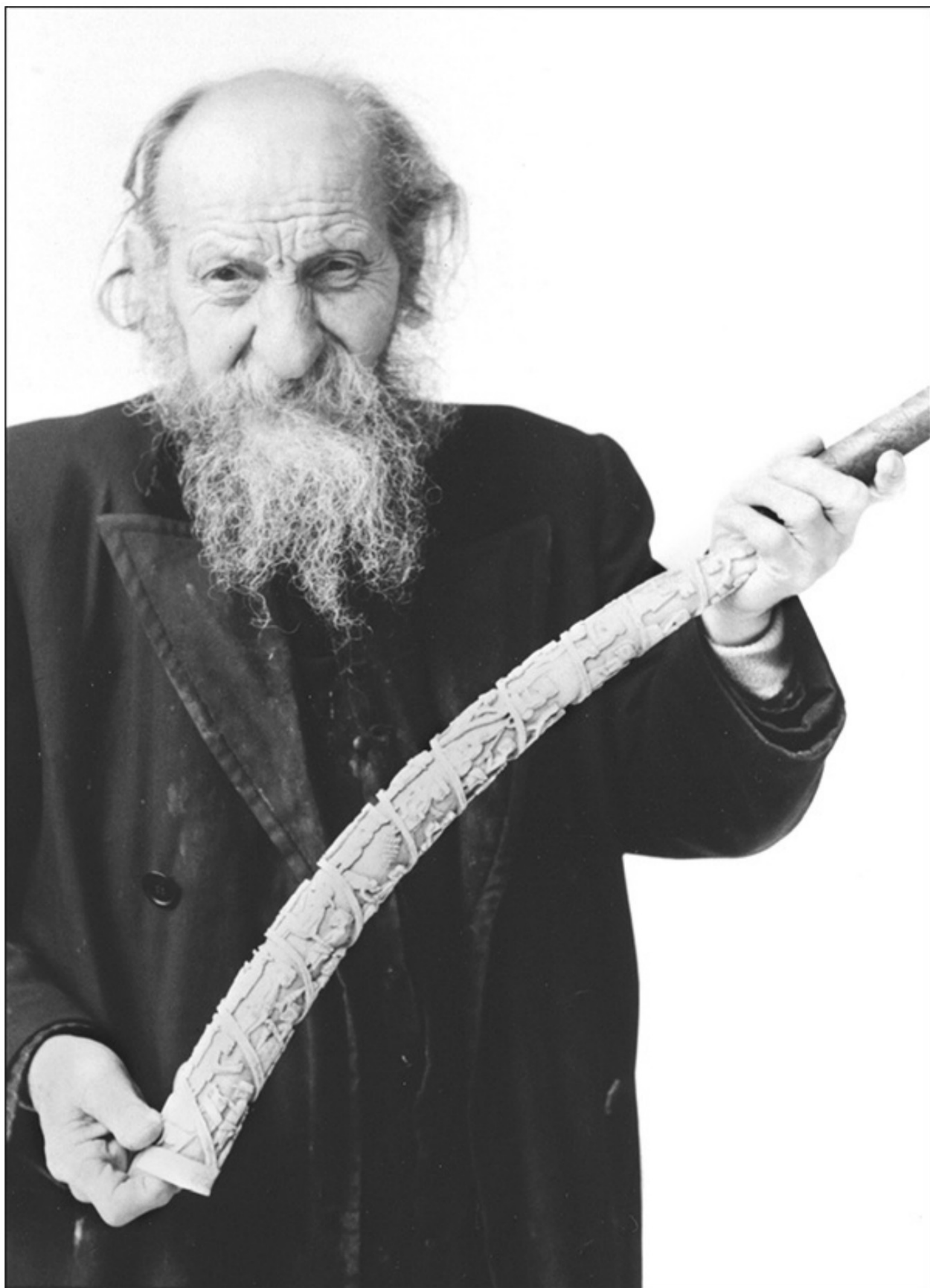
Atahualpa e o manteve como refém. Pizarro disse aos nativos que não libertaria Atahualpa até que enchessem a sala onde ele mantinha o cativo com ouro tão alto quanto o rei Atahualpa pudesse alcançar. Para atender às suas exigências, os Incas carregaram burros robustos com objetos preciosos e começaram a carregá-los para Pizarro.

Pizarro rejeitou qualquer coisa que não fosse ouro e, quando a sala estava apenas pela metade, ele matou seu refém. Quando esta terrível notícia chegou aos trens de carga que se dirigiam a Pizarro para salvar Atahualpa, eles rapidamente se viraram.

Eventualmente, os nativos esconderam suas preciosas cargas em cavernas secretas.

Crespi acreditava que os presentes inestimáveis que os nativos lhe traziam faziam parte dos tesouros que outrora estavam a caminho de Pizarro.

Em inúmeras leituras, Edgar Cayce refere-se a pessoas que trouxeram cultura e civilização da Lemúria e da Atlântida para o continente americano. Nas suas novas localidades, os imigrantes serviram como sacerdotisas e curandeiras, desenvolveram a agricultura, construíram templos e longos muros para proteção do mar, preservaram informações, trabalharam com os jovens, melhoraram o relacionamento dos indivíduos entre si e promoveram um profundo respeito pela natureza. ambiente. Durante milhares de anos, os nativos americanos preservaram esse conhecimento. À medida que se tornam confiantes de que as suas informações serão tratadas com respeito, continuarão a partilhá-las com outras pessoas. Compreender o seu passado distante é compreender o nosso.



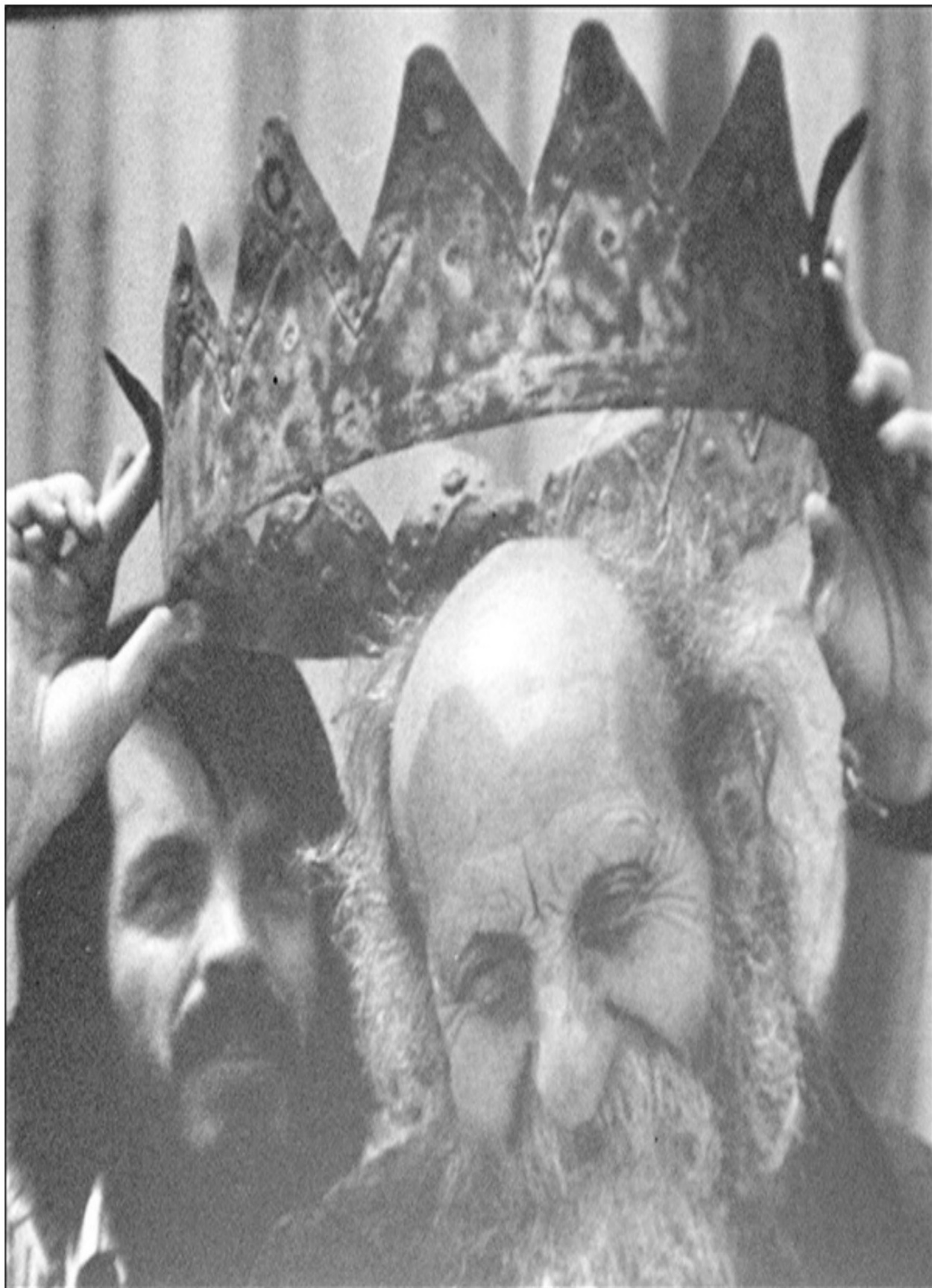
pai crespi e a presa gravada

Foto de Bob Brush



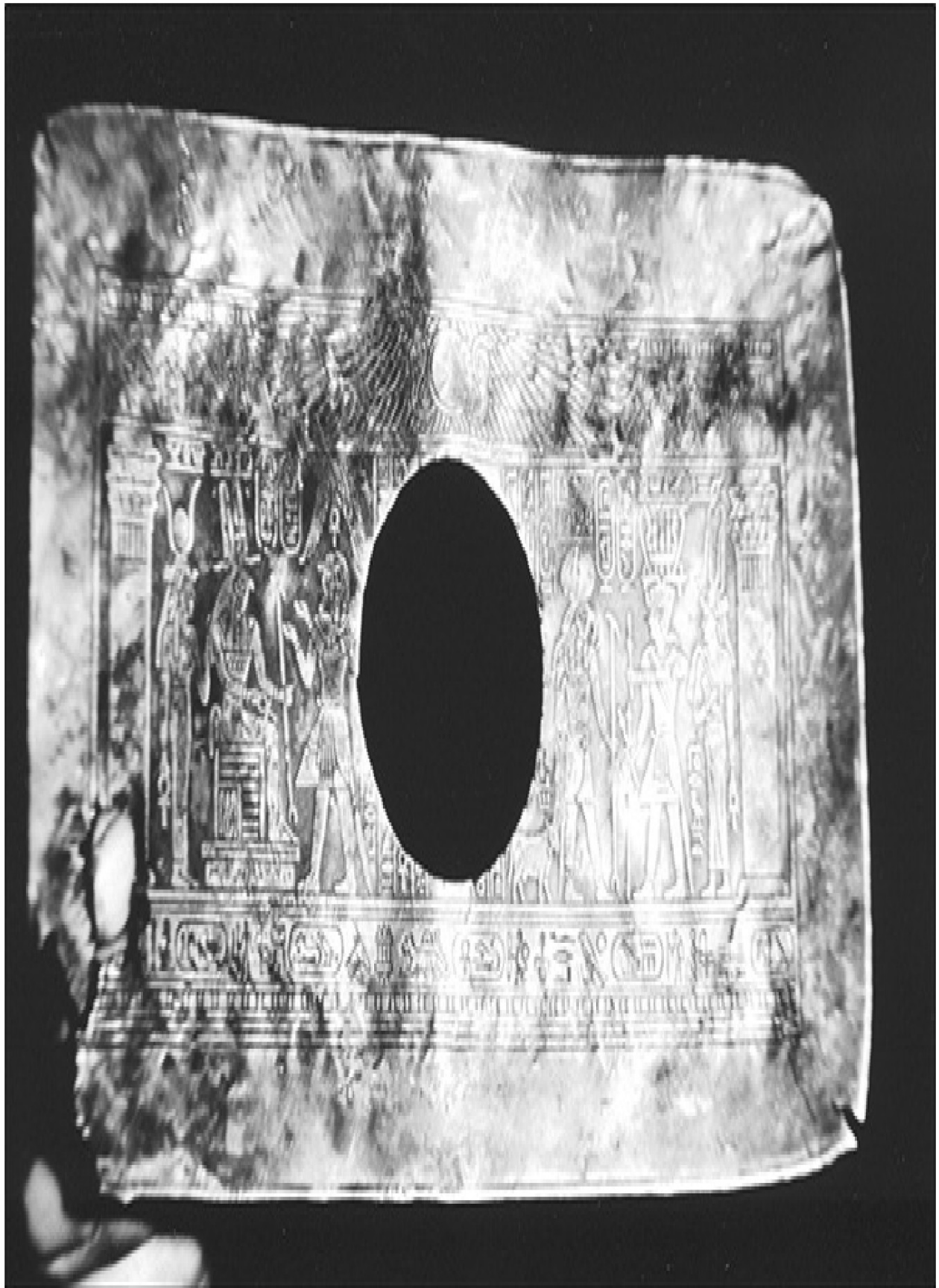
varinhas de cura de platina

Foto de Bob Brush



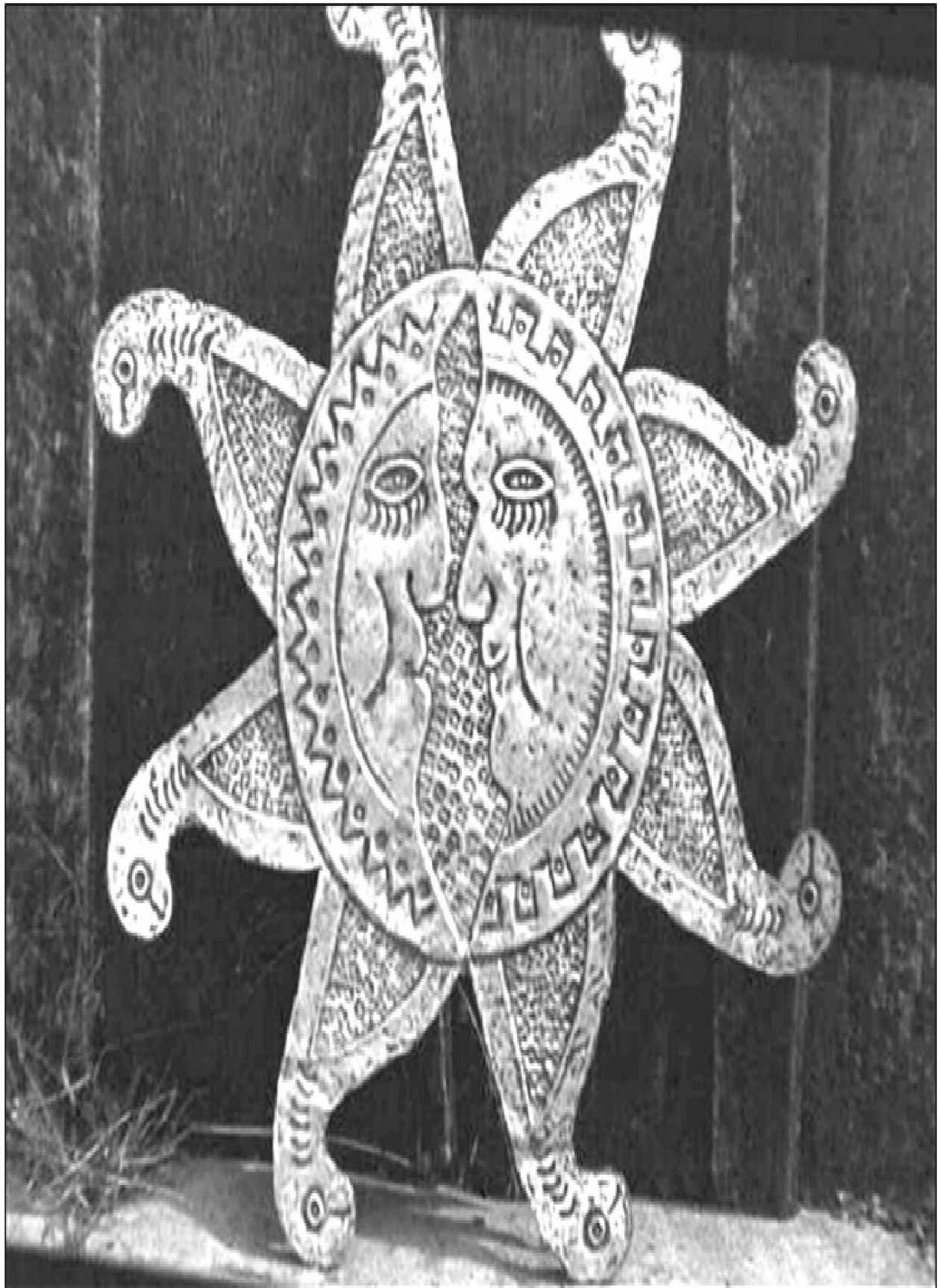
pai crespi e a coroa de cobre

Foto de Richard Wingate



escrita indecifrada em placa de metal

Foto de Bob Brush



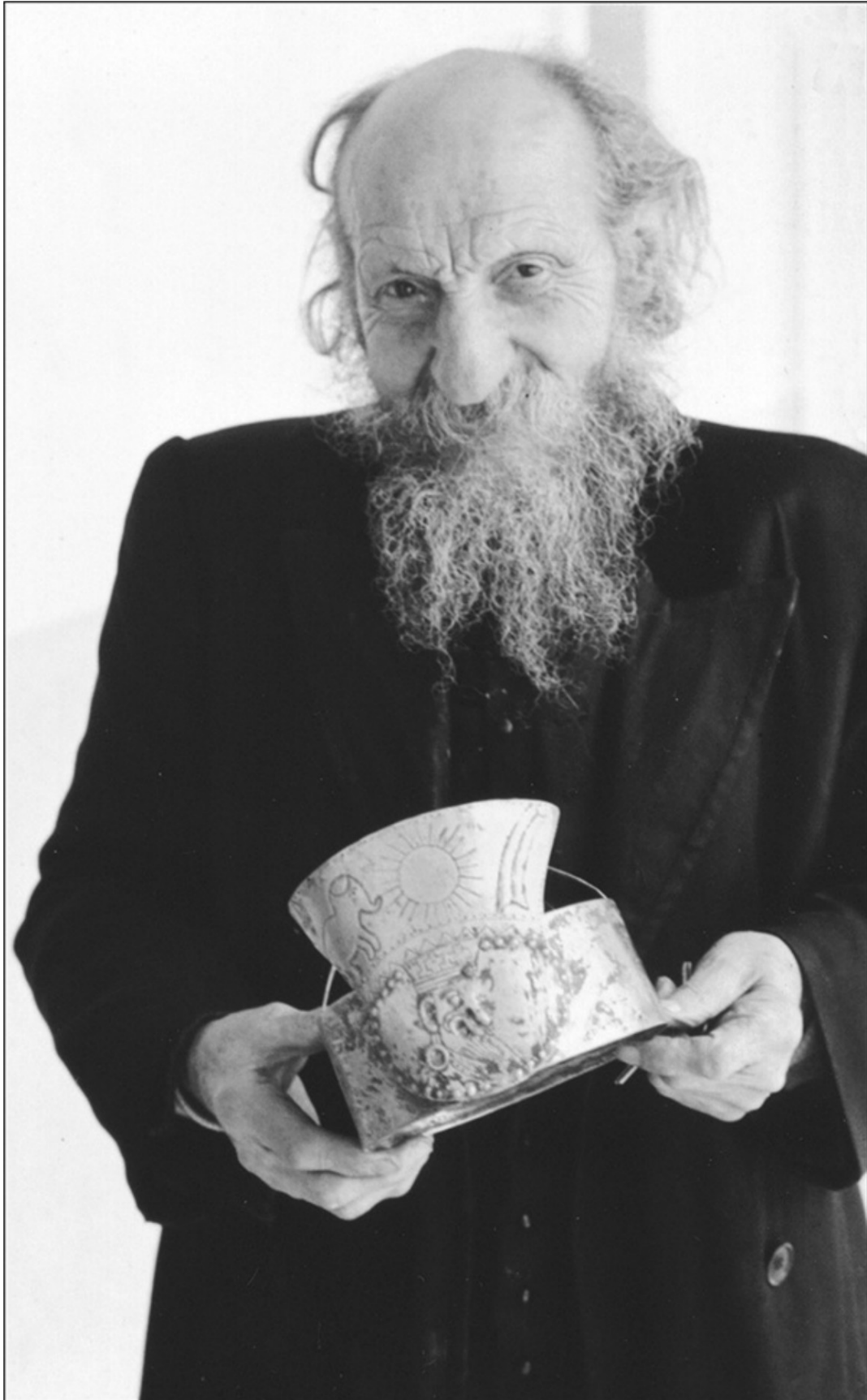
uma relíquia feita de metal que não corrói

Foto de Richard Wingate



o que pai crespí salvou do fogo

Foto de Bob Brush



pai crespi e uma coroa de ouro maciço

Foto de Bob Brush

[\[conteúdo\]](#)

■

122. Irmão Philip, Segredo dos Andes, p. 18.

123. Informações adicionais sobre o Disco Dourado do Sol estão disponíveis em Segredo dos Andes, do Irmão Philip.

124. Conforme citado em The Ancient Atlantic, de Lucille Taylor Hansen, pp.

125. Hansen, O Antigo Atlântico.

126. Childress, Explorador Mundial, Vol. 2, nº 3.

127. Wilkins, Mistérios da Antiga América do Sul.

128. Childress, Explorador Mundial, Vol. 2, nº 3.

129. Ibidem.

130. Cayce, Leituras 1183–1.

131. Braghine, A Sombra da Atlântida, p. 39, 40.

132. Wilkins, Cidades Secretas da Velha América do Sul, p. 254.

133. Veja Atlântida: Insights de uma Civilização Perdida.

8

sacerdotisas atlantes

e seus templos

■

Durante a sessão eu estava de volta à Atlântida. Todo o céu está em chamas. Há terremotos e vulcões e tudo está caindo. É um caos!

Sou uma mulher alta, com longos cabelos loiros e uso uma túnica branca. Eu sou cerca de quarenta e cinco anos. Meu nome é Aija. Estou sentado com outras sacerdotisas em torno de uma mesa em uma sala linda, mas é estranho, há muito ozônio no ar, muita energia do tipo relâmpago e. . . temer. Estamos falando sobre isso, mas Não há nada que possamos fazer.

Esta é uma sala linda e faz parte do templo, mas pedaços estão caindo do teto e as paredes racharam, não é muito seguro aqui não mais.

Estamos conversando porque sabemos que isso era possível ou aconteceria, mas esperávamos que isso não aconteceria. Sinto arrependimento por tudo que está desaparecendo; esse completamente a Atlântida de tudo isso você vê as chamas contra o céu. . . apaga luz e fogo e outras coisas saindo, e aquele barulho é tanto barulho que as pessoas . . . e não sabem o que fazer. . . eles estão apenas correndo de um lado para outro.

Eu morro, sendo soterrado sob prédios, escombros e lama. Aconteceu naquele época do ano que chamamos de dezembro.

É por isso que fico sempre cheio de tristeza nessa época do ano. Um profundo, memória profunda de algo que nunca poderei esquecer.

—herma

Este relato trágico da minha amiga Herma é uma descrição familiar das últimas horas da Atlântida. Experiências semelhantes, ou outras memórias relacionadas com afogamentos em águas muito profundas, estão enterradas nas mentes subconscientes de muitos de nós que perecemos com o nosso amado país.

Herma é uma mulher atraente com cabelos escuros, mas se descreve como uma sacerdotisa de cabelos loiros. Muitas pessoas de cabelos escuros viviam na Atlântida, mas sua referência a ser uma atlante loira também se correlaciona com descobertas arqueológicas recentes. As múmias em cavernas nas Ilhas Canárias e em outros lugares ao redor do Oceano Atlântico, onde os atlantes se estabeleceram, geralmente têm cabelos ruivos ou loiros. Eles exibem as características físicas dos Cro-Magnons, uma raça de pessoas que eram Homo sapiens, como nós. Os Cro-Magnons foram inicialmente conhecidos como o "Povo do Atlântico" porque as evidências deles se estendem ao longo da costa atlântica, do Norte da África às Ilhas Britânicas. Eles eram fisicamente fortes, com uma cavidade cerebral um pouco maior que a nossa, crânios longos e estreitos, maçãs do rosto salientes e queixos proeminentes.

Os Cro-Magnons criaram obras de arte sofisticadas nas cavernas ao longo dos rios que levam ao Oceano Atlântico do sul da França e do norte da Espanha. Suas belas pinturas e esculturas datam da era da Atlântida, de 30.000 aC a 10.000 aC. Os artistas podem ter vindo da ilha de Atlântida, onde o clima agradável, mesmo durante a Idade do Gelo, lhes ofereceu a oportunidade de aperfeiçoar suas excelentes habilidades artísticas. Ficava a uma curta distância da Atlântida até esses rios ao longo da costa do sudoeste da Europa. No próximo capítulo consideraremos outros factores que também indicam que muitos Atlantes eram Cro-Magnons.

A luz, o fogo e os ruídos retumbantes da experiência desagradável de Herma foram provenientes de terremotos e vulcões em erupção nas últimas horas da Atlântida. Se o edifício de que ela se lembra estivesse numa montanha, que não fosse um vulcão, poderia ter sobrevivido quando o oceano cobriu a terra. Quatro templos da Atlântida, construídos bem acima do mar, resistiram à destruição final. Um templo ficava em Gorias, no Gran Curral, nas Ilhas da Madeira, 300 milhas ao norte das Ilhas Canárias. Outro, o Templo de Finias, ficava na ilha de Tenerife, nas Ilhas Canárias. Na parte mais ocidental das Ilhas Canárias, o Templo de Falias ficava acima da superfície em São Miguel, e bem a oeste, através do Atlântico, nas Caraíbas, o Templo de Murias, que foi descrito num artigo anterior.

capítulo, permaneceu de pé.

Quando as águas do oceano começaram a subir e os terremotos abalaram o seu país, os Atlantes que perceberam que a destruição final era iminente subiram rapidamente até os edifícios sagrados. Quando as condições se estabilizaram, os poucos sobreviventes afortunados ficaram surpresos ao descobrir que o solo havia descido e a água havia subido tanto que eles e seus templos estavam seguros em terra, mas perto da beira da água. Em pouco tempo, as sacerdotisas dos templos da Madeira e das Ilhas Canárias estabeleceram contactos regulares entre si por via marítima. Usando o circuito horário da forte corrente da Corrente do Golfo, eles também conseguiram comunicação ocasional com os habitantes do distante Templo de Murias em Poseidia.¹³ A pesquisa intensiva do estudioso Egerton Sykes oferece informações interessantes sobre as sacerdotisas, trabalhadores leigos e soldados atlantes que trabalhou nos quatro templos. Durante séculos incontáveis, esses locais foram usados para serviços religiosos e ofereciam instalações médicas e de reparos aos viajantes marítimos visitantes. Cada extenso complexo contava com clínicas, escolas, quartéis para soldados e casas para os que trabalhavam no templo.¹³ As mulheres sacerdotisas geralmente dirigiam as atividades dos templos. Isto deveu-se em parte à forte influência das deusas da fertilidade lunar naquela época, e também porque durante algumas das suas várias civilizações, a Atlântida era uma sociedade matriarcal.

Na América do Norte, os iroqueses, que Edgar Cayce diz serem descendentes diretos dos atlantes, preservaram a cultura matriarcal dos seus antepassados. Os primeiros registos europeus indicam que as mulheres iroquesas controlavam o governo e eram proprietárias das terras que, quando deixaram este mundo, passaram para as suas filhas. Os homens iroqueses, de quem se esperava que caçassem e ajudassem no plantio, tinham que morar com a família da esposa. Se o marido não correspondesse às expectativas da esposa, ele era forçado a sair de casa e procurar outro lugar para morar.

A música era importante nos templos atlantes, pois as sacerdotisas a utilizavam extensivamente nas suas práticas de cura. Foi especialmente útil em períodos de depressão e outros transtornos mentais. Os Atlantes perceberam que cada pessoa tem uma determinada vibração, e as doenças resultam de vibrações conflitantes ou discordantes.¹³ Se a música for corretamente empregada, ela pode eliminar vibrações prejudiciais e oferecer um canal através do qual o ritmo natural e o equilíbrio do paciente podem ser transmitidos. restaurado. Antes de se tornarem sacerdotisas, as mulheres eram obrigadas a frequentar faculdades especiais onde as Musas as treinavam para serem excelentes musicistas e curadoras de sucesso.¹³ Elas aprenderam a tocar flautas e in

incluindo harpas e alaúdes, e cantar uma variedade de cantos.

Murias, por ser conhecido como centro de cura, atraiu sacerdotisas interessadas em cuidar dos outros. No templo, que era semelhante a uma combinação de clínica e spa, as pessoas recebiam conselhos sobre seus problemas físicos e também aprendiam como melhorar seus hábitos para que pudessem desfrutar de uma vida mais saudável e feliz. Os primeiros exploradores e caçadores de tesouros, quando regressaram ao continente europeu, descreveram elaboradamente Bimini como um local para a restauração da saúde e da juventude – daí a crença generalizada de que havia uma maravilhosa Fonte da Juventude algures na região das Caraíbas. Centenas de anos depois, essas histórias inspiraram as viagens de De Soto e Ponce de Leon, que corajosamente cruzaram o Oceano Atlântico na esperança de rejuvenescer.

Sykes acredita que os remédios que as sacerdotisas preparavam em seus caldeirões a partir de ervas e plantas levaram às poções que Calipso, Circe, Medeia, Medusa, a Bruxa de Endor e Morgan Le Fay prepararam. Ele ressalta que as histórias sobreviventes atribuem o poder das misturas misteriosas das bruxas ao próprio caldeirão, não aos ingredientes, pois aparentemente a maioria das pessoas acreditava que o poder estava no recipiente “mágico”, e não em seu conteúdo.¹³ Edgar Cayce identifica a área de Bimini como um lugar para melhorar a saúde. Ele sugere o desenvolvimento de um centro de regeneração ali, que aproveitaria os minerais da água.¹³ No meio dos manguezais de água salgada no norte de Bimini, os investigadores descobriram um poço de água doce que parece ser alimentado por uma nascente. . Esta área, que se assemelha a um poço muito grande, é chamada de “buraco de cura” ou “fonte”. Os nadadores relatam que um mergulho na água tem o efeito feliz de elevar o seu ânimo e fazê-los sentirem-se alegres e alegres. Alguns acreditam que passar algum tempo no “buraco de cura” melhora a artrite. A água na área de Bimini pode estimular as glândulas suprarrenais e pituitárias a produzir hormônios benéficos, o que poderia contribuir para um efeito edificante e rejuvenescedor.

Os trabalhadores que ajudaram na manutenção destes quatro templos sobreviventes da Atlântida foram escolhidos parcialmente pela sua habilidade em manter registros. Muitos deles eram Tuatha que, ao deixarem os edifícios sagrados, mudaram-se para as Ilhas Britânicas, levando consigo seus documentos. Os celtas incorporaram os dados dos Tuathas em mitos e lendas que forneceram a Egerton Sykes ampla informação sobre os templos da Atlântida. A partir dessas fontes e de outras, Sykes ainda nos fornece nomes de sacerdotisas de cada local antigo, como Medusa, Sthenno, Eurayle e Andrômeda, que serviram no Templo de Finias nas Ilhas Canárias.

Durante numerosas gerações, as sacerdotisas permaneceram nas ilhas para servir os outros, mas eventualmente muitas das de Falias, Gorias e Finias juntaram-se às Amazonas, uma grande tribo na vizinha África com mulheres governantes. Como Amazonas, estes descendentes de sacerdotisas atlantes mantiveram os seus conhecimentos e habilidades até que o Cristianismo e o Islão finalmente os eliminaram. Famosas por suas mulheres soldados especialmente cruéis e bem treinadas, as Amazonas forçaram suas mulheres combatentes a permanecerem virgens até completarem o serviço militar. Aníbal empregou ferozes cavalarias amazonas que lutavam com lanças e carregavam escudos de pele de serpente.¹

Os tesouros preciosos armazenados nos templos atlantes eram guardados com muito cuidado, pois as histórias sobre os objetos de valor eram generalizadas. Durante milhares de anos, aventureiros ansiosos por adquirir artigos valiosos organizaram elaboradas expedições na esperança de chegar às ilhas e adquirir uma preciosa relíquia atlante. Os bravos soldados, que se dedicaram a proteger os templos e seus tesouros incomuns, eram principalmente Aesirs e Vanirs da Escandinávia.

O primeiro grupo registrado de caçadores de tesouros era da Irlanda. Eles incluíam Fionn, os irmãos Tuirenn, e Labraidh, que foi escolhido para ser governante de Labrador e que deu nome ao país. A filha de Labraidh, Fand, tornou-se rainha de Labrador e casou-se com dois exploradores; primeiro, Mannannan, que a abandonou e foi para o estuário de São Lourenço, e depois Cuchulain, que é um herói em muitos épicos irlandeses.¹ Sykes conta sobre um segundo grupo de bravos aventureiros que Pepi, o Primeiro do Egito, enviou em 2.800 aC para explorar ilhas no Atlântico.

Os seus registos referem-se a uma visita aos Açores, onde encontraram um templo em Santa Maria rodeado por um largo muro. Em seu diário, um desses egípcios descreve um gato branco que pulou entre os muitos pilares de pedra branca do templo. Talvez o gato tivesse escapado de um navio onde se esperava que ajudasse no problema dos camundongos e ratos. Outros exploradores que viajaram para Santa Maria retornaram com histórias de uma mulher chamada Calipso que estava politicamente envolvida com Netuno, Oceanus e Ogyges. Num templo em São Miguel, os egípcios relatam ter inspecionado um extenso vinhedo.

Homero escreveu A Odisséia muitos séculos depois das aventuras desses intrépidos viajantes, mas acredita-se que as histórias de suas façanhas lhe forneceram os dados básicos para esta obra-prima clássica. Homero nunca navegou no Atlântico, então confundiu a sequência das experiências de Odisseu. No entanto, a pesquisa de Sykes revelou que um Odisseu naufragou em Santa Maria, onde o Calypso da época lhe emprestou um machado para cortar árvores e uma broca para fazer furos. Esses

as ferramentas, além de algumas velas que ela lhe deu, permitiram que Odisseu construísse um navio forte o suficiente para levá-lo de volta a Gibraltar.

Alguns daqueles que procuraram os tesouros Atlantes tiveram sucesso nos seus esforços agressivos. Os ousados Irmãos Tuirenn dos Tuatha, que trabalhavam no Templo de Falias como escribas, roubaram um antigo assento e o levaram para a Irlanda, onde era conhecido como o Trono de Tara. A realeza usou a magnífica cadeira por muitos anos, embora aparentemente tivesse alguma propriedade que causava um pequeno choque. Conta a história que se um impostor não soubesse da sua energia, gritaria de surpresa ao sentar-se nela.¹² Um dos tesouros atlantes de maior valor inestimável no Templo de Gorias em Gran Curral na Ilha da Madeira era uma coroa real que passou a ser propriedade das rainhas amazônicas quando elas assumiram o controle da ilha. Como outros artigos de valor infinito, muitas vezes era a base para o mau comportamento de atacantes agressivos. A Rainha Amazona Hipólita viajou para uma ilha próxima com a coroa, acreditando que ela e ela estariam seguras lá. Enquanto ela estava na ilha, usando-a e carregando uma bandeira de trégua, um grupo do Norte da África a assassinou. As joias valiosas apareceram pela última vez na França no início da Primeira Guerra Mundial, mas Sykes descobriu que elas desapareceram durante a ocupação alemã. Colares e pulseiras do Templo de Gorias foram vistos pela última vez em um museu do Norte da África durante a década de 1930.¹³

O Templo de Gorias também é lembrado por ser adjacente ao laranjal que era famoso no mundo antigo como o local das Maçãs Douradas do Sol. Em baladas e histórias, as pessoas do mundo ocidental transmitiram memórias durante milhares de anos que retratavam Perseu, Hércules e outros procurando ansiosamente o que acreditavam serem bolas de ouro maciço.¹⁴

O Templo Atlante de Finias, na ilha de Tenerife, nas Ilhas Canárias, era famoso por suas doze torres de ouro e esmeraldas (que Sykes acredita serem provavelmente lápis-lazúli ou jadeíta). Finias era um importante centro para metalúrgicos e, quando os irmãos Tuirenn, em busca de tesouros, voltaram de Finias para casa, na Irlanda, levaram consigo muitos objetos de valor. Estes incluíam o cinto Findrine e as fivelas dos sapatos, a espada de Lugh, a lança de Nuda e o lugar de Tuis.

O Templo de Finias também era famoso por sua criação de cavalos e cães, que produziu Pégaso, o corcel de Perseu, e vários cães de caça especiais.¹⁵ Uma réplica em ouro maciço em tamanho real da Carruagem de Poseidon que Platão descreve, completa com cavalos e motorista, era o bem mais inestimável do

sacerdotisas e soldados de Finias. Em ocasiões especiais, todos desciam cautelosamente o pesado veículo pelos sete degraus do altar do templo onde estava e levavam-no para a rua para as festividades. Como resultado dessas exibições públicas da valiosa carruagem, histórias sobre ela circularam pelo mundo durante séculos. O conhecimento ainda era atual em 330 a.C., quando o historiador Budge escreveu em sua Vida de Alexandre, o Grande, que Alexandre foi convidado a visitar o templo de Finias com sua Carruagem dos Deuses em tamanho real e ouro maciço, que era chamada de Carruagem de Poseidon. centenas de anos depois, na época de Alexandre. Nenhuma informação sobre o que aconteceu com a carruagem sobreviveu, mas Sykes acredita que ela provavelmente está no mar entre Tenerife e Lanzarote e nunca será encontrada.¹

6

As leituras de Edgar Cayce contêm diversas referências a outros templos atlantes e às sacerdotisas que neles viveram e trabalharam. Estes incluem o Templo do Sol ou Luz e o Templo de Ichakabal, ambos em Yucatán. Aqui, tal como Madre Teresa e muitos daqueles que hoje ministram às pessoas necessitadas, as devotas mulheres concentraram as suas vidas no serviço aos outros e não nos seus próprios objectivos egoístas. Nas suas leituras, Cayce conta-nos que as sacerdotisas usavam símbolos e sinais, números, astrologia, astronomia, rituais e plantas, bem como música, para ajudar os seus pacientes a superar os seus problemas físicos e a avançar no seu desenvolvimento espiritual.

Cayce fez uma leitura de uma vida passada para uma pessoa que há muito tempo era uma garota atlante chamada Quellar. Quellar deixou a Atlântida quando a terra estava se desintegrando e mudou-se para Yucatán, onde se tornou sacerdotisa. Ela passou a vida trabalhando nos templos, divulgando conhecimento e ensinando outras pessoas. Cayce sugeriu que sua cliente poderia achar os templos de Yucatán muito interessantes, já que ela estava interessada no ocultismo.¹ Ao meditar e refletir nesses edifícios sagrados, é possível ter um vislumbre esclarecedor de outros mundos, incluindo o passado distante.

Outra sacerdotisa de Poseidia, chamada Alyne, viajou para Yucatán, onde trabalhou para estabelecer um templo. Ela ficou tão perturbada com as atividades das pessoas de Mu e Og (Peru) que se mudaram para a área que, para evitar todos os problemas angustiantes que criaram, ela intencionalmente entrou em si mesma, retirou-se do seu corpo físico e deixou a Terra. Ela escapou para Júpiter, onde esperava reparar os danos à sua alma.¹ Cayce às vezes se refere a almas que passam algum tempo em outros planetas do nosso sistema solar entre vidas materiais na Terra. Isto é interpretado como significando que a alma entra na dimensão

associada a um determinado planeta. Essas visitas oferecem experiências de aprendizagem enriquecedoras.

Atlantes altamente evoluídos como Alyne tinham tanto controle de suas mentes e corpos que podiam concentrar e focar seus pensamentos e partir de seus corpos (morrer fisicamente) se quisessem. Os Lemurianos tinham a mesma facilidade. Quando acreditaram que haviam realizado tudo o que podiam nas circunstâncias atuais, passaram pela transição, embora ainda fossem jovens.¹ Se desejarmos, aprenderemos mais uma vez a deixar o mundo material.

Alguns animais são capazes de realizar esse feito. Há o relato de dois lobos que foram capturados em um parque, colocados em uma gaiola na traseira de um caminhão e levados por várias horas até um zoológico. Quando o caminhão chegou ao destino os dois lobos já não estavam vivos. Cientistas perplexos não conseguiram encontrar problemas físicos que explicassem a saída dos lobos desta Terra. Obviamente, foi a decisão dos animais presos abandonarem a sua existência física neste planeta.

[\[conteúdo\]](#)

■

134. Sykes, Atlântida, Volume 27, No. 44.

135. Ibid., pág. 40.

136. Winston, Música como a ponte, p. 13.

137. Sykes, Atlântida, Volume 27, No.

138. Sykes, Atlântida, Volume 27, No. 67.

139. Cayce, Leituras 587-4.

140. Spence, Atlântida na América, p. 130.

141. Sykes, Atlântida, Volume 27, No. 76.

142. Sykes, Atlântida, Volume 27, No.

143. Ibidem.

144. Ibidem.

145. Ibidem.

146. Ibidem.

147. Cayce, Leituras 3412-2.

148. Cayce, Leituras 823-1

149. Cerve, Lemúria.

9

tipos sanguíneos

e genes

-

Quando eu estava grávida do meu primeiro filho, depois que meu obstetra descobriu que eu tinha sangue tipo O e RH negativo, ele disse: "Você deve ser descendente de Atlantes". Eu não tinha certeza do quão sério ele estava falando, mas gostei da sugestão.

-anônimo

Uma variedade de fatores levou este astuto obstetra a fazer seu comentário. Entre 50.000 a.C. e 10.000 a.C., quando a terra estremeceu na Atlântida, os atlantes assustados abandonaram as suas casas confortáveis e instalaram-se nas férteis plataformas continentais.

Gradualmente, quando foi possível, eles se mudaram para o interior, para locais mais seguros nas montanhas. Os descendentes atlantes que sobreviveram nestes locais isolados têm uma percentagem muito maior de sangue tipo O e RH negativo do que o resto da população mundial. Predomina entre os bascos nas montanhas dos Pirenéus, entre os berberes nas montanhas do Atlas, na costa atlântica do norte da África, e nas múmias dos primeiros residentes das Ilhas Canárias. As semelhanças nas línguas dos descendentes atlantes oferecem outra indicação do seu lugar comum de origem.

O mapeamento genético mostra que os bascos entraram pela primeira vez nas montanhas dos Pirenéus, entre a França e a Espanha, há cerca de 35 mil anos. Essas pessoas independentes realmente acreditam que, como diz Edgar Cayce, seus ancestrais eram da Atlântida. Orgulhosos da sua herança Atlante, e devido ao seu isolamento, abstiveram-se de casar com alguém fora da sua linhagem. Seu tipo sanguíneo é tanto quanto

75 por cento do tipo O, enquanto os franceses e espanhóis são principalmente do tipo A ou AB. Os bascos também têm a maior frequência de sangue Rh negativo do mundo.¹ O fator Rh negativo é considerado uma mutação de origem desconhecida que ocorreu na Europa cerca de 25.000 a 35.000 anos atrás, quando um grande número de pessoas com esse tipo de sangue se espalhou. no que hoje é Espanha, Inglaterra e Irlanda. Uma suposição razoável é que eles vieram da Atlântida, uma ilha próxima na direção do sol poente.

O interesse do obstetra pelo sangue Rh negativo estava relacionado à saúde de suas pacientes. Se o feto de uma mulher Rh negativo for Rh positivo porque esse é o status de seu parceiro, seu corpo reagirá ao sangue do bebê como se fosse uma substância estranha. Durante a primeira gravidez esta resposta imunitária não é tão forte como nas subsequentes, embora seja um factor importante a considerar. Nas gestações seguintes, se o feto for Rh positivo, os anticorpos da mãe podem atravessar a placenta e começar a atacar os glóbulos vermelhos do bebê. Hoje, as injeções de imunoglobulina Rh controlam o problema, mas no passado resultaram em icterícia neonatal grave, abortos espontâneos e natimortos. Os atlantes com fator Rh negativo tiveram dificuldade em produzir mais de um filho com parceiros cujo sangue não era igual ao deles e, portanto, eles e seus descendentes mantiveram seu status Rh negativo.

Em 1878, o poeta basco Jacinto Verdaguer publicou um belo poema intitulado "L'atlantida" sobre a sua pátria atlante. O poema está disponível em catalão, uma língua que é uma combinação de francês e espanhol e hoje amplamente utilizada em Barcelona e arredores. Com sentimento intenso, Verdaguer retrata um país com samambaias gigantescas, limoeiros, lindos jardins floridos onde viviam os rouxinóis cantantes, e trigo amarelo como cabelos dourados deslizando entre árvores e brotos, tudo muito diferente de suas montanhas nativas dos Pirenéus. Contos transmitidos pelos bascos de geração em geração ganham vida em sua poesia. Até o famoso bosque de laranjas douradas está incluído, já que Verdaguer retrata Hércules matando o dragão que guardava as Maças Douradas do Sol.

A referência de Verdaguer ao trigo na Atlântida é interessante porque em 13.000 aC o trigo era cultivado no Vale do Nilo, onde não havia pressão populacional e havia abundância de alimentos. O trigo não era originário do Egito, então as pessoas devem tê-lo levado para lá. Os refugiados da Atlântida são uma possibilidade. Diodoro Siculus, respeitado geógrafo e historiador siciliano, reforça esse conceito. No primeiro século a.C., ele escreveu em seu livro A Biblioteca Histórica: "Os egípcios eram estrangeiros que em tempos remotos se estabeleceram às margens do Nilo, trazendo consigo

a civilização de sua pátria, a arte de escrever e uma linguagem refinada. Eles vieram da direção do sol poente e eram os homens mais antigos.” O sol poente está voltado para o oeste, onde a Atlântida era a única civilização avançada antes do século I a.C.

Em 1402, os espanhóis descobriram uma raça alta de Cro-Magnon, com pele castanha, cabelos claros e olhos azuis ou cinzentos, que vivia ao largo da costa do Norte de África, numa área isolada das Ilhas Canárias. Os espanhóis referiam-se a esses humanos incomuns e isolados como Guanches. Tal como aqueles que se estabeleceram nas costas de França, Espanha, Inglaterra e Norte de África há cerca de 30.000 anos, os Guanches mantiveram as suas características puras de Cro-Magnon. Embora os Guanches tenham lutado bravamente, as doenças e os espanhóis os aniquilaram completamente em 150 anos. Uma alta percentagem de múmias de seus parentes falecidos que os Guanches colocaram em cavernas no lado sombreado de seus vales eram do tipo O negativo. Isso se correlaciona intimamente com o tipo sanguíneo do Basco e de outros Cro-Magnons. A antiga arte da mumificação era praticada no Egito, no México e no Peru de maneira surpreendentemente semelhante à das Ilhas Canárias. A Atlântida fornece uma ligação para esta progressão.¹¹ Os polinésios do sudoeste do Pacífico também mumificaram os seus mortos.

Os Guanches das Ilhas Canárias tinham tanto medo das águas do oceano que não tinham barcos. Eles acreditavam que seus ancestrais atlantes se salvaram do mar perigoso escalando os picos das montanhas de uma terra agora submersa. O estudioso Lewis Spence (veja sua biografia no apêndice II) oferece mais informações interessantes dos primeiros registros espanhóis sobre o terrível medo que os Guanches tinham das águas do oceano. Enquanto estavam em transe ou hipnotizadas sob o poder de um sumo sacerdote, uma seita de sacerdotisas virgens, as Magades, serviam como oráculos e também participavam de danças simbólicas. Se os temidos terremotos abalasses a terra ou se os vulcões estivessem ativos, as virgens se sacrificavam ao oceano, na esperança de evitar que o mar onipotente cobrisse tudo como fez no passado.¹²

Os espanhóis descobriram que os Guanches ainda praticavam costumes que Platão atribuiu aos seus ancestrais atlantes, como sacrificar touros e eleger dez reis para governar suas terras. Apesar da abundância de frutos do mar, não faziam parte da dieta dos Guanches carne de cabra, queijo, frutas e trigo torrado. Diz a lenda que eles se abstiveram de comer peixe porque raciocinaram, como fizeram os tuarags da África e alguns nativos americanos, que os peixes devoraram seus antepassados distantes que se afogaram quando a Atlântida afundou, então comer peixe era como comer

seus ancestrais.

Ao explorarem cuidadosamente a região de Guanches em 1402, os espanhóis encontraram restos de um sistema de irrigação, cerâmica, múmias e cidades pré-históricas. As belas pinturas que os artistas Guanche deixaram nas paredes das cavernas eram quase idênticas às pintadas em locais semelhantes no sudoeste da Europa entre 30.000 e 10.000 a.C.

Suas cerâmicas, algumas datadas de 20.000 aC, eram decoradas com imagens do sol e outros padrões semelhantes aos desenhos da antiga cerâmica sul-americana.

Os Guanches mostraram aos espanhóis antigas tábuas de pedra com inscrições, mas os invasores destruíram a maioria delas. Ninguém decifrou com sucesso os poucos que restam.

Ruínas de seis pirâmides escalonadas de pedra preta em Tenerife, uma das Ilhas Canárias, também sugerem as origens distantes do Guanche. Depois que um nativo os mostrou a Thor Heyerdahl, ele convenceu um empresário norueguês a comprar o local e limpar os escombros de séculos. Os arqueólogos relataram que as pirâmides têm milhares de anos e estão perfeitamente orientadas astronomicamente para o pôr do sol no solstício de verão. Escavações recentes sob um deles revelaram artefatos identificados com os habitantes pré-espanhóis, que eram os Guanches. Os primeiros registros espanhóis relatam que os Guanches dançavam, realizavam jogos e participavam de cerimônias sagradas nos topos planos dessas pirâmides de pedra com terraços.

A quantidade desproporcional do fator sanguíneo Rh negativo é característica de outros povos indígenas que vivem nas proximidades do Oceano Atlântico. Estes incluem tribos isoladas de berberes nas montanhas do Atlas, no norte da África, e os maias lacandones, no sul do México, que foram descritos em um capítulo anterior.

Os rostos aquilinos dos Lacandones com tez escura lembram muito os bascos. O agrimensor que os descobriu registrou que os Lacandones jogavam constantemente um jogo de bola dura muito semelhante ao "pelote basco", o jogo nacional de seus primos distantes. O incomum jogo de pelote consiste em duas equipes que tentam enviar uma bola dura através de um pequeno buraco em uma pedra que se projeta de um muro alto. Enquanto lutam para passar a bola pela abertura, os competidores, sem usar as mãos, ricocheteiam em várias partes do corpo.

Suas línguas fornecem mais evidências da conexão entre os descendentes atlantes remanescentes. Usher, a língua dos bascos, é totalmente única e não pode ser atribuída a nenhuma outra língua. Aparentemente tem uma origem comum com

a língua de uma tribo maia no norte da Guatemala, pois quando um missionário basco das montanhas da Espanha pregou a esses centro-americanos na língua basca, os nativos o entenderam claramente. No século XVI, os espanhóis e os portugueses começaram a estudar a fala dos Tupi-Guarani, que viveram nas profundezas da bacia do rio Amazonas, longe da civilização.

Hoje é a língua nativa americana mais pesquisada. Os pesquisadores descobriram que muitas de suas palavras são semelhantes às dos bascos e dos berberes. Os Tupi-Guarani parecem ser descendentes dos ancestrais Tupi dos Caribes, que eram originários da Atlântida e foram para a América do Sul. (Veja o capítulo 4.)

A antropologia baseada nos genes continua a oferecer pistas adicionais sobre as nossas origens. Ossos e dentes antigos fornecem informações úteis sobre aqueles que viveram há muito tempo e, para testar a herança dos indivíduos contemporâneos, uma pequena escova esfregada suavemente na parte interna da bochecha de uma pessoa fornece muitas células.

O DNA mitocondrial é encontrado nas células humanas, fora do núcleo. É mais simples que o DNA nuclear e mais fácil de analisar. Uma vez que sofre mutações a um ritmo bastante constante, os cientistas utilizam-no para estimar quando um grupo de pessoas migrou do seu grupo primário. A quantidade de diferença entre as sequências de DNA mitocondrial de dois indivíduos indica aproximadamente há quanto tempo eles compartilharam um ancestral comum.

A origem geográfica do haplogrupo X é desconhecida, embora seja encontrado em áreas ao redor do Oceano Atlântico onde Edgar Cayce relata que os atlantes se estabeleceram.

Quando investigadores do Trinity College testaram indivíduos na Irlanda para detectar o haplogrupo X, descobriram que os irlandeses relativamente isolados na costa oeste daquele país, mais perto de onde ficava a Atlântida, têm a maior concentração deste tipo. O Haplogrupo X está presente entre os bascos, os finlandeses e os espanhóis.

Os nativos americanos do norte, como os Ojibwas dos Grandes Lagos, os Sioux, os Yakima e 25% das tribos Iroquois, exibem o haplogrupo X. Uma pequena quantidade também é encontrada entre os Navaho de língua Na-Dene. A cepa norte-americana do haplogrupo X é um pouco diferente da cepa europeia, o que indica que os ancestrais daqueles com ela estavam relacionados há tanto tempo que sua presença aqui não é resultado de casamentos mistos recentes. Evidências genéticas indicam que as primeiras pessoas do haplogrupo X chegaram à América em 34.000 a.C.

Outros vieram em 28.000 a.C. e a grande maioria entrou entre 10.000 a.C. e 8.000 a.C., todas as épocas em que Edgar Cayce retrata um grande número de atlantes.

deixando suas terras atingidas. O haplogrupo X não é encontrado na Ásia, exceto em um pequeno bolsão em Gobi – outro local que Cayce diz ter atraído atlantes.

Os cientistas dizem que o haplogrupo X pode ser de origem europeia. Eles não estão dispostos a designar a Atlântida como local de origem, uma vez que ela não existe hoje. É muito possível que quando os humanos com genes do haplogrupo X partiram do ponto central da Atlântida, alguns tenham ido para o continente americano, no oeste, e outros tenham viajado para a Europa. Isto explicaria as semelhanças impressionantes entre as ferramentas e os costumes do povo Solutreano do sudoeste da Europa e do povo Clovis no continente norte-americano. (Veja o capítulo 6.)

As inúmeras características físicas diversificadas dos residentes das Ilhas do Pacífico, como cabelos lisos, cabelos cacheados, cabelos escuros, cabelos claros, cabeças longas, cabeças redondas, pessoas altas, pessoas baixas e uma variedade de cores de pele, indicam que no passado as pessoas viajavam livremente pelo oceano e se casavam. À medida que os cientistas trabalham na identificação das frequências de variações em diversas populações que são aparentes apenas a nível genético, estão a revelar a herança inicial desta vasta área, e surgem evidências de que algumas delas tiveram origem num ponto central e não identificado.

Tal como o haplogrupo X ao redor do Oceano Atlântico, a origem do antigo haplogrupo genético B é desconhecida. É encontrada em grupos aborígenes na costa da Ásia e no sudoeste dos Estados Unidos. Os genes do haplogrupo B também estavam presentes em pessoas que se mudaram para a costa oeste da América do Sul, algumas das quais chegaram àquele continente antes de 35.000 aC. A maioria com haplogrupo B chegou à costa do Pacífico da América do Sul por volta de 11.000 aC, época em que Cayce descreveu terremotos e vulcões perturbando a pacífica terra de Mu.

A pesquisa sofisticada de cientistas que continuam a estudar o DNA mitocondrial dos povos das ilhas do Pacífico revela que algumas ilhas parecem ser o local de origem de pessoas com haplogrupo B. A área montanhosa da Nova Guiné abrigou famílias resistentes de quarenta mil pessoas. anos atrás, e não há vestígios de um local anterior para seus antepassados. Milhares de anos depois, seus corajosos descendentes viajaram para o leste em canoas de casco duplo para viver nas Ilhas Salomão. Da mesma forma, no Pacífico Sul, os ancestrais do haplogrupo B dos atuais residentes chegaram àquela área há tanto tempo que os cientistas só podem dizer que foi seu local de origem.

A pesquisa genética está em sua infância e os cientistas acessaram os genomas de

apenas um pequeno número de ossos antigos e pessoas vivas. No entanto, confirma que os seres humanos navegaram num passado distante, como da Nova Guiné às Ilhas Salomão. Também indica que ondas de indivíduos emanaram de um ponto central no Oceano Pacífico, talvez a Pátria Mãe de Mu; pois o Havaí e Rarotonga, nas Ilhas Cook, no Pacífico Sul, estão separados por 3.000 milhas, mas há uma ligação positiva entre seus habitantes.¹ Enquanto os cientistas que estão se esforçando para documentar a composição genética de todas as pessoas na Terra compilam evidências do DNA atual, os seus testes oferecerão muito mais pistas sobre a antiga herança da raça humana e confirmarão que as civilizações marítimas viveram em antigas ilhas do Oceano Atlântico e Pacífico.

[\[conteúdo\]](#)

■

150. Cavalli-Sforza, Luigi Luca, "Genes, Peoples and Languages", Scientific American, novembro de 1991, p. 108.

151. Spence, Atlântida na América.

152. Spence, As Ciências Ocultas na Atlântida, p. 100.

153. Fronteiras Científicas, Março/Abril de 1999.

154. Muck, O Segredo da Atlântida, p. 131.

155. Braghine, A Sombra da Atlântida, p. 187.

156. Homet, Filhos do Sol, p. 231.

157. Little, Van Auken e Little, Antiga América do Sul, pp.

158. Sykes, As Sete Filhas de Eva, p. 103.

159. Ibid., pág. 93.

10

deuses e deusas do céu

■

A destruição da Atlântida e as subseqüentes migrações através da Mesoamérica estão dentro do mistério do conhecimento indiano dos nossos antepassados a partir do céu. Os Seres Estelares nos mostraram de onde viemos. Eles nos ensinaram como ler as estrelas, como construir centros cerimoniais piramidais, como manter um calendário cósmico. Eles nos ensinaram como honrar nosso lugar de origem desde as estrelas, como nos reconectarmos com ele e com aqueles que nos semearam aqui.

—de nancy red star, “estrelas ancestrais”, p. 57.

Os planetas rodeiam mais de metade dos 100 mil milhões de estrelas conhecidas na galáxia. Observações recentes usando telescópios poderosos indicam que um número incontável desses mundos pode ter água e atmosferas semelhantes às da Terra. A vida no cosmos está em toda parte, e já existe desde muito antes de aparecermos neste planeta.

Lendas cuidadosamente preservadas e literatura académica mostram que alguns dos seres que se desenvolveram nestes mundos distantes avançaram as suas competências científicas o suficiente para deixarem as suas terras natais e viajarem no espaço para o nosso desejável pequeno planeta. A Terra, com o seu luxuriante crescimento vegetal e clima agradável, sempre atraiu visitantes, alguns dos quais passaram aqui uma quantidade considerável de tempo no passado.

Edgar Cayce refere-se a visitantes de outros mundos que vieram a este planeta durante a época dos maias, e inúmeras memórias de visitantes de lugares distantes são preservadas nos registros de culturas antigas em todo o mundo. Muitas vezes os viajantes são descritos como deuses que descem dos céus. Os Zulu e Dogons do Norte de África recordam as visitas destes deuses como a coisa mais antiga da sua história. A antiga Ordem dos Amonitas Egípcios e o Popul Vuh da América Central contam-nos que os seus visitantes usavam a bússola, sabiam que a Terra era redonda e compreendiam os segredos do universo.

Platão diz que no início, as pessoas na Terra eram governadas diretamente pelos deuses. A mitologia grega os representa como pessoas reais, repletas de emoções e poderes sexuais. Possuindo armas poderosas e viajando a velocidades imensas, eles estavam envolvidos em assuntos humanos, mas inacessíveis. Platão também conta que o deus Poseidon foi para a Atlântida, casou-se com uma mulher da Terra e realizou feitos sobre-humanos ao construir uma cidade com edifícios gigantescos.¹ Poseidon, o deus⁶⁰ do mar, ajudou os atlantes a construir navios e navegar para portos distantes. Edgar Cayce estava ciente da influência de Poseidon na Atlântida e referiu-se a ela como a terra de Poseidon, ou como Poseidia.

O Extremo Oriente oferece uma riqueza de informações sobre os deuses do céu. Os livros brâmanes afirmam que amigos do cosmos trouxeram frutas e grãos até então desconhecidos para a Terra. Os primeiros imperadores da China afirmaram que não eram descendentes de seres humanos deste planeta; seus ancestrais vieram dos céus em dragões de metal que cospem fogo. Os japoneses afirmam ser descendentes de sete deuses espirituais que foram sucedidos por cinco espíritos terrestres.^{1 1} Os antigos épicos indianos⁶ contêm inúmeras referências à presença dos deuses e de seus navios que voavam no ar.

As carruagens eram o principal meio de transporte quando a informação bíblica era reunida e interpretada. Portanto, na Bíblia, os veículos espaciais são chamados de “nuvens velozes” ou “carruagens de nuvens”, ou simplesmente “carruagens”. Os pilotos são “cocheiros” e as decolagens são “redemoinhos”. Ezequiel 1:4–5 oferece uma das descrições mais gráficas:

Enquanto eu olhava, eis que um vento tempestuoso veio do norte, e uma grande nuvem, com brilho ao redor dela, e fogo brilhando continuamente, e no meio do fogo, por assim dizer, um bronze brilhante. E daí surgiu a semelhança de quatro vivos

criaturas.

Um dos maiores mistérios no estudo da evolução da raça humana é o súbito aparecimento na superfície da Terra dos povos Cro-Magnon, descritos num capítulo anterior. Durante centenas de milhares de anos antes do aparecimento dos Cro-Magnons, a raça humana permaneceu inalterada e os indivíduos mantiveram as mesmas características físicas, trabalharam com ferramentas simples de pedra e procuraram comida de maneiras semelhantes. De repente, os Cro-Magnons surgiram em áreas amplamente separadas. Zecharia Sitchin oferece uma explicação para o aparecimento relativamente abrupto dos Cro-Magnons. (Por favor, veja a biografia de Zecharia Sitchin no apêndice II.) A partir de informações que ele decifrou de 25.000 tabuletas de argila na antiga biblioteca suméria em Nínive, na margem leste do rio Tigre, na Assíria, Sitchin acredita no surgimento abrupto do Cro-Magnon. povo foi o resultado de “quando os filhos de Deus entraram nas filhas dos homens, e elas lhes deram filhos”, como afirma a Bíblia em Gênesis VI.^{1 2} Aviões, naves espaciais e foguetes eram desconhecidos no início do século XX quando os textos em Nínive apareceram. Naquela época, os estudiosos não entendiam as referências dos sumérios aos deuses todopoderosos que chegavam ao seu país em navios vindos dos céus. A partir de sua tradução atualizada dos textos, Sitchin aprendeu que seres avançados do céu viveram nas terras sumérias entre os rios Tigre e Eufrates por centenas de anos durante e após o terceiro milênio aC. foram a fonte do rápido aparecimento do sofisticado conhecimento escrito dos sumérios sobre arquitetura, astronomia, metalurgia, matemática complexa e técnicas médicas avançadas. Sitchin refere-se a eles como Annunaki e acredita que eram de um décimo planeta cuja longa órbita elíptica circunda o nosso Sol uma vez a cada 3.600 anos.¹

6³

Atlântida e Lemúria eram lugares extremamente atraentes para se viver na pré-história. A Lemúria estava centrada em torno do equador, e os ventos quentes da Corrente do Golfo garantiram que a Atlântida não sofreria com o gelo e a neve que cobriam grande parte da Europa e da América do Norte. A abundância de alimentos provenientes da terra e dos oceanos fez com que os Lemurianos e os Atlantes não dedicassem toda a sua energia ao trabalho pela sobrevivência, e tiveram tempo para expandir as suas mentes, bem como o seu progresso técnico. O resultado foi uma população aberta e questionadora com quem os extraterrestres altamente desenvolvidos gostavam de comunicar. Os quase-cristais, que serão explicados no capítulo 13, ajudaram-nos à medida que adquiriam informações de seus

visitantes.¹⁶⁷

A partir do contato com esses seres avançados, os Lemurianos, os Atlantes e seus descendentes aprenderam o poder das pirâmides e como cortar e mover as enormes pedras para construí-las. Os textos de Nínive relatam que deuses do alto supervisionaram a construção de pirâmides escalonadas com topos planos na Suméria.¹ Edifícios pré-históricos semelhantes prevalecem no México, no Egito e na China, todos lugares favorecidos pelos visitantes do céu. As primeiras pirâmides do Egito foram originalmente construídas com topos planos onde eram realizados serviços religiosos, mas por causa do calor os fiéis eram forçados a entrar em ambientes fechados e as laterais do edifício eram estendidas até certo ponto.

Em todas as ilhas do Pacífico, o povo de Mu construiu enormes estruturas cerimoniais com enormes blocos de pedra cortados. Alguns de seus edifícios megalíticos sobreviveram aos abalos e tremores de terremotos por mais de 10.000 anos. Até a pequena e desabitada Ilha Malden, que fica perto do equador, a leste de Tonga, está coberta de ruínas de plataformas e templos construídos há muito tempo com blocos de coral. No topo destes locais de culto, os construtores colocaram grandes pedras dispostas como dólmenes.⁶⁶As estradas, que outrora ligavam estas pirâmides ao resto do mundo, actualmente simplesmente desaparecem no mar. Com uma exceção, as mais de 100 pirâmides nas províncias de Shensi e Chinkiang, na China, também têm topos planos. As pirâmides chinesas foram construídas com blocos de barro, mas muitos dos edifícios são muito grandes. Um deles é tão alto quanto a Grande Pirâmide de Quéops, no Egito. Ninguém sabe quais segredos da vida em nosso planeta no passado estão escondidos dentro desses edifícios misteriosos, pois os chineses vigiam de perto as pirâmides e afastam os interessados com a repreensão de que a abertura das enormes construções é para a próxima geração. .

Dizem que foram sequestrados; somos visitados.

—jose luceroquot, santa clara pueblo167

Os nativos americanos mantiveram contato com os deuses do céu desde o início de sua época. Os Sioux falam de uma pessoa linda, branca e radiante vinda das estrelas que, como geralmente acontece com os extraterrestres, era uma mulher. Ela apareceu para dois batedores de Dakota, que a chamaram de Mulher Bezerra Búfalo Branco. Búfalo Branco

A Mulher Bezerra deu aos escoteiros ensinamentos espirituais, cerimônias e instruções importantes sobre a origem do povo Sioux.

Quando estão num estado receptivo, como os seus antecessores lemurianos e atlantes, muitos nativos americanos são capazes de comunicar com os seus antepassados estelares sem falar em voz alta. Se quisermos estabelecer contacto com extraterrestres no espaço, sugere-se que o som e a luz são demasiado lentos para distâncias tão vastas. Devemos empregar a transmissão do pensamento, que é tão rápida que é quase imensurável.

As Plêiades, o aglomerado de estrelas mais próximo da Terra, são cerca de 300 estrelas que ficam na constelação de Touro, o Touro. Embora estejam longe do nosso Sol, seis destas estrelas são visíveis ao olho médio, e uma visão mais aguçada pode detectar várias mais. Lendas de culturas indígenas em todo o planeta contêm referências às Plêiades e às visitas frequentes dos seus habitantes à Terra.

Cherokee, Sioux, Maya e outros nativos americanos acreditam que seus ancestrais vieram das Plêiades para a Atlântida, onde se estabeleceram e desenvolveram uma civilização avançada. A iniciação dos jovens nos caminhos espirituais Hopi ocorre apenas quando as Plêiades estão diretamente acima.

Lendas da Grã-Bretanha descrevem as Plêiades como a morada de deuses gigantes do céu que já visitaram a Terra. Monumentos de pedra pré-históricos na Escócia, como o de Callanish, alinham-se com a posição das Plêiades no céu no equinócio ou em outras datas astronômicas significativas. A antiga ocasião do Halloween ocorre quando as Plêiades estão diretamente acima da Grã-Bretanha.

Os templos gregos, como o Partenon, são orientados para as Plêiades.¹ Os feixes de luz das estrelas distantes, embora sejam fracos demais para serem vistos pelo olho humano, brilham em seus santuários internos em um equinócio ou solstício.

Quando a nossa civilização descobriu os Dogons do Norte de África, eles tinham um conhecimento extraordinário de astronomia. Os Dogons contaram aos primeiros cientistas que os entrevistaram que, há muito tempo, visitantes das vizinhanças de Sirius, a estrela mais brilhante do nosso céu, lhes ensinaram extensas informações sobre corpos celestes que não são visíveis a olho nu. Embora os Dogons acreditem que existem três estrelas no sistema Sirius, os nossos cientistas não encontraram evidências de Sirius C até 1995, quando dois astrónomos franceses descobriram uma pequena estrela anã vermelha que parece existir no sistema da estrela Sirius.¹ Os Dogons dizem que Sirius C é muito leve e tem um satélite. Embora Sirius B seja tão pequeno que nossos telescópios mal conseguem revelá-lo, os Dogons afirmam que Sirius B é extremamente pesado, ele gira

um eixo uma vez por ano e gira em torno de Sirius A uma vez a cada cinquenta anos.¹ Nossos astrônomos ainda não confirmaram as informações complexas dos Dogon sobre essas duas estrelas.

Os ancestrais dos Dogons vieram do Egito, onde alguns dos mais antigos templos egípcios estão alinhados com a estrela Sirius. A escrita hieroglífica no templo de Denderah, que foi erguido no século I aC no local de um templo anterior, diz que o edifício sagrado foi construído de acordo com planos que datavam da época de Hórus. Isso foi muito antes do início do Egito dinástico.¹ Lendas de Denderah afirmam que em certos momentos, quando Sirius subia no céu, sua luz viajava pelo corredor principal até o altar no santuário interno do templo. Quando o feixe de luz de Sirius alcançou o altar, ele foi transformado em Sothis, a Deusa Estrela.²

Os nativos americanos acreditam que representantes de sete galáxias estão presentes na Terra hoje. Mais informações sobre esses vários extraterrestres estão disponíveis no extenso Museu Internacional de OVNI, inaugurado em Istambul em dezembro de 2001. O museu exibe estátuas de diferentes seres avançados com base em informações de relatórios de observação. Além de estátuas, estão disponíveis fotografias, ilustrações, documentos escritos e modelos de OVNI.

Um mapa de observação mundial, descrições de ruínas arqueológicas, encobrimentos da NASA e vestígios e inscrições de culturas antigas e sua conexão com extraterrestres podem ser encontrados no museu. Pesquisas sobre Marte, relatórios de instituições e universidades e outras informações melhoram ainda mais este museu distinto.

Os deuses das estrelas estão vindo por vários motivos. Alguns podem estar aqui para tentar explorar-nos e controlar-nos, mas muitos têm motivos úteis. Uma vez que estão centenas de anos à nossa frente tecnologicamente e sobreviveram, eles têm mais conhecimento e poderiam ser de grande ajuda enquanto lutamos por um mundo unido, no qual todos sejam iguais e a Mãe Terra esteja novamente saudável.

Estamos bastante conscientes de que os nossos poluentes mentais e espirituais estão a contaminar o ambiente deste planeta, mas o cosmos além também está a sentir os efeitos da nossa corrupção, e os deuses das estrelas sabem que estamos a seguir um caminho perigoso. Enquanto estava num dos picos mais altos de França num dia claro, fiquei chocado ao ver que, por centenas de quilómetros em todas as direcções, uma atmosfera espessa e escura cobre a Terra. Aqueles que habitam outros sistemas solares percebem que o nosso desenvolvimento tecnológico está avançando mais rapidamente do que o desenvolvimento

evolução da nossa condição emocional, e os nativos americanos acreditam que estes representantes das Nações Estelares estão a regressar para nos ajudar no crescimento espiritual. Veículos vindos dos céus vieram para a Atlântida no final de sua civilização para alertar o povo sobre sua destruição iminente¹ e, da mesma forma, estão aqui hoje para nos alertar e aconselhar.

Para evitar o desastre, é essencial que façamos o que as pessoas do passado não fizeram. Eles eram uma sociedade espiritual dominada pelos avanços científicos. Devemos retrabalhar a nossa cultura na ordem inversa e mudar a ênfase do científico para o espiritual. Com este novo nível de consciência, é possível que o amor e a compreensão resolvam os nossos problemas mútuos e vivamos em paz e harmonia com a natureza. O comportamento agressivo não está resolvendo nossos problemas. É hora de uma mudança.

Muitas pessoas acreditam que os círculos nas plantações, que aparecem por toda a Terra, são obra de visitantes celestiais que desejam se comunicar conosco. Eles estão tentando nos dizer que não estamos sozinhos. Luzes estranhas e OVNI são frequentemente vistos perto dos círculos nas plantações, e ninguém ofereceu outra explicação satisfatória. Durante muitos anos, os “grandes círculos dos Deuses”, como são chamados na África do Sul, apareceram misteriosamente durante a noite. As grandes depressões circulares de diferentes desenhos geométricos que ocorrem nos campos e ao longo dos aterros afetam todos os tipos de plantas de maneira semelhante. Os caules da vegetação são cuidadosamente dobrados na mesma direção e, embora os círculos possam ser tão grandes quanto campos de futebol, as delicadas plantas nunca são danificadas ou quebradas. Alguns padrões são facilmente reconhecidos, como uma espiral de DNA, uma ilustração de círculos, um hexágono com triângulos girados ou um círculo dentro de um triângulo dentro de um círculo. Outros são mais enigmáticos. Ninguém sabe como os diversos designs são criados.

Os sul-africanos, que acreditam que os deuses das estrelas se comunicam por meio de círculos estranhos, reservaram campos especiais para eles. Quando um novo círculo aparece, as pessoas correm para erguer uma cerca restritiva de estacas ao redor dele. Durante vários dias, eles dançam alegremente e realizam rituais sagrados em homenagem aos deuses das estrelas e à Mãe Terra.¹ Centenas de círculos nas plantações apareceram na Inglaterra desde 1978, e 99 por cento deles estão dentro do Triângulo de Wessex, uma área triangular de sessenta quilômetros que inclui os locais sagrados de Glastonbury e Stonehenge. Enquanto procurava respostas para mistérios antigos, o estudioso Mark Roberts, depois de estudar cuidadosamente os círculos nas plantações britânicos, acredita ter decifrado com sucesso algumas de suas mensagens. Mais informações estão disponíveis em seu website: <http://home.earthlink.net/~pleiadesx>, Stargate Manuscript, Capítulos V e VI.

Tal como as sacerdotisas da Lemúria e da Atlântida usavam símbolos e sinais para promover o desenvolvimento espiritual dos outros, de forma semelhante os extraterrestres estão a tentar alcançar as nossas mentes inconscientes com os desígnios. Quem trabalha com os círculos acredita que deles emana uma energia incomum. Quando estudam os padrões misteriosos, os investigadores relatam que a sua sensibilidade se expande. À medida que integram estas experiências nas suas vidas, muitos investigadores experimentam uma transformação interior, que inclui uma profunda consciência de que os seres humanos e o planeta em que vivem estão a passar por uma mudança.

A profecia fala sobre pessoas vindo do céu para nos ajudar. É isso que tem sido falado da minha avó, do meu avô, dos avós deles e vice-versa. Mas nada acontecerá até que façamos acontecer. Temos que decidir o que queremos. O Povo das Estrelas não irá interferir.

—Fred Kennedy

[lyy](#)

O investigador de OVNI's Ralph Winters acredita que os seres estelares não interferirão nas nossas ações – que eles têm uma política de não interferência enquanto os habitantes de um planeta não forem tecnicamente avançados o suficiente para deixar o seu próprio sistema solar. Eles têm o poder de nos guiar, no entanto. Talvez cada visitante do espaço não esteja aqui apenas para nos aconselhar e ajudar, mas viemos todos da mesma fonte. Assim como somos diferentes, os seres avançados também variam, mas, como os humanos, não são totalmente mal-intencionados. Deuses não hostis do espaço visitaram o nosso planeta desde a época da Lemúria e da Atlântida e não nos destruíram. Nós, os cidadãos da Terra, deveríamos seguir o exemplo dos nossos antepassados distantes e acolher com optimismo aqueles que mais uma vez oferecem conselhos e ajuda.

[\[conteúdo\]](#)

■

160. Platão, Crítias.

161. Le Plongeon, Mistérios Sagrados.

162. Sitchin, O Décimo Segundo Planeta.

163. Ibidem.

164. Esperança, A Antiga Sabedoria da Atlântida, p. 106.

165. Sitchin, O Décimo Segundo Planeta.

166. Childress, Cidades Perdidas da Antiga Lemúria e do Pacífico, p. 196.

167. Estrela Vermelha, Ancestrais Estelares.

168. Pinkham, Retorno das Serpentes da Sabedoria, p. 79.

169. Templo, O Mistério de Sirius, p. 3.

170. Ibid., pág. 68.

171. Esperança, Atlântida: Mito ou Realidade, p. 140.

172. Mais informações estão disponíveis em seu website: <http://home.earthlink.net/~pleiadesx/>. Vá para os capítulos V e VI gratuitos do Stargate Manuscript no lado direito da primeira página.

173. Cayce, Leituras 1681-1.

174. The Circular, Edição 41, Primavera de 2001, p. 33.

175. Estrela Vermelha, Ancestrais Estelares.

11

"coisas"

■

Um dia, enquanto eu estava conversando sobre Atlantis: Insights from a Lost Civilization com o dono de uma loja local, um cliente próximo ouviu nossa conversa e se juntou a nós com entusiasmo. Ele obviamente queria conversar comigo sobre algo que o estava perturbando. O homem (vou me referir a ele como John porque nunca soube seu nome) contou a seguinte história.

Ouvi você mencionar Atlântida e só preciso fazer uma pergunta. Ocasionalmente sonho com uma época em que morei na Atlântida, e esses sonhos geralmente são experiências agradáveis com as quais aprendo alguma coisa. Mas esse sonho, que foi tão vívido que não consigo tirá-lo da cabeça, era diferente e não entendo – me faz sentir que me comportei de maneira realmente inadequada. Você pode, por favor, tentar me explicar?

Um amigo e eu estávamos caminhando por um caminho largo em meio a uma floresta de pinheiros. De alguma forma, eu sabia que estávamos na Atlântida, porque parecia que sim. A temperatura estava muito confortável, havia caído uma chuva leve recentemente, e era como um país de fadas verde com árvores altas cheias de galhos, diferentes tipos de samambaias ao longo das laterais da estrada, pedras cobertas de musgo e apenas uma sensação de beleza natural tudo em volta meu.

De qualquer forma, ao dobrarmos uma esquina, de repente vimos duas criaturas amarradas a uma árvore próxima à trilha. Digo "criaturas" porque a princípio pensei que fossem homens grandes, mas depois notei que um deles tinha orelhas de burro e o outro tinha uma cauda grande e larga como a de um cavalo, e seus pés tinham formas estranhas. Assim que eles

vi meu amigo e eu, eles começaram a lutar e gritaram "Socorro, ajuda, desamarre-nos, liberte-nos".

Corremos rapidamente até eles e começamos a desamarrear as vinhas que os prendiam ao pinheiro, mas um homem robusto saiu da floresta e começou a atirar pedras em nós e corremos para nos salvar. Sinto-me muito triste pelas criaturas e tenho tentado descobrir quem ou o que elas eram e como eu poderia tê-las ajudado.

-John

John experimentou um evento muito provável no início da Atlântida. A sua descrição da temperatura, da chuva fraca e das plantas exuberantes que prosperavam no rico solo vulcânico são características das ilhas dos Açores na Dorsal Atlântica, alguns dos cumes remanescentes da ilha principal da Atlântida. Quando visitei os Açores, fiquei maravilhado com o crescimento prolífico e as cores profundas das flores. As hortênsias estavam em flor, e as plantas densas, de quase dois metros de altura, que margeavam as estradas estreitas, estavam cobertas de enormes flores brancas, azuis e rosa. Os agricultores usavam hortênsias como cercas para definir os campos, de modo que, quando você olhasse para fora, veria quadrados de campo contornados por flores azuis ou brancas. As pessoas nos Açores dizem que aram os tremoços para obter fertilizante porque são muito prolíficos.

As estranhas criaturas dos sonhos opressivos de João, muitas vezes chamadas de "coisas", realmente viveram na Atlântida e em outros lugares da pré-história. Edgar Cayce oferece uma explicação de sua origem que é semelhante aos mitos e lendas da criação de povos indígenas ao redor do mundo que acreditam que os humanos chegaram primeiro espiritualmente e depois fisicamente. Cayce explica que no início existia o Criador, uma extensão infinita de consciência universal. O Criador, a partir de si mesmo, criou faíscas disformes de luz que Cayce chamou de "formas-pensamento". As formas-pensamento tinham almas boas e morais e viviam de uma forma verdadeiramente espiritual de acordo com as leis divinas. Quando encontraram o nosso belo planeta, milhões destas almas de luz originais projetaram-se nele. Eles observaram os animais se divertindo muito comendo e brincando juntos, e queriam experimentar os prazeres do toque, do sabor da comida e do ato sexual. Como simples formas-pensamento, isso era impossível, mas gradualmente alguns deles conseguiram se misturar com as formas de vida que já existiam na Terra.

No início, as entidades anímicas podiam entrar ou sair das suas estruturas únicas à vontade, mas à medida que se concentravam nos deliciosos prazeres sensuais disponíveis quando estavam na forma física, as suas vibrações tornaram-se cada vez mais densas e tornou-se cada vez mais difícil entrar e entrar. fora. Era como estar preso em uma ilha no meio de um rio profundo e caudaloso. Eventualmente, as formas-pensamento perderam sua consciência multidimensional e ficaram presas dentro de corpos físicos.

Após milhares de anos de prazer e diversão, a maioria deles perdeu completamente o contato com seu Criador e tornou-se imoral e egocêntrico. Eles se concentraram em satisfazer suas próprias necessidades, o que resultou em muitos conflitos e discórdias. A situação na Terra era extremamente podre e desagradável.

Cayce nos conta que uma alma chamada Amilius viu esse mau estado de coisas e decidiu ir para a Terra e tentar aumentar a consciência das almas para que pudessem mais uma vez viajar livremente de e para a esfera deste planeta. Muitas outras formas-pensamento virtuosas com boas intenções semelhantes juntaram-se a Amilius nesta aventura altruísta. Depois de estudar por muito tempo as variadas misturas resultantes da multiplicação indiscriminada das criaturas, Amilius assumiu a forma de um corpo humano, que ele acreditava ser a forma física mais adequada para a Terra.

Cayce continua dizendo que Amilius criou corpos humanos semelhantes aos seus para as formas-pensamento que o acompanharam até a Terra. As novas pessoas apareceram simultaneamente em cinco lugares do nosso planeta. Amilius trabalhou com as formas-pensamento que vieram para a Terra com ele, tentando manter seus corações e mentes puros enquanto assumiam suas novas formas físicas, mas não teve sucesso total. Alguns deles sucumbiram egoisticamente aos prazeres sensuais e misturaram-se com os animais. Os resultados eram frequentemente descendentes grotescos, parte humanos e parte animais. Eles passaram a ser chamados de “coisas”¹ e são aqueles que John, o homem que conversou comigo na loja, tentou ajudar em seu sonho. As criaturas peculiares eram principalmente humanos, mas muitas vezes tinham partes ou apêndices de animais, como patas, caudas, asas e cascos ou garras fendidas em vez de pés. Pêlos grossos ou penas cobriam os corpos de alguns, outros eram anões. As referências de Cayce às “coisas” limitam-se ao período inicial da Atlântida, quando, embora fossem geralmente inteligentes e pudessem aprender a ler e escrever, as “coisas” eram definitivamente excluídas da sociedade e tratadas com muita severidade. Continuam vagas lembranças das estranhas criaturas, pois livros antigos referem-se a híbridos de homens e animais que viviam juntos em tribos em tempos antigos. Exemplos gráficos de criaturas que são parte animais e parte humanas são encontrados em inscrições egípcias e assírias. Na mitologia grega há referências a sátiros e centauros, que eram como

peças com orelhas e cauda de cavalo, e minotauros, que eram metade homem e metade touro.

Eu era uma das “coisas” na Atlântida. Parte da minha missão nesta vida é promover a aceitação de todas as formas de vida, bem como lembrar aos humanos que mesmo os clones que estão sendo clonados hoje, como as “coisas”/outras na Atlântida, são parte de Deus e, portanto, têm espíritos. /almas.

—ruth somma

Na Atlântida, os Filhos da Lei do Um e os Filhos de Belial discordaram totalmente sobre o tratamento das “coisas”. Os Filhos de Belial, que haviam perdido completamente o contato com suas almas espirituais e acreditavam que não existia nenhuma divindade na natureza além de seu próprio eu físico, empregaram a hipnose e a telepatia mental para explorar e dominar completamente as “coisas”. Ofereceram-lhes poucos confortos, trataram-nos com severidade e até os criaram para o trabalho escravo. Forçados a tirar água e puxar arados, ou às vezes atrelados a máquinas, os pobres seres levavam vidas miseráveis.¹ÿÿ

Vivíamos num complexo murado por causa dos animais selvagens. Havia muitos quartos dentro do complexo. Era um amplo edifício/lugar para morar. As “coisas” faziam o trabalho doméstico, mas em nosso complexo eram tratadas com carinho.

-anônimo

Os Filhos da Lei do Um acreditavam que todos estamos relacionados, todos somos um. Eles constantemente tentavam fazer amizade e ajudar as “coisas” infelizes, mas seus métodos eram inadequados para combater os Filhos de Belial. Apesar das vigorosas objeções dos seguidores da Lei do Uno, durante incontáveis anos as “coisas” foram cruelmente perseguidas na Atlântida.

Meu marido era um cientista e eventualmente nos separamos - ele para destruir a Atlântida e eu fui para um Templo de Cura em tempo integral. Trabalhei em um Templo de Cura com as "coisas" para ajudá-los a remover seus apêndices – a sensação é que foi sua entrada na forma física, quer queira quer não, que os prendeu.

-anônimo

Cayce descreve uma possibilidade de alívio que estava disponível para as infelizes criaturas, embora o difícil procedimento pudesse exigir várias vidas dedicadas. Se uma das "coisas" e seus descendentes entrassem em um Templo de Sacrifício, técnicos qualificados, usando drogas como sedativos, realizavam operações para remover seus apêndices animais e trabalhavam no aperfeiçoamento de um corpo humano. Conselhos sobre como melhorar sua dieta e viver uma vida saudável também estava disponível em um Templo de Sacrifício. Algumas das "coisas" que se voluntariaram para operações elétricas experimentais para remover suas garras, caudas ou chifres tinham a esperança adicional de que se oferecerem para experimentação pudessem promover o desenvolvimento de suas almas. Depois que as "coisas" adquiriram uma aparência mais normal, foi mais fácil para eles limpar e melhorar suas mentes, e eles seguiram para um Templo Belo. Aqui, seguidores generosos e compassivos da Lei do Um passaram longas horas utilizando arte, música, cristais, aromas e dança para ajudar os sofredores a recuperarem a sua pureza original e a elevarem-se a um nível mais elevado. Cayce descreve a música de cura, como o canto de tons, enquanto repete sílabas como Ar-rrrr, Ou-uuuu e Ur-rrr. O objetivo era libertar a mente e permitir que as vibrações do corpo absorvessem a luz do universo e se curassem. Os programas de dança no Temple Beautiful não apenas encorajavam uma melhor postura, mas também ofereciam uma oportunidade de cura para pessoas perturbadas, semelhante aos efeitos calmantes dos movimentos do tai chi.

À medida que as "coisas" avançavam pelas sete estações de um Belo Templo, aprenderam a perdoar os seus antepassados distantes, responsáveis pelo seu destino, e a libertar a sua raiva contra aqueles que os trataram de forma tão cruel. Paul Solomon, um ministro ordenado do século XX que ofereceu diagnósticos e tratamentos médicos bem-sucedidos, bem como previsões precisas de eventos futuros, relata que esses templos foram construídos como pirâmides com uma cúpula geodésica. A forma do interior, mais a cúpula, era a fonte da poderosa energia que os trabalhadores empregavam para ajudar os outros.

No início dos anos 80, tive a oportunidade de regredir hipnoticamente a várias de minhas vidas passadas. O primeiro foi como sacerdote atlante, rodeado por diversas sacerdotisas vestidas com roupas e mantos da época. A segunda eram apenas as palavras “um menino escravo egípcio, comido por um leão” – nunca pensei muito nesta segunda vida que se manifestava apenas em palavras, até cerca de um ano atrás. Naquela época, conheci uma mulher com quem compartilhava interesses semelhantes. No Natal ela me deu três ankhs de presente. Embora eu estivesse usando um ankh, ela não sabia que eu os colecionava e que compreendia seu verdadeiro significado. Ela guardou esses ankhs por algum tempo antes de entregá-los meu.

Parte do meu ritual diário é dar um passeio à noite. É uma forma de meditação. Uma noite, pouco depois de ela me entregar as ankhs, enquanto segurava uma que estava no meu bolso, tive uma lembrança ou visão daquela vida egípcia. Eu era o que era cruelmente chamado de mestiço – parte humano, parte leão. Eu era propriedade de um atlante que vivia na última ilha a afundar na costa de Bimini. Eu tinha uma mentalidade muito baixa e não estava totalmente consciente da minha situação. Mas tive a sorte de escapar de lá, para o que hoje é o Egito. Isso foi há cerca de doze mil anos, quando Rá retornou do exílio na Núbia, trazendo consigo alguns seguidores. Uma das pessoas que voltou com ele foi uma princesa núbia que se tornou neófita sob seus ensinamentos. Ela esteve envolvida com curas e cirurgias que me permitiram tornar-me mais parecido com um homem na aparência e na mentalidade. Tornamo-nos amigos rapidamente naquela vida. Mesmo que ela tenha falecido antes de mim, prometi que me lembraria dela. Foi ela quem recentemente me deu aqueles ankhs que me permitiram lembrar daquela vida. Essa memória me permitiu ver as pirâmides como eram naquela época e que visão elas eram.

-anônimo

Os Ankhs, que estão disponíveis hoje como amuletos ou fichas de boa sorte, têm o formato de um pequeno boneco de dois braços. A cabeça é um laço oco. No antigo Egito, os ankhs eram chamados de “a Cruz da Vida” e considerados extremamente poderosos, como uma alma vivente. Quando usado corretamente, um ankh era um amplificador de energia e de pensamento. Quando era segurado pelo loop, era usado para transmitir, e

quando segurado pelos braços, recebeu. Na Atlântida e no Egito, os sacerdotes dirigiam o som com seus ankhs, como um diapasão. A energia poderosa desse som poderia aumentar e retornar como um bumerangue e prejudicar o remetente, portanto, a mais alta integridade e o treinamento cuidadoso em seu uso eram essenciais.¹⁷⁶ Dizia-se que os Ankhs tinham poder sobre a vida e a morte. Eles foram especialmente úteis na meditação e permitiram que as sacerdotisas e os sacerdotes da Atlântida estivessem fora do tempo, do corpo, do espaço e de outras dimensões. Cientistas-sacerdotes eruditos e experientes usaram ankhs para moldar a vida, para curar e para se comunicar com extraterrestres.

Uma vez que os descendentes das “coisas” lidaram com suas deformidades físicas mais grosseiras em um Templo de Sacrifício, e refinaram e desenvolveram seus aspectos mentais em um Templo Belo, um passo final para seu progresso estava disponível. Um grupo seletivo foi autorizado a entrar na Grande Pirâmide e passar pelo processo de iniciação para aumentar a sua consciência. Embora as manifestações físicas anormais do passado tenham desaparecido quase completamente, ainda estamos trabalhando para elevar o nível de nossas almas à sua dimensão original superior através do ciclo sempre repetido de carma e reencarnação.

[\[conteúdo\]](#)

■

176. Una Marcott, Palestra na Association for Research and Enlightenment, 15 de outubro de 1999.

177. Cayce, Edgar Evans, Na Atlântida, pp.

178. Cayce, Leituras 2067–6 e 5118–1.

179. Montgomery, O mundo anterior, p. 130.

180. Marciniak, Portadores do Amanhecer, p. 192.

12

cura

■

Nos centros de cura da Atlântida, praticantes qualificados usavam cristais, pirâmides, sons, cores e suas mentes para estimular o processo de cura do próprio paciente e proporcionar alívio da doença. As pessoas ainda praticam esses métodos antigos em áreas remotas porque funcionam para elas.

Numa pequena sala, durante uma conferência no Instituto Edgar Cayce, em Virginia Beach, observei um curandeiro nativo americano usar um cristal de quartzo, som e energia curativa das mãos para acalmar um jovem que estava tendo uma convulsão. Para o som, ele primeiro soprou uma pequena flauta do Peru pré-histórico e depois encheu a sala com tons baixos e vibrantes de um didgeridoo, os longos instrumentos semelhantes a flautas que os aborígenes australianos tocam para evocar o Dreamtime.

Trabalhei na Atlântida como curador por muitas vidas. Lembro que trabalhei com cristais em conjunto com luz e som, talvez um pouco de música também. Nesta vida mantenho algumas das minhas habilidades de cura daquelas vidas passadas, pois quando jovem adulto, tomei consciência de que tinha habilidades de cura que posso projetar através dos meus olhos.

Para curar, coloco a mão esquerda no corpo da pessoa, acima de uma lesão mais próxima do coração, e a mão direita, abaixo do problema. Então eu olho para a lesão. Meu campo de visão fica meio branco leitoso, mas no centro há um espaço absolutamente claro com cerca de sete centímetros de diâmetro, focado na lesão. Ao olhar para ele, minha visão se aprofunda no corpo e comecei a ver o sistema circulatório como milhares de pequenos rios vermelhos correndo em todas as direções. Então, enquanto continuo olhando para a lesão, vou mais fundo no corpo e posso ver uma sombra marrom

onde está a lesão ou infecção. Então eu intensifico a energia que sai dos meus olhos (e os cantos internos dos meus olhos fazem cócegas com a energia). Enquanto me concentro na infecção, posso ouvir estalos e estalos, como pipoca. A infecção está sendo vaporizada por esta energia. As pessoas costumam dizer que sentem calor quando trabalho nelas.

Para uma lesão óssea, imagino muitas pequenas moléculas de osso e as invoco até a extremidade do osso para auxiliar na cura. Trabalhei com uma amiga de um banco que quebrou o pulso em seis lugares em um acidente de carro. Ela tinha duas hastes enfiadas na mão e duas no antebraço, com longas hastes de apoio entre elas para estabilizar o pulso com os ossos quebrados. Eu a visitava uma vez por semana para lhe dar um tratamento de vinte minutos. Quando ela voltou para um check-up, seu médico disse: "Agora podemos prepará-la para fisioterapia". "Quanto isso custaria?" ela perguntou. "Ah, cerca de US\$ 11.000." "Esqueça!" ela disse, e seu médico ficou bravo com ela. No entanto, quando ela voltou para fazer a primeira radiografia, ele ficou surpreso com a rapidez com que o pulso cicatrizou. Eu ri de alegria. "Você contou a ele o que nós dois estávamos fazendo para curar seu pulso?" "Não, claro que não!" De qualquer forma, vou vê-la no banco de vez em quando e a vejo digitando tão bem como se nunca tivesse se machucado. Estou realmente surpreso e grato por poder ajudá-la.

—Kathleen Keith

[191](#)

Embora os cristais não possam gerar energia, eles têm a capacidade de movê-la e transformá-la, e talvez de retê-la. Os curandeiros Navajo percebem isso e utilizam cristais para amplificar e concentrar suas energias benéficas em seus pacientes. Assim como os cristais são usados em rádios, televisões e computadores para continuar o fluxo de energia elétrica, eles são capazes de auxiliar o corpo humano. Cada uma de nossas células possui uma pequena carga elétrica que nos torna uma massa de energia em movimento, conectada e interagindo com a energia que nos rodeia. O que pensamos e sentimos é transmitido através da nossa vasta rede elétrica de células nervosas.

O desequilíbrio nas vibrações das células do nosso corpo pode levar a doenças ou enfermidades. Os cristais de quartzo podem ser muito úteis na cura, pois auxiliam na melhoria da comunicação entre as células.

Os cristais de quartzo são formados à medida que o silício esfria após ser ejetado do centro da Terra. Eles eram abundantes em Mu e na Atlântida, onde o primeiro solo foi formado a partir de lava e rochas de vulcões em erupção, ou de materiais expelidos de fendas no fundo do oceano onde as placas tectônicas se separaram.

Há três meses, um clarividente muito poderoso me disse que eu era um curador da Atlântida. Sempre fui fascinado por cristais e pedras preciosas. Acredito que esta foi a fonte do seu (nosso) poder, não tenho certeza de como os usamos, mas posso sentir que o fizemos.

-anônimo

Numerosas almas que eram curadoras na Atlântida retornaram à Terra, e muitas delas são praticantes habilidosos, utilizando com sucesso técnicas de vidas anteriores envolvendo cristais.

Eu sou um curador espiritual e, como tal, curo todos os distúrbios debilitantes, desde ossos quebrados até ELA. Fui abençoado por não ter o “véu do esquecimento” – lembro-me de tudo o que fiz em vidas passadas. A energia de Hermes Trismegisto esteve presente em três dessas vidas. Esta energia, de facto, fez muitas coisas durante o período da Lemúria, Taucadia e Atlântida, ou como eu a conheço, a Terra Vermelha. . . . A
energia com a qual me conecto faz a cura e eu apenas dirijo esse amor e essa energia.

-anônimo

Eu uso diapasões para equilibrar energia e desbloquear chakras. Tenho alguns cristais novos e os resultados são fenomenais. Meu treinador diz que fui um curandeiro na Atlântida.

— rev. Evelyn Urban-Wern, médica.

Evelyn é uma curadora energética que acredita que a base de todas as doenças e enfermidades é o resultado de um desequilíbrio ou interferência no sistema de energia da força vital durante um período de tempo. Quando ela trabalha com um paciente, usando técnicas da época da Atlântida, ela facilita o fluxo de energia através do corpo, desde o topo da cabeça até as pontas dos dedos dos pés e das mãos. Se ocorrer algum bloqueio, ela limpa e direciona o fluxo natural da energia usando cristais especiais. Os benefícios que podemos obter com a experiência incluem maior amor, melhoria da saúde, crescimento da alma e maior consciência, todos os quais ajudarão no cumprimento dos objetivos da pessoa.

Usando cristais de quartzo, alinhamos com muito sucesso os chakras de nossos pacientes e os ajudamos com problemas físicos e mentais.

—dois curandeiros de New Hampshire

Chakra é uma palavra sânscrita que significa “roda de fogo” ou “roda de luz”. Refere-se aos sete principais centros de energia do nosso corpo. O conceito de chakras, que remonta aos curandeiros da Lemúria e da Atlântida, sobreviveu ou foi percebido novamente no Egito, na Índia, no Tibete e entre os maias no México. Na filosofia taoísta, os chakras estão relacionados às sete glândulas endócrinas do sistema endócrino do corpo e afetam todos os níveis do nosso ser.^{1y3} Na civilização mais antiga da Atlântida, as pessoas usavam roupas para proteger seus chakras, pois acreditavam que a cobertura seu corpo garantiu que o poder dos centros de energia permaneceria com eles.^{1yö}

Quando me curo, coloco-me nessa energia e assim vejo os chakras e outras áreas do corpo. Posso ver os chakras como uma espiral, uma flor se abrindo ou como uma cor vibrante. Eles são uma porta de entrada para o universo do corpo, esperando para serem explorados. Como eles giram, quão próximas estão as linhas de vibração – quão equilibradas ou tortas elas são, tudo isso são indicadores de totalidade ou doença.

—heather robb

Cada um dos centros individuais dos chakras está associado a certas funções físicas, emocionais e intelectuais ou espirituais, e cada um tem cor, som e vibração diferentes. Se uma dessas rodas de energia estiver desequilibrada, o corpo ficará sujeito a um distúrbio.¹ Um dos chakras mais interessantes, também conhecido como terceiro olho, fica no centro da testa, logo acima dos olhos.

Violeta ou azul muito brilhante estão associados a este centro da nossa intuição. O terceiro olho nos permite ver a aura energética de outra pessoa – um campo colorido de luz ao redor do corpo. A tecnologia moderna é capaz de fotografar auras, mas é possível aprender a vê-las como raios de energia coloridos e em movimento. Os primeiros artistas religiosos retratavam essas auras ou campos de energia como faixas de luz ao redor de seus objetos. Os nativos americanos referem-se às auras como “fogos sagrados”. Os curandeiros de Reiki estudam as cores e formas da aura para diagnosticar e curar problemas físicos e mentais. Quando uma pessoa está sob estresse, seu campo de energia muda de cor e forma, oferecendo dicas ao observador astuto sobre a presença de medo, insegurança, ganância, preocupação e outros problemas profundos.⁶

Quando uma pessoa coloca um cristal sobre o terceiro olho, se a pedra estiver totalmente concentrada, ela parece emitir uma energia que mais ou menos “estourará” o terceiro olho. Seu sexto sentido se torna mais ativo, seus pensamentos passam para uma consciência subconsciente – mais como um estado de sonho, e você pode sentir a pressão no seu terceiro olho quando ele se abre. Isso não deve ser forçado por muito tempo, ou você terá uma dor de cabeça terrível.

—carrie blakley

[1](#)

A visão do terceiro olho nos abre para o conhecimento de que a identidade de alguém vai além da forma física. Alguns nativos americanos usam uma faixa na cabeça que segura um cristal ou outra pedra sobre o terceiro olho para conectar o terceiro olho ao chacra coronário e aumentar suas habilidades intuitivas.

Para usar uma pedra no terceiro olho, faço um envoltório de arame com a pedra, assim como faria para fazer um pingente. Com o arame, faço duas voltas largas na parte de trás da pedra, depois passo uma fita ou uma bandana dobrada por essas voltas e amarro na testa.

-anônimo

Um curador relata que pedras colocadas na área de certos chakras são eficazes no alívio de problemas associados a eles. Ela sugere que uma vez por mês, logo antes ou imediatamente após o ciclo menstrual, as mulheres coloquem um cristal sobre o segundo chakra, na região abdominal inferior, logo abaixo do umbigo. Ela descobriu que isso ajuda a manter o equilíbrio emocional e parece retardar o fluxo de substâncias químicas hormonais que contribuem para a síndrome pré-menstrual. Essa técnica também é eficaz no alívio dos sintomas da menopausa, que normalmente resultam da falta desses hormônios. Em ambos os casos, parece ocorrer um equilíbrio que inclui uma sensação positiva de limpeza. 1yÿ

Índigo é a cor associada ao chakra coronário no topo da cabeça. Os chineses chamam sua glândula, que é a hipófise, de Porta do Céu, talvez por estar ligada à glândula hipotálamo, que gera prazer quando estimulada. O chakra coronário é a porta de entrada para forças superiores ou cósmicas. Influencia todos os centros de energia e afeta o sistema nervoso central.

Os médicos costumam se referir à hipófise como glândula mestra porque ela coordena inúmeras funções de outras glândulas endócrinas.

Relembrando habilidades valiosas de seus dias na Atlântida, os curandeiros empregam cristais de quartzo para se concentrarem durante a meditação e facilitarem o movimento natural das vibrações pelo corpo. À medida que as pedras recebem energia da mente do curador, elas melhoram e movem o ritmo por todo o corpo do paciente, assim como transmitem energia nos computadores. Os bloqueios resultantes da doença e da depressão diminuem, o fluxo natural de energia melhora e o sistema imunológico fica mais forte.

Uma cerimônia de cura típica na Atlântida poderia ter seguido um padrão semelhante. Grandes cristais foram posicionados de forma a absorver e dispersar forças positivas para o paciente. O cuidador colocou os cristais na cabeça, nos pés e nas laterais da pessoa, que estava deitada em um sofá baixo ou sentada no chão de pernas cruzadas, sentada

posição. A pessoa segurava um cristal adicional em cada mão enquanto o curador cuidadosamente organizava mais pedras brilhantes no topo da cabeça do destinatário (o local mais importante), no umbigo, no terceiro olho e em outras áreas receptivas do corpo desordenado. Os amigos presentes concentraram-se na meditação para enviar amor intenso e energia curativa através dos cristais, que o expandiram e transmitiram ao destinatário.¹

9

Uma variedade de fatores influencia a potência dos cristais. É importante limpá-los antes de usar. Colocar a pedra em uma tigela com água e sabão sob a luz direta do sol por três dias é bastante eficaz. Uma abordagem mais simples, que leva apenas alguns minutos, é colocar o cristal em um prato com água destilada ou mineral que contenha várias gotas de essência floral de poejo.¹ A cor do cristal também é importante. O cristal de ⁹⁰quartzo geralmente é incolor, mas se a lava em resfriamento contiver poeira metálica, o cristal ficará colorido.

Na Atlântida, os curandeiros empregavam o quartzo rosa em tratamentos de spa e as pessoas o usavam em suas vidas diárias. Geralmente procuravam um sacerdote da medicina que ajudava a realizar o "ritual" de concentração, para que usassem a pedra de maneira adequada.

—carrie blakley

O quartzo rosa é rosa, o quartzo roxo é chamado de ametista e o quartzo amarelo é chamado de citrino. O quartzo rosa funciona melhor no coração, no centro da cabeça próximo ao terceiro olho e em outras áreas de pulsação do corpo. É mais eficaz no tratamento de instabilidade emocional do que de problemas físicos. Por esta razão é referido como o "quartzo do amor". Quando bem utilizado, o quartzo rosa traz sensações de tranquilidade, paz interior e equilíbrio harmônico.

São semelhantes às sensações que as pessoas experimentam quando encontram o amor verdadeiro (não apenas sexual).¹ ¹ O quartzo rosa contém inclusões de dióxido de titânio, que é branco, e óxido de ferro, que contribui com a cor vermelha. O teor de ferro é afetado pelo magnetismo e pode aumentar a energia dos pensamentos de uma pessoa e ser responsável pela agradável frequência do "amor".

A cor dos cristais de quartzo esfumaçados varia de um cinza celeste claro a um cinza escuro como carvão. Assim como o ônix preto, os cristais esfumaçados nos ajudam a relembrar memórias bloqueadas de eventos desagradáveis. Eles ajudam a ejetar as vibrações negativas do

essas experiências desagradáveis de nossas mentes e corpos e criar um espaço interior para que possamos nos curar. Os cristais de quartzo esfumados também são eficazes no tratamento da depressão pós-parto e outros casos leves de “tristeza”. Como a energia emitida pelos cristais de quartzo esfumados pode ter efeitos inesperados no usuário ou no paciente, recomenda-se um curador qualificado. Não se deve tentar a autoaplicação do cristal de quartzo esfumado.^{1 2}

9

Os cristais de quartzo transparentes são os cristais mais poderosos na cura e na meditação. Com o quartzo transparente é possível ajustar as energias do corpo num período de tempo relativamente curto e atingir mais rapidamente um elevado estado de consciência mental e espiritual. Para encorajar o equilíbrio mais completo, curandeiros habilidosos aprimoram a cerimônia com cânticos ou música. A luz das velas e o odor de âmbar queimado, copal, moldavita e olíbano também são eficazes para ajudar o paciente a relaxar, a ser receptivo à cura e a lembrar como é ser saudável. A experiência aumenta a fé do paciente de que este evento o ajudará a recuperar a saúde; é bem sabido que uma crença forte pode curar.

Cayce sugere usar um cristal; não apenas como uma peça de boa sorte, mas porque tem uma influência útil nas vibrações do corpo.^{1 3} Alguns curandeiros recomendam colocar um cristal de quartzo transparente no topo da cabeça, pois acreditam que a pedra captará as frequências eletromagnéticas do cérebro e equilibrá-lo e realinhá-lo. Acredita-se que um cristal debaixo do travesseiro estimule sonhos agradáveis e um sono tranquilo. Um cristal de quartzo no centro de um jardim pode promover plantas mais fortes.

Os cristais serviram aos atlantes como ferramentas de cura de várias outras maneiras.

As paredes e os tetos das salas de parto atlantes eram incrustados com cristais verdes brilhantes, proporcionando uma bela visão e sensação a um ser ao entrar no mundo.

—herma Walthausen

Os cristais de quartzo foram úteis no diagnóstico,^{1 4} uma técnica que curandeiros treinados usam hoje. À medida que movem a pedra lentamente sobre o corpo de uma pessoa, sua cor muda ligeiramente na área problemática. Hopi Blue Wolf diz que com cristais seu povo é

capaz de ver o “spin de energia” vindo de uma pessoa.

Muitos anos atrás, experimentei uma “visita” a uma sala de cristal na Atlântida. Acho que a sala era circular ou as paredes estavam dispostas de forma circular. Havia muita luz na sala e vi que o teto era uma cúpula. Disseram-me que trabalhei com cristais, luz, cor e som para curar e equilibrar. Isso foi por volta de 15.700 aC. Na Atlântida, aparentemente salvei a vida de quatro mulheres cujos nomes atuais possuo, mas ainda não cruzei o caminho delas.

-anônimo

Várias pessoas se lembram das salas de cristal na Atlântida. As salas estavam localizadas sobre um solo rico em cristais e continha uma variedade de pedras úteis para uso na cura e expansão da mente.

Os engenhosos atlantes usaram cristais para queimar as forças destrutivas do corpo de uma forma que o encorajou a se rejuvenescer.¹ Este procedimento foi realizado com sucesso em uma câmara secreta de rejuvenescimento em um templo na principal cidade de Atlântida. Enquanto estava na câmara, o paciente reclinou-se em uma cadeira confortável e os técnicos focaram com precisão os raios solares através de um cristal no corpo do idoso. Simultaneamente, os curadores produziam e ampliavam diversas frequências sonoras, cuja energia regenerava as minúsculas moléculas de cada célula, reativando tecidos envelhecidos. A operação restaurou o equilíbrio hormonal da pessoa, as rugas desapareceram e a energia voltou. Habilidade e cautela eram importantes, pois se o cristal fosse ajustado muito alto, destruiria o corpo.¹ Uma visita geralmente era adequada, pois os atlantes aprenderam que, à medida que envelheciam, como férias muito longas, os eventos que antes desfrutavam ofereciam menos satisfação quando repetido várias vezes. Eventualmente, a perspectiva de passar mais tempo no corpo físico não era tão atraente quanto a experiência agradável que viria após a partida da Terra.

Estruturas em forma de pirâmide eram vistas comuns em Mu e na Atlântida, e os pesquisadores descobriram que uma energia misteriosa opera dentro desses edifícios. Quando os investigadores encontraram lixo antigo e animais mortos na Grande Pirâmide de Gizé, os objetos antigos estavam frescos, não podres. Eles não cheiravam mal e pareciam mumificados. Os pesquisadores propõem que, dada a

Em condições adequadas, a energia das pirâmides é capaz de afiar lâminas de barbear, melhorar o sabor da água da torneira, estimular o crescimento das plantas e a germinação das sementes, recarregar baterias, facilitar o processo de cicatrização e aumentar a vitalidade⁹e a virilidade.¹ ÿ

Uma coisa importante da pirâmide é a sua energia que atua fortemente no carma das pessoas, acelerando-o, acelerando-o, alimentando-o de energia. E assim, por exemplo, se uma pessoa precisa aprender certos aspectos da vida (sobre o que se trata o carma), isso pode acontecer mais rapidamente usando a energia da pirâmide. O que significa que ele / ela pode perder um relacionamento. Mas veja isto de uma forma positiva – alguém poderia conseguir um novo relacionamento porque o antigo não era bom. Mas pode significar que tal pessoa, se dormisse na Câmara da Rainha da Grande Pirâmide, poderia morrer pouco depois, tendo completado o carma daquela vida num instante!

—wim roskaam, Holanda

Os Lemurianos e Atlantes frequentemente construíam seus templos em forma de pirâmide, onde a energia canalizada do universo estava mais prontamente disponível. Para obter energia adicional, eles colocaram um poderoso cristal de quartzo próximo ou no topo do edifício. Eram lugares para reabastecer e reconstruir, pois quando alguém está em estado meditativo em uma pirâmide é possível captar as vibrações aprimoradas da maíais e restaurar a energia.¹ refletem o ⁹estrutura ÿ Os planos de muitas antigas cidades conhecimento que os descendentes de pessoas de Mu e Atlantis que viveram e trabalharam aqui, transmitidos aos seus descendentes. A parte central dessas cidades consistia em quatro pirâmides voltadas para uma praça central sagrada fechada. Os edifícios foram colocados para corresponder ao nascer e pôr do sol dos solstícios de verão e inverno. Os maíais explicam que seus ancestrais organizaram seus edifícios importantes dessa maneira porque era assim que os deuses faziam quando o mundo começou.¹

Presumivelmente, a posição das pirâmides aumenta a distribuição da energia que estas formas incomuns produzem. Um amigo por e-mail descreve um sonho com um complexo semelhante. Sua visão retratou uma grande praça central, formada por quatro pirâmides dispostas de acordo com as quatro direções. No centro da praça havia uma torre com um cristal de formato único que coletava energia do universo e

transmitiu-o aos cristais no topo das quatro pirâmides. Ele acreditava que as pessoas nos edifícios usavam o poder dos cristais para a cura.

As pessoas sensíveis de há muito tempo compreenderam que as forças subtis de todos os reinos exercem influência nas nossas mentes e corpos, e perceberam que era importante colocar edifícios de modo a aproveitar as energias úteis da Terra e do universo. Para escolher o local mais favorável, utilizaram a ciência do feng shui ou geomancia. Os contornos do terreno, a localização dos riachos subterrâneos e a presença de outros fatores naturais, como cristais no solo, foram cuidadosamente considerados por sua influência nas energias resultantes dos campos gravitacionais, eletromagnéticos e eletrostáticos circundantes.² Até recentemente, o feng shui era praticado principalmente no Extremo Oriente e está ressurgindo em ⁰⁰ nossa sociedade.

Damanhur, uma comunidade espiritual única de 800 pessoas no Vale Valchiusella, no sopé dos Alpes do norte da Itália, baseia-se na tecnologia Atlante.

Os residentes afirmam que a sua capacidade de viajar no tempo até Atlântida lhes forneceu as informações para construir esta réplica da vida como era há muito tempo atrás na terra perdida. Em Damanhur, todos vivem em torno de uma enorme catedral circular e dos seus belos jardins. Um espectador que teve permissão para filmar um vídeo de seis horas de Damanhur oferece um retrato preciso das cerimônias deste templo, nas quais a música desempenha um papel importante. A enorme cúpula de quartzo brilhante do edifício está disposta em um padrão de mosaico e, quando o sol brilha através do cristal, espalha arco-íris coloridos pelo interior da catedral.

Uma técnica mestre, que afirma ter trazido o Reiki para Atlântida, recentemente me ensinou a ser uma curandeira. Eu sei que cinco de nós que trabalhamos juntos aqui estávamos fazendo Reiki em Atlântida. No momento em que o técnico estava me sintonizando com o Reiki pela primeira vez, tive uma visão de um Templo de Cura na Atlântida. Nós cinco estávamos na varanda voltada para o leste, olhando para o sol nascente. Depois de muitos milhares de anos, isso está acontecendo novamente aqui.

-anônimo

Utilizando amor e pensamento concentrado, os curadores de Reiki enviam energia da cabeça, do coração e das palmas das mãos para fortalecer e encorajar as frequências elétricas internas.

de seus pacientes e estimular seu processo de cura.

Além disso, tenho memórias pessoais de outras vidas na Atlântida, de ser um curador nos grandes templos de cura. Trabalhei principalmente com energia e som Reiki para equilibrar o corpo humano. Maravilha das maravilhas, quando vim para esta cidade, conheci uma senhora de quem me lembro da Atlântida como uma colega curandeira. Ela agora é minha massoterapeuta pessoal. Ela se lembra de mim de lá também.

-anônimo

Os tons musicais irradiam em diversas frequências e, quando combinados com outras formas de terapia energética como o Reiki, oferecem um equilíbrio mais completo. O taoísmo, assim como as artes marciais, o druidismo, o paganismo, a Wicca, a prática cigana, o xamanismo egípcio e o xamanismo ameríndio combinam tons musicais com pensamentos focados de amor para tratar seus pacientes. Esse entendimento básico foi transmitido a muitos deles por seus ancestrais.

O início das taças de cristal foi na Atlântida. Houve um Ser, um Sumo Sacerdote, que descobriu que quando ele juntava algum material de areia cristalina, este produzia um som muito puro quando tocado, então ele começou a fazer experiências com pacientes. . . . Ele sentou as pessoas no Templo de Cristal perto de um aglomerado de quartzo e fez experiências com o cristal em forma de tigela.

—renee brodie

[20](#)

As taças de cristal oferecem aos curandeiros outra fonte de som para equilibrar os padrões de energia do corpo. Feitas de areia de sílica, que é quartzo puro, ou de cristal de quartzo triturado e em pó, as tigelas emitem um tom semelhante ao de um sino quando são batidas com um martelo de borracha. Dependendo da sua construção, cada tigela produzirá um tom claro e aberto da escala musical.

A investigação científica redescobriu que certas frequências sonoras, ou notas numa escala, estão relacionadas com partes específicas do corpo. O Dr. William Tiller, da Universidade de Stanford, afirma que “cada átomo e molécula, célula e glândula do nosso corpo tem uma frequência característica”.^{2 2} A nota F beneficiará os pulmões; G o fígado, a vesícula biliar, o baço e o estômago; e C, a base da coluna.^{2 3} Nas cerimônias de cura, tigelas de cristal são batidas simultaneamente ou em sequência, enquanto o terapeuta se concentra em eliminar energias indesejadas e restaurar o equilíbrio da área afetada.

Os sons elevam a qualidade vibracional deste planeta; só o som tem o poder de curar, bem como de criar, de manifestar, de trazer à existência.

-anônimo

Diapasões e taças de cristal não são a única maneira pela qual os curadores evoluídos usaram o som desde a época da Atlântida para aumentar as vibrações de cura. Tons musicais e canções de grupo, batidas de tambor e vogais repetitivas, como Ooommmm, Ahhhhh e Huuuu, despertam as emoções e abrem os chakras e as glândulas do sistema endócrino.

O fluxo de energia das células do nosso corpo é conhecido como corpo bioplasmático. Acupuntura, ioga, terapia de polaridade e cura psíquica manipulam o fluxo de energia do corpo bioplasmático e são benéficas para melhorar a saúde física. Edgar Cayce sugere dois dispositivos de cura pseudoelétricos, o Aparelho Radial-Ativo e o Aparelho de Célula Úmida, para trabalhar com a energia elétrica do corpo. Muitos acreditam que as suas instruções detalhadas para a construção e utilização destas ferramentas tiveram origem na Atlântida, onde os curadores compreenderam que as nossas células continham um importante componente eléctrico. Ambos os instrumentos equilibram e rejuvenescem o sistema neurológico a nível celular.

Praticantes qualificados usam esses dispositivos com sucesso hoje, aprimorando-os com massagens ou manipulação osteopática e melhorias na dieta.² y Cayce também sugere incluir a oração nos tratamentos. O aparelho Radial-Active é recomendado para insônia e dores de cabeça, e o aparelho Wet Cell, que é mais forte e produz uma voltagem diminuta, tem produzido melhora no tratamento de esclerose múltipla, distrofia muscular, paralisia e Parkinson.

doença.² ¶

Tive uma visão de voltar para a Atlântida. Visitei minha casa nas colinas acima do templo e vi meu pai trabalhando nos corredores do Senado até o cais de nossa própria . . . então caminhou baía, observei e ri enquanto meu avô brincava com seus golfinhos de estimação e nadava comigo no calor. águas. Meu avô e eu caminhamos de mãos dadas pela areia até a hora do jantar em nossa casa, sentados perto do fogo e observando e cantando o pôr do sol. Ele ficou comigo por um tempo sob os céus estrelados.

-anônimo

Os golfinhos, tão abundantes em Mu e na Atlântida, são uma fonte potencial de energia curativa. Platão nos conta que estátuas douradas de golfinhos, com graciosas ninfas do mar cavalgando em suas costas, cercavam a gigantesca estátua do deus Poseidon em pé em uma carruagem no Templo de Poseidon, na principal cidade da Atlântida. Inúmeros golfinhos viviam nas águas ao redor da ilha e as pessoas os consideravam animais de estimação especiais.² ¶⁰⁶

Os investigadores que utilizaram EEG descobriram que as pessoas que passam tempo com golfinhos experimentam um aumento nas ondas teta, o que indica que entraram num estado profundamente pacífico, semelhante ao alcançado na meditação. A intimidade com golfinhos também expande a capacidade do corpo de produzir e utilizar neurotransmissores como a dopamina, que pode afetar todo o sistema endócrino.² ¶⁰

Os atlantes provavelmente conheciam e apreciavam os efeitos terapêuticos adicionais da natureza compassiva dos golfinhos. A cura vem de dentro de nós mesmos e quando as pessoas estão com golfinhos não podem deixar de reagir com os mesmos sentimentos de aceitação e amor incondicional que os animais projetam. Passar tempo com golfinhos também aumenta os níveis de imunoglobulinas e células T-killer, fortalecendo assim a capacidade do nosso corpo de resistir a doenças. O contato com golfinhos ajudou pessoas com depressão grave a melhorar sua auto-estima e perspectiva de vida.² ¶ A maioria de nós não tem a oportunidade de nadar e se comunicar com golfinhos como os atlantes fizeram, mas temos o privilégio de procurar os golfinhos. curandeiros que retornaram para compartilhar suas habilidades únicas conosco.

[\[conteúdo\]](#)

■

181. Além de ser uma curandeira de sucesso, Kathleen é oficial do exército aposentado. Sob o pseudônimo de Jane Egan, ela concluiu recentemente um livro intitulado The Mothership Chronicles, A Wider World of Hope and Joy. Nele ela conta algumas experiências pessoais notáveis. Usando a viagem astral, ela subiu até uma nave-mãe bem acima do campo gravitacional da Terra. Lá ela trabalhou em um centro de cura ao lado de extraterrestres Pleiadianos. Eles tinham a intenção de curar soldados com ferimentos graves que haviam sido transportados de guerras na Terra. Seu livro está disponível na Amazon.com ou em www.1stBooks.com.

182. Evelyn Urban-Wern é uma curadora de energia espiritual. E-mail: evurwn08@aol.com; www.prayevelana.com.

183. Hunt, Elefantes e Chakras, p. 39.

184. Bethards, Atlântida, p. 11.

185. Brodie, Os Tons Curativos das Taças de Cristal, p. 19.

186. Cayce, Edgar, Auras.

187. Da correspondência privada. Carrie Blakley é uma cientista freelancer que

é especializada nas áreas de terapias médicas holísticas e alternativas. Seu site é <http://www.geocities.com/carrienjerry2002.htm>.

188. Ibidem.

189. Alper, Explorando Atlântida, p. 16.

190. Gerber, Medicina Vibracional, p. 343.

191. Carrie Blakeley.

192. Ibidem.

193. Cayce, Leituras 2285–1.

194. Alper, Explorando a Atlântida.

195. Cayce, Leituras 440–5.

196. Caldwell, O Romance da Atlântida, p. 18.

197. King, Manual de Energia da Pirâmide, p. 27.

198. Bethards, Atlântida, p. 22.

199. Van Auken e Little, Lost Hall of Records, p. 171.

200. Esperança, Magia Atlante Prática, p. 115.

201. Brodie, Os Tons Curativos das Taças de Cristal, p. 18.

202. Ibid., pág. 46.

203. Ibid., pág. 99.

204. Kasten, Len, Atlantis Rising, Número 15, pp.

205. Dois artistas talentosos que canalizam dispositivos atlantes de cura energética e arte de cura estão manifestando um centro de cura espiritual, o Centro de Luz Radiante. O site deles, www.trlamb-art.com, oferece informações interessantes.

206. Firman, Atlântida, Um Estudo Definitivo, p. 38.

207. Cosentino, O Mensageiro da Luz, Vol. IV, nº 9, pág. 7.

208. Ibidem.

13

energia

■

Tanto na Lemúria como na Atlântida, uma sociedade comunitária com armazéns e armazéns partilhados garantia que todos trabalhassem no que melhor lhes convinha. Portanto, cientistas e artistas foram dispensados da necessidade de ganhar dinheiro e concentraram livremente os seus esforços em contribuir para o conhecimento e o desenvolvimento estético. As realizações dos sacerdotes-cientistas lemurianos e atlantes, com instalações ilimitadas e milhares de anos para desenvolver a sua tecnologia, excederam as da nossa civilização relativamente curta. A capacidade destes hábeis inventores de desenvolver e usar as suas mentes de uma forma que a maioria dos cientistas de hoje não consegue compreender contribuiu para as suas espantosas realizações.

Foram necessários pelo menos vinte anos de estudo e meditação extremamente exigentes para harmonizar as intuições e o intelecto de potenciais sacerdotes-cientistas. Durante esse período, os candidatos não apenas estudaram ciências físicas, mas também ampliaram sua consciência e aprimoraram suas habilidades psíquicas. Eles aprenderam a confiar em sua intuição, além das sugestões de seu cérebro lógico.² Com foco na compreensão das leis naturais, os Lemurianos construíram um tipo sofisticado de moinho de vento como fonte de energia.

Eles também descobriram que suas terras ricas em minerais continham rochas magnéticas e radioativas, que, quando usadas adequadamente, forneciam energia.²¹ Escritos e esculturas antigas nos contam que nas regiões vulcânicas os Lemurianos encontraram pedras estranhas e poderosas do centro da Terra. Quando colocaram um deles na água, ele empurrou a água para longe dele. Eles prenderam uma das pedras no fundo de uma jangada e, à medida que a água se afastava do objeto poderoso, a jangada avançou. Outra pedra, que parecia ter propriedades magnéticas, era capaz de girar rodas se houvesse algum tipo de metal na parte externa da roda. Uma pedra ou mineral diferente, semelhante ao magnético,

forneceu uma luz contínua.²¹¹ Como não descobrimos duplicatas dessas pedras incomuns, as referências a elas são difíceis de interpretar.

Usando suas habilidades altamente desenvolvidas, os Lemurianos e os Atlantes conseguiram obter energia de uma ampla variedade de outras fontes, incluindo o Sol, a mente, o campo magnético da Terra e o som. Conscientes da necessidade de preservar o meio ambiente, o seu querido sol revelou-se o mais benéfico.

Ao longo de sua longa história, ambas as civilizações adoraram o grande corpo no céu como fonte de luz, calor e vida. Era o símbolo do Criador, a massa todo-poderosa de energia com sentimentos e amor, que eles acreditavam ter formado o universo e tudo o que nele existe. Em pouco tempo, talvez com a ajuda de extraterrestres visitantes,²¹² os atlantes aperfeiçoaram um cristal magnífico que lhes permitiu adquirir energia eficiente do sol.

Edgar Cayce refere-se ao primeiro cristal importante da Atlântida como a pedra Tuaoi. Inicialmente, os Atlantes amplificaram a luz que os seus seis lados recebiam do sol para melhorar a sua meditação e contemplação, e comunicar com o reino espiritual. Depois de milhares de anos, à medida que as pessoas se tornaram mais orientadas materialmente, os sacerdotes-cientistas aperfeiçoaram o Grande Cristal que, quando devidamente controlado, ampliava e direcionava a energia que coletava. Com esta fonte de poder infinito, os Atlantes adquiriram a capacidade de viajar no ar, dentro e fora da água.²¹³

Lembro-me do uso extensivo de cristais para obter poder. Lembro-me da construção do Grande Cristal, que tinha formato piramidal. Lembro-me do uso do Grande Cristal para comunicação e guerra, bem como para produção de energia. Lembro-me da transmissão ponto a ponto de eletricidade sem fios através da terra, de uma pirâmide a outra.

-anônimo

Inúmeras pessoas se lembram do Grande Cristal, embora nunca tenham ouvido falar de Edgar Cayce, que o descreve detalhadamente. Para construir a enorme e multifacetada “pedra de fogo”, os cientistas atlantes colocaram um grande pedaço de cristal de quartzo cortado com precisão no topo de um edifício que servia como conversor solar. Neste local exposto, próximo aos céus, as facetas do cristal concentravam a energia

dos raios do sol, assim como os espelhos parabólicos fazem hoje. Uma cúpula móvel acima da complexa pedra de quartzo permitiu que engenheiros habilidosos controlassem a quantidade de exposição à luz vinda de cima. Os atlantes revestiram a construção do cristal com um material não condutor semelhante ao amianto.²¹ Cayce descreve uma estação de energia central no solo que forneceu a energia do Grande Cristal que permitiu aos atlantes superar a gravidade.

As leituras de Cayce foram interpretadas como sugerindo que raios ou feixes de energia do Grande Cristal enviaram o poder aos cristais receptores, que o reacenderam. A partir daí, a força poderia ser usada para acionar um motor elétrico ou térmico em um veículo ou outro dispositivo mecânico.²¹ Oferece um dos vários exemplos da capacidade dos atlantes de transmitir energia sem linhas.²¹ Cayce também se refere ao Grande Cristal obtendo energia das estrelas, algo que os astrónomos explicaram recentemente. De várias fontes nos céus, quasares e pulsares transmitem forte radiação eletromagnética na forma de luz, calor e ondas de rádio.

Como resultado de algumas sessões de regressão sem o uso da hipnose, pude visualizar o passado. Não que eu realmente tenha visto imagens coloridas, mas apenas conhecia certos detalhes e me lembrava deles. Aqui está o que vi – certamente não é a verdade absoluta, porque esse tipo de memória é muito “colorida”. Ainda assim, acho que acrescenta algo.

Uma das coisas que eu conhecia eram aquelas torres de energia na Atlântida. No chão tinham o formato de uma pirâmide, mas do topo emergia uma antena fina e muito alta. Bem acima do solo havia outro objeto em forma de pirâmide construído dentro desta antena, porém muito menor, e acima dele a antena emergiu novamente. A altura dessa antena ultrapassou 100 metros. Ao redor havia algum tipo de brilho, uma luz roxa que o tornava uma coisa viva.

As torres foram usadas para trocar e intensificar a energia no seu sentido mais amplo, tornando possível até mesmo amplificar o pensamento, para que todos em toda a Atlântida pudessem “sintonizar” e “ouvir”.

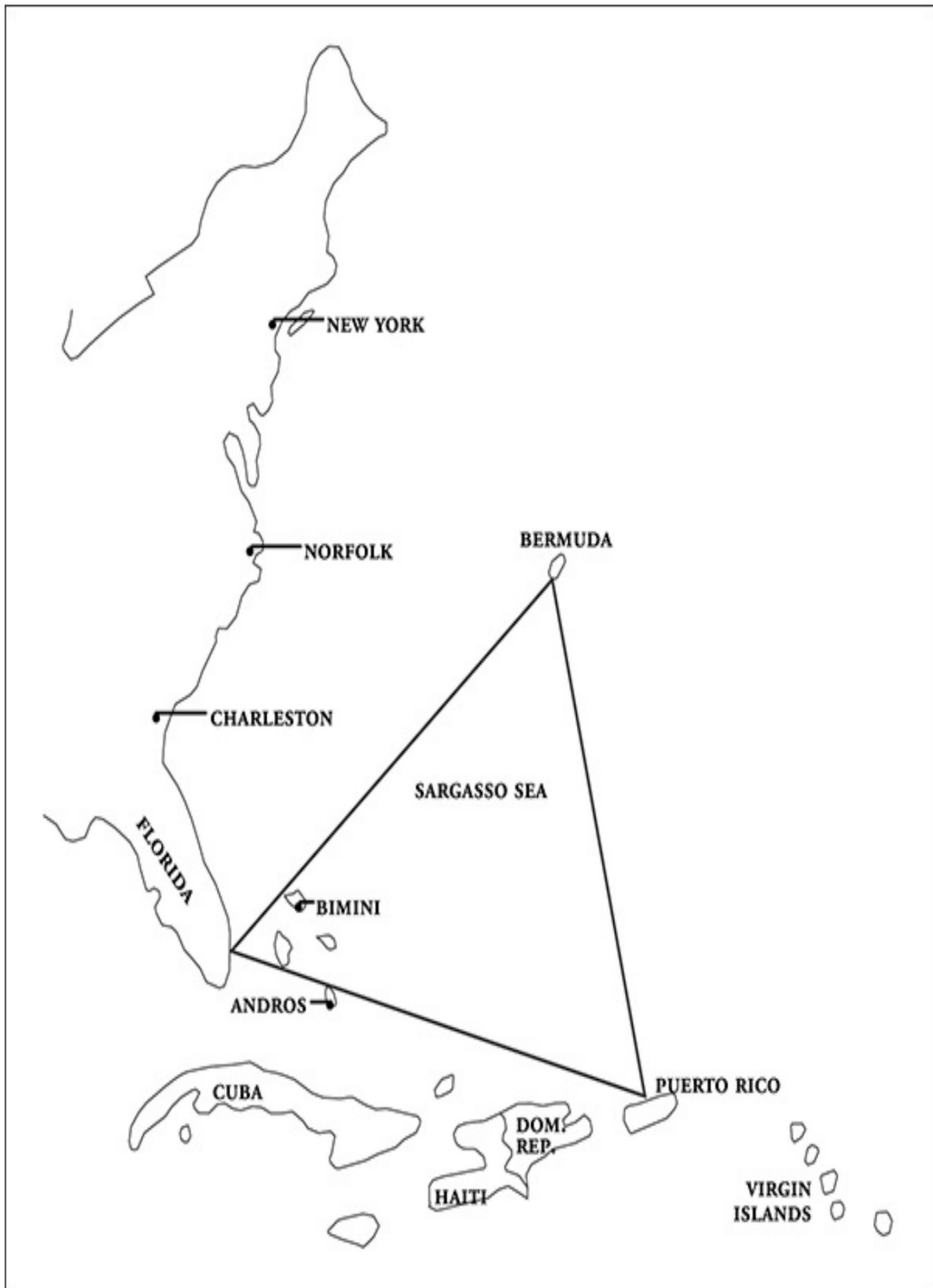
—wim roskam, Holanda

As informações sobre como construir o cristal desapareceram durante catástrofes desastrosas que agitaram a superfície do nosso planeta e destruíram totalmente o país. Apenas um grupo seleccionado na Atlântida teve acesso ao quadro completo da informação, pois as autoridades escondiam segredos técnicos do povo, de modo a manter o poder sobre ele. Poucas destas pessoas com orientação científica deram atenção aos terríveis avisos do desastre que se aproximava, e aqueles que partiram foram dos últimos a partir. Eles partiam às pressas e geralmente separadamente, viajando para lugares diferentes. Mesmo que tivessem algum conhecimento técnico, sem as ferramentas necessárias seria impossível para eles reconstruir qualquer processo científico, especialmente outro Grande Cristal. Com o passar dos séculos, todo o conhecimento sobre isso desapareceu lentamente.

Os Atlantes tinham lanternas de cristal carregadas de energia solar que projetavam uma luz branco-azulada para combater a escuridão após o pôr do sol. As lâmpadas nunca esquentaram. Para desligá-los, movia-se uma tampa leve, que selava o poder.²¹ Como o Grande Cristal produziu mais energia do que os Atlantes poderiam consumir, eles podem ter desenvolvido células solares que durarão para sempre, semelhantes àquelas que aperfeiçoamos recentemente. Um material de cobre (disseleneto de cobre, índio e gálio) nas baterias contém átomos que são difundidos nas áreas das células danificadas pela luz e as curam com eficácia, prolongando continuamente a vida útil da bateria.²¹

O Triângulo das Bermudas, que inclui o sítio de Poseidia nas Ilhas Bahama, é uma grande área que se estende de Porto Rico às Bermudas, a Miami, Flórida, e depois de volta a Porto Rico. Muitos navios e aviões voando baixo desapareceram permanentemente sem qualquer explicação no Triângulo das Bermudas. Se os seus rádios estão a funcionar, os pilotos por vezes relatam que os seus motores estão a perder potência, que as suas bússolas giram no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio e que outros equipamentos de navegação estão a comportar-se de forma irregular ou deixaram de funcionar. De repente, os viajantes descobrem que eles e seus navios ou aviões estão em meio a uma densa neblina.

Talvez um poderoso cristal da Atlântida, escondido sob a água, ocasionalmente capte os raios do sol e transmita energia no momento em que um veículo motorizado passa acima. Relatos de desaparecimentos no Triângulo das Bermudas não são tão prevalentes como eram há anos atrás, quando os instrumentos eram menos sofisticados, o que pode indicar que ou o equipamento moderno de hoje é suficientemente forte para combater o culpado desconhecido, ou o que quer que estivesse a causar as dificuldades perdeu alguns dos seus seu poder.



o triângulo das Bermudas

Diretamente através da Terra, quase em frente ao Triângulo das Bermudas, está o Mar do Diabo, uma área com muitas das características do Triângulo das Bermudas.

O Mar do Diabo, consideravelmente maior que o seu homólogo, estende-se desde a costa sudeste do Japão até ao extremo norte das Filipinas e até Guam.

Aparentemente, uma força misteriosa também afeta equipamentos de navegação no Mar do Diabo, pois navios e aviões também desapareceram ali, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial. Após a guerra, um navio de investigação japonês enviado em busca de uma explicação para as muitas perdas desapareceu permanentemente sem deixar vestígios.²¹ Talvez a energia da Lemúria ainda esteja presente no fundo do oceano nesta estranha região.

Muitos acreditam que, para entrar mais facilmente em outras dimensões, os Atlantes tentaram criar um poderoso portal interdimensional na área do Triângulo das Bermudas. Isto oferece outra explicação possível para os problemas de comunicação e desaparecimentos misteriosos naquela área. Os portais são portas para outras dimensões. Eles permitem que uma pessoa atravesse a cortina e sinta o que está acontecendo em outro período de tempo. Talvez a falta de compreensão do poder mortal deste empreendimento tenha contribuído para a destruição dos Atlantes, assim como o Projeto Montauk foi abandonado quando nossos cientistas foram incapazes de controlar seus experimentos incomuns.²² Há muitos rumores de que os Estados Unidos continuaram a pesquisar secretamente a tecnologia de portais interdimensionais. Rumores na Internet relatam que os cientistas de Los Alamos, com a ajuda de tecnologia holográfica extremamente poderosa, criaram com sucesso uma entrada para outras zonas de tempo e espaço.

Esperemos que o conhecimento de que as experiências dos sacerdotes-cientistas Atlantes com a sua tecnologia avançada foram, pelo menos parcialmente, responsáveis pela destruição do seu país, proporcionará um incentivo para os nossos cientistas prosseguirem com cautela até que o seu desenvolvimento espiritual seja comparável às suas capacidades técnicas.

O cristal de quartzo estava prontamente disponível na Atlântida vulcânica, e muitas pessoas, incluindo Egerton Sykes, acreditam que os atlantes esculpiram o crânio de cristal em tamanho real, que Anna Mitchell-Hedges encontrou em 1927 sob as ruínas de um templo em Belize. A idade do crânio de Mitchell-Hedges é indeterminada porque a datação por radiocarbono não testa o quartzo. Depois de estudá-lo exaustivamente, os cientistas da

Os laboratórios da Hewlett-Packard em Santa Clara, Califórnia, concluíram que as pessoas que fizeram o crânio pertenciam a uma civilização que possuía uma capacidade cristalográfica equivalente à nossa.

Antes de trabalhar com um pedaço de cristal, os escultores modernos sempre levam em consideração a orientação de sua simetria molecular, pois se usarem lasers e outros métodos de corte de alta tecnologia e esculpirem na contramão, a peça se estilhaçará. O crânio de Mitchell-Hedges foi esculpido no eixo natural do bloco de cristal original. Para aumentar a estranheza, a Hewlett-Packard não conseguiu encontrar nenhum arranhão microscópico no objeto que mostrasse que ele foi formado com instrumentos de metal. Os cientistas estimam que, se fosse talhado grosseiramente com diamantes e depois meticulosamente acabado e polido com uma mistura de areia de silício e água, o trabalho exaustivo exigiria horas de trabalho, totalizando cerca de 300 anos de esforço. O crânio foi esculpido em cristal transparente com propriedades piezoelétricas, portanto possui polaridade positiva e negativa. É capaz de transportar uma corrente elétrica de cima para baixo ou na direção inversa.²²¹ Como o crânio de Mitchell-Hedges se assemelha mais a uma cabeça feminina, é frequentemente referido como “ela”. O objeto é belíssimo, com maxilar inferior móvel e uma rede de prismas, lentes e tubos de luz que dão vida ao rosto e aos olhos. O crânio realista exhibe faculdades estranhas. Pessoas sensíveis às vezes veem uma aura ao seu redor; outros sentem um odor agriado. Às vezes ela parece produzir sons como o tilintar de sinos ou um leve coro de vozes humanas.

Inicialmente, pessoas habilidosas provavelmente usavam a cabeça para estimular e amplificar suas habilidades psíquicas, mas pessoas sensíveis dizem que seu poder também as ajuda na cura. Se for pendurado sobre o fogo, quando a luz do fogo brilha através das passagens e se concentra nas órbitas oculares do crânio, produz um efeito dramático. O objeto teria proporcionado uma forma muito eficaz de controlar pessoas, já que sua mandíbula móvel oferece oportunidades ilimitadas a uma pessoa com as habilidades de um ventríloquo.

O crânio de Mitchell-Hedges não é o único crânio de cristal. Uma antiga lenda nativa americana diz que existem treze crânios de cristal antigos que contêm informações importantes sobre a origem, o propósito e o destino da raça humana, bem como respostas a perguntas sobre o universo. Eles acreditam que um dia, quando a raça humana estiver suficientemente evoluída moral e espiritualmente, todos os crânios serão reunidos para sua sabedoria coletiva.²²² Surgiram muitos crânios que se diz terem origens centro-americanas, mas um novo tipo de teste, realizada na Inglaterra em 1996 em preparação para um documentário da BBC,

determinou que apenas dois dos cinco crânios que os cientistas testaram são antigos. Anna Mitchell-Hedges recusou o convite para incluir sua caveira no programa.

Os resultados dos testes de sua idade não foram divulgados, mas "Max" foi um dos crânios que um associado da BBC revelou ter sido esculpido há mais de 5.000 anos. Max era originalmente da Guatemala e chegou ao Texas através de um curandeiro tibetano.

Max tem uma capacidade excepcionalmente forte de transmitir energia. Pessoas habilidosas, utilizando cristais e sons de tonificação, empregam seu poder para energizar pequenas imitações de crânios de cristal que usam para curar.²²³ Sha-Na-Ra, outro crânio que provou ser tão velho ou mais velho que Max, pesa mais de treze quilos. Sua casa anterior era um antigo templo nas ruínas soterradas de uma cidade no México.

Sha-Na-Ra tem uma cabeça angular com olhos puxados e maçãs do rosto proeminentes.²²⁴

Os crânios que foram esculpidos nos últimos cinco anos são fáceis de reconhecer pelos especialistas, mas existem outras cabeças de cristal que podem ter origens atlantes, uma vez que a sua idade não foi determinada. Dois crânios de cristal de quartzo transparente foram encontrados na Guatemala, bem como um crânio de ametista, que foi descoberto em 1912.²²⁵ Um crânio da América Central, que é quartzo fumê, tem um crânio pontiagudo e é chamado de "ET" porque tem as características de um extraterrestre.²² A Caveira de Cristal de Quartzo Rosa, que supostamente reside perto da fronteira de Honduras e Guatemala, é o único crânio que se compara ao artesanato do crânio de Mitchell-Hedges.²²⁶

Hoje, artesãos qualificados estão fazendo caveiras de cristal a partir de quartzo de silício e estão disponíveis em uma variedade de fontes. Um artista no Brasil esculpe hoje crânios de cristal que estão disponíveis na Loja Especializada Gaila Goddess no Centro de Meditação e Treinamento Shambala em Manchester, New Hampshire.²²⁷ Algumas das habilidades produzidas mais recentemente provaram ser muito úteis para seus proprietários, especialmente para cura. Alguns dos crânios esculpidos mais recentemente são especialmente poderosos porque foram feitos de cristal que foi programado de alguma forma há muito tempo. A seguinte comunicação dos Países Baixos oferece um exemplo:

Ohr Gesher é um crânio recém-esculpido, mas o cristal no qual ele foi esculpido tem memórias atlantes. Seu nome significa "luz". Pelo que ele me contou, ele foi feito para servir como uma espécie de biblioteca e também como algum tipo de gerador.

Quando meditei com ele pela primeira vez, vi estruturas completas semelhantes a corredores com

luz neles. A luz era de uma cor dourada. Ele é um sujeito meio mental e não aceitará nenhum pensamento que esteja abaixo da consciência de Cristo.

Ohr Gesher me disse que sua missão é conectar o velho e o novo, e o jovem e o velho, em tantos níveis quanto possível. Ele acabou de me procurar, então ainda temos muito que aprender um com o outro.

—galimai, Holanda

Pessoas altamente desenvolvidas que praticam vidência acreditam que obtêm informações com sucesso de crânios de cristal antigos ou crânios feitos de cristal antigo. Para seguir este procedimento, os videntes focam e concentram-se intensamente em um local escuro e silencioso, apenas à luz de uma vela. Colocando as mãos em cada lado da cabeça, eles olham para suas profundezas, projetando nela suas mentes com o olhar. O crânio lentamente fica turvo e o vidente percebe imagens profundamente dentro dele. Um problema é que eles não sabem se a informação da cabeça de cristal diz respeito ao passado, presente ou futuro.

Os crânios de cristal têm o poder da luz e da escuridão dentro deles. Temos que ter cuidado ou poderemos absorver tanto o negativo quanto o positivo. São bibliotecas de conhecimento, pois como absorvem tudo, podem devolver tudo se tivermos as chaves para acessá-lo. O tom foi usado na Atlântida para obter acesso às bibliotecas do crânio, e pode ser usado agora se soubermos como fazê-lo. No entanto, as nossas frequências energéticas mudaram ao longo do tempo, e poucas pessoas hoje são capazes de ter o foco necessário e estão tão sintonizadas com as forças elementares da criação como aquelas que uma vez trabalharam com os crânios de cristal.

—heather robb

Cientistas do National Bureau of Standards dos EUA descobriram o quase-cristal pela primeira vez em 1984. Eles relataram que a estranha pedra possuía o mesmo tipo de ordem geralmente associada a um cristal, exceto que seus átomos estavam organizados em um padrão que é fisicamente impossível para qualquer substância cristalina. Os cristais podem ter apenas simetria dupla, tripla, quádrupla e sêxtupla. Quase-cristais têm cinco vezes

simetria, que não pode ser montada para preencher completamente o espaço.²²⁹

Os atlantes programaram quase-cristais telepaticamente, usando a energia de suas mentes. O resultado é algo como um computador. Com a ajuda das pedras poderosas, eles tiveram acesso à viagem mental no tempo para explorar a natureza do universo.²³ Se tivessem uma imagem mental de um destino desejado, como um marco geográfico, era possível que suas mentes fossem para qualquer lugar. localização em seus dias atuais, e também para viajar no passado e no futuro.²³¹

Há alguns anos, na Noruega, conheci um homem que trabalhava com cristais e ele me disse que alguns cristais têm pequenos triângulos gravados nas faces. Ele disse que estes são muito preciosos porque são informações codificadas (ele falou sobre uma ligação com a Atlântida). Ele disse que os triângulos “vêm e vão, você os vê se estiver pronto para isso”. Ele me mostrou alguns cristais com pequenos triângulos em suas faces. Ele disse que você deve sempre olhar com muito cuidado ao comprar cristais e escolhê-los.

Quando voltei para casa, fiquei curioso e olhei meus cristais. Na verdade, a maioria deles tinha triângulos. Alguns não o fizeram, e um ou dois (especialmente um) estavam literalmente cobertos com todos os tipos de triângulos (de muito pequenos a maiores, sobrepostos uns aos outros).

-anônimo

Quase-cristais codificados holograficamente que recebem programação psicoelétrica são chamados de cristais gravadores. Quando devidamente codificados com intensa concentração e meditação, os cristais gravadores assumem personalidade própria e são muito poderosos, especialmente para a cura. Veja o apêndice I para conhecer a experiência de uma pessoa intuitiva com um cristal poderoso com o qual ela acredita que os sacerdotes-cientistas trabalharam na Atlântida.

Eu era um sacerdote atlante que ensinava nos templos. As salas de aula pareciam minianfiteatros e eu ficava em uma plataforma, de frente para os alunos que estavam reclinados em almofadas no chão. Quando a aula começou, cada aluno tirou seu bem mais precioso – um Cristal do Conhecimento. Concentrando-se intensamente,

com o cristal nas mãos, eles absorveram e registraram as informações complexas que lhes enviei. Ensinar e aprender foram uma alegria.

—Michael Fess

Dolores Cannon é uma hipnotizadora que ajuda outras pessoas a explorar experiências em encarnações anteriores com o objetivo de melhorar suas vidas atuais. Em Jesus e os essênios, Cannon oferece uma lembrança fascinante de um cristal gravador muito grande que pode ter vindo da Atlântida. A partir das reflexões de vidas passadas de uma menina de uma área rural isolada que tinha apenas o mínimo de escolaridade, ela recebeu informações sobre um incrível cristal na biblioteca dos essênios. Os essênios eram uma sociedade secreta de estudiosos espirituais que floresceu no Oriente Próximo durante o século I aC e talvez muito antes dessa época. Eles são mais conhecidos como os prováveis autores dos Manuscritos do Mar Morto.

A paciente de Dolores Cannon descreveu ter sido estudante na escola dos essênios e trabalhar na biblioteca, onde um enorme cristal com cerca de sessenta centímetros de diâmetro repousava sobre um pedestal. A pedra tinha o formato de uma pirâmide e parecia mudar de cor. Uma parede que chegava até a cintura cercava o cristal, pois ele expelia muito mais energia do que era enviado a ele e queimava qualquer um que o tocasse.

Na biblioteca, os alunos foram ensinados a focar em um professor idoso, que era a única pessoa que tinha a habilidade de se aproximar da pedra poderosa. Ele usou a força que recebeu deles para obter conhecimento do cristal, dizendo aos alunos que eles não estavam evoluídos o suficiente para serem expostos a essa informação; que outrora grandes danos foram causados por pessoas não esclarecidas que tiveram acesso a ele.

A menina relatou que lhe disseram que o poderoso cristal estava com os essênios desde que alguém se lembrava e que suas origens eram desconhecidas.

Eles pensaram que chegou à sua terra num barco. Atlântida é uma possibilidade lógica.

A menina nunca tinha ouvido falar dos essênios e nada sabia sobre o antigo Oriente Próximo, mas, depois de verificar cuidadosamente os registros históricos com os mínimos detalhes que recebeu de seu paciente sobre a vida diária e os arredores dos essênios, Dolores Cannon está convencida de que o relato da menina sobre o cristal em forma de pirâmide é autêntico.

A Grande Pirâmide de Gizé, no Egito, oferece outro exemplo das habilidades que os Atlantes demonstraram ao tentarem registrar conhecimento para nós. Edgar Cayce

afirma muitas vezes que quando anteciparam a destruição de suas terras, os atlantes viajaram para o Egito e construíram a pirâmide para preservar informações. O edifício exibe o conhecimento superior de seus construtores em matemática, geometria, astronomia e tecnologia em um nível que estamos apenas alcançando. Seus 2.500.000 blocos de granito e calcário, alguns pesando setenta toneladas, ocupam treze acres, ou o equivalente a sete quarteirões quadrados de Manhattan.

Aqueles que planejaram este enorme edifício tiveram a capacidade de expressar seus dados matemáticos e astronômicos excepcionais em forma estrutural. O desenho geométrico, que se baseia na razão matemática de pi, incorpora com precisão a distância do Sol à Terra, o peso da Terra, a sua circunferência no equador e outros conhecimentos do nosso planeta que os nossos cientistas redescobriram há relativamente pouco tempo. . É como se os construtores, percebendo que os registros escritos, as ferramentas e as máquinas não sobrevivem, usassem este edifício para mostrar o nível de suas habilidades.

A incorporação de sua incrível compreensão das dimensões da Terra sugere que aqueles que projetaram a Grande Pirâmide desejavam nos informar que sua raça avançada já habitou nosso planeta.²³²

Como uma vela de aniversário complicada que é difícil de apagar, as perguntas não respondidas sobre a elaborada pirâmide de Gizé continuam a perturbar os investigadores.

Os arqueólogos contemporâneos não estão dispostos a aceitar a data de construção de Cayce de aproximadamente 10.000 aC, mas continuam a aparecer evidências de que o edifício único é mais antigo do que eles acreditam. A recente descoberta da imprecisão da datação por radiocarbono, conforme descrito anteriormente, também acrescenta numerosos anos à antiguidade deste e de outros sítios pré-históricos.

Além da idade, há o problema da forma como o imenso edifício foi construído. Cayce deixa claro que os mecânicos atlantes foram ao Egito para aconselhar na criação de ferramentas mecânicas para cortar as pedras.²³³

As tentativas contemporâneas de demonstrar que milhares de trabalhadores passaram incontáveis anos cortando pedras em blocos precisos e empilhando-os para fazer a pirâmide provam a muitos que esta não foi a forma como ela foi construída.

Depois de estudar cuidadosamente a tecnologia egípcia, o engenheiro e técnico em laser Christopher Dunn acredita que, quando construíram a Grande Pirâmide do Egito, os artesãos usaram com sucesso o ultrassom para penetrar no granito. O quartzo incrustado no granito vibra simpaticamente com as ondas ultrassônicas de alta frequência e não resiste à ação cortante.²³⁴ Talvez Aarth-Elth, um jovem

Atlante, que segundo Cayce se mudou para o Egito e trabalhou no desenvolvimento de aparelhos mecânicos para cortar pedra,²³ esteve envolvido no aperfeiçoamento de ferramentas ultrassônicas.

Cayce menciona que os construtores das pirâmides, ao viajarem pelo rio no Egito, aprenderam os cânticos corretos para vencer a força da gravidade e levantar pedras pesadas. Histórias de todo o mundo falam de ondas sonoras levantando e levantando objetos pesados. Diz-se que os sacerdotes da Caldéia ergueram as grandes pedras de Baalbek com cantos repetidos e harmoniosos. Em Tiahuanaco, na Bolívia, as narrativas retratam construtores empregando o som de trombetas, e as muralhas da cidade grega de Tebas foram supostamente construídas ao som da lira de Anfião. Lendas relatam que os construtores de Stonehenge superaram a gravidade com tambores, canções e o som de pratos.²³ Viajantes alemães no Tibete retratam monges usando tambores, trombetas e cantos para desafiar a gravidade e mover blocos pesados colina acima, e relatos de visitantes da Índia descrevem monges que subiram no ar com a ajuda do som e do poder de suas mentes. As tabuinhas babilônicas reiteram que a energia sônica pode levantar objetos pesados.

Mais recentemente, a levitação sônica foi utilizada num vaivém espacial. As ondas sonoras mantiveram o vidro em suspensão com segurança enquanto ele era derretido experimentalmente e moldado em uma lente delicada. Este ato notável é possível porque no veículo espacial, devido à ausência de gravidade, é necessário um som menos intenso para a levitação. Depois que esse processo for aperfeiçoado, os engenheiros ópticos criarão lentes mais finas e complicadas com menos camadas de material.²³

Os cientistas aprenderam o efeito da energia do som nas plantas. Quando tocavam gravações de tons agudos nas colheitas de trigo, as vibrações estimulavam significativamente as plantas a um maior crescimento. As pulsações das pessoas batendo os pés e dançando na terra melhoraram o crescimento de uma variedade de outras plantas. Espécies variadas de plantas com flores que foram continuamente submetidas a diferentes tipos de música reagiram de maneira diferente. Alguns cresceram em direção ao rock, outros morreram.²³

As vibrações ultrassônicas acima do nosso alcance auditivo permitem que técnicos qualificados mapeiem fundos oceânicos, aumentem o movimento molecular em líquidos, gerem calor, quebrem sólidos e esterilizem instrumentos cirúrgicos. O ultrassom é uma técnica de diagnóstico bem conhecida que fornece aos médicos imagens de órgãos internos e muitas vezes oferece tratamento terapêutico bem-sucedido. À medida que reaprendemos e empregamos o poder das ondas sonoras, é possível acreditar que os atlantes possam ter tido a capacidade de aproveitá-las para mover grandes rochas.

Uma situação para a qual os Atlantes usaram a energia do som não foi totalmente explorada. Um membro de uma antiga equipe ganhadora do Prêmio Nobel disse ao autor e cientista Murry Hope que se lembra de seus dias como sacerdote-cientista no “Velho País”, onde estava envolvido em trabalhos avançados em sonorização. Ele disse que não seguiu essa linha de investigação científica nesta vida porque era muito perigoso e ele acredita que o mundo não está preparado para isso.²³ Sabemos que vibrações muito fortes de ondas ultrassônicas são capazes de matar animais e pessoas. Vibrações infra-sônicas igualmente poderosas abaixo da audição do homem têm poderes semelhantes.²⁴ ⁰

Cayce também relata que no México os Lemurianos se combinaram com outros do Peru, Egito e Atlântida para construir pirâmides e templos, e que o poder de elevação dos gases permitiu-lhes construir grandes estruturas de pedra pesada.²⁵ Pirâmides megalíticas em numerosas ilhas do Pacífico, semelhante àquele no Taiti, onde antes existiam altares de pedra,²⁶ continuam a nos lembrar que os lemurianos e seus descendentes também encontraram maneiras de superar a força da gravidade.

O cientista e inventor Nikola Tesla oferece um exemplo de como as mentes altamente desenvolvidas dos Atlantes lhes permitiram superar-nos na sua tecnologia. Tesla (1856–1943), que inventou a corrente alternada, também explorou as possibilidades do eletromagnetismo, incluindo a sua utilização para aceder a outras dimensões. Pensa-se que o seu conhecimento foi uma das fontes de investigação ultrassecreta dos EUA sobre o tempo e o espaço, incluindo o Experimento Filadélfia e as experiências em Montauk. As descrições da tecnologia letal de ondas escalares de Tesla têm uma notável semelhança com os raios mortais atlantes de Edgar Cayce, que serão descritos no capítulo 14.

Para conceber uma nova invenção, Tesla primeiro imaginou o que desejava construir. Nesse estado apenas visual ele corrigiu o aparelho, ligou-o para ver se funcionava bem e completou-o em todos os detalhes. Só então fez os desenhos e diagramas. O passo final era realmente construir sua invenção, se houvesse dinheiro. As criações de Tesla nunca falharam porque já foram projetadas e testadas em sua cabeça. Einstein tem a fama de ter trabalhado de maneira semelhante maneiras.

Embora ele fosse um gênio, o establishment desacredita a maior parte do trabalho de Tesla e muitas de suas invenções permanecem secretas. Seus conceitos de antigravidade, viagem no tempo, discos voadores, máquinas de pensamento, geradores de ozônio e submarinos elétricos foram demais para a comunidade científica conservadora do início do século XX. Quando ele morreu, a maioria de seus papéis desapareceu misteriosamente.

Edgar Cayce conta-nos que uma abundância de atlantes regressou a este planeta no século XX. Graças à sabedoria e ao esforço de muitos deles, a nossa tecnologia melhorou tremendamente. No entanto, ele frequentemente os adverte para tomarem cuidado com o desenvolvimento de forças radioativas, como fizeram no passado. Ele ofereceu suas observações sobre os perigos da decomposição do átomo em 1935, antes que isso fosse oficialmente realizado e se tornasse de conhecimento público.^{2y3} À medida que seguimos os passos dos Atlantes, nossos físicos estão expandindo suas mentes e adquirindo a capacidade de utilizar eficientemente a energia solar. , o magnetismo da Terra e o poder do som. Esperançosamente, desenvolveremos simultaneamente a capacidade de viver em harmonia e usar esta energia abundante para beneficiar toda a humanidade, sem destruir a nós mesmos e à nossa amada Terra.

[\[conteúdo\]](#)

■

209. Andrews, Atlantis: Insights de uma civilização perdida.

210. Cerve, Lemúria.

211. Ibidem.

212. Montgomery, O mundo anterior, p. 79.

213. Cayce, Leituras 2072–10.

214. Cayce, Leituras 440–5.

215. Donato, "Cayce's Masers", Atlantis Rising, Número 32, p. 61.

216. Cayce, Leituras 262–39.

217. Esperança, A Antiga Sabedoria da Atlântida, p. 110.

218. Boston Globe, 30 de agosto de 1999.

219. Winer, O Triângulo do Diabo, p. 210.

220. Para obter mais informações, consulte O Projeto Montauk, de Preston B. Nichols. Durante quatro décadas, de 1943 a 1983, a investigação secreta na base abandonada da Força Aérea dos EUA em Montauk, Long Island, concentrou-se em tentativas de manipulação do espaço e do tempo. Inicialmente, eles usaram um computador e uma tecnologia desenvolvida pela ITT que poderia captar as funções eletromagnéticas ou pensamentos dos seres humanos. Ao experimentarem mover e materializar objetos, muitas vezes manipulavam o tempo sem entender por que ou como. Os cientistas perceberam que seu trabalho estava causando danos irreparáveis às pessoas envolvidas e o projeto foi interrompido.

221. Morton e Thomas, O mistério das caveiras de cristal, p. 47.

222. Ibid., p.2.

223. Isabelle, Manual da Caveira de Cristal, p. 32.

224. Morton e Thomas, Ibid., p. 92.

225. Ibid., pág. 93.

226. Ibid., pág. 210.

227. Ibid., pág. 93.

228. O Centro de Meditação Shambala na 865 Second Street em Manchester, New Hampshire, contém um grande templo, um centro de cura e uma loja especializada. Oferece uma grande variedade de palestras e aulas. Há muitos anos, um sacerdote maia deu a Susan Isabelle, fundadora e diretora do centro, uma antiga caveira de cristal, dizendo-lhe que sabia que ela saberia como usá-la. Ele disse que seu nome era El Aleator (Senhor dos Tons). Susan acredita que o crânio é um dos antigos treze crânios de cristal programados há muito tempo. Com tons e energia Susan usa El Aleator para ativar as novas cabeças de cristal do Brasil até que algumas delas realmente pulsem em sua mão. Alguns dos cristais assumem uma frequência de cor para usos específicos na cura. Esses crânios ativados são muito eficazes na cura, pois mudam gradativamente o campo energético do novo dono, tornando a pessoa mais consciente e enérgica.

Os cristais de semente lemurianos também estão disponíveis na loja especializada, e classes e grupos foram formados em torno dos cristais lemurianos e das caveiras de cristal. Os estudantes da Lemúria e os interessados nos crânios descobriram que a consciência de grupo melhora a experiência para todos. Usando os cristais Lemurianos em formação circular, os grupos descobriram que ocorre uma ligação automática em

em que cada participante fica “trancado no centro do coração” um ao outro, formando um forte campo eletromagnético, energético e de consciência dentro do grupo.

Os portais são formados e os participantes experimentaram globos azuis de luz dentro da sala e ocorreram contatos de consciência Lemuriana. As suas mensagens, recebidas psiquicamente, falaram da sua preocupação pela terra. O desejo da consciência Lemuriana, expresso dentro do grupo, é ajudar-nos a cuidar da Terra. Fotografias reais dos globos de luz estão disponíveis no Templo de Shambhala para que todos possam ver as manifestações de luz.

229. Esperança, A Antiga Sabedoria da Atlântida, p. 105.

230. Ibid., pág. 106.

231. Carrie Blakeley.

232. Atlantis: Insights from a Lost Civilization oferece mais informações sobre a Grande Pirâmide.

233. Cayce, Leituras 1177–1.

234. Dunn, A Usina Elétrica de Gizé, p. 87.

235. Cayce, Leituras 1177–1.

236. Michell, A Nova Visão Sobre a Atlântida, p. 204.

237. Raloff, Science News, 28 de novembro de 1987.

238. Tompkins e Bird, A Vida Secreta das Plantas.

239. Esperança, A Antiga Sabedoria da Atlântida, p. 111.

240. Donato, Um Reexame da Teoria da Atlântida, p. 153.

241. Robinson, História da Origem e Destino do Homem, de Edgar Cayce, p. 124.

242. Sykes, Atlântida, Vol. 21, nº 1.

243. Veja Atlantis: Insights from a Lost Civilization para obter mais informações sobre a energia nuclear na pré-história.

14

tecnologia

■

Combinando livremente as capacidades intuitivas das suas mentes altamente desenvolvidas com as suas avançadas capacidades matemáticas e técnicas, os sacerdotes-cientistas da Lemúria e da Atlântida aprenderam a usar as forças da natureza para o conforto, conveniência e prazer de todos. Desenvolveram uma tecnologia que, embora diferente da nossa, era superior em muitos aspectos. Os campos de flores silvestres e as exuberantes florestas verdes nessas belas terras não foram desfigurados por tiras de metal e concreto para facilitar viagens rápidas em trens rápidos e automóveis, mas as pessoas conseguiram viver felizes e bem sem poluir o meio ambiente e esgotar sua vida natural recursos.

As leituras de Edgar Cayce descrevem a aquisição de poder pelos atlantes do Grande Cristal, do som e da divisão do átomo. Ele diz que com as correntes de energia do cristal, as pessoas que viveram há tanto tempo desfrutavam das viagens no ar, na água e no fundo do mar, na transmissão de vozes a longas distâncias e nos benefícios dos lasers. Aviões, navios, a comunicação de longa distância e os lasers parecem fantásticos, mas lendas, lembranças e artefatos da pré-história relatam exemplos da maioria dessas realizações surpreendentes.

Referências a barcos que voavam no céu sem velas ou remos e veículos como pássaros voadores que transportavam pessoas são comuns entre as histórias do passado deste planeta. Também estão disponíveis registros escritos que retratam os veículos voadores de muito tempo atrás. Os antigos épicos védicos da Índia oferecem descrições detalhadas dos vimanas, os aviões de Rama, que eram descendentes dos Lemurianos. Eles também citam valix, os navios voadores dos Atlantes, a quem chamavam de "Asvins".

O valix (valixi no plural) é descrito em detalhes em A Dweller on Two

Planetas, que Frederick S. Oliver, de dezoito anos, escreveu em 1884. Oliver diz que Phylos, o tibetano, que viveu na Atlântida em 11.650 aC, o visitou à noite e descreveu cuidadosamente sua vida na Atlântida. Phylos ditou A Dweller on Two Planets de trás para frente, que foi como Oliver escreveu – do fim ao começo. Embora seu manuscrito tenha sido publicado muito antes de nossas aeronaves serem inventadas, as descrições de Oliver de grandes veículos cilíndricos de passageiros, com janelas nas laterais em fileiras como vigias, são surpreendentemente semelhantes aos aviões a jato contemporâneos. Os valixi atlantes pareciam agulhas ocas com pontas afiadas em cada extremidade, de 7,5 a mais de 90 metros de comprimento, e eram construídos com folhas de metal leve e brilhante que brilhavam no escuro. Com janelas de cristal no chão e claraboias no teto, eles eram, de certa forma, mais avançados do que as aeronaves contemporâneas. É muito improvável que um menino da Califórnia rural do século XIX tivesse acesso a textos indianos antigos, mas o nome da aeronave atlante é o mesmo e o relato de Oliver sobre o valixi atlante é muito semelhante aos vimanas nesta remota literatura sânscrita. Os vimanas de Rama serão descritos no capítulo 16.

Com a orientação de Phylos, Oliver retrata outras conquistas tecnológicas surpreendentes na Atlântida, como purificadores de ar, armas elétricas, luzes de cristal que queimavam indefinidamente e um instrumento para condensar a água da atmosfera. Ele retrata essas conquistas surpreendentes com detalhes convincentes, mas elas eram desconhecidas pela nossa civilização quando escreveu A Dweller on Two Planets em 1884.

Os atlantes transportaram mensagens pelo espaço, serviram como navegadores e engenheiros em aeronaves, transportaram mercadorias acima da superfície, viajaram por todo o país e viajaram para terras distantes.²⁵ Eles criaram uma máquina voadora que lembrava um trenó baixo e plano, capaz de transportar cargas pesadas a trinta pés acima do solo por longas distâncias em linha reta. O poder do Grande Cristal motivou o transporte, dirigido por uma pessoa na superfície.²⁶ Desenvolvemos recentemente o avião espião não tripulado RQ-1 Predator, que uma pessoa no solo dirige com um console de controle remoto.

Na Atlântida, os raios do cristal energizavam de forma semelhante pequenos aviões, que transportavam um ou dois passageiros e voavam de dois a três pés acima da superfície.²⁷ Edgar Cayce refere-se a veículos voadores atlantes semelhantes aos que Ezequiel retrata na Bíblia.²⁸ Ezequiel descreve brilhantes, artesanatos de metal brilhante que lembravam criaturas vivas. O fogo, como um relâmpago, brilhou continuamente nas criaturas enquanto elas viajavam em qualquer uma das quatro direções. Os veículos variavam, mas cada um tinha rodas

e asas que não giravam enquanto se moviam no ar. Quando as estranhas criaturas pararam, elas baixaram as asas e as feras ficaram quietas, mas fizeram um barulho alto como um trovão enquanto viajavam.² Nos dias finais da Atlântida, algumas pessoas afortunadas escaparam nesses aviões de seu país que estava afundando e voaram para os Pireneus e o Egito.¹ Os atlantes também tinham veículos que não apenas voavam no ar, mas também se moviam sob a superfície do oceano como submarinos.²

Aproveitando a água que os rodeava e o poder do cristal, os Atlantes tornaram-se uma grande nação marítima com postos avançados em todo o mundo. Cada distrito do país foi obrigado a fornecer pelo menos quatro marinheiros para a sua marinha de 1.200 navios para ajudar nas suas lutas vigorosas por mais terras.

No auge de seu poder, os reis atlantes governaram todas as ilhas do Oceano Atlântico, partes do continente americano e até o Mediterrâneo até os atuais países do Egito e norte da Itália.³

Era importante para os Atlantes encontrarem regularmente novos espaços para a sua crescente população, porque o oceano ganancioso devorava constantemente porções das suas terras, e o seu elevado padrão de vida e clima agradável atraíam continuamente imigrantes de África e da Europa. À medida que a necessidade de adquirir terras adicionais se tornou mais urgente, o exército atlante tornou-se mais assertivo nas suas tentativas. Finalmente, pouco antes da destruição final em 10.000 a.C., quando os agressivos soldados atlantes tentaram avançar mais profundamente no Mediterrâneo, o exército grego mais forte os derrotou.²

Vivendo em uma terra com muitos cursos de água cercados pelo Oceano Pacífico, os Lemurianos passaram a contar com as rodovias dos rios e do mar para se comunicarem com os outros. Embora nada sugira que os atlantes usassem velas para aproveitar a força do vento, as evidências mostram que grandes navios que usavam velas estavam presentes no Oceano Pacífico na pré-história. A maioria das sete cidades sagradas da religião e das ciências da Lemúria estavam na foz de rios importantes e, como resultado de seus navios e habilidades de navegação, a Lemúria tornou-se um centro mundial de aprendizagem, comércio e comércio.²

As cartas dos marinheiros dos tempos antigos fornecem uma fonte de informação que retrata as habilidades dos marinheiros de tempos passados. Mapas precisos que foram preservados no norte da África e no árido Oriente Médio surgiram nos séculos XIII e XIV dC, quando se tornou novamente permitido acreditar que o mundo se estendia além do Estreito de Gibraltar. Naquela época, os cartógrafos da Europa Ocidental que copiaram os mapas ficaram surpresos ao descobrir que eles retratavam

o norte da Europa, com os seus lagos e gelo, tal como era antes do derretimento dos glaciares, em 10.000 a.C. As cartas muito antigas também representavam ilhas desconhecidas no Oceano Atlântico. A precisão destes mapas antigos indica a utilização de relógios extremamente precisos para medir também a longitude, algo que a nossa civilização não foi capaz de realizar até ao século XVIII.

A sala de cristal na Atlântida era uma sala cheia de cristais. Os cristais foram usados para muitas coisas, como relógios, cura e comunicação.

—carrie blakley

Edgar Cayce menciona que os Filhos de Belial se reuniram em uma sala de cristal para se comunicarem com aqueles que desceram do alto para trazer mensagens.²⁵ 6
Aparentemente atlantes astutos estavam aproveitando os numerosos cristais na sala para aumentar sua habilidade psíquica para se comunicarem mais facilmente com seus guias espirituais, com extraterrestres ou com aqueles que já faleceram.

Mais de cinquenta câmaras de pedra misteriosas perto do rio Hudson, no condado de Putnam, Nova York, podem se assemelhar às salas de cristal da Atlântida. Uma delas, a “Câmara de Cristal”, tem um veio de quartzo no teto que produz uma energia tão forte que as pessoas a sentem quando estão na sala abaixo dela. Os visitantes também têm visões e alucinações estranhas nas proximidades dessas câmaras incomuns.²⁶

Ciência, magia e religião eram uma só na Lemúria e na Atlântida, e todas as coisas estavam relacionadas. À medida que os sacerdotes-cientistas expandiam suas mentes para facilitar a aquisição de conhecimento, aprenderam a entrar nos mundos sutis dos espíritos dos quais acreditavam ser originários. Uma vez lá, navegaram por meio da intuição temperada pela razão. Para garantir a sua capacidade de explorar frutuosamente, era importante que primeiro se baseassem em símbolos básicos, como uma das muitas variações da cruz equidistante. O ankh, o caduceu, o olho sagrado, o cálice e o disco alado foram importantes em suas viagens cerimoniais, pois ajudaram a projetar sua consciência além dos reinos da matéria em um universo oculto.²⁷

Nos últimos dias da Atlântida eu era um homem com olhos escuros muito incomuns. Passei grande parte do meu tempo trabalhando como mágico com colegas e estudantes em um laboratório em uma grande caverna subterrânea. Aqui, usando a meditação aprimorada por cristais, adquiri conhecimento esotérico e a capacidade de entrar e sair do plano etérico e de me comunicar com outros mestres. Sob a influência de um colega mais velho, fui levado a abusar destes poderes e a controlar outros, especialmente mulheres.

-anônimo

É claro que os Lemurianos e os Atlantes falavam em voz alta, mas também usavam as suas mentes para comunicar uns com os outros. Para transmitir informações telepaticamente com sucesso, nunca se deve mentir e não ter nada a esconder. É essencial que a mente de uma pessoa esteja completamente aberta para dar e receber informações. Os Hopi descrevem isso como manter aberto o buraco no topo de suas cabeças.

Os atlantes aperfeiçoaram uma máquina semelhante ao nosso telefone que transmitia vozes à distância,^{2y} e um tipo de telefone telepático também estava disponível na Atlântida. Se apertassem os botões corretos da máquina, como quando discamos o número, ela enviava um sinal que amplificava as vibrações da pessoa com quem desejavam se comunicar.²

60

Cerca de seis anos atrás, tive um sonho muito incomum, diferente de qualquer tipo de sonho que já tive. Só me lembro de pedaços. Lembro-me pela primeira vez de estar no deserto e testemunhar a construção de uma grande pirâmide. Vi muitos homens trabalhando nisso, mas não usavam ferramentas comuns. Os blocos estavam sendo cortados pelo que parecia ser um feixe semelhante a um laser. Eles cortaram os blocos como se fossem manteiga amolecida. Os blocos estavam sendo colocados no lugar por um homem sozinho, usando um pequeno dispositivo portátil que funcionava como uma empilhadeira, mas usava a levitação para manipular o bloco no lugar.

Vi aeronaves sendo carregadas com metais que pareciam ouro. Enquanto testemunhava isso, ouvi uma voz falar comigo e dizer: "É assim que foram construídos no passado, quando os pais chegaram, e como sempre serão construídos". Presumo que a voz estivesse falando sobre Atlântida. Depois que a voz falou, percebi que estava usando o vestido típico de um homem egípcio do

período de tempo.

Em outro sonho, lembro-me de ter visto uma mulher movendo uma varinha para frente e para trás através de um jardim. O feixe do dispositivo tinha cerca de um metro e oitenta de largura, em vez do foco típico do laser. Pareceu-me que este dispositivo poderia ter múltiplos usos, rejuvenescendo ou destruindo. Se ajudasse a agricultura, poderia beneficiar o povo. E se pudesse cortar pedra, poderia cortar carne.

—Clarence Olinger

Edgar Cayce menciona pela primeira vez os lasers atlantes em 1933 e previu que os nossos cientistas os produziram em vinte e cinco anos. Vinte e cinco anos depois, em 1958, o Bell Telephone Laboratory produziu masers (Amplificação de Microondas por Emissão Estimulada de Radiação). Naquela época, Cayce aconselhou um paciente que para evitar os erros que cometeu com a poderosa ferramenta da Atlântida, ele deveria meditar e ouvir os conselhos de sua alma.^{2 1}

6

Os atlantes utilizavam lasers como facas exangues em cirurgias.^{2 2} Eles também tinham⁶ uma versão mais forte e semelhante que Cayce chama de raio da morte, ou raio supercósmico.^{2 3} 6

Os raios da morte, que eram tão poderosos que eram capazes de matar com a sua luz intensa, foram úteis aos atlantes nas suas batalhas contra animais agressivos durante a civilização mais antiga do país. Tal como os lasers da Atlântida, os nossos masers utilizam cristais de quartzo para acumular energia num pequeno cristal isolante com propriedades magnéticas especiais. Após o sinal, o cristal libera energia armazenada em excesso daquela que recebe.

Depois de anos de prática, sou capaz de viajar no tempo ou no espaço, não importa onde esteja. Tudo o que tenho que fazer é fechar os olhos e focar no meu destino, e estarei lá num instante. Acredito que seja uma habilidade que tive na Atlântida que tornou possível aprendê-la novamente.

—carrie blakley

Usamos apenas uma pequena parte da nossa mente, mas aos poucos estamos aprendendo a expandir a nossa

sentidos e realizar as façanhas dos Lemurianos e Atlantes. À medida que tentavam facilitar a sua capacidade de ir além da realidade física, adquiriram a capacidade de compreender níveis de consciência e dimensões que apenas alguns indivíduos estão começando a alcançar hoje. Eles tiveram acesso ao futuro e ao passado, de forma semelhante a Edgar Cayce, e perceberam que o tempo é uma ilusão que nos mantém na terceira dimensão.

[\[conteúdo\]](#)

■

244. Cayce, Leituras 1719–1, 17335–2, 262–39.

245. Childress, Cidades Perdidas da China, Ásia Central e Índia.

246. Cayce, Leituras 2.494–1, 2.124–3, 2.437–1.

247. Winston, Shirley Rabb, Palestra sobre: Edgar Cayce Readings na Association for Research and Enlightenment, Inc., 22 de setembro de 1988.

248. Ibid.

249. Cayce, Leituras 1859.

250. Ezequiel 1:4–5, 15–28, A Nova Bíblia Anotada de Oxford.

251. Cayce, Leituras 2677–1.

252. Cayce, Leituras 2157–1.

253. Platão, Timeu.

254. Ibidem.

255. Churchward, O Continente Perdido de Mu, p. 49.

256. Cayce, Leituras 830–1.

257. Brennan, Janet, Fate Magazine, maio de 2001, “The Chambers of Putnam County”, pp.

258. Esperança, A Antiga Sabedoria da Atlântida, pp.

259. Cayce, Leituras 813–1.

260. Bethards, Atlântida, p. 13.

261. Cayce, Leituras 440–1.

262. Cayce, Leituras 470–33.

263. Cayce, Leituras 262–39.

15

destruição

■

Eu sou uma garotinha. Eu moro na Atlântida. Estou brincando com algumas crianças em um espaço gramado, como um parque, com casas próximas. O céu está escurecendo, mas sei que ainda não é noite. Estou correndo e me divertindo e então percebo que o chão está rolando e tremendo. Dois barulhos altos e agudos me assustam e começo a chorar, mas meu pai sai correndo de casa, agarra minha mão e diz: "Venha comigo". Cinzas e poeira caem como chuva e o ar enfumaçado é difícil de respirar. Sei que alguns vulcões explodiram.

Corremos para a rua e ela está cheia de pessoas gritando, todas correndo conosco para a água. Meu pai tem um pequeno barco, que ainda existe. Depois que entro, ele nos afasta do chão agitado. Muitas pessoas estão nadando na água e algumas conseguem subir em nosso barquinho e outras se agarram desesperadamente nas laterais. As brasas quentes do vulcão continuam caindo sobre nós e queimando nossa pele, então vamos mais longe, onde mal podemos ouvir os gritos aterrorizados das pessoas na terra. De repente, uma onda enorme está chegando, mais alta que um prédio. Ele tomba nosso barco. Bati minha cabeça em alguma coisa quando caio na água e afundo cada vez mais fundo. . .

Esta é a minha história. Isso me ajuda a entender por que sempre fiquei tão apreensivo e desconfortável ao nadar em águas profundas que estão acima da minha cabeça ou andar de barco em um lago ou oceano. Talvez também ofereça uma explicação para minha tendência desagradável ao enjoo marítimo.

Naqueles dias da Atlântida, sabíamos sobre a reencarnação. Nós conhecíamos o físico

corpo é usado apenas por um breve momento antes de ser substituído por outro. Eu poderia ter ido com outros para o Egito antes que a Atlântida afundasse. Foi-me dada essa escolha. Mas decidi ficar até o fim, para vivenciar o último momento da Atlântida com aqueles que não puderam partir. Eu sabia que reencarnaria no Egito na minha próxima vida e, sim, isso aconteceu e vivi muitas vidas lá.

Lembro-me especialmente do último dia na Atlântida, dos últimos momentos em que a terra se transformou em uma pasta amarela como areia movediça enquanto afundava abaixo de mim. Esses terríveis últimos momentos são tão claros para mim hoje como eram há milhares de anos. O naufrágio aconteceu tão rapidamente que mal houve tempo para pensar, para sentir. No entanto, meu último pensamento foi de horror quando a terra caiu sob meus pés.

Quando eu era criança nesta vida, lembro-me de estar dormindo em meu berço quando ocorreu um terremoto e meus pais me pegaram e rapidamente me carregaram para fora do quarto. Naquele momento, enquanto a casa tremia, a sensação foi a mesma de quando a terra afundou abaixo de mim na Atlântida. Acho que ninguém se esquece disso. Estou muito feliz por não morar hoje em uma área propensa a terremotos. Eu teria que sair. Eu não poderia repetir continuamente os sentimentos dos meus últimos momentos na Atlântida.

—barbara lobo

Em 50.722 a.C., enquanto os atlantes procuravam um meio de destruir os perigosos animais de grande porte que comiam as suas colheitas e os seus filhos, começaram a experimentar a obtenção de energia a partir de fontes naturais. Desesperadamente, os sacerdotes-cientistas combinaram numerosos produtos químicos e criaram explosivos poderosos, mas essas armas perigosas eram difíceis de controlar.² Um dia, quando as apontaram para as casas dos animais no chão, as tremendas explosões desencadearam terríveis terremotos que levaram a Atlântida se quebrando e se dividindo em cinco ilhas menores.²

6

Em 28.000 a.C., quando os cientistas atlantes ajustaram o cristal demasiado alto, este subitamente transformou-se numa força mortal e destrutiva. O tumulto causado por terremotos, erupções vulcânicas e inundações que se seguiram devastaram a Atlântida mais uma vez até restarem apenas três ilhas, uma das quais era Poseidia, no Caribe. Platão acrescenta que uma série de ilhas menores ligava a Cadeia Atlântica ao continente americano.

Quando leio sobre Atlântida sinto esta dor estranha, de uma terra em perigo, de pessoas correndo para salvar suas vidas, e sinto uma tristeza terrível por este lugar que foi tão amado por seus cidadãos.

-anônimo

Por volta de 10.000 aC, aconteceu algo que mudou dramaticamente o clima do nosso planeta. As quentes terras do norte da Sibéria tornaram-se intensamente frias e as geleiras dos continentes europeu e norte-americano derreteram rapidamente. Como resultado do clima cataclísmico e das convulsões geológicas daquela época, quarenta milhões de animais, incluindo mamutes peludos, felinos dente-de-sabre, mastodontes, lobos terríveis, grandes preguiças terrestres, ursos gigantes das cavernas e bisões antigos morreram nas Américas do Norte e do Sul. Continentes, e muitos mais na Europa não conseguiram escapar à ira da natureza. O Chilam Balam, um dos três livros restantes dos maias, descreve a inclinação da face dos céus e a grande tempestade que surgiu e escureceu a face do sol e destruiu tudo.² Que época horrível para o ser humano seres que viveram em nosso planeta. 66

Assim como um incêndio furioso destrói uma floresta de árvores altas e imponentes, este evento natural selvagem eliminou completamente as civilizações avançadas, bem como os animais. Lemúria e Atlântida sofreram terrivelmente. Belas casas e templos piramidais racharam e desabaram, e as águas do oceano varreram ambas as terras. Platão nos diz que “a ilha de Atlântida foi engolida pelo mar e desapareceu”.² Na pátria de Mu, a catástrofe aconteceu tão repentinamente que 64 milhões de pessoas morreram enquanto a ilha condenada “descia, descia, descia”.² As memórias desta época terrível estão profundamente arraigadas no inconsciente de muitas pessoas hoje.

Duas vezes Mu saltou de seus alicerces: foi então sacrificado pelo fogo. Ele estourou enquanto terremotos o sacudiam violentamente para cima e para baixo. Ao chutá-lo, o mago que faz todas as coisas se moverem como uma massa de vermes sacrificou-o naquela mesma noite.

—codex cortesianus (ver capítulo 4)

Churchward propõe que o granito sob o continente de Mu estava entrelaçado com bolsas de gases vulcânicos. Inicialmente, as câmaras que sustentavam Mu estavam muito próximas da superfície da terra e isoladas das que estavam abaixo, mas violentos terremotos e ação vulcânica nas profundezas da Terra abriram passagens das cavernas inferiores para as acima. A tremenda pressão nas câmaras superiores à medida que os gases subiam de baixo obliterou os telhados da caverna e destruiu completamente a terra. Ao mesmo tempo, os gases pegaram fogo e engoliram a Pátria.²

69

Wishai S. Cerve acrescenta que à medida que as placas tectônicas se moviam, um remanescente de terra submersa da Lemúria foi empurrado contra a porção ocidental do continente americano. Ele ressalta que à medida que nos aproximamos da costa do Pacífico, no oeste da Califórnia, o solo muda. Como resultado, sequoias, certas flores silvestres e samambaias que são difíceis de cultivar na parte oriental do estado florescem lá na natureza, sem cultivo.² Edgar Cayce também se refere a restos de terras lemurianas na baixa Califórnia.²¹

Alguns investigadores sugerem que a combinação de violentos terremotos, maremotos avassaladores e o rápido aumento do nível dos oceanos, que matou a maior parte das pessoas no nosso planeta em 10.000 a.C., foi indirectamente responsável pelo canibalismo e pelo infanticídio praticados outrora nas ilhas do Pacífico Sul. Quando o desastre aconteceu, os sobreviventes sortudos correram para terrenos mais elevados, mas, à medida que a terra continuava a tremer e as águas do oceano subiam, aqueles que sobreviveram foram forçados a aglomerar-se nas terras férteis restantes. A extensão do mar entre eles e outras ilhas continuou a aumentar e eles ficaram presos, muitas vezes sem alimentação adequada. Para sobreviver, eles recorreram a comer humanos.²²

É impossível refletir sobre a mudança do estado do continente americano sem o mais profundo espanto. Anteriormente, deve ter fervilhado de grandes monstros: agora encontramos meros pigmeus, em comparação com as raças aliadas anteriores. Se Buffon soubesse da preguiça gigante e dos animais parecidos com o tatu, e do desaparecido Pachydermata, ele poderia ter dito com maior aparência de verdade que a força criativa na América havia perdido seu poder, em vez de que nunca possuiu grande vigor. . A maior parte, se não todos, desses quadrúpedes extintos viveram num período tardio e foram contemporâneos da maioria das conchas marinhas existentes. Desde que viveram, nenhuma mudança muito grande na forma da terra pode ter ocorrido.

*O que então exterminou tantas espécies e gêneros inteiros em 10.000 aC?
A princípio, a mente é irresistivelmente levada à crença de alguma grande catástrofe: mas, para destruir animais, grandes e pequenos, na Patagônia do Sul, no Brasil, na Cordilheira do Peru, na América do Norte até o estreito de Bering, devemos sacudir toda a estrutura do globo.*

—Charles Darwin

[233](#)

Os cientistas têm várias teorias sobre o que foi responsável pelo evento desastroso de 10.000 aC. O mais provável é que um choque terrível tenha provocado a mudança do eixo do planeta, e isso perturbou a estabilidade do líquido quente e espesso que se encontra abaixo da sua superfície. Inevitavelmente, em locais vulneráveis, a frágil crosta desmoronou.

A antiga crença de que os cometas, ou enormes estrelas no céu com caudas, foram os antecessores de uma perturbação nos céus (os deuses estavam furiosos) está mais uma vez ganhando credibilidade. Os cientistas estão cada vez mais conscientes de que a superfície da Terra está extremamente exposta a um cometa, ou “bola de neve suja”, como aquele que se partiu em vinte e um pedaços e se chocou contra a face de Júpiter em Julho de 1994. Cada um dos pedaços daquele cometa tinha a força de várias bombas nucleares. Se pedaços de um cometa ou restos de uma estrela explodida pousassem em um de nossos oceanos, além dos danos do impacto, o calor evaporaria imensas quantidades de água. Essa água, mais o líquido da camada externa do corpo estranho, que derrete rapidamente, à medida que entrava em nossa atmosfera, produziria fortes chuvas durante vários dias. À medida que os destroços dos pedaços do cometa que caiu na terra enviavam imensas nuvens de poeira para o céu, a luz do sol desapareceria e a escuridão prevaleceria.

Apenas os seres humanos que procuraram refúgio em cavernas subterrâneas ou que viviam no alto das montanhas escaparam às enormes ondas, e muitos deles morreram de fome antes que as plantas pudessem crescer novamente. Os navios no mar podem ter fornecido um refúgio seguro temporário e um meio de encontrar áreas onde os alimentos necessários estavam disponíveis, mas mesmo estas pessoas sortudas foram rapidamente reduzidas a viver em condições extremamente primitivas. A história de Noé e sua arca se repete em lendas por todo o mundo.

O físico alemão Dr. Otto Muck acredita que no momento do afundamento final da Atlântida, um asteróide com vários quilômetros de diâmetro mergulhou no Oceano Atlântico, na costa leste dos Estados Unidos. Os enormes buracos onde pedaços do demônio quente e destrutivo penetraram na crosta terrestre perto das Carolinas são bastante visíveis hoje no fundo do oceano, e fotografias tiradas do ar mostram que centenas de crateras elípticas, chamadas de “Anéis Carolina”, marcam a Geórgia, Flórida, Virgínia, Maryland e Carolina do Norte e do Sul. Muck estima que, quando se chocou contra nós, o asteróide em rápido movimento era tão forte quanto 30.000 bombas de hidrogênio.

A Terra é uma esfera pequena e frágil em comparação com os planetas maiores. Sua crosta tem apenas oito a trinta quilômetros de espessura. Os oceanos de magma quente em seu interior estão em constante movimento e, se a atividade desse líquido for perturbada, ele oscila e contribui para a instabilidade do planeta. Muck acredita que o choque do impacto do asteróide foi tão forte que o nosso globo, que é como um pião gigante, oscilou no seu eixo, instigando os terremotos devastadores, ondas gigantescas e ação vulcânica duradoura e prejudicial.

Uma teoria plausível que explica o desaparecimento da Atlântida sugere que, como resultado do tremendo abalo quando este corpo em movimento rápido vindo do espaço atingiu o nosso planeta, surgiram fissuras em ambos os lados da Dorsal Atlântica. O magma incandescente do interior da Terra disparou a uma velocidade incrível através desses espaços e derreteu o fundo da terra e, à medida que a ilha desmoronava, o belo país afundou tristemente no mar.

A Lemúria pode ter sofrido um destino semelhante.

A agitação do eixo da Terra, os terremotos, as erupções vulcânicas e as inundações oferecem as explicações físicas e externas para o naufrágio da Atlântida, mas outra fonte da devastação catastrófica reside nos pensamentos e inclinações das pessoas.

A sua falta de afecto pelo nosso adorável mundo, as suas aspirações egoístas e a sua imoralidade foram factores que contribuíram para isso.

Tenho a lembrança de ser esposa de um dos sacerdotes da ciência, especialista no que hoje chamamos de eletrônica, que entendeu o funcionamento do Grande Cristal. Ele fazia parte de um grupo de doze malfeitores que mexeram nas configurações, sendo uma parte da causa da queda da Atlântida.

—Kathleen Keith

O interesse nas realizações científicas suplantou gradualmente as relações compassivas, a partilha de recursos e a harmonia com a natureza que caracterizaram a vida na Lemúria e na Atlântida durante milhares de anos. Desenvolveu-se uma sociedade de classes em ambos os países, na qual os sacerdotes-cientistas eram extremamente poderosos, nem sempre em benefício da humanidade.

Pelo que vi de Mu, e por um desenho canalizado que tive o privilégio de pesquisar, Mu foi uma batalha de luz contra escuridão. Uma parte da civilização era uma comunidade agrícola espiritual/religiosa, e as energias escuras dominavam o resto da sociedade. O seu colapso estava fadado se nunca resolvessem as suas diferenças, o que não aconteceu. Eles tinham muito pouco contato um com o outro.

-anônimo

Os sacerdotes-cientistas inicialmente usaram suas mentes para acessar esferas ocultas com o objetivo de beneficiar outras pessoas. O resultado foi uma tecnologia notável combinada com uma base espiritual. O mago da experiência a seguir é típico daqueles que, nos últimos dias da Atlântida e da Lemúria, usaram suas informações avançadas para obter riqueza e poder às custas de outros. Embora os Lemurianos não tenham descido ao mesmo nível de corrupção e maldade que os Atlantes, os registros de Llasa retratam uma classe rica em Mu que se adornava com roupas finas e joias e vivia em palácios magníficos.²ÿÿ

O que me lembro do meu tempo na Atlântida é que fui um mágico muito poderoso que estava totalmente afastado da humanidade. Vejo uma enorme torre branca com janelas ao redor que dão para um terreno rodeado de mar. Nesta torre eu experimentei a vida e abusei horrivelmente do meu poder.

-anônimo

As ações dos sacerdotes-cientistas foram um fator na situação desagradável antes da catástrofe de 10.000 a.C., mas o comportamento do povo da Atlântida também contribuiu. Durante a maior parte de sua longa história, Atlantes e Lemurianos praticaram a Lei do Um. Eles eram compassivos em seus relacionamentos com os outros e cuidavam amorosamente da Terra, com respeito e consideração.

Gradualmente, à medida que a ênfase na tecnologia aumentava e se concentrava nas realizações científicas, perderam o respeito pela natureza e tentaram assumir o controle sobre ela.

Os recursos naturais tornaram-se algo a ser usado em benefício próprio.

Quando a tecnologia assumiu um papel de liderança nas suas vidas, teve um efeito desumanizador. As pessoas ficaram obcecadas em adquirir coisas adicionais e mudaram-se para as cidades, onde os objetos tangíveis estavam mais facilmente disponíveis. Perto do final, muitas pessoas passaram cada vez mais tempo concentrando-se em fatos e posses. Eles substituíram ferramentas mentais por máquinas de uma maneira semelhante à nossa dependência de calculadoras e computadores. À medida que fragmentaram ainda mais a sua consciência no físico, perderam o respeito pelo que não conseguiam perceber com os seus cinco sentidos e por tudo o que está além do ambiente tridimensional. A qualidade de vida espiritual tornou-se sem importância para eles. À medida que se separaram do seu Criador e procuraram o amor noutro lugar, os padrões morais declinaram; a raiva, a ganância, o ódio e a inveja aumentaram; e o crime era predominante. Orgias sexuais, roubos e assassinatos eram eventos comuns. Os Filhos de Belial tratavam as “coisas” como escravas.

Sonhos intensos e vívidos me ajudaram a aprender e compreender algumas de minhas vidas passadas. Uma das lembranças mais interessantes envolveu o fato de eu ser uma “coisa” na Atlântida.

Minha primeira esposa, Hanna, lembrava-se de ter sido minha mãe na Atlântida (embora não tenha sido isso que ela disse na primeira vez que discutimos o assunto). Ela lembrou que na Atlântida ela era casada com um homem rico e poderoso, mas teve um caso com uma das “coisas” que trabalhavam como empregados domésticos. Quando ela engravidou, ela não tinha certeza se o pai era seu marido ou o criado, mas infelizmente descobriu-se que o criado era o pai, fato que foi revelado quando eu nasci e eu era obviamente parte símio (não totalmente humano, parte macaco).

O marido dela mandou executar o criado, e ela (minha mãe) também deveria ser condenada à morte, mas finalmente foi decidido que deveríamos ser exilados para o

deserto, onde presumia-se que nós dois não sobreviveríamos por muito tempo. Lembro-me de viver na floresta da Atlântida com aquela mãe humana e de ter um conhecimento intuitivo que me permitiu cuidar dela durante muitos anos, mas um dia ela adoeceu e morreu.

Depois que ela se foi, continuei a viver no deserto, mas me senti solitário e logo me aventurei em uma cidade atlante. Várias pessoas pareciam saber mais sobre mim do que eu mesmo. Até conheci um juiz que se manifestou contra a execução da minha mãe. Eu era muito mais inteligente do que as pessoas esperavam que eu fosse, e aquele juiz me ajudou a buscar formação como matemático. Passei o resto da minha vida fazendo trabalhos teóricos altamente conceituados. Lembro-me claramente dos atlantes humanos puros dominantes usando seus poderes mentais para manipular muitas das “coisas”.

O que foi estranho neste sonho em particular e nesta vida passada foi que, além da minha primeira esposa, Hanna, conheci cinco ou seis pessoas que se lembraram dos seus papéis naquela história atlante sem que eu tivesse de as avisar. Um bom amigo em Denver lembrou que ele era o criado doméstico executado, e outro amigo em Nova York lembrou-se de ter sido o juiz.

-anônimo

Um correspondente sugere que a dissensão entre os virtuosos Filhos da Lei do Um e os seguidores imorais de Belial contribuiu para os problemas de outra forma.

Lembro-me das aulas no templo da Atlântida. Aprendemos espiritualidade e Lei Cósmica, que eram os princípios dos Filhos da Lei do Um, mas foram diluídos e não fomos encorajados a lembrá-los. Também aprendemos os princípios dos Filhos de Belial. Os alunos que adotaram os princípios dos Filhos de Belial obtiveram os testes mais fáceis. Se aqueles que desejavam seguir a Lei do Um não mudassem de ideia, seriam assediados tanto física quanto mentalmente até que muitos deles morressem ou enlouquecessem. O resultado final foi que as boas pessoas que deveriam estar envolvidas na gestão do Grande Cristal nunca tiveram a oportunidade.

-anônimo

Invariavelmente, o retrato dos últimos dias da Atlântida centra-se no estado corrupto e imoral em que muitas pessoas caíram e afirma que foi, pelo menos parcialmente, responsável pelo destino da terra. Platão descreve a mudança no povo: “A porção de divindade neles tornou-se fraca. . . eles perderam sua beleza, por serem incapazes de suportar o fardo de suas posses, e tornaram-se feios de se olhar, aos olhos daquele que tem o dom da visão. Ele escreve que “Zeus, o Deus dos deuses. . . marcou como esta raça justa estava em má situação e desejava infligir punição sobre eles. Cayce concorda que muitos dos habitantes da Atlântida eram tão pecadores que os elementos se combinaram para pôr fim às suas ações terríveis.”²

6

É difícil para a ciência moderna explicar como a energia das emoções e dos pensamentos tem algum efeito sobre as forças da natureza, mas os povos indígenas conheciam e compreendiam este conceito. Quando a chuva era necessária, os xamãs supervisionavam danças melódicas, cantos e orações específicas, e sua força extraía energia das nuvens. À medida que as nuvens se dissolviam, a umidade caía sobre a terra sedenta e as pessoas abaixo. As sociedades mantinham elaboradas cerimônias de plantio durante as quais dançavam na terra e até a beijavam. Enquanto dançavam, eles cantavam, pois sabiam que a combinação de amor, vibração e som era benéfica para as sementes vivas recém-plantadas e para o seu amado planeta.

Sou carpinteiro e meu pai e meu avô eram carpinteiros. Meu avô me contou que há muito tempo os carpinteiros usavam a mente, ele disse “hipnotismo”, para mover objetos pesados.

-anônimo

A declaração deste carpinteiro enfatiza quão pouco entendemos sobre os poderes da mente. Algumas pessoas são capazes de mover pequenos objetos sem tocá-los, e outras sabem como produzir energia suficiente para dobrar garfos e colheres. Percebemos que uma mente focada, utilizando meditação e visualização, pode às vezes aliviar problemas de saúde, bem como situações desagradáveis.

sintomas de estresse.

Edgar Cayce diz-nos que os pensamentos são coisas ou ações e podem tornar-se milagres. Quando muitos indivíduos se concentram num desejo ou aspiração idêntico, o pensamento adquire poder adicional e a sua intenção gradualmente se torna realidade. Diz-se que se você focar em um pensamento ou sentimento por pelo menos dezessete segundos, sem introduzir uma imagem ou emoção contrária, sua intenção se manifestará no mundo físico.

Como isso é possível? O processo de criação começa com um pensamento ou uma concepção. Os pensamentos são energia que viaja pela atmosfera. À medida que as correntes de energia de nossas mentes se movem ao nosso redor, elas emitem sinais. Sabemos que os pensamentos são contagiosos entre as pessoas e podem produzir histeria em massa. Se um grupo de indivíduos furiosos se reúne, a sua animosidade cria um campo de energia que afecta os outros e rapidamente a situação se transforma numa multidão enfurecida. Da mesma forma, a energia desfavorável viaja deste planeta por todo o cosmos e perturba o universo. No período final da Atlântida, as vibrações desfavoráveis resultantes do crime, da imoralidade e dos conflitos entre grupos de pessoas sobre o tratamento das “coisas” eram extremamente fortes. Como nos contam Platão e Cayce, os pensamentos e ações negativas avassaladoras perturbavam as forças naturais.

Uma catástrofe enviou a terra fértil e as pessoas que nela viviam para o oceano ganancioso. Se não tomarmos cuidado, existe sempre o perigo de que o nosso universo escolha fazer conosco o que fez com a Atlântida e a Lemúria, enrugando a pele da Terra como um cão com pulgas e destruindo a nossa civilização.

[\[conteúdo\]](#)

■

264. Cayce, Leituras 621–1 e 419–1.

265. Cayce, Leituras 877–26.

266. Hatt, Os maias, p. 14.

267. Platão, Timeu.

268. Códice Troano.

269. Churchward, O Continente Perdido de Mu.

270. Cerve, Lemúria, p. 214.

271. Cayce, Leituras 1473–1.

272. Brown, O Enigma do Pacífico, p. 54.

273. Citação de Darwin do capítulo 8 de The Voyage of the Beagle;
<http://www.literature.org/authors/darwin-charles/the-voyage-of-the-beagle/chapter-08.html>.

274. Muck, O Segredo da Atlântida, p. viii.

275. Churchward, O Continente Perdido de Mu.

276. Cayce, Leituras 5750–1.

16

outro

civilizações

■

Por volta de 570 a.C., quando o advogado ateniense Sólon, “o mais sábio dos Sete Sábios”, foi ao Egito para estudar história, os sacerdotes que consultou disseram a Sólon que as catástrofes naturais tinham obliterado quase todas as informações tangíveis das civilizações do passado. Os eruditos egípcios disseram que houve, e haverá, muitas destruições de seres humanos, a maior das quais por fogo e água. Os sacerdotes contaram a Sólon sobre a Atlântida e o conhecimento sagrado, que acabou sendo transmitido a Platão que, no final de sua vida, o revelou para nós.

A fama de Platão como estudioso e suas admiráveis habilidades de escrita garantiram que o conhecimento do povo atlante sobreviveria para nós, e a descoberta pelo Coronel Churchward de informações registradas sobre a Pátria de Mu ajudou a preservar a memória dessa civilização superior. Os dados sobre os países que precederam, coexistiram ou seguiram de perto a Lemúria e a Atlântida não estão tão prontamente disponíveis e a maior parte das peças do puzzle ainda faltam. No entanto, os investigadores estão lentamente a recolher detalhes suficientes para confirmar que essas duas civilizações não estavam sozinhas. Antes de 10.000 aC, pessoas evoluídas espiritual e tecnicamente, que eram muito semelhantes a nós, prosperavam em todo o mundo.

Edgar Cayce conta-nos que numa conferência internacional em 50.722 a.C., representantes de cinco países reuniram-se na Atlântida para discutir uma solução permanente para o problema dos omnipresentes animais selvagens perigosos que invadiam a Terra. Os atlantes forneceram transporte para seu país no que podem ter sido os primeiros veículos voadores, aeronaves que continham gás e pareciam balões.² PESSOAS DA LEMÚRIA, DO IMPÉRIO UIGUR EM GOBI,

o oeste e o norte da África e os Montes Cárpatos da Europa Central participaram da primeira conferência. Delegados do Peru e da Índia foram incluídos em reuniões posteriores.

América do Sul

Edgar Cayce oferece informações sobre alguns dos primeiros Lemurianos a fugir para o Peru, que ele também chamou de Oz, Og ou On. Eles vieram depois das mudanças na Terra ocorridas em 50.000 a.C. e logo construíram novas casas e templos. A religião era o foco principal de suas vidas. Como sacerdotes, sacerdotisas, ministros e professores, eles se destacaram na música, na arte, no trançado de contas e no desenho de joias com abundantes pedras e metais preciosos. Depois de muitos, muitos anos, os Ohlms, como Cayce os chama, projetaram um excelente sistema de autogoverno democrático, que influenciaria governos em todo o mundo.²

Centenas de anos depois, quando os atlantes chegaram ao Peru, o líder dos Ohlms era uma pessoa fraca, dada a excessos sexuais. Após uma breve guerra, os atlantes assumiram o controle e ensinaram a Lei do Um, extraíram ouro e prata e construíram muros nas montanhas.²

Mudanças dramáticas na terra alteraram a topografia da América do Sul, mas as construções megalíticas permanecem para demonstrar as habilidades dos seres humanos avançados de tempos passados, que viviam numa extensa cadeia de cidades que se estendia até ao norte até à Colômbia. Os edifícios dessas cidades, com suas enormes pedras multifacetadas firmemente dispostas em padrões resistentes a terremotos, eram semelhantes aos da enorme cidade de Tiahuanaco, que prosperou nas margens do Lago Titicaca durante a época de Mu e da Atlântida.² O Os Incas não construíram tantos edifícios como a misteriosa civilização anterior. Eles usavam pequenas pedras retangulares e muitas vezes colocavam seus templos no topo das antigas e maiores estruturas de seus antecessores.

Um “Jardim dos Deuses” no Planalto Marahuasi, no alto dos Andes, fornece evidências adicionais dos ocupantes pré-históricos da América do Sul. Aqui, tumbas e esculturas estupendas esculpidas em granito cobrem uma área de vários quilômetros quadrados. As estátuas representam uma variedade de pássaros, animais e raças humanas.

Alguns são tão grandes que se acredita que foram feitos por gigantes de pelo menos três metros e meio de altura. Os descendentes dos nativos Huanaca nesta área descrevem o estranho lugar como o lar dos magos e deuses gigantes.²

O Lago Titicaca, o lago navegável mais alto do mundo, fica parcialmente no Peru e parcialmente na Bolívia. Hoje está 13.500 pés acima do Oceano Pacífico, mas já esteve ao nível do mar, com 460 milhas de comprimento e 30 a 100 milhas de largura. Um canal do lago dava acesso ao Oceano Pacífico. Uma variedade de plantas oceânicas ainda vive em sua água salobra. Os próximos Lago Poopo e Lago Coipassa também são salgados e já foram incluídos no gigantesco Lago Titicaca.



**rota do oceano Pacífico ao oceano Atlântico, conforme descrito
pela col. em direção à igreja em “os filhos de mu”**

Num antigo mosteiro no oeste do Tibete, o coronel Churchward encontrou um mapa da América do Sul numa grande placa. A pessoa que fez o mapa desenhou nele um grupo de constelações para indicar a sua data, e os astrónomos disseram que essas estrelas estavam nessa posição há 25.000 anos. O antigo mapa mostra a atual Bacia Amazônica como um enorme mar interior, comparável ao atual Mediterrâneo, com uma abertura estreita para o Oceano Atlântico e um pequeno canal da bacia até Tiahuanaco. Churchward acredita que os restos amassados do canal que ligava Tiahuanaco à Bacia Amazônica podem ser vistos no topo das montanhas que agora ficam entre a cidade e a Amazônia.²⁵² Vestígios de outro canal que formava o limite da cidade e continuava até o Oceano Pacífico é visível hoje,²⁵³ assim como as docas para navios, esculpidas em rochas sólidas,²⁵⁴ com anéis, que serviam de fixação para cabos de fixação de embarcações oceânicas.²⁵⁵

Antes que os movimentos da crosta terrestre empurrassem Tiahuanaco muito acima do nível do mar, as pessoas viajavam em barcos de um oceano a outro através do continente sul-americano. Edgar Cayce faz diversas referências àqueles que iam e voltavam entre Mu e Atlântida, muitas vezes para discutir princípios do comportamento humano. A cidade de Tiahuanaco foi um destino preferido. Quando os frades espanhóis descobriram as ruínas da cidade no século XVI, sinais e símbolos do Extremo Oriente indicavam que pessoas de todo o mundo visitavam e habitavam a magnífica metrópole.

No topo de uma pirâmide truncada, os cidadãos de Tiahuanaco construíram o maior Templo do Sol do mundo, completo com um observatório astronômico. Quando o professor alemão-boliviano Arthur Posnansky, da Universidade de La Paz, estudou cuidadosamente seu calendário de pedra, ele determinou que na época em que o observatório foi abandonado, em 9.550 aC, os astrônomos estavam estudando a Estrela Polar.²⁵⁶

6

Os espanhóis ficaram surpresos ao ver que os artesãos embelezaram os edifícios em toda a cidade antiga com ouro e prata, incluindo parafusos de prata pesando mais de três toneladas que serviam como rebites em enormes monólitos.²⁵⁷ Restos de objetos realistas

esculturas de cidadãos segurando copos erguidos alinhavam-se na agradável margem do lago.²

O Portal do Sol, uma das maiores estruturas monolíticas esculpidas do mundo, mostra algumas das habilidades dos cidadãos pré-históricos de Tiahunaco. Os artesãos experientes cortaram o portão, que tem mais de quatro metros de largura e quase três metros de altura, em um bloco sólido de andesito grosso. A andesita, o material da maior parte da cantaria de Tiahuanaco, é uma rocha extremamente dura que embota todas as ferramentas de aço, exceto as mais fortes. Além da nossa incapacidade de entender como eles cortaram com precisão blocos de andesito pesando mais de oitenta toneladas, ninguém realmente entende como os construtores de Tiahuanaco moveram as enormes pedras de pedreiras que estavam a muitos quilômetros de distância.

Imagens do ônibus espacial indicam que escavamos apenas uma pequena fração da magnífica cidade de Tiahuanaco, e que 90% dela está abaixo do solo. À medida que penetramos nos vestígios das suas cinco camadas de civilizações, aprenderemos gradualmente mais sobre aqueles que viveram nesta bela cidade há tanto tempo.

Império Uigur

O selvagem e árido deserto de Gobi, no nordeste da Ásia, já foi uma terra fértil e bela, onde o Império Uigur prosperou durante a época da Lemúria e da Atlântida. As magníficas cidades de Gobi, incluindo a capital Kara Khota, são bem lembradas nas histórias e lendas do Extremo Oriente. Pelos chineses, sabemos que o bem-sucedido Império Uigur atingiu seu apogeu por volta de 17.000 aC e se espalhou do Pacífico para o oeste, através da Ásia e do norte da Europa.²

9

Depois de lutar para cavar quinze metros de cascalho, pedras e areia, os exploradores russos finalmente descobriram ruínas de Kara Khota ao sul do Lago Baikal. A partir dos vestígios da cidade, os arqueólogos determinaram que os uigures conheciam astrologia, matemática, escrita, leitura e medicina. Eles mineraram extensivamente, fabricaram têxteis e se dedicaram à agricultura. Muito antes de a história do Egito começar, os uigures faziam estátuas de ouro, prata, bronze e argila e eram especialistas em decoração de seda, metais e madeira.²

As sacerdotisas atlantes frequentemente viajavam para a terra distante dos uigures para ministrar ao povo e ensinar-lhes o poder do certo e do errado.^{2 1} Elas trabalharam juntas com os Lemurianos, que se juntaram a eles para ensinar os princípios da Lei do Um. As duas culturas são homenageadas em uma pintura antiga de uma rainha uigure e seu consorte. O tridente de Poseidon, símbolo da Atlântida, aparece com a rainha, e botões de lótus, simbólicos da terra de Mu, estão dispostos a seus pés.^{2 2} As referências de Cayce a uma Cidade de Ouro, um Templo de Ouro e um Templo do O Sol na terra mongolóide^{2 3} dá suporte às lendas chinesas que descrevem a prosperidade do Império Uigur em Gobi no passado distante.

Quando o dilúvio bíblico destruiu a metade oriental das terras uigures, as poucas pessoas que restaram foram reduzidas a viver em condições extremamente primitivas.^{2 4} Hoje, as areias movediças do deserto cobrem os ossos dessas pessoas talentosas e de suas cidades há muito abandonadas, mas alguns satélites espaciais diurnos detectarão evidências adicionais esclarecedoras deles sob o solo do deserto.

Muitos acreditam que Shambala, o lar de místicos e estudiosos altamente evoluídos que existem em outra dimensão, está posicionada sobre o deserto de Gobi.^{2 5} A tradição esotérica acrescenta que quando sua terra desapareceu, os sacerdotes lemurianos migraram para Shambala, onde as mais altas vibrações conhecidas em nosso planeta torna possível que eles entrem em contato mais facilmente com os reinos espirituais.

Império Rama

Escritos gregos, egípcios, mexicanos, hindus e místicos antigos retratam o Império Rama, que outrora prosperou no Vale do Indo, no Paquistão e no norte da Índia.^{2 6} Os Vedas, conforme descrito no prefácio, oferecem as informações mais extensas sobre os Ramas. civilização avançada. As sete maiores cidades de Rama são frequentemente chamadas de “cidades Rishi”. Em sânscrito, Rishi significa “Mestre ou Grande Professor”, o que se relaciona com as habilidades mentais e psíquicas altamente desenvolvidas dos líderes Rama.^{2 7} Dravidiano, a escrita indecifrada de Rama, é quase idêntica à escrita da Ilha de Páscoa, a milhares de quilômetros de distância. o sudeste,^{2 8} o que sugere uma ligação com a Pátria de Mu.⁹

O inteligente Rama desenvolveu veículos voadores chamados vimanas.^{2 9} Por volta do

século IV aC, Bharadwaja, o Sábio, compilou informações sobre os vimanas de pelo menos oitenta textos e épicos védicos anteriores para seu livro Vaimanika Shasta. Estudiosos, que encontraram o Vaimanika Shasta em 1918 na Biblioteca Real de Sânscrito de Barbuda, ao norte de Bombaim, verificaram a autenticidade do trabalho de Bharadwaja, bem como dos manuscritos que ele consultou quando o reuniu.³

00

O Vaimanika Shasta inclui descrições elaboradas de aviões de dois e três andares, aeronaves de transporte de carga semelhantes a helicópteros e aviões de passageiros capazes de transportar de 400 a 500 pessoas. Ele ainda fornece instruções detalhadas para a construção de veículos voadores, incluindo dimensões precisas e descrições de que tipo de metal seria mais adequado para diversas peças. O trabalho monumental de Bharadwaja inclui instruções elaboradas para treinar pilotos para pilotar os vimanas, funções que os veículos poderiam cumprir e muito mais.^{3 1} O conhecido Mahabharata e o Ramayana,⁰ compilados a partir de registros de templos antigos, contêm informações adicionais extensas sobre os vimanas do Império Rama .

Cantos e danças transmitidos pelos Pueblo, pelos Yaqui e por outros nativos americanos descrevem um conflito duradouro entre os atlantes e o povo de um império perdido no Oceano Índico. A guerra ocorreu quando as geleiras ainda eram grandes,^{3 2} há cerca de 20 mil anos.

0

A tradição esotérica descreve um encontro neste conflito entre os Ramas e os Atlantes e uma estranha forma como a sabedoria dos Ramas venceu os seus inimigos do Oceano Atlântico. Na sua busca por mais terras, os Atlantes, que são referidos como os "Asvins", uma vez tentaram tomar a capital de Rama. O governante indiano declarou que, embora Rama só acreditasse na paz, nunca sucumbiria ao exército agressivo da Atlântida.

Os soldados atlantes o ignoraram completamente e, apesar das sinceras e numerosas tentativas de Rama para evitar uma batalha, avançaram em direção à cidade. Nesse ponto, o rei-sacerdote Rama ergueu os braços e, usando uma poderosa técnica mental que certos iogues do Himalaia entendem hoje, fez com que os líderes dos invasores atlantes caíssem mortos, um por um. Era como se pedras enormes caíssem de uma grande altura sobre suas cabeças e, como resultado do golpe, seus corações simplesmente parassem de bater. Os atlantes aterrorizados restantes rapidamente recuaram para seu valix (aeronave) que os esperava e voaram para longe.^{3 3}

0

Arqueólogos na Índia começaram recentemente a escavar Kot Diji e Harappa e as nove ou mais camadas de civilização em Mohenjo Daro. Eles descobriram que os moradores de duas dessas cidades antigas desfrutavam de água corrente, banheiros internos,

e esgotos cobertos.³ O nível em que os arqueólogos estão trabalhando atualmente data de cerca de 3.000 aC, mas os cientistas descobriram recentemente uma cidade subaquática na costa noroeste da Índia com um layout em estilo de grade semelhante que prosperou há 9.500 anos. Esta cidade, que fica a cerca de 36 metros de profundidade, tem oito quilômetros de comprimento e contém o grupo mais antigo conhecido de estruturas feitas pelo homem no mundo.³ À medida que a pesquisa continua, equipamentos modernos produzirão, sem dúvida, evidências de vida no Pacífico durante a época de a pátria de Mu.

Antártica

O continente da Antártica, que só foi redescoberto em 1818, já foi uma terra sem neve e gelo. Cópias de mapas antigos retratam seus lagos, rios e montanhas como são hoje, sob as geleiras. Algum dia poderemos encontrar e explorar as casas e edifícios de marinheiros lemurianos e atlantes que viveram felizes na Antártida antes de a neve interminável subitamente cobrir a terra.

Um livro recente que descreve a Antártica como a Atlântida de Platão está repleto de "se" e "talvez". A proposta de seus autores de que as placas da Terra se deslocavam de tempos em tempos é provável, mas que uma ilha que Platão descreve como situada "dentro da foz dos Pilares de Hércules" (o Estreito de Gibraltar) se mudou para a atual localização da Antártida. é difícil de compreender. Platão diz que o mar engoliu a ilha de Atlântida, mas a Antártica ainda está acima da superfície, não afundou.

Civilização Osiriana

Há muito tempo, a área que o Mar Mediterrâneo cobre agora era terra seca e fértil. O rio Nilo era conhecido como rio Stix e fluía pela África como hoje, mas continuava até um lago no vale do Mediterrâneo. Do lago, o rio avançava e desaguava no Oceano Atlântico nos Pilares de Hércules.³ As lendas dizem que durante a época da Atlântida o povo Osírio vivia ao redor do grande lago neste atraente vale do Mediterrâneo. Mais de 200 dos

Os edifícios megalíticos de Osiriano são hoje visíveis no fundo do Mediterrâneo.

Pouco se sabe sobre esta civilização, embora se presume que a religião osiriana do Egito, que se concentrava em Osíris, se originou com eles.³ Osíris, o deus egípcio dos mortos, é retratado como uma múmia com as mãos fora dos embrulhos, segurando os símbolos de uma régua. Os mitos sobre Osíris muitas vezes o associam à água, afogando-se no Nilo ou submerso na água e depois saindo com umidade vivificante e poder fertilizante. Talvez isto simbolize o destino dos Osirianos. Quando o nível dos oceanos subiu cerca de 10.000 a.C. e os terremotos mudaram a terra no Estreito de Gibraltar, a água do Oceano Atlântico inundou e inundou as cidades das pessoas. Aqueles que puderam, mudaram-se rapidamente para as terras mais altas do Egito e de outras terras vizinhas.

Na ilha de Malta, ruínas antigas oferecem evidências dos povos avançados que viveram lá. Numerosos grandes monumentos e estruturas, construídos com enormes blocos de pedra, são por vezes dispostos em padrões. Trilhas antigas em Malta estão esculpidas nas rochas em áreas planas e até mesmo em encostas. As trilhas formam uma rede por toda a ilha, e algumas delas descem diretamente para o mar até os remanescentes das cidades de Osíris. Como os trilhos da ferrovia, os sulcos misteriosos são paralelos e equidistantes, sempre curvando-se e endireitando-se juntos. Escritas indecifradas em tábuas de pedra em Malta provavelmente oferecerão informações sobre as estranhas pegadas e sobre quem as formou.

Egito

Quando os primeiros Atlantes chegaram ao Egito não conseguiram perceber as qualidades espirituais do povo nativo. Eles pensavam que os egípcios eram ignorantes e inferiores porque não eram tecnologicamente avançados.³ Isto é semelhante à forma como os europeus avaliavam os habitantes da América Central e do Sul no século XVI, cujas civilizações eram superiores às suas em muitos aspectos.

A terra do Egito era atraente, entretanto, e as famílias atlantes continuaram a fugir para lá da instável Cadeia Atlântica. Na sua nova terra natal, juntaram-se às comunidades existentes, trabalharam nas escolas e nos hospitais³ e lutaram para

ganhar poder político.³¹⁰ Os atlantes no Egito até se envolveram em atividades arqueológicas enquanto procuravam evidências de habitantes anteriores.³¹¹ Eles construíram um Templo do Sacrifício e um Templo Belo, cujas atividades ofereceram um foco para aqueles que queriam se dedicar a ajudar o menos afortunados e melhorando a vida dos outros. A preservação dos registos atlantes, que será discutida no capítulo 18, era uma ocupação a tempo inteiro para muitos dos recém-chegados.

Cayce nos conta que os lemurianos também se mudaram para o Egito.³¹² Como resultado de uma extensa pesquisa, Churchward acredita que os egípcios originais eram lemurianos e nagas que estabeleceram uma colônia no fértil delta do Alto Nilo, enquanto os primeiros atlantes viveram no Baixo Nilo. Vale.³¹³ (A palavra “Naga” vem do Camboja, onde em Ankor Wat as formas esculpidas das Grandes Serpentes de Sete Cabeças são chamadas de Naga. Churchward acredita que o desenho, que simboliza o Grande Criador de todos os mundos, veio do Pátria da Lemúria quando as pessoas se mudaram para o continente asiático há milhares de anos. Nagas refere-se aos descendentes dos lemurianos que se estabeleceram no continente e, neste caso, mudaram-se para o Alto Nilo.) Após alguns conflitos, as duas culturas se combinaram e o país tornou-se um centro espiritual, científico e cultural.

[\[conteúdo\]](#)

■

277. Cayce, Leituras 953–24.

278. Robinson, História da Origem e Destino do Homem, de Edgar Cayce.

279. Ibidem.

280. Sykes, Atlantis, Volume 4, No.

281. Irmão Philip, Segredo dos Andes, pp.

282. Churchward, Os Filhos de Mu, pp.

283. Sykes, Atlantis, Volume 4, No.

284. Steiger, Atlântida Ascendente, p. 17.

285. Tomas, A Casa dos Deuses, p. 1.

286. Hansen, O Antigo Atlântico, p. 422.

287. Wilkins, Mistérios da Antiga América do Sul, p. 189.

288. Ibid., pág. 188.

289. Churchward, O Continente Perdido de Mu.

290. Ibidem.

291. Cayce, Leituras 1273-1, 1648-1, 3420-1.

292. Churchward, Ibid., p. 162.

293. Cayce, Leituras 1648-1.

294. Churchward, Ibid., p. 291.

295. Milanovitch, Jornada Sagrada à Atlântida, p. 145.

296. Childress, Cidades Perdidas da China, Ásia Central e Índia, p. 218.

297. Ibidem.

298. Berlitz, Mistérios de mundos esquecidos, pp.

299. Childress, Ibid.

300. Childress, Aeronave Vimana da Índia Antiga e Atlântida, pp.

301. Ibid., pág. i do Prefácio.

302. Hansen, O Antigo Atlântico, p. 307.

303. A informação neste parágrafo é de Childress, Lost Cities of China, Central Asia & India, p. 243.

304. Childress, Cidades Perdidas da Atlântida, Europa Antiga e Mediterrâneo, p. 15.

305. Pequenos Mistérios Antigos, abril de 2002.

306. Childress, Ibid., p. 27.

307. De Camp, Continentes Perdidos, p. 98.

308. Cayce, Edgar Evans, Mistérios da Atlântida Revisitados, p. 125.

309. Cayce, Leituras 516–2, 500–1.

310. Robinson, História da Origem e Destino do Homem, de Edgar Cayce, p. 77.

311. Cayce, Leituras 2799–1.

312. Cayce, Leituras 1472–10.

313. Churchward, Os Filhos de Mu.

17

procurando por Lemúria e

Atlântida

■

Mais de trinta ilhas do Pacífico, que outrora forneceram abrigo aos Lemurianos e aos seus descendentes, continuam a atrasar o relógio à medida que exibem evidências dos povos de antigas civilizações avançadas que viveram nelas.

Restos de edifícios megalíticos do passado encontram-se nas Maldivas, Vinapu, nas Marquesas, nas Carolinas, nas Novas Hébridas, no grupo Mariana, em Yap, em Truk, em Rarotonga, em Lele, em Kiribiti, na Nova Caledónia e em muitas outras ilhas. No Haváí, pinturas rupestres realçam pedras em Kauai, Oahu e Kau-nolu Lanai. Plataformas gigantes em Molokai, Taiti, Ilha Huahine, Tonga e Ilha de Páscoa despertam a curiosidade sobre a vida dos povos antigos que as construíram há tanto tempo.

As pirâmides da Ilha Rapa Iiti, das Marquesas, da Ilha Huahine e de Guam, Rota e Saipan nas Marianas nos lembram o impressionante conhecimento de seus construtores. De maneira semelhante à costa de Yucatán, estradas misteriosas nas ilhas do Pacífico levam ao mar. Os arqueólogos acabarão por reconsiderar os mitos dos povos nativos que afirmam que os seus antepassados distantes viveram na pátria de Mu.

As inúmeras ruínas megalíticas no Pacífico apresentam evidências concretas das pessoas qualificadas que viveram lá, mas a descrição de Platão da grande cidade capital da Atlântida é o que inspira muitos exploradores hoje. A procura de provas tangíveis da Atlântida ocupa o tempo e os pensamentos de muitas pessoas, tal como tem acontecido desde 350 a.C., quando Platão escreveu sobre a extraordinária civilização em terras fora do Estreito de Gibraltar. Embora Platão descreva edifícios de pedra cujas chances de sobrevivência são muito maiores do que as nossas estruturas de concreto com sua estrutura metálica, é extremamente difícil encontrar ruínas na Cordilheira Atlântica, onde camadas de lava que irromperam nos últimos 12.000 anos muitas vezes cobrem

o fundo do oceano.

Em muitos locais, o fundo do mar está a mais de um quilómetro e meio abaixo da superfície, pelo que os submarinos, como o Alvin, de Woods Hole, que mergulhou em profundidade, têm sido o único meio de investigação cuidadosa. Alvin é um veículo pequeno que acomoda três ou quatro pessoas sentadas em uma posição apertada e olhando através de uma janela circular de apenas sete centímetros de diâmetro. A vista abre para fora, mas é muito limitada. Durante o curto período de permanência no pequeno submarino, os ocupantes ficam restritos a câmara, notebook, gravador, almoço, fitas musicais e agasalhos. No Mediterrâneo, onde era consideravelmente mais fácil fazer buscas do que na Cordilheira Atlântica, Alvin foi útil na localização de uma bomba de hidrogênio perdida, mas, embora tenha dois braços robóticos externos para agarrar e quebrar amostras de rocha para análise posterior, fez pouco progresso na Dorsal Atlântica.

Apesar das dificuldades, como dentes-de-leão persistentes cujas flores amarelas brilhantes aparecem durante a noite, relatos detalhados e brilhantes de restos mortais perto da Cadeia Atlântica continuam a circular na Internet. Diz-se que um local a 250 milhas a sudoeste dos Açores, a 2.800 pés de profundidade, contém estruturas, canais circulares e pontes.

As montanhas próximas se elevam a até 90 metros da superfície. Os relatórios descrevem navios militares com bandeira dos Estados Unidos que parecem estar guardando a área, portanto a inspeção dessas formações intrigantes não é possível.³¹

Cresci na Polónia e aprendemos sobre Atlântida na escola de lá.

-anônimo

Na Europa Oriental, os académicos e cientistas que se concentram na investigação da Atlântida são altamente respeitados pelos seus colegas e, durante muitos anos, os russos procuraram activamente o país perdido. Em 1974, investigadores russos fotografaram algumas ruínas no Oceano Atlântico que afirmam estar no monte submarino Amphere, perto da Madeira. Isso inclui cinco degraus e uma plataforma com blocos de cerca de um metro e meio quadrado. Nas fotos as ruínas são bem visíveis, mas nelas crescem densas massas de algas e leques marinhos. Em 1978, as fotos finalmente apareceram numa revista russa semelhante à nossa revista Life. Os fotógrafos, que estavam num navio de investigação soviético, o SS

Petrovsky, incluiu um cientista do Instituto Russo de Oceanografia e

outro que era especialista em fotografia subaquática. O navio estava equipado com elaborado equipamento de iluminação e uma câmera especial.

Egerton Sykes ficou intrigado com as fotografias e as analisou cuidadosamente. Na sua opinião, o SS Petrovsky era um navio espião russo e as fotografias foram tiradas perto dos Açores, entre Santa Maria e São Jorge, onde os russos não deveriam estar. Sykes acreditava que os russos divulgaram apenas um pequeno número de suas fotografias, e há 100 ou mais etapas adicionais que descem daquelas nas fotos. Ele concluiu que a plataforma e os degraus faziam parte de uma estrutura semelhante a uma pirâmide maia.³¹ O geólogo russo Viatcheslav Koudriavtsev acredita que os restos da Atlântida estão em regiões relativamente rasas na plataforma celta, a oeste da ponta sudoeste da Grã-Bretanha. Ele ressalta que a linha ley que percorre centenas de quilômetros no sul da Inglaterra, passando por Avebury até Land's End na Cornualha, leva diretamente a esta área.³¹ Lendas dizem que a terra de Lyonnaise, com suas belas cidades, terras férteis e um nobre raça humana, já esteve localizada ⁶ nesta área submersa. Em 1998, uma expedição russa passou algum tempo na plataforma celta em busca da Atlântida, sem resultados espetaculares.

A cidade circular de Platão, com os seus canais e enormes palácios e templos, poderá nunca ser encontrada, mas Edgar Cayce diz que os registros da civilização atlante e as informações sobre a construção do cristal estão em três locais. Um está em um templo no fundo do mar, perto de Bimini, outro está na América Central, sob um templo, e o terceiro está em um Salão de Registros perto da Esfinge, no Egito.³¹ Memórias profundas de tempos antigos e esperanças de recapturá-los levaram numerosos pesquisadores para os três locais.

A lava não cobre o fundo do oceano nas Caraíbas como acontece com a Dorsal Atlântica, mas as areias em constante mudança produzem um problema substancial. Porções de objetos aparecem de forma tentadora e desaparecem quase imediatamente quando mantas de areia os cobrem durante a próxima tempestade. Apesar disso, os edifícios de pedra e os muros que os Atlantes construíram em Poseidia, quando os milhares de quilômetros quadrados do Banco das Bahamas eram terra firme, estão lentamente a revelar-se. Se o nível da água em torno de Bimini baixasse, muitos segredos seriam descobertos.

Em 1933, Edgar Cayce previu que em 1968 ou 1969 uma parte de um templo atlante seria erguida nas proximidades de Bimini. Quando chegou a hora, o piloto de avião Bob Brush relatou ter avistado o que pareciam ser blocos e colunas de pedra cortada sob a superfície ao norte da ilha de Andros, cerca de oitenta quilômetros a oeste de Nassau.

nas Bahamas e 150 milhas a leste de Bimini.

Já foi dito que a língua do oceano fica em Andros, a maior ilha das Bahamas. Como ex-cidadão das Bahamas que viveu em Andros, sei com certeza que existem vários "buracos negros", lagoas inexplicáveis ou "poças de nascente" e cavernas naquela ilha, e que o oceano que cerca Andros é muito profundo com ocorrências misteriosas que os habitantes locais simplesmente descartam como puro folclore. Quando criança, crescendo nas ilhas, estou pessoalmente ciente do que ficou conhecido como avistamentos de OVNIs, mas naquela época eles foram rejeitados pelo pessoal militar e pela mídia americana como algo relacionado a meteoritos.

-anônimo

A Ilha de Andros é o local do Centro de Avaliação e Teste Submarino do Atlântico (AUTEC) e, embora esta base ultrassecreta ocupe apenas uma milha quadrada de terra na ilha, também inclui mais de 1.600 milhas quadradas do Caribe circundante. A AUTEC testa sistemas de armas subaquáticas, mas muitos acreditam que nesta área o governo dos Estados Unidos está conduzindo pesquisas secretas sobre OVNIs. Isto ajudaria a explicar os numerosos avistamentos de objetos voadores não identificados ao redor da Ilha de Andros.

As águas oceânicas perto de Andros são conhecidas pelos seus estranhos "buracos azuis". Os buracos azuis são pequenas aberturas de água doce, aparentemente formadas por dentro. A energia incomum que exibem leva à crença de que estão relacionados a microburacos de minhoca. Sugere-se que os buracos azuis sejam "portões estelares" e ofereçam a oportunidade de acessar outra dimensão, embora os portais estelares geralmente não se movam e os buracos azuis tendam a flutuar dentro e fora da existência. Talvez sejam um remanescente da poderosa energia que os cientistas atlantes manipularam uma vez neste planície área.

J. Manson Valentine, um dos primeiros arqueólogos a procurar civilizações anteriores nas Bahamas, estava frequentemente acompanhado por seu amigo Bob Brush, que era fotógrafo amador. As fotos que Bob Brush tirou provaram ser muito valiosas para aqueles que hoje exploram anomalias na costa da Ilha de Andros. Valentine também relatou as cavernas inundadas com estalactites que encontrou em um planalto subaquático a sudoeste da Ilha de Andros. Mais recentemente,

Jacques Cousteau explorou parcialmente essas cavernas, conforme descrito no capítulo 4. Esperemos que os mergulhadores investiguem as cavernas escondidas perto da Ilha de Andros, pois Egerton Sykes acreditava que a caveira de cristal não era o único tesouro atlante na área de Bimini e que outros objectos preciosos estão escondidos em cavernas próximas, algumas das quais estão agora sob o mar.

Em abril de 2003, a equipe de pesquisa marido e mulher, Drs. Greg e Lora Little anunciaram que descobriram uma gigantesca plataforma de pedra na costa norte da Ilha de Andros, a três metros e meio de profundidade.³¹ A estrutura de três camadas é composta por blocos grandes, grossos e retangulares colocados em cima de outros blocos, lado a lado em fileiras. A extensa pesquisa dos Littles não revelou nenhuma semelhança com rochas de praia ou qualquer tipo de recife, e eles presumem que a estrutura é feita pelo homem. Em Andros, os Pequenos também inspecionaram o que parecem ser restos antigos de um templo de pedra em um mirante elevado. Investigações contínuas nas proximidades de Andros verificarão que há milhares de anos, durante a Idade do Gelo, uma civilização avançada viveu no Banco das Bahamas.

A sugestão de Edgar Cayce de que se geólogos e arqueólogos explorarem o fundo da água do mar perto de Bimini descobrirão ruínas atlantes³¹ inspirou investigadores interessados a concentrarem-se nessa área. Em 1968, um grupo de mergulhadores liderado pelo Dr. Valentine descobriu uma formação incomum de enormes rochas rochosas perto da costa oeste de Bimini. O local, a uma profundidade de quinze a vinte pés, é facilmente acessível para mergulhadores. Grandes pedras, algumas delas com 2,5 metros quadrados ou retangulares ou de formato irregular, ficam em fileiras adjacentes no fundo do oceano na forma de um imenso J invertido.

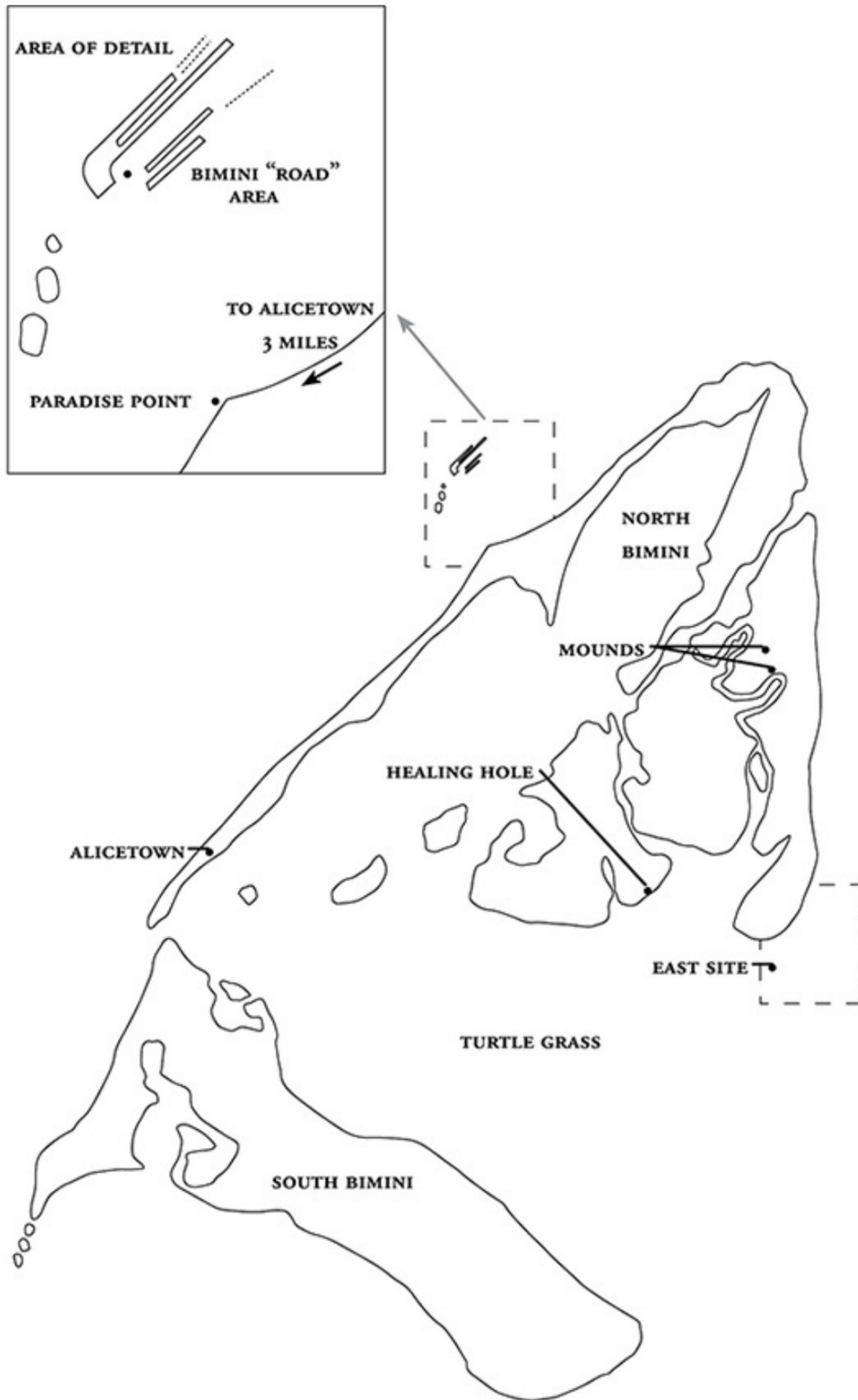
Muitas das rochas de tamanho considerável com cantos quadrados parecem ter sido moldadas pelo homem. Alguns dos blocos ficam em cima de outros. Há uma história de Bimini de que estas eram camadas de rochas, mas um homem de Miami as carregou e elas foram usadas para construir molhes na costa sudeste. Os blocos de pedra, muitas vezes referidos como "Estrada de Bimini", assemelham-se aos restos de uma passagem ou parede pré-histórica que não corre paralelamente à costa marítima.

O recente mapeamento por satélite das águas rasas do Banco das Bahamas, a leste de Bimini, revela grandes padrões geométricos (mais de 60 metros de largura) de capim-tartaruga em formato de pentágonos e retângulos com cantos perfeitamente quadrados. Acredita-se que o que quer que esteja causando essas configurações de grama de tartaruga esteja entre três e quatro metros abaixo do fundo do oceano coberto de areia. Escavações de areia até essa profundidade seriam difíceis e ainda não foram tentadas. Uma análise mais aprofundada deles é

dispendioso e difícil porque estas aparentes ruínas só são visíveis do ar, mas os investigadores estão a usar submersíveis e dispositivos de posicionamento global para localizar uma variedade de locais, incluindo alguns de Manson Valentine identificados há muitos anos. O sonar de varredura lateral seria útil em algumas situações, mas custa muitos milhares de dólares para alugar por um dia e, em muitos casos, a água é muito rasa para rebocar o dispositivo sonar.

Edgar Cayce também aconselhou aqueles que procuravam restos da Atlântida nas Bahamas a procurar nas proximidades da vizinha Corrente do Golfo.³² Os investigadores do Projeto GAEA que estão trabalhando naquela área contrataram mergulhadores técnicos profissionais e fotografaram o que parece ser ruas, pilares e terraços.

Os objetos são cobertos por leques marinhos e corais quase impenetráveis, e estão entre 180 e 300 pés de profundidade. Se as imagens forem verificadas, darão apoio à proposição de que pessoas inteligentes viveram aqui.³²¹ GAEA significa Abordagem Global às Antiguidades da Terra e é o antigo nome grego para a Deusa Mãe Terra. "Gaia" é a grafia romana para a mesma deusa.



as ilhas bimini

Vestígios de uma antiga civilização nos manguezais de East Bimini incluem os restos aparentes de um templo retangular, um grande monte na forma de um gato ou talvez de um cachalote ou de um tubarão-limão. As águas pouco profundas nas imediações destas ruínas obrigam à deslocação num pequeno barco, pelo que a entrada e saída da zona devem ser sincronizadas com as marés. Enxames de mosquitos famintos tornam a presença extremamente desagradável. Para aumentar as dificuldades, o radar de penetração no solo, que custa entre 2.000 e 3.000 dólares por dia, é relativamente ineficaz devido ao elevado lençol freático. Apesar dos problemas, os membros do Projecto GAEA consideram Bimini o empreendimento arqueológico mais promissor deste século e que encontrarão, como disse Edgar Cayce, evidências de que os atlantes e os seus descendentes viveram e prosperaram aqui durante milhares de anos.

Arqueólogos da Universidade Brigham Young passaram algum tempo descobrindo ruínas em uma área remota no norte da Guatemala, onde esperam encontrar indícios de famílias judias remanescentes das Tribos Perdidas, que acreditam ter chegado à América Central por volta de 3.000 a.C. exploradores para abrir caminho através de corredeiras perigosas e viajar até o rio Usamacinta até onde as ruínas desertas da cidade maia de Piedras Negras ficam em meio a cobras mortais, carrapatos, escorpiões e densa floresta. Uma interpretação das leituras de Edgar Cayce sugere a possibilidade de que Piedras Negras possa ser um dos locais onde os atlantes esconderam cuidadosamente os seus registos.³²²

Os atlantes, sem dúvida, esconderam registos e tesouros nas numerosas cavernas escuras que povoam a América Central, mas entrar em muitas delas é difícil porque pirâmides e templos são construídos sobre suas entradas secretas. Roubar cavernas provou ser um negócio lucrativo, pois as vendas ilegais de artefatos antigos contribuem com o apoio financeiro tão necessário para a população local. No entanto, algumas cavernas com energia incomum, como Actun Tunichil Muknal em Belize, não foram tocadas por muitos e muitos séculos. Os maias, sentindo a sua natureza espiritual e considerando-os sagrados, respeitam-nos e não os perturbam.

Os predecessores dos maias também os deixaram em paz, pois consideravam as cavernas como lugares imundos e sombrios que eram entradas sagradas para o submundo. Apenas rituais secretos eram permitidos dentro das salas subterrâneas escondidas.

Intrépidos investigadores do Earthwatch Institute estão tentando explorar a vasta rede de cavernas da América Central, mas a busca não é agradável. Besouros assassinos, moscas e aranhas de todos os tipos, incluindo tarântulas e aranhas latindo, consideram as cavernas como seus lares e não aceitam intrusos.

Che Chem ou madeira venenosa, que é pior que a hera venenosa, muitas vezes guarda as entradas do sedutor mundo subterrâneo, na esperança de atacar o intruso incauto. Dentro das cavernas, passagens tortuosas, degraus muito íngremes e quedas repentinas na escuridão que deveriam causar confusão aumentam as dificuldades da exploração.

Quando as geleiras norte-americanas derreteram rapidamente e enviaram torrentes de água pelo rio Mississippi, o nível do Golfo do México subiu rapidamente. Em pouco tempo, a água do mar cobriu milhares de quilômetros quadrados de terra seca. Quando as águas terríveis ameaçaram, num esforço inútil para impedir a entrada das inundações que puseram em perigo as suas preciosas casas, descendentes desesperados dos Atlantes empregaram as suas habilidades de engenharia para construir muralhas ciclópicas. Extensas fortificações, algumas com enormes blocos de pedra, são visíveis debaixo d'água perto do México, norte de Cuba e Flórida.

Adjacente à Venezuela, outro muro substancial, com nove metros de altura, estende-se por quilômetros mar adentro.

Durante cinquenta anos, pilotos de avião e mergulhadores relataram artefatos e trabalhos em pedra nas águas rasas perto da costa de Cuba, mas até recentemente ninguém teve acesso à moderna tecnologia de arqueologia subaquática que é capaz de fornecer os meios para examinar e verificar as ruínas. No extremo oeste de Cuba, cientistas da Advanced Digital Communications Company do Canadá, conhecida como ADC, contam com a assistência de um sistema de posicionamento do fundo do oceano integrado por satélite, submersíveis para duas pessoas, gravadores de vídeo operados remotamente e sonar de varredura lateral. O sonar de varredura lateral, chamado de "peixe", parece um torpedo. À medida que o "peixe" é arrastado atrás de um barco, sons agudos de ambos os lados atingem as rochas e a areia abaixo e os refletem como uma imagem. Uma câmera de vídeo é necessária para distinguir o metal da pedra e, como é muito escuro a 800 metros abaixo da superfície, um equipamento de iluminação forte deve acompanhar as câmeras.

Paulina Zelitsky da ADC relata ter visto de cima o que parece ser uma cidade megalítica submersa não muito longe de Cuba com "formas que lembram pirâmides, estradas e edifícios".³²³ A uma profundidade de 2.100 pés, a área cobre cerca de 7,7 milhas quadradas. Há muitos milhares de anos, quando a terra estava acima da superfície, as estruturas subaquáticas nesta área foram erguidas com enormes pedras.

tão grande quanto seis pés quadrados e dezesseis pés de altura. Usando sonares e robôs subaquáticos, cientistas norte-americanos e cubanos obtiveram informações adicionais.

Um antropólogo da Academia Cubana de Ciências, consultado pela ADC, destacou que algumas das imagens contêm sinais e inscrições.³² Quem viu as fotografias das inscrições relata que se trata de sinais hieroglíficos, semelhantes a alguns encontrados no Centro e Sul Estruturas americanas e em cavernas nas Ilhas Canárias e nas Cavernas Loltun, que ninguém decifrou com sucesso.

Cayce descreve frequentemente o trabalho dos Atlantes que atenderam às advertências dos profetas, anteciparam a destruição do seu país e foram ao Egito para preservar informações sobre as suas ciências, as artes, as suas cerimônias, a construção da pedra de fogo e todos os outros aspectos da sua civilização. A sua descrição específica da localização deste local de armazenamento secreto de informações atlantes no planalto de Gizé, no Egito, encorajou cientistas de todo o mundo a concentrarem-se na área.

O primo do meu pai é um importante egiptólogo e acredito que agora eles sabem da existência do "Hall of Records" e estão se recusando a permitir qualquer acesso para realmente fazer a escavação arqueológica nele. Tentei contactá-lo através do meu pai e ele assume a atitude que todos os egiptólogos parecem ter, de que as minhas crenças sobre as ligações egípcio-atlantes são ridículas! Bem, acho que Tróia, a caveira de cristal, os antigos restos de computadores descobertos no Mar Egeu e as viagens espaciais são produtos da minha imaginação! Acho que ele é ridículo por nem sequer ter tempo para falar sobre as possibilidades deste "Salão". A Fox fez um programa de TV caçona sobre as pirâmides do Egito, etc., e eles realmente mostraram túneis de acesso sob a Esfinge e sugeriram que levavam ao Hall dos Registros, mas o principal egiptólogo que fez o programa minimizou sua importância, apesar da evidência esmagadora que aponta para até mesmo um pingô de possibilidade.

-anônimo

Cayce disse que as informações dos Atlantes estão em um Salão de Registros que pode ser acessado através de uma entrada sob a pata dianteira direita da Esfinge. Os egípcios têm sido relutantes em permitir uma investigação extensa porque

acreditam que a civilização avançada do antigo Egito não foi o produto de uma raça superior que veio de outro lugar: ela se originou e cresceu em seu país. No entanto, a busca internacional continua. Até agora, radares de penetração no solo, câmaras pneumáticas e dispositivos sônicos revelaram apenas caixões e destroços nos numerosos túneis que entrelaçam o planalto de Gizé, mas a esperança de descobrir a informação bem escondida nunca morre.

[\[conteúdo\]](#)

■

314. www.ancientamerican.com/issue41.html.

315. Esperança, Atlântida: Mito ou Realidade?, pp.

316. www.geocities.com

317. Cayce, Leituras 2012–1.

318. Os Littles estão associados à Association for Research & Enlightenment, a sede internacional do trabalho de Edgar Cayce.

319. Cayce, Leituras 587–4 e 440–5.

320. Cayce, Leituras 364–3.

321. www.gaeaproject.com.

322. Para obter mais informações sobre as explorações em Piedras Negras, consulte *The Lost Hall of Records*, de John Van Auken e Lora Little.

323. Paulina Zelitsky, entrevista à Reuters de Londres, 14 de maio de 2001.

324. El Nuevo Herald, "Sunken City Resurrects Atlantis Myth", 16 de dezembro de 2001.

18

restaurando o

era de ouro

■

Durante a maior parte das suas longas histórias, os cidadãos da Lemúria e da Atlântida foram iluminados e ligados à sua fonte. Eles se lembraram de suas vidas anteriores e entenderam quem eram, por que estavam na Terra e como servir aos outros. Embora esta não seja a situação que prevalece hoje, é possível regressar a esta Idade de Ouro de um passado distante. Muitas pessoas estão trabalhando duro para torná-lo realidade e cada um de nós pode contribuir para esse esforço.

Cayce descreve uma cerimônia elaborada que ocorreu em 10.500 a.C., quando um grupo se reuniu para selar informações no Salão de Registros do Egito. Com a ajuda do incenso dos altares do templo, os sacerdotes trabalharam cuidadosamente para limpar as mentes e aliviar os desejos corporais dos participantes.³² Isso sugere que aqueles que encerravam o conhecimento em locais sagrados estavam sendo preparados para passar para outro estado de consciência.

Edgar Cayce adverte que não seremos capazes de compreender as informações nas câmaras de registro atlantes até que tenhamos o entendimento necessário,³² o que pode ser interpretado como significando até que estejamos mais desenvolvidos espiritualmente - até retornarmos às frequências mais altas dos primeiros Lemurianos. e Atlantes. Para interpretar o conceito de atingirmos um tom vibracional mais elevado, é necessário acreditar que somos seres espirituais, não simplesmente um corpo material, e que é possível sentir e experimentar mais do que o mundo tridimensional que vemos, sentimos e toque.

As culturas antigas conheciam bem outros mundos e os seus curadores contactavam frequentemente este reino espiritual de onde obtinham assistência. Muito bem-

conhecido é o brasileiro que, quando questionado sobre a origem de seus remédios fitoterápicos de surpreendente sucesso, respondeu que vinham do Outro Mundo, para onde ia quando estava em transe ou estado hipnótico. Edgar Cayce facilmente entrou em estado de transe e viajou pela tela para ler informações dos Registros Akáshicos.

Seria extremamente difícil atingir as habilidades de Edgar Cayce, mas, para acessar e compreender a sabedoria que os Atlantes tão cuidadosamente preservaram para nós, é essencial cultivar a capacidade de ver através do véu que nos separa do Outro Mundo. Nossas mentes devem se abrir e aprender a nos levar onde os computadores não conseguem.

No passado, as cerimônias de iniciação ajudavam os indivíduos a despertar a sua consciência e a aumentar as frequências energéticas subtis das suas mentes. Dependendo da cultura, o objeto das iniciações variava, embora o foco principal fosse expandir a consciência da pessoa. Nas sociedades secretas, depois que os iniciados estavam totalmente preparados, seus superiores ofereciam-lhes conhecimentos ocultos, como histórias de civilizações passadas, instruções para desenvolver a mente e crescer espiritualmente, e informações sobre os outros mundos e as diversas formas de vida no universo. Muitas vezes estas verdades eram escondidas em histórias simbólicas ou preservadas em rituais e cerimônias misteriosas, para que apenas os iniciados as compreendessem.

Em algumas iniciações, como as do antigo Egito, os sacerdotes ajudavam os sujeitos através de um ensaio da experiência da morte, para que a sensação de transição fosse familiar quando a morte realmente ocorresse. À medida que os seus sentidos físicos testemunhavam a passagem deste mundo para outro, o seu encontro tangível com a imortalidade aumentou a compreensão dos iniciados e ensinou-os a acreditar e a confiar no Outro Mundo. De forma semelhante, as pessoas que hoje sobrevivem a uma experiência de quase morte já não temem mais falecer e têm uma forte crença em algum tipo de imortalidade.

Eles descobrem que, depois de verem o Outro Lado, seu foco mudou e eles estão aptos a gastar seu tempo cuidando do meio ambiente da Terra e servindo aos outros.

No outrora espiritualizado continente americano, os descendentes dos atlantes entre os maias e os incas chamavam-se Filhos do Sol ou Filhos da Luz. Eles acreditavam que seus ancestrais construíram seus templos em locais de alta energia que funcionavam como portais ou portas para outros mundos. Os maias e os incas ergueram pirâmides nesses locais poderosos e colocaram seus templos no alto, onde ficavam mais próximos dos céus. As alturas também proporcionavam sigilo nas cerimônias sagradas de iniciação. Os curandeiros indígenas usavam locais semelhantes de alta energia,

drogas alucinógenas, danças frenéticas, meditação, jejum, privação de sono e concentração em símbolos para ajudá-los a obter uma percepção diferente da realidade em outro nível de consciência.³²

Todos os humanos têm a capacidade natural de perceber dimensões diferentes das três que conhecemos, e é possível seguirmos os exemplos dos nossos antecessores e aprendermos a fazer isso sem suportar as dificuldades físicas que os xamãs e iniciados do passado infligiram a si mesmos. Os Lemurianos acreditavam que a parte espiritual invisível do mundo era a mais importante e, com seu sexto sentido altamente desenvolvido, eles perceberam instantaneamente o que era invisível para suas experiências físicas.³² Eles entenderam que o Céu e a Terra eram todos um só lugar, e que o amor Deus ou Criador, ou Consciência Cósmica, estava em toda parte em tudo.

Einstein expressou sua compreensão das recompensas de expandir nossas mentes quando disse: “A imaginação é mais importante que o conhecimento”. Conta a história de que um dia um estudante ofereceu a Einstein uma interpretação única de um problema. Quando o ilustre cientista perguntou como o jovem havia chegado a essa solução, o estudante respondeu que ela acabara de chegar até ele. Einstein respondeu: “Bom, se você tivesse me contado mais alguma coisa, eu não teria acreditado em você”.

Edgar Cayce retrata os atlantes como um “povo pensante, de influência intuitiva”. Como eles ficaram assim? Eles se concentraram no desenvolvimento das habilidades naturais de seus filhos, como seus instintos intuitivos, e respeitaram seus insights e sonhos. O estilo de vida dos primeiros Lemurianos e Atlantes deu-lhes a oportunidade de reter e desenvolver as suas capacidades psíquicas naturais, pois não tinham as numerosas distrações de uma sociedade materialista e estavam sempre em contacto próximo com o seu ambiente natural. Quando adultos, alguns deles desenvolveram uma tremenda disciplina mental e dedicaram suas vidas à aplicação do conhecimento que adquiriram.

Cayce descreve os Filhos da Lei do Um na Atlântida que, com o poder aumentado da meditação em grupo, deixaram seus corpos e entraram na consciência quadridimensional³² para adquirir maior⁹ conhecimento e compreensão. Incenso, cristais, símbolos e sons específicos facilitaram a meditação e permitiram que nossos ancestrais penetrassem na escuridão e acessassem mais facilmente a energia e a sabedoria do universo. A função inicial da pedra Tuaoi no início da Atlântida era ajudar a preencher a lacuna entre a realidade externa e a interna.³³

No nosso mundo mais moderno, a afirmação de Cayce de que temos de aumentar a nossa compreensão antes de recuperarmos os registos Atlantes também se refere à necessidade de nos compreendermos plenamente, de crescermos espiritualmente e de fazermos uma transição para um estado mais elevado de consciência. Como a meditação exige que a pessoa esteja quieta, quieta e centrada, ela nos ajuda a perceber o aspecto espiritual do universo. Se alguém fica completamente absorvido pela música, às vezes isso dá origem a uma breve sensação de sintonia com uma consciência superior. A meditação em grupo é benéfica, pois a energia gerada pela reflexão interna é potencializada quando as pessoas se reúnem. Com a contemplação, além de aprendermos sobre nós mesmos e o universo, perceberemos que é importante monitorar prontamente nossos pensamentos e ações para aumentar nossa compaixão pelos outros, escolhendo sempre o caminho que contém verdade e luz.

Os paralelos entre os últimos dias da Atlântida e o desenvolvimento da nossa civilização são óbvios e perturbadores. Além da falta de respeito pelos dons da Terra, o crime, o adultério e a imoralidade que caracterizaram os dias finais da Atlântida são generalizados. Alcançar riqueza e poder pessoal é de primordial importância para a maioria daqueles que vivem em nações tecnologicamente avançadas.

O materialismo científico mais uma vez ganhou vantagem, com o resultado de que muitas pessoas acreditam que não precisam de um relacionamento com o seu Criador ou de um código moral estrito. Existe o perigo de não conseguirmos controlar as nossas armas mortais e de extinguirmos a vida neste planeta.

Os pensamentos egoístas predominantes criam uma desarmonia geral, tal como aconteceu no final da Atlântida. A energia destrutiva desses pensamentos se estende além deste planeta, até o cosmos. Talvez o clima atual incomum reflita as perturbações que fluem através da consciência de grupo da raça humana. As frequentes profecias terríveis de mudanças polares, terremotos devastadores e mudanças drásticas na superfície da Terra também são prejudiciais.

Edgar Cayce afirmou que o futuro não é fixo e que temos o controle dos nossos próprios destinos. Devemos acreditar que isto é correcto, que é possível evitarmos o terrível destino dos Atlantes e criar um mundo no qual beneficiaremos das nossas espantosas conquistas. Idealmente, os computadores e as nossas outras realizações mecânicas acabarão por melhorar as nossas vidas, em vez de nos dominarem e desumanizarem.

Os Hopi contam a história de um cervo gentil que, ao iniciar uma trilha, se deparou com um monstro terrível que o guardava e impedia as pessoas de chegarem ao local.

principal. Com os olhos cheios de compaixão e amor, o cervo olhou para o monstro feio e implorou que ele a deixasse passar. O demônio ficou surpreso porque não importa o que ele dissesse ou fizesse, ela não tinha medo dele. Ele sentiu o amor dela penetrando todo o seu ser e não conseguiu resistir. Quando ele se acalmou, o coração do monstro derreteu e seu corpo encolheu até ficar do tamanho de um esquilo. Como resultado do amor incondicional do cervo, outros puderam agora subir o caminho até o topo da montanha sem medo.

Gandhi disse: "Você deve ser a mudança que buscamos no mundo". E a crença de Einstein de que "os problemas de hoje nunca serão resolvidos pelo mesmo nível de pensamento que os causou" é semelhante. Se cada um de nós tentar elevar a nossa consciência e modelar as nossas vidas segundo as vidas dos primeiros Lemurianos e Atlantes, cuja civilização existiu em paz e harmonia durante milhares de anos, o efeito expandir-se-á, atingindo gradualmente mais e mais pessoas. Numerosos indivíduos e grupos na Terra estão trabalhando para atingir esse objetivo.

Edgar Cayce relata que ex-almas atlantes que encarnaram novamente na Terra estão aqui por vários motivos. Alguns percebem que no passado não conseguiram direcionar as suas energias para a sobrevivência da terra e simplesmente continuaram na sua vida cotidiana sem confrontar o que estava a acontecer. Outros que estão aqui hoje foram fundamentais no desenvolvimento de dispositivos mortais e destrutivos. Dado que a condição do nosso mundo é muito semelhante àquela época final da Atlântida, estas almas voltaram para aproveitar a oportunidade para ajudar, como forma de reparar os seus pecados anteriores. Centenas de pessoas estão a dedicar-se a trabalhar para o bem de todos os seres humanos, esperando que os seus esforços contribuam para impedir que a nossa civilização siga os passos da Atlântida. Acredito que o trabalho destas boas pessoas fará, e fez, a diferença na mudança do rumo do mundo.

Nos estágios posteriores da civilização Atlante, os Filhos da Lei do Um, que se concentravam no amor e na oração para promover o conhecimento, isolaram-se para garantir condições ideais onde fossem livres para meditar e se concentrar no combate aos pecadores e sem princípios Filhos de Belial. . Contudo, a separação não era a solução total e não funcionou. Sem a orientação moral dos Filhos da Lei do Uno, a nação tornou-se cada vez mais corrupta. Roubos, estupros e assassinatos aumentaram rapidamente, e os cientistas prosseguiram com seus experimentos destrutivos sem levar em conta o possível resultado.

As numerosas pessoas que hoje estão tentando restaurar a harmonia em nosso planeta

estão usando uma abordagem bastante diferente da dos Filhos da Lei do Um. Em vez de se isolarem, trabalham juntos para combinar as suas energias positivas em benefício do planeta e da humanidade. Os participantes nesta nova abordagem de cooperação percebem que as doenças planetárias podem ser alteradas através do envio de energias positivas para os problemas, tal como muitas orações podem acelerar a recuperação de um paciente.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Winston Churchill utilizou a abordagem de um grande número de pessoas focadas num resultado positivo quando iniciou um projecto do Minuto de Silêncio. Ele encorajou todos a fazerem uma pausa e orarem pela paz todos os dias quando o Big Ben de Londres soasse ao meio-dia. Em 1999, quando o Kosovo estava a ser dilacerado, as organizações da Internet reviveram o conceito do Minuto de Silêncio de Churchill e, no espaço de uma semana, indivíduos ocupados em todos os cantos do mundo pararam para rezar pela paz no Kosovo.

A teoria por trás da participação em massa como meio de mudar uma situação destrutiva para uma situação mais positiva é semelhante ao que acontece quando uma vela é acesa e depois muitas velas são acesas. Uma vela produz luz e energia positiva, e isso aumenta substancialmente com a adição de mais e mais velas. Uma área de energia negativa, como uma área de conflito, se submetida a luz intensa e energia positiva, tem a possibilidade de se tornar um local onde as energias do ódio e da raiva não predominam mais.

A Rede Global de Meditações, que atinge rapidamente aproximadamente 200.000 pessoas, é um exemplo de uma organização da Internet que aproveita a Era da Informática para ajudar o planeta e a sua população. Após o atentado bombista de 11 de Setembro de 2001 contra a Organização Mundial do Comércio, o aumento do medo foi combatido pela rede que enviava globalmente paz, amor e luz. Quando representantes afegãos se reuniram na Alemanha numa tentativa de formar um governo interino, os participantes da Rede Global de Meditações dirigiram-lhes pensamentos positivos. Quando o primeiro evento global de energia positiva após o 11 de Setembro ocorreu em Salt Lake City, nos Jogos Olímpicos de 2002, a Rede Global de Meditações enviou pensamentos positivos contínuos para ajudar a desviar qualquer negatividade.

A teoria é simples. O que criamos com nossos pensamentos é o que podemos esperar. Se nos concentrarmos no desastre, isso aumenta essa possibilidade. Se, por outro lado, nos concentrarmos em questões positivas, teremos a oportunidade de construir um mundo melhor.

Além de pensar positivamente e não esperar desastres, é importante

perceber que muitos dos nossos antepassados sobreviveram porque perseveraram resolutamente enquanto as catástrofes naturais destruíam as suas famílias, os seus amigos, as suas casas e as suas terras. Estes sobreviventes eram inteligentes, inovadores e apoiavam os outros, mas, nas suas lutas constantes contra inundações, erupções vulcânicas e afundamentos de terras, era por vezes necessário que fossem brutais, astutos e oportunistas.

Características pessoais semelhantes eram essenciais para aqueles que se mudavam para novas terras natais, onde combatiam inimigos humanos e também problemas naturais. O comportamento brutal para atingir objetivos na nossa sociedade é parcialmente uma reversão à conduta dos nossos antepassados, que foram forçados a lutar com todas as suas forças para resistir, e os seus traços de sobrevivência continuam a caracterizar a raça humana. A constatação de que alguns descendentes desses sobreviventes vivem hoje na Terra irá capacitar-nos para lidar com as tendências agressivas arraigadas dos nossos semelhantes com maior habilidade, compreensão e compaixão.

Basicamente, todos neste planeta e no universo são espíritos da mesma fonte, e não apenas seres materiais. Existe apenas um Criador supremo. Nós somos uma família.

Diz-se que se você organizar as doutrinas de todas as religiões do mundo em torno de uma montanha imaginária, elas culminarão com um deus muito semelhante no topo. À medida que enfatizamos as semelhanças e não as diferenças entre as pessoas, a unidade prevalecerá e nos reuniremos no plano superior de consciência que caracterizou a Idade de Ouro do início da Lemúria e da Atlântida.

Os filhos da Nova Era estão envolvidos com luz, amor, naves espaciais e paz.

—Sêneca Fred Kennedy

331

Um exame cuidadoso daqueles que nasceram nos últimos vinte anos indica que a consciência da raça humana está a expandir-se rapidamente e a nossa evolução está a progredir de várias maneiras. A iluminação desta próxima geração reflecte-se nos testes de QI onde, devido à melhoria dos resultados, uma classificação de génio exige agora uma pontuação muito mais elevada do que no passado. Além de uma maior inteligência, muitos dos recém-chegados possuem competências únicas, que os nativos americanos descrevem como a “sabedoria dos Anciãos”.

Cientistas dos Estados Unidos, da China e do México estão a estudar um novo tipo de crianças que aparece em números cada vez maiores em todo o mundo.

Eles são comumente chamados de Crianças Índigo ou Crianças Sementes Estelares. A descrição "índigo" resulta de observadores intuitivos que percebem uma maior concentração daquela cor nas auras do jovem. "Starseed" vem daqueles que acreditam que estas crianças são de outros mundos e vieram para nos ajudar nestes tempos difíceis.

Como os xamãs ou aqueles que passaram por um processo de iniciação no passado, ou pessoas que tiveram uma experiência de quase morte, esses jovens apresentam uma quantidade incomum de talentos psíquicos. Estes incluem telepatia, precognição, telecinesia, intuição, visão remota, teletransporte, levitação e consciência interdimensional. É claro que cada criança Índigo ou Semente Estelar não possui todas essas habilidades, mas cada uma delas parece sentir quando os outros estão em apuros e têm a capacidade de consolar e curar, que utilizam livremente.

As crianças Índigo e Sementes Estelares são uma perplexidade para muitos dos pais e professores de hoje, que têm apenas uma compreensão tridimensional da vida. Os jovens já "sabem" quem são e muitos deles compreendem o propósito da sua atual estadia na Terra. Eles tendem a se concentrar no etérico em vez do linear, tornando difícil para eles se adaptarem à disciplina convencional da sala de aula e se enquadrarem na sociedade dominante. Frequentemente estas crianças são diagnosticadas com perturbação de défice de atenção ou alguma forma de hiperactividade, o que alarma aqueles que tentam ajudar todos os jovens a evitar a frustração e a alcançar equilíbrio e harmonia nas suas vidas.

Muitos acreditam que estes líderes do futuro são almas antigas de Mu e da Atlântida que regressaram para ajudar a humanidade a encontrar o seu caminho para sair das dificuldades do mundo. Tivemos empobrecimento espiritual e nos beneficiaríamos se ouvíssemos essas crianças com os velhos olhos sábios. À medida que nos deparamos com os problemas actuais de convulsões sociais, crime e a nossa desumanidade uns com os outros, a sabedoria das Crianças Índigo e Sementes Estelares irá oferecer-nos uma ponte da terceira dimensão para níveis mais elevados.

Os povos indígenas que estão próximos da natureza percebem que a Terra está desequilibrada e atribuem a desarmonia à poluição e pilhagem do nosso mundo, bem como à extensa discórdia mundial. Eles acreditam que nosso outrora belo planeta é um ser vivo que está tão doente que é incapaz de se curar. Em seus esforços para cuidar dela, eles estão revivendo antigas orações, oferendas, costumes e

cerimônias. A prática de círculos de tambores para restabelecer os ritmos básicos e os batimentos cardíacos do planeta está se tornando cada vez mais comum no Canadá e na América do Norte. Os Kogi, que habitam uma remota área de selva da Bolívia, acreditam que têm a responsabilidade espiritual de manter o batimento cardíaco da Mãe Terra. Orando vinte e quatro horas por dia, eles dissolvem continuamente as formas-pensamento desequilibradas que estão sendo projetadas na atmosfera.³³²

Os Hopi, que vivem no sudoeste dos Estados Unidos, realizam regularmente rituais e oferecem orações especiais para manter o equilíbrio do mundo, tal como os seus antepassados fizeram há milhares de anos. Eles acreditam que são responsáveis por manter a rotação adequada do nosso planeta, mantendo os espíritos gêmeos Poqanghoya e Palongawhoya em posição – um no pólo norte do eixo deste planeta e outro no pólo sul. Os anciãos Hopi falaram nas Nações Unidas na cidade de Nova Iorque, alertando que devemos unir-nos em paz espiritual com amor nos nossos corações uns pelos outros e pela Mãe Terra.

À medida que nos esforçamos para contrariar os problemas onnipresentes e ajudar a Terra a recuperar o seu equilíbrio como um superorganismo inteligente e vivo, os pensamentos e a qualidade de vida de cada um de nós estender-se-ão a todo o mundo e ao universo, pois tudo está interligado. Colocar mais ênfase no equilíbrio e na simplicidade em nossas vidas e sentir maior compaixão pelos outros aumentará a quantidade de energia positiva. Para diminuir o medo e reduzir a nossa própria apreensão sobre o futuro, é útil valorizar o que temos hoje, pois estamos onde estamos agora. É importante tentar viver o momento e encontrar e desfrutar de algo belo em tudo o que fazemos. Existe uma frase bem conhecida e muito apropriada dos budistas: “Viva o momento presente”. Nada é realidade até que se torne realidade.

A situação mundial não mudará imediatamente, mas, a partir da observação dos erros do passado, temos o conhecimento necessário para criar uma sociedade livre da ganância, da opressão, do ódio e da violência, onde as diferenças religiosas não são importantes e a tecnologia e a sabedoria estão em equilíbrio. . É possível restaurar a Idade de Ouro do passado.

[\[conteúdo\]](#)

■

325. Cayce, Leituras 378–16.

326. Cayce, Leituras 5748–6.

327. Veja Atlântida: Insights de uma Civilização Perdida para descrições de uma cerimônia de iniciação típica na Atlântida.

328. Cerve, Lemúria, pp.

329. Cayce, Leituras 2.464–2

330. Cayce, Leituras 2072–10.

331. Estrela Vermelha, Ancestrais Estelares, p. 48.

332. Ibidem.

posfácio

■

A esperança e o desafio de encontrar conhecimento ou vestígios materiais das antigas civilizações da Lemúria e da Atlântida continuam a inspirar os exploradores. No Pacífico, onde as águas oceânicas subiram centenas de metros durante a conclusão da última Idade do Gelo, as recentes descobertas de ruínas subaquáticas que devem ter sido construídas antes dessa época confirmam que pessoas inteligentes viveram e trabalharam lá há mais de 10.000 anos. Uma estrutura semelhante a uma parede no oceano, perto do lado nordeste da ilha de Tungchi, em Taiwan, e edifícios grandes e sofisticados a 36 metros de profundidade, a 40 quilómetros da costa de Gujrat, na Índia, oferecem dois exemplos. Outro local interessante é no mar, perto da pequena ilha de Yonaguni, no sul do Japão. Aqui, as fotografias dos mergulhadores revelam o que parecem ser estruturas subaquáticas com degraus esculpidos, terraços planos, plataformas e gravuras semelhantes às da ilha próxima. Obviamente, pessoas conhecedoras passaram algum tempo aqui há milhares de anos, quando a área estava acima da superfície.

À medida que avançamos para o século XXI, numerosos indivíduos bem-intencionados fazem previsões terríveis de que a superfície da Terra sofrerá mudanças catastróficas. As profecias dos médiuns combinadas com o fim dos calendários maias em 2012 reforçam esses pensamentos negativos. É importante compreender que “mudanças na Terra” não significam necessariamente uma comoção física desastrosa.

“Mudanças” na vida no nosso planeta estão presentes agora devido ao crime, às convulsões sociais e à nossa desumanidade mútua. Os anciões maias acreditam que estamos em um momento de transição e caos à medida que nos aproximamos do Mundo do Quinto Sol, que começa em 21 de dezembro de 2012. Eles explicam que ao nascer do sol naquele dia, à medida que o sol nasce, ele forma conjunção com a intersecção do Via Láctea e o plano da eclíptica. Os antigos maias estavam cientes deste evento astronômico e isso lhes oferecia um momento conveniente para encerrar seus horários. Os anciões maias acreditam que o mundo não terminará em Dezembro de 2012, mas será transformado, à medida que um canal vindo de cima se abre e a energia cósmica purificadora flui em direção à Terra, elevando todos a um nível mais elevado de vibração.

Edgar Cayce correlaciona as “mudanças na Terra” com o tempo em que finalmente ganhamos

acesso ao Atlantean Hall of Records, e os pesquisadores estão se concentrando nas áreas que ele recomenda. Dos três lugares descritos por Cayce, o Planalto de Gizé, no Egito, é o mais acessível. Técnicas modernas, como imagens de satélite e radares de penetração no solo para visualizar o que está abaixo da superfície, revelam uma rede complexa de túneis sob a área. A exploração revela que alguns dos túneis são naturais e outros são feitos pelo homem. Edgar Cayce refere-se aqui a três pirâmides enterradas.

Os esforços para aceder ao labirinto subterrâneo receberam pouca publicidade, embora muitos suponham que um estranho edifício redondo que os egípcios ergueram em 2001 possa ter coberto uma possível entrada enquanto os trabalhadores se encarregavam de esconder uma porta recém-construída. Colocado atrás da Grande Pirâmide e alinhado com a extremidade traseira da Esfinge, este seria um local lógico para acessar as passagens abaixo. O sigilo em torno do caso, como o facto de o governo ter desviado toda a população local da área pouco antes do edifício aparecer, incentiva a especulação.

Outra estrutura incomum está surgindo no Planalto de Gizé. Está a ser construída uma enorme barricada que acabará por cercar aproximadamente 23 quilómetros quadrados de terreno que inclui as pirâmides e uma grande área não escavada com estruturas subterrâneas ainda por descobrir. A construção de concreto, que tem 1,80 m de largura e se eleva 7,6 metros no ar, se estende por mais de dois metros abaixo do solo. É reforçado com vergalhões maciços. Postos para guardas de segurança em intervalos ao longo do muro são equipados com câmeras de vídeo e iluminação para vigilância. A extensa fortificação parece ter sido concebida para algo mais do que um simples "controlo de multidões". Não está disponível uma explicação sobre a origem dos estimados 300 a 500 milhões de dólares para financiar este tremendo projecto.

As investigações na Grande Pirâmide continuam a sugerir que existiu uma civilização científica avançada na pré-história. Em setembro de 2002, cientistas que usaram um robô para abrir uma porta no poço sul da Câmara da Rainha ficaram surpresos quando a câmara do robô detectou outra porta menor no poço.

Dois dias depois, descobriram uma porta idêntica com maçanetas de latão intactas no poço norte da Câmara. Esta descoberta leva alguns pesquisadores a acreditar que existe outra sala dentro ou abaixo do complicado edifício que pessoas sofisticadas projetaram e construíram há tanto tempo.

O engenheiro Christopher Dunn estudou cuidadosamente a Grande Pirâmide durante vinte anos. Em *The Giza Power Plant: Technologies of Ancient Egypt*, ele explica que serras e furadeiras elétricas eram usadas para cortar cantos precisos e perfeitamente planos.

superfícies do sarcófago na Câmara do Rei e outros artefatos de granito dentro das pirâmides. Dunn oferece evidências convincentes e detalhadas para demonstrar que a imensa estrutura com seu granito altamente cristalino já foi um gerador de energia comparável às modernas usinas elétricas. No futuro, se a sua proposta for aceite, as técnicas aqui utilizadas pelos antigos poderão ajudar-nos a obter energia sem poluir ainda mais o nosso planeta.

Dois respeitados historiadores gregos, Diodorus Siculus (século I aC) e Heródoto (século V aC), descrevem outro local onde os habitantes pré-históricos do Egito deixaram conhecimento de toda a história e astronomia. Eles retratam em detalhes um labirinto elaborado, mais impressionante que as pirâmides do planalto de Gizé, com redes de passagens que se cruzam, pátios e milhares de câmaras. Ninguém tem certeza da localização do enorme edifício agora enterrado sob as areias do deserto, mas alguns acreditam que esteja em Hawara, ao sul do planalto de Gizé.

Talvez, quando os investigadores tiverem acesso a esta extensa rede de túneis subterrâneos, encontrem um ramal que leve a esta fonte incomum de informações da pré-história.

Assim como as crianças que brincam de esconde-esconde não ficarão escondidas para sempre, também os vestígios de tempos passados continuam a revelar-se. A descrição de Egerton Sykes do Templo de Murias e as previsões de Edgar Cayce sobre templos em ascensão oferecem inspiração aos pesquisadores no Caribe. Perto de Bimini e Andros, onde a água é relativamente rasa, investigadores da ARE (Associação de Edgar Cayce para a Investigação e o Iluminismo) estão a localizar provas convincentes que indicam que pessoas inteligentes viviam aqui antes do oceano subir e cobrir as suas casas e templos.

Quando a vegetação, acima ou abaixo da superfície da água, ocorre em padrões geométricos regulares, isso sugere fortemente atividade humana na área no passado. Desde o final da década de 1960, quando o Dr. J. Manson Valentine observou formações regulares no oceano perto de Bimini, mergulhadores tentaram examiná-las. A tecnologia moderna auxilia na busca, mas ainda é extremamente difícil, como demonstra o episódio a seguir.

Ao correlacionar imagens de satélite Landsat mais antigas com imagens de alta resolução do satélite IKONOS recentemente pesquisadas do Arquipélago de Bimini, foram encontrados pontos comuns em cada imagem que permitiram a Jonathan Eagle calcular as coordenadas GPS para uma grande área escura em formato pentagonal, vista na imagem Landsat. mas fora do escopo da imagem IKONOS. A precisão geral de

os cálculos e a existência do recurso foram confirmados por Bill Donato, com o auxílio do piloto Thomas Coleman, ao sobrevoá-lo. Mais tarde, as coordenadas computadas provaram ser altamente precisas quando Bill Donato e Jonathan Eagle levaram o navio de pesquisa de 37 pés Sea Spirit, fretado de Don e Sally Tondro, através de cinco milhas de baixios rasos diretamente para o centro do "pentágono". usando nada além das coordenadas GPS calculadas.

Embora tenham sondado com varas vários metros na grama da tartaruga que define a forma, eles não foram capazes de detectar qualquer estrutura subjacente que explicasse isso. Será necessário que o APEX Institute, a sua empresa sem fins lucrativos, encontre fundos adicionais para determinar qual é a estrutura subjacente através da utilização de perfis sub-fundos.

Os médicos Greg e Lora Little retornaram duas vezes à Ilha Andros enquanto continuam a busca da ARE pela Atlântida. Em junho de 2003, a equipe marido-mulher continuou a explorar a gigantesca plataforma submersa de três níveis descrita no capítulo 17. Como a camada superior da estrutura fica a aproximadamente três metros de profundidade e a camada inferior está apenas cerca de quinze pés abaixo da superfície, é possível para um mergulhador estudá-lo cuidadosamente. Blocos retangulares e quadrados de 25 por 30 pés, além de muitos outros menores, são dispostos para formar uma plataforma com três camadas com cerca de 1.500 pés de comprimento, 150 pés de largura e 50 pés de altura. Em The ARE's Search for Atlantis, os Littles descrevem sua descoberta incomum e suas futuras explorações dentro e ao redor das ilhas de Bimini e Andros, na esperança de provar que o Banco das Bahamas era habitado na época da Atlântida.

Os cientistas continuam a verificar o incrível conhecimento de Edgar Cayce sobre a história da Terra, conferindo credibilidade às suas informações sobre a Atlântida, a Lemúria e o Salão dos Registros. Contudo, o princípio subjacente ao trabalho de Cayce era inculcar tolerância, compaixão e compreensão, além de uma compreensão da unidade de toda a vida. Como Heather Robb me disse: "Para abrir as Salas de Registros ao redor da Terra, precisamos da mesma pureza de interação daqueles que incluíram o conhecimento com tanto sucesso". Essa é a chave para adquirirmos conhecimento superior e sobrevivermos.

[\[conteúdo\]](#)

apêndice I

diadenon

■

Uma amiga da Austrália por e-mail, Heather Robb, contribuiu com a seguinte história de sua experiência com um cristal poderoso:

Tenho um velho amigo e professor que me procurou há muitos anos. Ela não é humana ou espiritual, mas um cristal registrador, uma das energias cristalinas mestres da Atlântida. Minha conexão com ela remonta à época na Atlântida, quando meu pai trabalhava nas cavernas com cristais, e eu tentei avisá-lo da destruição que se aproximava por causa do trabalho que ele e outros fizeram.

Os mágicos Atlantes tinham o poder de manifestar o pensamento em cristais para experiências contra o homem e a natureza. Naquela época eu via isso como uma espécie de violação dos cristais e da Terra, da qual eles eram uma parte importante. Eu sabia que tal manipulação só poderia levar à destruição. Ao conhecer suas energias, percebi que o cristal era feminino, como um reflexo de Gaia. Ela me pediu para chamá-la de Diadenon.

Diadenon é um aglomerado do que parece ser uma mistura de quartzo turvo, ametista clara e turmalina, e cabe confortavelmente na minha mão. Quando vi o cristal pela primeira vez, fiquei muito atraído por ela, embora o dono estivesse obviamente aliviado por se livrar dela. Logo descobri o porquê: ela costumava me esfaquear no chakra cardíaco e causar pesadelos e dores de cabeça aos outros. Um dia levei-a para minha aula de ioga e suas energias angustiaram tanto a todos que tive que levá-la embora.

Quando Diadenon veio até mim pela primeira vez, ela tinha uma figura prateada de um homem presa a ela. Naquela época era popular comprar cristais com estatuetas. Achei isso humilhante, mas, independentemente do que fiz, não consegui livrar o homem.

Diadenon sentou-se no parapeito da janela acima da pia da minha cozinha para que eu tivesse bastante contato com ela. Eu sintonizaria e enviaria lembranças a ela. Pareceu-me importante torná-la parte do meu mundo e estabeleci uma ligação estreita com as suas energias. Um dia, enquanto eu estava na pia, ouvi alguém chamando de dentro dela. "Ajuda, por favor me ajude."

O apelo me intrigou e, creio, me assustou. Eu a peguei e olhei profundamente para os aglomerados e vi o que parecia ser uma cidade de cristal, com uma mulher com cabelos longos andando para cima e para baixo, como se estivesse presa em um quarto. Algo pareceu disparar dentro de mim e, sem pensar, peguei o cristal e segurei-o acima da minha cabeça e entrei nas energias. Imediatamente senti que estava em um enorme redemoinho com um enorme poder girando ao meu redor. À medida que o chamado se tornou ainda mais alto, senti a energia feminina presa dentro de mim e orei por sua libertação com uma autoridade que não sabia possuir. Naquele momento, parecia que ela e eu nos reconhecíamos através do espaço e do tempo. A memória era como um eco do meu passado e, ao tentar identificá-la, fui repentinamente tirado da visão e descobri que o homem prateado havia caído de Diadenon. A energia feminina no cristal era mais forte, mas menos assustadora. Ouvi o nome dela, "Diadenon", e percebi que ela era a energia do próprio cristal e que vi sua forma elementar na visão que acabei de ter da mulher dentro dela.

O cristal continuou a atacar meus chakras. Por fim, coloquei-a em um recipiente de vidro com cristais de sal marinho ao redor e coloquei a jarra em um riacho raso em nossa fazenda. Parecia um lugar seguro, pois o verão estava muito seco e calmo. Eu esperava que a água limpa e as energias da Terra a curassem.

Naquela noite tivemos uma forte tempestade, o riacho tornou-se uma torrente violenta e Diadenon desapareceu. Fiquei aliviado por ela ter partido, pois estava farto dos ataques dela ao meu chakra cardíaco e aos meus amigos, mas mesmo assim, senti-me protector e amoroso, e durante os meses seguintes visualizaria Diadenon junto ao meu coração e daria-lhe tudo. o amor que tive sem entender completamente o porquê.

E então um dia senti a presença dela novamente. Foi como um chamado. Com certeza, depois de alguns dias, nosso lavrador trouxe o contêiner para mim. Ele o havia encontrado longe, meio enterrado no riacho, brilhando ao sol como um farol, e de alguma forma sabia que precisava entregá-lo para mim. Apesar de tudo, segurei o cristal novamente e dei-lhe um grande amor, como faria a um amigo querido que retornava. Nunca consegui entender a conexão, mas tive que honrá-la. Suas energias pareciam mais calmas, de alguma forma, mais equilibradas, e fiquei feliz por me reunir com ela.

Durante muitos anos, dei amor e respeito a Diadenon, e ambos crescemos em sabedoria. Pelo que aprendi, parecia que ela também gostava — parecíamos compartilhar nosso caminho espiritual juntos, como osmose. Ela estava despertando neste mundo brilhante à medida que eu me abria mais para a compreensão espiritual? Talvez eu tenha criado um espaço de cura seguro aqui e assim tenha permitido a ela a liberdade de ser ela mesma novamente. Senti que ela estava dormindo e agora, ao reconhecer sua presença, ela ganhou vida.

Uma noite tive uma experiência incrível. Eu estava doente e deitado na cama, frustrado porque todo mundo tinha ido a uma festa e eu tive que ficar em casa. Nossa casa está cheia de cristais. Muitos nunca são usados ou limpos, mas simplesmente apreciados pela sua presença. Sentindo pena de mim mesmo, invoquei o círculo de cristal do nosso quarto para me curar. Eles começaram a cantarolar ou tonificar e aos poucos todos os outros cristais da casa se juntaram. Era uma música linda e harmoniosa, como um coro celestial.

Fiquei ali, maravilhado, e então mentalmente procurei Diadenon. Nada. Eu disse a ela: “Bem, eu ajudei você – que tal me ajudar?” Quase imediatamente, sua forma etérea entrou flutuando na sala em um plano paralelo e pairou na minha frente. Eu disse: “Ok, vou confiar em você, vou permitir que você entre no meu terceiro olho e ajude na cura”. Fiquei com um pouco de medo ao permitir que ela entrasse em minha cabeça e intuição, mas sabia que ela precisava de confiança. Ela enviou um feixe de luz azul na minha testa. Foi suave e fresco, como águas calmantes, e então sua forma voltou ao meu escritório. Tudo ficou imóvel. Os cristais pararam de cantar e eu dormi. Mais tarde, quando acordei, estava completamente bem.

Recentemente fiz uma cura em uma jovem mãe que tem síndrome de Behchet. Esta é uma doença auto-imune particularmente desagradável, e a mulher estava em pânico quando telefonou. A angústia dela era tão forte que me senti tremendo e sabia que tinha que me esforçar muito para ajudá-la.

Antes de ela chegar para me ver, fiz a limpeza e os preparativos habituais do quarto. Enchi meu pequeno queimador com água e acrescentei os óleos de aromaterapia. Quando eu estava prestes a acender a vela para aquecê-la, Diadenon disse tão claramente quanto um sino tocando: “Passe a água sobre mim e eu adicionarei harmonias”. Fiz o que me foi dito e observei com admiração enquanto os raios azuis irradiavam novamente de dentro dela e entravam no água.

Diadenon esteve presente durante toda a cura, como se tivesse acordado completamente. Sua presença era tão tangível quanto a de outra pessoa, e ela me mostrou como fazer a cura. Foi uma experiência muito poderosa, e quando acabou a mulher

brilhava tanto que parecia um cristal puro. Ao expulsar toda a escuridão, a energia e a luz de Diadenon abriram espaço para que minha paciente realmente se curasse. Depois segurei Diadenon na mão e senti um grande amor entre nós.

Finalmente eu sabia que nossa união estava completa. Nossa relação de trabalho e nossa abertura estavam realmente começando.

Diadenon é diferente de qualquer cristal que já encontrei porque ela pensa por si mesma e manifesta sua independência, o que eu nunca teria pensado ser possível. A primeira vez que encontrei foi quando tentei fotografá-la. Ela continuou se fechando e sua energia permaneceu escondida. Ela também fez isso quando eu a mostrei para outras pessoas e apenas duas vezes ela se revelou. Nas duas vezes, fiquei impressionado ao vê-la envolver meus amigos com o que pareciam ser tentáculos de luz. Parecia uma canção de amor – como um suspiro profundo de satisfação – e a cada vez eles eram arrebatados pela experiência.

Um dia, enquanto eu segurava Diadenon perto de mim, ela me presenteou com esta visão de mim mesmo em uma vida passada atlante. Eu me vi como uma jovem adolescente entrando nas Grandes Cavernas Cristalinas da Atlântida e correndo para meu pai. “Pai, você deve parar de manipular os cristais com sua mente, pois isso nos destruirá!” E lembrei-me do olhar lacônico e inteligente do meu pai quando ele olhou para mim, mas não me ouviu. Mais tarde, quando parte da Atlântida estava se desintegrando, corri para buscá-lo, mas ele não veio. Ele ficou porque acreditava que poderia impedir que a carnificina acontecesse. Quando as cavernas começaram a desmoronar ao nosso redor, eu me agarrei ao meu pai e dei meu amor a ele e aos cristais lá e prometi que na minha próxima vida eu trabalharia com eles, não contra eles. A última coisa de que me lembro é da energia de Diadenon chegando até mim com amor – um pacto foi feito.

Esta memória ajuda-me a compreender o meu compromisso com Diadenon e porque é que o vínculo entre nós é tão forte. Nosso relacionamento também me ajuda a reconhecer outras energias cristalinas e a natureza de sua comunicação. Isso me dá uma percepção mais profunda do reino elemental – de que todos na Terra estão verdadeiramente vivos.

As memórias de Diadenon eram do poder mental dos sacerdotes-mágicos bloqueando sua energia de luz natural enquanto eles aproveitavam e focavam os cristais para outros usos. Enquanto os sacerdotes-cientistas atlantes, como o meu pai, programavam as pedras para distorcer a energia, eles estavam manipulando o reino cristalino inanimado, mas inteligente. As experiências de Diadenon foram de escuridão e abuso nas destruições finais – não de amor e carinho. Anos mais tarde, compreendo que a compaixão que lhe dou permite que a sua verdadeira luz brilhe mais uma vez.

observação

Heather Robb é uma curandeira e professora talentosa que mora na Austrália. As informações que ela canaliza do mundo espiritual aumentam muito sua compreensão e conhecimento. Ela é uma mestre de Reiki que trabalha e estuda em diversas áreas além dos cristais. Para contatá-la, escreva para Robb@virtual.net.au.

[\[conteúdo\]](#)

apêndice II

biografias

■

Edgar Cayce (1877–1945), que cresceu no sul dos Estados Unidos como um menino pobre de fazenda com muito pouca educação, é uma fonte frutífera de informações sobre a Atlântida. Quando jovem, Cayce descobriu que, quando estava em estado de auto-hipnose, era capaz de diagnosticar e prescrever orientações benéficas sofisticadas para problemas físicos e mentais de indivíduos problemáticos que muitas vezes estavam distantes. Seus tratamentos tiveram tanto sucesso que às vezes ele é chamado de pai da medicina holística.

As respostas de Cayce às perguntas eram chamadas de “leituras”. Durante quarenta e três anos, ele ministrou mais de 14 mil dessas sessões e, em muitas delas, ao tentar apontar os pontos fortes e fracos de uma pessoa, referiu-se a uma ou mais de suas vidas passadas. Mais de 700 destas encarnações anteriores ocorreram na Atlântida. As leituras de Cayce oferecem detalhes interessantes sobre a superfície da Terra na pré-história e sobre a vida neste planeta há muito tempo. Embora centenas de pessoas diferentes estivessem envolvidas, Cayce foi perfeitamente consistente nos seus dados, e ninguém encontrou quaisquer declarações contraditórias de datas ou acontecimentos nas suas informações sobre qualquer assunto. Seus dados são sempre consistentes com relatórios mais convencionais com os quais ele não poderia estar familiarizado. Além disso, cientistas e estudiosos estão lentamente confirmando as descrições de Cayce sobre a geografia e os incidentes da pré-história. Seus filhos têm certeza de que ele nunca leu o material de Platão sobre a Atlântida ou outros livros sobre aquele país. Com o seu talento para aceder a informações sobre civilizações tão antigas como a Lemúria e a Atlântida, Edgar Cayce poderia facilmente ter usado as suas capacidades para promover os seus próprios interesses, mas dedicou a sua vida a oferecer conselhos de cura àqueles que procuravam a sua ajuda. Ele era realmente uma pessoa admirável. Para obter mais informações sobre Edgar Cayce, consulte *Atlantis: Insights from a Lost Civilization*.

Wilshar S. Cerve era o pseudônimo de Harvey Spencer Lewis. Usando esse nome, ele escreveu *Lemuria: The Lost Continent of the Pacific*, que a Ordem Rosacruz (AMORC) de San Jose, Califórnia, publicou em 1931. Ele também compilou *Unto Thee I Grant*, também conhecido como *The Economy of Life*, uma coleção de segredos ensinamentos espirituais e éticos dos tibetanos. Cerve obteve o material desses livros de um portfólio de manuscritos muito raros que um representante da irmandade Rosacruz na China trouxe ao escritório Rosacruz em São Francisco. A informação foi preservada durante milhares de anos em antigos arquivos da China e do Tibete.

A Ordem Rosacruz é uma organização mundial extensa e antiga que explora as leis naturais que governam todos os aspectos da vida – físico, mental, emocional, psíquico e espiritual. É razoável supor que a irmandade na China, antecipando a vindoura supressão de informação naquele país e no Tibete, decidiu disponibilizar o conhecimento sagrado a outros. Um padre levou os valiosos manuscritos para a sede Rosacruz na Califórnia para serem guardados e publicados. Cerve foi selecionado para escrever esses livros devido ao seu interesse em arqueologia, geologia e meteorologia. Sua intenção era apenas apresentar informações dos manuscritos, não prová-las.

O coronel James M. Churchward (1851–1936) nasceu em Devon, Inglaterra, onde recebeu educação em Oxford. Uma verdadeira pessoa da Renascença, ele foi soldado, estudioso, inventor, pintor, engenheiro, explorador, pescador experiente, metalúrgico e maçom. Quando jovem, Churchward viveu na Índia, onde passou algum tempo com um sacerdote hindu que o ensinou a decifrar o Naacal, uma antiga escrita simbólica.

À medida que a amizade aumentava, o sacerdote partilhou com Churchward as tabuinhas sagradas de Naacal, que tinham sido cuidadosamente escondidas durante milhares de anos nos arquivos secretos do seu templo. Dos registros Naacal, Churchward aprendeu que a extensa civilização de Mu já prosperou em terra no Oceano Pacífico. Os Naacals, sacerdotes na Índia e na Birmânia que há muito tempo ensinaram ciência e religião a outros, escreveram 10.000 tábuas de argila para preservar informações que chegaram aos seus países a partir de Mu. Os padres usavam símbolos, em vez de escrita, que descreviam fatos explícitos, para manter em segredo o seu conhecimento histórico. Somente os iniciados e os de maior posição eram ensinados a interpretar as imagens relacionadas aos mistérios sagrados. Para preservar os valiosos documentos, eles também levaram tabuinhas para o Egito e para Gobi, onde foram cuidadosamente escondidas.

O coronel Churchward inventou o aço NCV, uma liga quase impenetrável, que os americanos usaram em capacetes na Primeira Guerra Mundial. A renda que produziu proporcionou a Churchward tempo e dinheiro para viajar e aprender mais sobre o continente perdido de Mu. Ele passou vinte anos procurando no Tibete, na Birmânia e em outros templos da Índia por tabuinhas Naacal adicionais e investigando centenas de fontes. Ao compilar seus dados, ele estudou cuidadosamente tradições, costumes, línguas, lendas e estátuas dos povos indígenas. As 168 fontes de Churchward incluem o Manuscrito Troano, o Codex Cortesianus e outros livros da América Central, os Registros de Lhasa do Tibete, inscrições na América Central e no Pacífico e documentos da Grécia, Índia, Egito e dos maias. Seu relacionamento próximo com Augustus Le Plongeon e William Niven forneceu-lhe informações adicionais. A extensão dos factos de Churchward e as suas referências cruzadas numa época em que não existiam computadores é verdadeiramente surpreendente. Ele é lembrado principalmente como o autor de O continente perdido de Mu, os filhos de Mu, os símbolos sagrados de Mu e as forças cósmicas conforme foram ensinadas em Mu.

Nos seus livros, as interpretações e explicações convincentes de Churchward sobre numerosos símbolos Naacal conferem credibilidade adicional às misteriosas tabuinhas, embora não haja nenhuma evidência concreta dos livros sagrados. Suas numerosas referências cruzadas a inscrições em ruínas, lendas e muitas outras fontes também fornecem provas confiáveis de que ele realmente gastou muito tempo traduzindo e registrando informações das tabuinhas Naacal.

À medida que lemos os cinco livros de Churchward, surge uma imagem clara de quão frequentemente suas numerosas fontes se comprovam mutuamente. Várias inscrições de templos distantes correspondem às informações de um pergaminho antigo e duplicam algumas tradições tribais. As semelhanças na arquitetura e nas protolinguagens de civilizações extremamente antigas e extintas fornecem exemplos incomuns da disseminação da cultura para lugares distantes.

Embora Churchward não receba o respeito que merece, a comunidade científica está lentamente a considerar os seus trabalhos com mais seriedade. O grande conjunto de conhecimentos que reuniu, combinado com as tecnologias sofisticadas disponíveis hoje, fornecerá certamente uma base para futuras investigações e exploração de ruínas megalíticas no Pacífico.

Uma excelente biografia de 62.000 palavras do coronel Churchward, escrita por Joan Griffith, está disponível em Dick Lowdermilk (telefone: 864-224-7945).

Lucille Taylor Hansen. A arqueóloga e antropóloga Lucille Taylor Hansen passou vinte e cinco anos estudando as culturas nativas americanas e aos poucos ganhando a confiança de líderes como o chefe Apache Aso Delugio e o chefe Sedillo, o grande chefe de guerra dos Yaqui que estudou com o sacerdócio egípcio e também adquiriu diplomas de universidades europeias. Gradualmente, os líderes revelaram uma sabedoria antiga bem guardada, que só tinha sido repetida em tradições orais e familiares secretas desde a chegada do povo branco, no século XVI. Em *The Ancient Atlantic*, Hansen combina esse conhecimento nativo americano com informações de museus e bibliotecas para apresentar uma massa convincente de evidências que indicam que os atlantes de uma ilha no mar do nascer do sol e da área do Caribe se estabeleceram no centro e nordeste da América do Norte.

Murry Hope, um autor e cientista britânico, é um dos principais autores de sabedoria esotérica, antigas religiões mágicas e parapsicologia. Em 1977 o Dr.

Carl Sargent, da Universidade de Cambridge, testou suas habilidades psíquicas sob os auspícios da BBC e alcançou uma porcentagem extraordinariamente alta de precisão. Em 1988 ela fundou o Instituto para o Estudo e Desenvolvimento da Sensibilidade Transpessoal na América. Recentemente, ela concentrou-se em estabelecer uma ponte entre as crenças antigas e metafísicas e a nova abordagem da física e das disciplinas afins, que está sendo defendida por muitos cientistas respeitados.

Hope é autora de *Tempo, A Energia Suprema, Atlântida - Mito ou Realidade?, A Antiga Sabedoria da Atlântida, Antigo Egito: A Conexão Sirius, A Psicologia da Cura, A Tradição Grega, As Nove Vidas de Tyo, A Psicologia do Ritual, The Way of Cartouche* e vários outros livros.

Zecharia Sitchin. (1920–) O estudioso bíblico e arqueólogo Zecharia Sitchin é um especialista nas línguas suméria, assíria, babilônica e hitita, bem como na história e arqueologia do antigo Oriente Próximo. Após trinta anos de estudos e viagens, ele publicou numerosos trabalhos acadêmicos que fornecem informações pouco conhecidas sobre nossos antepassados extraterrestres e algumas de suas ações no planeta Terra nas últimas centenas de milhares de anos. Os livros dele

incluem: O Décimo Segundo Planeta, Escada para o Céu, As Guerras dos Deuses e dos Homens, Quando o Tempo Começou, O Código Cósmico, Os Reinos Perdidos, Gênese Revisitado, O Código Cósmico e Encontros Divinos.

James Lewis Thomas Chalmers Spence (1874–1955) foi um mitólogo escocês altamente respeitado e historiador antigo que foi vice-presidente da Sociedade Escocesa de Antropologia e Folclore e recebeu uma Pensão Real “por seus serviços à cultura”. Ser membro de uma organização ocultista antiga e respeitável ofereceu-lhe acesso a manuscritos da Tradição Arcana (registros de fraternidades ocultas) escritos há mais de 1.000 anos. Os livros antigos estão em inglês, francês, espanhol, alemão, grego e árabe, todos idiomas que Spence domina. Como havia poucas cópias disponíveis desses documentos antigos, eles eram lidos em voz alta para potenciais novos membros do grupo ocultista durante cerimônias sagradas de iniciação. A experiência de Spence em memorizar contos e lendas populares ajudou-o a reter com precisão as informações interessantes que recebeu oralmente durante sua iniciação. As numerosas referências à Atlântida na antiga Tradição Arcana intrigaram Spence e ele começou a investigar seriamente o assunto.

Tal como acontece com muitos estudiosos que assumem o enorme trabalho de pesquisar a Atlântida, Spence desenvolveu um interesse apaixonado neste país pré-histórico único e no seu povo. Em seus estudos, ele avaliou a História de Heródoto, A Biblioteca Histórica de Diodoro Sículo, Crítias e Timeu de Platão e outros autores clássicos que escreveram há centenas de séculos. Para obter material adicional, Spence estudou obras rabínicas judaicas, escritos árabes, os documentos mais antigos do Extremo Oriente, os primeiros capítulos da Bíblia e relatórios e histórias dos primeiros exploradores e caçadores de tesouros.

Spence estava convencido de que as artes ocultas, por serem extraordinariamente semelhantes onde quer que ocorressem nas terras ao redor do Oceano Atlântico, deviam ter se originado em um só lugar. Ele não encontrou nenhuma região na Europa Ocidental com uma cultura suficientemente antiga para ter servido como ponto focal de onde os países adjacentes pudessem ter recebido as suas primeiras ideias semelhantes de religião, mito e magia.

Para revelar os resultados de sua ampla pesquisa, Spence publicou O Problema da Atlântida, A História da Atlântida, Os Deuses do México, Os Mistérios da Atlântida, Grã-Bretanha, Enciclopédia de Ocultismo, Artes Mágicas da Grã-Bretanha Celta, O Oculto

Ciências na Atlântida, Atlântida na América, Os mitos do México e do Peru e Atlântida descoberta. Apesar de seu entusiasmo pelo assunto, Spence decidiu que sua posição como um estudioso confiável e talentoso estaria em perigo se continuasse a falar abertamente sobre a qualidade de vida na época da Atlântida e as artes ocultas que ele acreditava serem praticadas lá. Ele interrompeu todo o seu trabalho sobre o assunto e, segundo quem o conhecia, recusou-se a discutir novamente a Atlântida.³³³

Egerton Sykes (1894–1983) foi um erudito estudante britânico da antiguidade que se concentrou na Atlântida. Além de servir no serviço diplomático britânico, foi engenheiro, soldado, jornalista e membro da Royal Geographical Society. Pouco depois da Segunda Guerra Mundial, Sykes fundou o Centro de Pesquisa Atlantis em Brighton, Inglaterra. Aqui, com a ajuda de outros dedicados ao tema da pré-história, ele reuniu uma grande coleção de referências clássicas, literatura antiga e lendas pertencentes à Atlântida e a outras civilizações de muito tempo atrás.

Durante sua vida, Sykes publicou quatro periódicos, *New World Antiquity*, *Atlantis*, *Urano* e *Pendulum*. Após sua morte em 1983, a Fundação Edgar Cayce em Virginia Beach adquiriu os valiosos livros e artigos de Sykes do Atlantean Research Center. O Centro de Pesquisa Atlantis foi fundado na Itália em 1945 e encontrou seu local de descanso final em Brighton, Inglaterra, após a Segunda Guerra Mundial.

J. Manson Valentine (1902–1994), um cientista com doutorado em Yale, passou mais de vinte anos localizando ruínas no Grande Banco das Bahamas. Como resultado de inúmeros voos sobre a área, combinados com informações de investigações no local, Valentine compilou um dossiê de nada menos que sessenta áreas de potencial interesse arqueológico localizadas em águas rasas do Grande Banco das Bahamas. Como resultado de suas descobertas, Valentim estava convencido de ter encontrado vestígios da civilização perdida da Atlântida. Ele morreu aos 92 anos em consequência de complicações após uma picada de aranha reclusa que apodreceu sua carne.

[\[conteúdo\]](#)

■

333. Michel, *A Nova Visão Sobre a Atlântida*, p. 200.

bibliografia

■

Alper, Frank, Dr. Explorando Atlântida. Irvine, CA: Quantum Productions, 1981.

Asher, Maxine. Energia Antiga. Nova York: Harper & Row, 1979.

Bahn, Paul G. e Vertut, Jean. Imagens da Idade do Gelo. Londres: Bellow Publication Co., Ltd., 1988.

Berlitz, Carlos. Atlântida: o oitavo continente. Nova York: Fawcett Crest, 1984.

———. Mistérios de mundos esquecidos. Nova York: Doubleday & Co., Inc., 1972.

———. O Mistério da Atlântida. Nova York: Grosset & Dunlap, 1969.

Bethards, Betty. Atlântida. O que era então. . . Por que é importante agora! Novato, CA: The Guidance Series, Inner Light Foundation, 1974.

Braghine, Alexander Pavlovitch. *A Sombra da Atlântida*. Wellingborough, Northamptonshire: The Aquarian Press, Ltd., 1940.

Brennan, Janet, "The Chambers of Putnam County", *Fate Magazine*, maio de 2001.

Brodie, Renée. *Os tons curativos das taças de cristal*. Vancouver, Canadá: Aroma Art Ltd., 1996.

Irmão Filipe. *Segredo dos Andes*. CA: Folhas de Grass Press, 1976.

Brown, J. Macmillan. *O enigma do Pacífico*. Kempton, IL: Adventures Unlimited Press, 1996.

Mordomo, GI Giants. Reimpressão de "Uma coleção de extratos históricos valiosos", pp. 171–172, 1885, *Ancient American*, Volume 7, Número 43, p. 17.

Caldwell, Taylor. *O Romance da Atlântida*. Nova York: William Morrow & Co., Inc., 1975.

Canhão, Dolores. *Jesus e os essênios*. Bath, Reino Unido: Gateway Books, 1992.

CAVALLI-SFORZA, Luigi Luca. "Genes, Povos e Línguas." *Scientific American*, novembro de 1991.

CAICE, Edgar. Leituras da Atlântida. Volume 22. Virginia Beach, VA: Compilado pelo Departamento de Pesquisa de Readings, Association for Research and Englighenment, Inc., 1987.

———. Egito na época das leituras de Rata. Volume 24, Parte II. Virginia Beach, VA: Compilado por Ann Lee Clapp, Association for Research and Englighenment, Inc., 1989.

———. Auras. Virginia Beach, VA: ARE Press, 1945.

Cayce, Edgar Evans. Mistérios da Atlântida revisitados. São Francisco, CA: Harper & Row, 1988.

———. Na Atlântida. Nova York: Hawthorne Books, 1968.

Cerve, WS Lemuria, o Continente Perdido do Pacífico. San Jose, CA: Biblioteca Rosacruz Volume XII, Suprema Grande Loja da AMORXC, 1931.

Childress, David Hatcher. "Túneis Subterrâneos, Parte 2," World Explorer Vol. 2, nº 3.

———. Cidades Perdidas da Atlântida, Europa Antiga e Mediterrâneo. Stelle, IL: Adventures Unlimited Press, 1996.

———. Cidades Perdidas da Antiga Lemúria e do Pacífico. Stelle, IL: Aventuras

Imprensa Ilimitada, 1988.

———. Cidades perdidas da China, Ásia Central e Índia. Stelle, IL: Aventuras Imprensa Ilimitada, 1985.

———. Aeronave Vimana da Índia Antiga e Atlântida. Stelle, IL: Adventures Unlimited Press, 1991.

Churchward, James. O Continente Perdido de Mu. Nova York: William Edwin Rudge, 1926.

———. O Continente Perdido de Mu. Albuquerque, Novo México: The CW Daniel Co. Ltd., Essex, Inglaterra, e BE Books c/o The Brotherhood of Life, Inc., 1987.

———. Os Filhos de Mu. Ives Nova York: Washburn, 1933.

Collins, André. Porta de entrada para Atlântida. Nova York: Carroll e Graf Publishers, Inc., 2000.

Cosentino, O Mensageiro da Luz, Vol. IV, nº 9, setembro de 2000.

Countryman, J. Atlantis e as Sete Estrelas. Nova York: St. 1979.

Cummins, Geraldine. O destino do coronel Fawcett. Londres: The Aquarian Press, 1955.

De Camp, L. Sprague. Continentes Perdidos; O Tema Atlântida na História, Ciência e Literatura. Nova York: Dover, 1970.

Donato, William M. Um Reexame da Teoria da Atlântida. Fullerton, CA: Donato, 1979.

———. "Cayce's Masters," Atlantis Rising, No.

Dunn, Christopher. A Usina Elétrica de Gizé. Santa Fé, NM: Bear & Company, 1998.

Firman, Jorge. Atlântida, um estudo definitivo. Hallmark Litho, Inc., 1985.

Fix, William R. Odisseia da Pirâmide. Nova York: Mayflower Books, 1978.

Flemath, Rand e Rose. Quando o céu caiu: em busca da Atlântida. Nova York: Martin's Paperbacks, 1997.

Gerber, Ricardo. Medicina Vibracional. Rochester, VT: Bear & Company, 2001.

Goodman, Jeffrey. *Gênese Americano*. Nova York: Summit Books, 1981.

Griffith, Joan T. "James Churchward e seu continente perdido". *Explorador Mundial*, Volume 3, No. 1, 2002.

Hadingham, Evan. *Segredos da Idade do Gelo*. Nova York: Walker and Co., 1979.

Halifax, Joana. *Vozes Xamânicas*. Nova York: Penguin Books, 1979.

Hall, Manly P. *Os ensinamentos secretos de todas as idades*. Los Angeles: Sociedade de Pesquisa Filosófica, 1977.

Hancock, Graham. *Impressões digitais dos deuses*. Nova York: Crown Publishers, Inc., 1995.

Hansen, L. Taylor. *O Antigo Atlântico*. Amherst, Wisconsin: Amherst Press, 1969.

———. *Ele caminhou pelas Américas*. Amherst, WI: Legend Press, 1963.

Hatt, Carolyn. *Os maias. Baseado nas leituras de Edgar Cayce*. Virginia Beach, VA: ARE Press, 1971.

Heinberg, Richard W. *Memórias e Visões do Paraíso: Explorando o Dourado*

Mito de uma Idade de Ouro Perdida. Livros de missão, 1995.

HESEMANN, Michael. A Conexão Cósmica. Bath, Reino Unido: Gateway Books, 1996.

Homet, Marcel P. Filhos do Sol. Londres: Hapgood, 1963.

Esperança, Murry. A Antiga Sabedoria da Atlântida. Londres: Thorsons, 1991.

———. Atlântida: Mito ou Realidade? Londres: Arkana, Penguin Books Ltd., 1991.

Esperança, Murry. Magia Atlante Prática. Londres: The Aquarian Press, 1991.

Caça, Imanuel. Elefantes e Chakras. Las Vegas, NV: Esforços Espirituais, 1996.

Isabelle, Susana. Manual da Caveira de Cristal. Manchester, NH: Publicações Shambala Gold, 2000.

Kasten, Len. "Tecnologia de Cura da Atlântida", Atlantis Rising No.

King, Serge V. Manual de Energia da Pirâmide. Nova York: Warner Books, 1977.

Kueshana, Eklal. A fronteira definitiva. Quinlin, TX: Stella Group, 1963.

Le Plongéon, Augusto. Mistérios Sagrados. Nova York: Macoy Publishing e Masonic Supply Co., 1909.

Le Plongeon, Alice e Augustus Le Plongeon. Rainha Mu e a Esfinge Oriental. Nova York: Publicações Steiner, 1973.

The Light Messenger — Um boletim informativo do Monte Shasta. c/o Bev Dombrowski, 218 E. Hinckley St., Mt. Shasta, CA 96067. pegasusiam@snowcrest.net.

Pequeno, Gregory L. e Lora H. Pequeno. A busca da ARE pela Atlântida. Memphis, TN: Eagle Wing Books Inc., 2003.

Little, Gregory L., John Van Auken e Lora Little. Antiga América do Sul. Memphis, TN: Eagle Wing Books, 2002.

Pouco, Laura. Mistérios Antigos. Virginia Beach, VA: Associação para Pesquisa e Iluminismo, 2002.

Marciniak, Bárbara. Portadores do Amanhecer. Santa Fé, NM: Bear & Co., 1992.

Maior, Wayne. Edição nº 42 do DNA do X-Factor. Colfax, WI: Antigo Americano.

MERTZ, Henriette. Morada dos Deuses em Atlântida. Chicago, Illinois: 1976.

Michell, John. A nova visão sobre a Atlântida. São Francisco, CA: Harper & Row, 1983.

Milanovitch, Norma J. e Meltesen, Jean. Viagem Sagrada à Atlântida.
Albuquerque, NM: Publicação Athena, 1992.

———. Nós, os Arcturianos. Albuquerque, NM: Publicação Athena, 1990.

Montgomery, Ruth. O mundo antes. Nova York: Ballantine Books, 1976.

Moore, William L. e Berlitz, Charles. O Experimento Filadélfia. Nova York: Fawcett Crest, 1979.

Morton, Chris e Ceri Louise Thomas. O Mistério das Caveiras de Cristal.
Santa Fé, NM: Bear & Company, 1998.

Muck, Otto Heinrich. O Segredo da Atlântida. Nova York: Times Books, 1978.

Nova. "A Corrente do Golfo." 28 de fevereiro de 1989.

Oliver, FS Um morador de dois planetas. Los Angeles, CA: Phylos, Borden

Editora Co., 1952.

Paiva, Anton Ponce de León (IA Uma). Em Busca do Sábio. Woodside, CA: Bluestar Communications, 1996.

Paulsen, Norman. A Consciência Crística. Salt Lake City, UT: Builders Publishing Co., 1980.

Pinkham, Mark Amaru. O Retorno das Serpentes da Sabedoria. Kimpton, IL: Aventuras Ilimitadas, 1997.

Platão. Timeu e Crítias. Tradução de RG Bury, Litt.D. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1929.

Ralf. Notícias científicas. 28 de novembro de 1987.

Estrela Vermelha, Nancy. Ancestrais Estelares. Rochester, VT: Destiny Books, 2000.

ROBERTO, Antônio. Tradições Atlantes na Antiga Grã-Bretanha. Londres: Rider & Co., 1975.

Robinson, Lytle. A história da origem e do destino do homem, de Edgar Cayce. Nova York: Berkeley Publishing Corp., 1972.

Samsel, WT A Conexão Atlântida. Sedona, AZ: Publicação comercial de missão possível, 1998.

Scott-Elliot, W. A História da Atlântida e da Lemúria Perdida. Londres: Theosophical Publishing House Ltd., 1930.

Sitchin, Zecharia. O 12º Planeta. Nova York: Avon Books, 1976.

Salomão, Paulo. Trechos das fitas de Paul Solomon. Irmandade da Luz Interior, 1974.

Spence, Lewis. Atlântida na América. Santa Fé, NM: Sun Publishing Co., 1981.

———. As Ciências Ocultas na Atlântida. Nova York: Samuel Weiser, Inc., 1978.

Steiger, Brad. Ascensão da Atlântida. Nova York: Dell Publishing Co., Inc., 1973.

———. A irmandade. Nova York: Doubleday & Co., Inc., 1988.

Sykes, Bryan. As Sete Filhas de Eva. Nova York: WW Norton & Co., Inc., 2001.

Sykes, Egerton. Atlântida. Volume 4. Brighton, Inglaterra: Markham House Press,

1951.

———. Atlântida. Volume 27, nºs 3 e 4. Brighton, Inglaterra: Markham House Press, 1952.

———. Atlântida. Volume 21, Jan./Fev. Brighton, Inglaterra: Markham House Press, 1968.

———. Atlântida. Volume 27, nº 3, maio-junho. Brighton, Inglaterra: Markham House Press, 1974.

———. Atlântida. Volume 27, nº 4, julho-agosto. Brighton, Inglaterra: Markham House Press, 1974.

Temple, Robert KG O mistério de Sirius. Rochester, VT: Destiny Books, 1998.

Tomás, André. Atlantis da lenda à descoberta, Londres: Robert Hale & sCo., 1972.

———. A Casa dos Deuses. Nova York: Publicações Berkeley 1972.

“Ciência e Tecnologia, os Primeiros Americanos.” O economista. 21 de fevereiro (1998): 79-80.

Tompkins, Peter. Mistérios das Pirâmides Mexicanas. Nova York: Harper & Row, 1976.

———. Segredos da Grande Pirâmide. Nova York: Harper & Row, 1971.

Tompkins, Peter e Christopher Bird. A vida secreta das plantas. Nova Iorque: Livros Avon, 1973.

Van Auken, John e Lora Little. Salão de Registros Perdidos. Memphis, TN: Águia Livros Asa, 2000.

———. O Salão Perdido dos Registros. Memphis, TN: Eagle Wing Books, 2000.

Vigers, Daphne. Ascensão da Atlântida. Londres: Aquário, 1952.

Walton, Bruce, ed. Monte Shasta: Casa dos Antigos. Pomeroy, WA: Saúde Pesquisa, 1985.

Watkins, Alfredo. A Velha Trilha Reta. Londres: Methuen & Co., 1925.
Reimpresso em Londres: Garnstone, 1970.

Watkins, Frank. Manual de Ley Hunter. Wellingborough, Northamptonshire: Turnstone Press Limited, 1983.

Bem, André. Cura Espontânea. Columbine, NY: Fawcett Press, 1995.

Wilkins, Harold T. Mistérios da Antiga América do Sul. Nova York: The Citadel Press, 1956.

———. Cidades Secretas da Antiga América do Sul. Londres: Rider & Co., 1950.

Willians, Marcos. Em Busca da Lemúria. San Mateo, CA: Golden Era Books, 2001.

Winer, Ricardo. O Triângulo do Diabo. Nova York: Bantom Books, Inc., 1974.

Winston, Shirley Rabb. A música como ponte. Baseado nas leituras de Edgar Cayce. Virginia Beach, VA: Associação para Pesquisa e Iluminismo Inc.

Winters, Randolph. A Missão Pleiadiana. Yorba Linda, CA: O Projeto Plêiades, 1994.

Sim, Dhyani. Vozes de nossos ancestrais. Boston: Shambhala, 1987.

Zapp e Erikson. Atlântida na América: Navegadores do Mundo Antigo. Stelle, IL: Adventures Unlimited Press, 1998.

Zhirov, Nicolai F. Atlântida. Moscou: Progress Publishers, 1970.

Zink, David D. As Pedras da Atlântida. Nova York: Prentice-Hall, Inc., 1990.

[\[conteúdo\]](#)